MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES – 5

# UMA PROMESSA
## *& nada mais*

ARQUEIRO


UMA PROMESSA
& nada mais



# O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES – 5

# UMA PROMESSA
## *& nada mais*

ARQUEIRO

Título original: *Only a Promise*

Copyright © 2015 por Mary Balogh
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com Maria Carvainis Agency, Inc. e Agência Literária Riff Ltda.

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Signet, marca da New American Library, uma divisão da Penguin Group (USA) LLC, Nova York.

*tradução:* Livia de Almeida

*preparo de originais:* Sheila Til

*revisão:* Livia Cabrini e Tereza da Rocha

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagens de capa:* Ildiko Neer / Trevillion Images (foto); Vextok / Freepik (fundo); Annie Sauvage (ornamento camafeu)

*foto da autora:* © David Wild

*e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B156p

Balogh, Mary
Uma promessa e nada mais [recurso eletrônico]/ Mary Balogh; tradução de Livia de Almeida. São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital (Clube dos sobreviventes; 5)

Tradução de: Only a promise
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-306-0146-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título. III. Série.

20-62624

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: **atendimento@editoraarqueiro.com.br**
**www.editoraarqueiro.com.br**

# Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Sobre a autora

Conto extra

O pretendente

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Informações sobre a Arqueiro

# CAPÍTULO 1



Não poderia haver nada pior do que nascer mulher. Era o que pensava Chloe Muirhead, com descarada autopiedade, enquanto chupava uma gota de sangue do indicador esquerdo e conferia se nenhuma outra brotaria, ameaçando manchar a renda delicada que estava pregando de volta em uma das melhores toucas da duquesa de Worthingham. A não ser, talvez, que a mulher tivesse a sorte de ser uma duquesa. Ou então se fosse uma dama solteira que dispusesse de 40 mil libras anuais e da liberdade de se estabelecer em algum lugar por conta própria.

Mas Chloe, infelizmente, não era uma duquesa. Nem ganhava sequer uma moeda além da renda que recebia do pai. Não *queria* se estabelecer em lugar algum por conta própria, pois desconfiava que seria solitário demais. No momento, não podia se queixar de estar só. A duquesa a tratava bem. Assim como o duque, ainda que do jeito rabugento dele. Além do mais, a duquesa a convidava para acompanhá-la sempre que recebia convidados à tarde ou saía para fazer visitas.

Não era culpa da duquesa ter 82 anos enquanto Chloe tinha 27. Tampouco se podia recriminá-la pelo fato de os vizinhos com quem mais convivia estarem todos acima dos 60. Alguns deles, bem

acima. A Sra. Booth, por exemplo, que sempre carregava consigo uma grande trombeta auditiva e berrava um ranzinza “Hein?” toda vez que alguém abria a boca para falar, tinha 93.

Se tivesse nascido homem, Chloe teria se aventurado por todo tipo de experiência interessante quando precisara sair de casa, pensava ela, esfregando o polegar com força no indicador para ter certeza de que havia parado de sangrar e que era seguro pegar de novo na agulha. Mas não. Para *ela*, a única saída fora escrever para a duquesa de Worthingham, que era madrinha de sua mãe e tinha sido uma das melhores amigas de sua falecida avó, para oferecer seus serviços como acompanhante. Acompanhante *não paga*, como tivera o cuidado de explicar.

A resposta veio dias depois, em uma carta amável e educada, junto com uma mensagem lacrada para o pai de Chloe. A duquesa ficaria encantada em receber a querida Chloe em Manville Court, mas como convidada, *não* como empregada (o “não” fora escrito em letras maiúsculas e sublinhado com força), e pelo tempo que quisesse – no que dependesse da duquesa, Chloe ficaria para sempre, pois não conseguia imaginar nada mais agradável do que ter a companhia de uma moça para animar seus dias e fazer com que ela mesma voltasse a se sentir jovem. Só esperava que sir Kevin Muirhead pudesse abrir mão da filha para essa visita prolongada. É claro que a duquesa demonstrara grande tato ao tocar nesse ponto. O mesmo que a levara a escrever em separado para o pai de Chloe, pois a jovem explicara em sua carta os motivos que tornavam intolerável sua permanência em casa, pelo menos por algum tempo, por mais que amasse o pai e detestasse a ideia de lhe causar transtornos.

Então ali estava ela. Seria eternamente grata à duquesa, que a tratava mais como uma neta amada do que como uma semidesconhecida que praticamente se convidara como hóspede. Mas, bem, a verdade era que também estava solitária. Era possível estar solitária e infeliz apesar de grata, não era?

Ah, sim: também estava infeliz.

Nos últimos seis anos, seu mundo virara de ponta-cabeça *duas vezes*. Se a vida seguisse alguma lógica – o que, com toda a certeza, não acontecia –, na segunda reviravolta tudo teria retornado ao lugar certo. Na primeira vez, Chloe perdera tudo o que qualquer jovem poderia desejar: as esperanças, os sonhos, a promessa de amor, casamento e "felizes para sempre", a perspectiva de segurança e seu lugar na sociedade. Uma esperança renascera no ano anterior, ainda que discreta e modesta, mas também essa lhe fora arrancada, deixando sua própria identidade por um fio. Nos quatro anos que se passaram entre os dois desastres, a mãe morrera. Era de surpreender que estivesse infeliz?

Chloe voltou a se concentrar na delicada costura. Caso se permitisse chafurdar na autocomiseração, correria o risco de virar uma daquelas pessoas que só fazem se queixar e resmungar, e que todos evitam.

Estavam apenas no comecinho de maio. Uma massa um tanto grande de nuvens cobria o sol e parecia não ter intenção de sair dali tão cedo, enquanto um vento forte soprava numa das laterais da casa, atingindo o pátio externo adjacente à sala onde Chloe costurava. Ir para fora não tinha sido uma ideia muito sensata, porém chovera quase sem parar nos três dias anteriores e ela estava desesperada para se libertar daquelas paredes e respirar um pouco de ar puro.

Deveria ter pegado o xale, até a capa e as luvas, pensou. Se bem que, assim, obviamente não conseguiria costurar, e ela prometera aprontar a touca antes que a duquesa despertasse de seu sono vespertino. Maldita touca e maldita renda. Mas era injusto reclamar, porque ela mesma se oferecera para a tarefa e a duquesa até havia esboçado um protesto:

– Tem certeza de que não será um incômodo, querida? Bunker é bastante competente com a agulha.

A Srta. Bunker era a criada pessoal da duquesa.

– Claro que tenho. Será um prazer.

A duquesa sempre provocava aquela reação em Chloe. Apesar de ter sido acolhida com evidente sinceridade e de ser tratada com gentileza, Chloe se sentia na obrigação de, no mínimo, ser útil sempre que possível, ainda que não precisasse trabalhar para pagar o próprio sustento.

Quando concluiu a tarefa, estava tremendo de frio, os dedos rígidos para cortar a linha. Esticou o braço para contemplar a touca, que repousava sobre sua mão direita. Os pontos ficaram invisíveis. Ninguém diria que fora remendada.

Apesar do frio, não queria voltar para dentro. A duquesa provavelmente teria acordado e se encontraria na sala de estar, animada pela chegada iminente do neto. Estaria ansiosa para exaltar as muitas virtudes do rapaz mais uma vez, embora ele não visitasse Manville desde o Natal. Chloe não aguentava mais ouvir as qualidades dele. Duvidava que tivesse alguma.

Era verdade que ela ainda não o vira para fazer tal julgamento, mas conhecia bem sua reputação. Ele frequentara a mesma escola que Graham, irmão de Chloe. Lá, Ralph Stockwood – que mais tarde assumira o título do pai e se tornara conde de Berwick – havia sido um líder carismático. Era apreciado, admirado e imitado por quase todos os alunos, embora fizesse parte de um grupo muito unido formado por quatro garotos bonitos, atléticos e inteligentes. Graham falara de Ralph Stockwood com reprovação, embora Chloe sempre tivesse suspeitado que ele invejasse aquele círculo de privilegiados.

Depois de se formarem, os quatro amigos assumiram postos em um respeitado regimento da cavalaria e partiram para a península Ibérica para combater os exércitos de Napoleão Bonaparte, enquanto Graham foi para Oxford estudar teologia e se tornar sacerdote. Depois do último semestre letivo, ele voltou para casa transtornado porque Ralph Stockwood o chamara de presunçoso chorão e molenga covarde. Chloe não sabia o contexto em que o

insulto fora proferido, mas, desde aquele episódio, não via com bons olhos o ex-colega do irmão. E nunca tinha gostado dele, pelo que ouvira. Não aprovava os jovens – ou homens – que eram arrogantes com os outros e que eram venerados como se o merecessem.

Poucos meses depois de terem embarcado para a península Ibérica, uma mesma batalha matou os três amigos do tenente Stockwood e o fez deixar a linha de frente, tendo sido transportado de volta para a Inglaterra com ferimentos tão severos que ninguém esperava que sobrevivesse.

Na época, Chloe lamentara a má sorte do rapaz, mas não por muito tempo. Por ser sacerdote, Graham foi visitá-lo em Londres um ou dois dias depois de seu retorno de Portugal. Chegou a entrar no quarto do oficial ferido, mas o homem lhe dirigiu impropérios furiosos e ordenou que saísse para nunca mais voltar.

Chloe não esperava gostar do conde de Berwick, mesmo sendo *ele* o herdeiro do duque de Worthingham e o único e amado neto da duquesa. Não o perdoara por ter chamado o irmão de molenga covarde. Graham pregava a *paz*, o que não o tornava um medroso. Pelo contrário, era preciso ter muita coragem para defender a paz entre homens fascinados pela guerra. E Chloe também não perdoara o conde pelas agressões verbais que dirigira a Graham sem sequer ouvir o que ele fora dizer. O fato de certamente estar sofrendo grandes dores na ocasião não justificava tamanha grosseria com um antigo colega. Assim, fazia muito tempo que ela decidira que o conde era grosseiro, arrogante, egocêntrico e até cruel.

E agora ele estava a caminho de Manville Court. A pedido da duquesa, era preciso acrescentar, não porque tivesse decidido por vontade própria visitar os avós que tanto o amavam. Chloe suspeitava que a convocação tivesse a ver com a saúde do duque, que vinha causando certa preocupação à esposa nos últimos meses. Ela achava que o duque vinha tossindo mais do que o normal e que o fato de ele levar a mão ao coração ao tossir era mau

sinal. Ele não se queixava de sua condição física (pelo menos não quando Chloe estava por perto) e só recebera o médico depois de muita insistência da duquesa. Depois, chamara o doutor de velho charlatão que só sabia prescrever comprimidos e poções cuja única finalidade era fazer a pessoa se sentir doente.

Chloe não sabia qual era o verdadeiro estado de saúde do duque, mas tinha conhecimento de que ele havia celebrado 85 anos no outono anterior, e 85 era uma idade avançadíssima.

Não importava: o conde de Berwick tinha sido chamado e chegaria naquele dia. Chloe não queria conhecê-lo. Sabia que não ia gostar dele. Queria menos ainda, talvez, admitia com relutância para si mesma, que ele a conhecesse: uma solteirona de 27 anos, envelhecida, com reputação duvidosa e sem perspectivas, que a avó dele hospedava por caridade. Uma criatura patética.

Mas foi esse pensamento que, por fim, a fez rir – às próprias custas. Havia provocado a si mesma a ponto de ficar irritada e de péssimo humor, e aquilo não lhe serviria de nada. Levantou-se cheia de determinação. Precisava ir até o quarto sem demora, para trocar de vestido e garantir que o cabelo estivesse arrumado. Podia ser uma pobre solteirona envelhecida e sem perspectivas, mas de nada valia ser uma solteirona repulsiva, que só merecesse piedade ou desdém. Seria doloroso demais, humilhante demais.

Subiu a escada depressa, libertando-se da autopiedade em que mergulhara por tanto tempo. Ora, se odiava tanto aquela vida, estava mais do que na hora de *fazer algo*. A única pergunta era: *o quê?* O que *podia* fazer? Não havia muitas opções para as mulheres. Às vezes, na verdade, parecia não haver nenhuma, em especial para aquelas com um passado complicado – mesmo que não tivessem culpa alguma disso.

Ralph Stockwood, conde de Berwick, havia acabado de voltar a

Londres, depois de três semanas no interior, quando encontrou a carta da avó ao lado do seu prato de desjejum, junto com uma pequena pilha de convites.

Tinha optado pela cidade porque pelo menos ela oferecia a possibilidade de alguma distração para o corpo e a mente, embora ele não tivesse grandes expectativas de se divertir. Sem dúvida, visitaria os mesmos lugares de sempre, com a mesma falta de propósito de sempre, durante toda a primavera. A nata da sociedade se deslocara para lá também, para as sessões do Parlamento e o frenesi dos acontecimentos sociais que divertiriam a todos com vigor implacável por alguns poucos meses. Ralph não tinha cadeira na Câmara dos Lordes, pois seu título era apenas honorífico, e a ideia de obter um lugar na Câmara dos Comuns nunca o seduzira muito. No entanto, ele sempre voltava à cidade, comparecendo a tantos bailes, festas, concertos e afins quantos fossem necessários para aliviar o tédio de suas noites. Passava os dias no White's Club, frequentava o Tattersall para ver os cavalos, o salão de boxe de Jackson para exercitar o corpo e a galeria de tiro de Manton para manter o olhar e as mãos firmes. Passava horas no alfaiate, no sapateiro e no chapeleiro em nome da boa aparência, embora nunca tivesse almejado integrar o grupo dos dândis. Fazia o que fosse preciso para se manter ocupado.

E sempre almejava…

Bom, esse era o problema. *Almejava* algo, mas não conseguia dar nome a seus anseios. Tinha uma casa, a mansão Elmwood, em Wiltshire, onde havia crescido e que recebera de herança junto com o título do pai. Também herdara um administrador competente, que se encontrava desde sempre na propriedade, de modo que ele não precisava passar muito tempo por lá. Era quase o único usuário da casa suntuosa do avô em Londres, pois os avós raramente visitavam a cidade àquela altura e a mãe preferia ter a própria residência. Tinha parentes carinhosos: avós paternos, uma avó materna, mãe, três irmãs casadas e seus filhos, além de algumas

tias, tios e primos, todos do lado materno. Tinha mais dinheiro do que seria capaz de gastar a vida inteira. Tinha… o que mais?

Bem, tinha sua vida. Coisa que muitos não tinham. Muitos que teriam a mesma idade que ele, até menos. Estava com 26 anos e às vezes se sentia um septuagenário. Desfrutava de boa saúde apesar das numerosas cicatrizes de batalha que levaria para a sepultura, inclusive uma que lhe atravessava o rosto. Tinha amigos, embora isso não seja muito preciso; na verdade, havia numerosas pessoas com quem ele mantinha relações amistosas, mas amizade íntima, isso ele evitava fazer.

Estranhamente, não costumava pensar nos companheiros do Clube dos Sobreviventes como amigos. Era o grupo do qual fazia parte, formado por seis homens e uma mulher. Todos haviam se ferido com severidade durante as Guerras Napoleônicas, de formas variadas, e passado três anos juntos na Cornualha, em Penderris Hall. O proprietário da casa de campo era George, duque de Stanbrook, também do clube. George não chegara a ir para a guerra, mas perdera o único filho em Portugal. A duquesa, mãe do rapaz, morrera meses depois, jogando-se dos altos penhascos nos arredores da propriedade, de modo que George, tão ferido quanto qualquer um deles, abrira sua casa para servir de hospital e, depois, de moradia para um grupo de oficiais convalescentes. Os sete ficaram mais tempo do que os outros e formaram um vínculo mais forte que laços de sangue, algo que ia além da amizade.

Contudo eram eles, seus colegas do clube, a causa daquela inquietação anormal, beirando a depressão, que tomava conta dele naquela primavera. Quase ficou feliz com a carta da avó. Com seu jeitinho de fazer com que uma ordem parecesse um pedido, ela sugeria que o neto se apresentasse em Manville Court sem demora. Ele não aparecia por lá desde o Natal, embora escrevesse obedientemente a cada duas semanas, como fazia com a outra avó. O duque não estivera tão mal durante as festas de fim de ano, mas-

Ralph tivera a impressão de que ele já cruzara a linha invisível entre a terceira idade e a velhice frágil.

Imaginava o motivo da convocação, claro, embora o avô não estivesse de fato doente. O duque não tinha irmãos, apenas um filho falecido e um único neto vivo. A não ser que pesquisassem algumas gerações passadas e procurassem um ramo mais frutífero da árvore genealógica, havia na família uma notável escassez de herdeiros para o ducado. Ralph era, na verdade, o único. E não tinha filhos. Nem filhas.

Nem esposa.

A avó, sem dúvida, o chamara para lembrá-lo desse último fato. Ele não poderia providenciar herdeiros – pelo menos não legítimos – se não arranjasse primeiro uma esposa jovem e fértil e então cumprisse seu dever. A idosa duquesa lhe fizera um discurso nessa linha durante o Natal e ele prometera começar a procurar uma candidata adequada.

Ainda não conseguira dar os primeiros passos para cumprir aquela promessa. Poderia usar como desculpa o fato de a temporada de eventos sociais ter acabado de começar, de modo que não tivera ainda oportunidade de conhecer as jovens disponíveis daquele ano. Participara de um baile, contudo, pois a anfitriã era amiga de sua mãe. Dançara com duas damas – uma delas, casada, e da outra se esperava para breve o anúncio de noivado com um cavalheiro conhecido de Ralph. Depois de cumprir a obrigação com a mãe, ele se retirara para o salão de jogos, onde passara o resto da noite.

A duquesa ia querer saber se ele vinha fazendo progressos na busca. Teria a expectativa de que, àquela altura, Ralph já possuísse alguma espécie de lista. E montar uma lista dessas não seria difícil, precisava admitir, se ao menos ele se concentrasse na tarefa, pois era um bom marido em potencial, apesar dos estragos na aparência. Não era algo que o empolgasse, mas seu dever teria que

ser cumprido mais cedo ou mais tarde – e a avó decidira que ele precisava se dedicar a isso antes que a temporada avançasse.

A lembrança das três preciosas semanas passadas havia pouco com os colegas Sobreviventes em Gloucestershire, em Middlebury Park – casa de Vincent Hunt, visconde de Darleigh –, só aumentava a melancolia de Ralph. Fazia pouco mais de um ano, na última reunião anual em Penderris Hall, todos os sete do grupo eram solteiros e descompromissados. De forma inconsciente, Ralph presumira que seriam assim para sempre. Como se *alguma coisa* pudesse permanecer para sempre. Se aprendera algo em seus 26 anos, era que tudo mudava, nem sempre para melhor.

Hugo, barão de Trentham, tinha sido o primeiro a sucumbir, quando ainda estavam em Penderris. Foi depois de conhecer lady Muir na praia, onde ela acabara de torcer um tornozelo já problemático, e carregá-la no colo. Apaixonaram-se de imediato e se casaram poucos meses depois. Vincent, o cego e mais novo do grupo, fugira de uma noiva escolhida pela família e por pouco escapara da armadilha de outra. Por uma questão de cavalheirismo, ele pedira a mão da moça que o ajudara a se esquivar da segunda candidata e que acabara sendo expulsa de casa em consequência disso. Haviam se unido em matrimônio alguns dias depois de Hugo, na mesma igreja em Londres. Enquanto isso, Ben – sir Benedict Harper –, ao se hospedar com a irmã no norte da Inglaterra, conhecera uma viúva muito maltratada pela família do falecido marido. Corajosamente, ele a acompanhou em sua fuga para o País de Gales e acabou se casando com ela, assumindo as minas de carvão e as fundições do avô da moça. Bizarro! E naquele ano, durante o reencontro em Gloucestershire, Flavian, o visconde de Ponsonby, se unira de forma inesperada e repentina à irmã viúva da professora de música do vilarejo, que então levou para Londres a fim de conhecer a família dele.

Quatro dos Sobreviventes haviam se casado no período de pouco mais de um ano.

Ralph não lamentava. Gostava das quatro noivas e achava bastante provável que aqueles enlaces dessem certo. Embora, na verdade, ele soubesse que deveria fazer ressalvas em relação ao casamento de Flavian, que acontecera havia bem pouco tempo e de forma abrupta. Ainda era preciso levar em conta que, depois de ter sofrido ferimentos na cabeça e perdido a memória durante a batalha, Flavian ficara um pouco instável mesmo em seus melhores momentos.

Eram as mudanças que o incomodavam – um incômodo tolo, mas que ele não conseguia evitar. Com toda a certeza, não se melindrava com a felicidade dos amigos. Muito pelo contrário. Ressentia-se, talvez – embora "ressentimento" não lhe parecesse a palavra certa –, de ser deixado para trás. Não que quisesse se casar. Não que acreditasse em felicidade, fosse a conjugal ou de qualquer outro tipo. Não para ele, pelo menos. Mas ficara para trás. Quatro dos outros tinham descoberto como seguir adiante. Em breve, *ele* também se casaria – não havia como escapar de tal destino. Era seu dever ter esposa e herdeiros. Porém não podia esperar encontrar a mesma felicidade, sequer o mesmo contentamento dos amigos.

Era incapacitado para o amor – incapaz de senti-lo, dá-lo a alguém ou mesmo desejá-lo.

Sempre que dizia isso para os Sobreviventes, um ou outro lhe lembrava, com muita ênfase, que ele *os amava* – o que era verdade, por mais que evitasse usar essa palavra. Também amava sua família. Mas a palavra "amor" tinha tantos significados que se tornara praticamente vazia. Ralph sentia vínculos profundos com determinadas pessoas, mas sabia ser incapaz do *amor*, aquele algo especial que alimenta um bom casamento e que às vezes até o torna feliz.

Havia alguns compromissos sociais que ele seria obrigado a cancelar por causa da carta da avó, embora nenhum que ele lamentasse perder. Enviou suas desculpas às pessoas relevantes,

escreveu uma curta missiva para a mãe, que se encontrava na cidade e talvez esperasse sua visita, e partiu para Sussex e a residência dos avós em seu cabriolé, apesar de ser um frio dia de início de maio, com vento forte e até ameaça de chuva. Nunca viajava em carruagens fechadas, se pudesse evitar. A bagagem seguia em outro veículo, com seu criado pessoal – embora Ralph acreditasse que não viria a precisar nem de um nem de outro, pois a avó certamente estaria ansiosa para lhe dizer o que planejava e mandá-lo de volta a Londres, onde se encontravam todas as festas, bailes e candidatas a noiva.

A não ser que o avô estivesse mesmo doente.

Ralph sentiu um desconfortável aperto no estômago quando pensou naquilo. O duque era muito idoso, e todos morrem um dia, mas ele não conseguia enfrentar a perspectiva de perder o avô. Ainda não. Não queria ser o chefe da família, com mais ninguém acima ou abaixo. Havia uma terrível solidão naquele pensamento.

Como se a vida já não fosse solitária o bastante.

Chegou no meio da tarde, parando apenas uma vez para a troca de cavalos e a alimentação e tendo a sorte de não ser detido em nenhum pedágio nem ficar atrás de veículos lentos em trechos estreitos da estrada. As portas de Manville estavam abertas, embora a tarde não estivesse muito mais quente do que a manhã. Era óbvio que o esperavam.

Avistou Weller de pé à entrada. O idoso mordomo do avô o cumprimentou com uma reverência quando Ralph lhe dirigiu o olhar. O homem não parecia ansioso – não que Weller algum dia demonstrasse emoções extremas. Entretanto, com certeza, ele o faria se o avô estivesse nos últimos suspiros.

Então o próprio avô apareceu por trás dos ombros de Weller e o mordomo deu um elegante passo para o lado.

– Rarunffff – disse o duque enquanto Ralph entregava as rédeas a um cavalariço e subia os degraus até a porta, dois de cada vez.

Aquele era um som característico dele e que ficava no meio do

caminho entre uma palavra e um pigarro.

– Fazendo uma visita afetuosa justo quando a temporada de eventos sociais em Londres está aquecendo, Berwick? Suponho que seja porque não conseguiria passar mais um dia sequer sem ver o rosto de sua avó.

– Que bom ver o senhor – falou Ralph, com um sorriso matreiro, e pegou a mão artrítica e ossuda do duque. – Como vai?

– Suponho que sua avó tenha lhe escrito informando que eu estava à beira da morte – disparou o velho. – Creio que estou mesmo, mas ainda não bati à porta nem pus o pé na soleira, Berwick. Só um pouco de tosse e um pouco de gota, tudo resultado de uma boa vida. Bem, se foi chamado, devem estar aguardando você lá em cima. Melhor não deixar a duquesa esperando.

Ele conduziu o neto até a sala de estar. O mordomo, já posicionado diante das portas duplas quando chegaram, as abriu para que os dois nobres entrassem juntos.

A duquesa, que a cada vez que Ralph a encontrava parecia mais um passarinho – um passarinho feroz –, estava sentada junto ao fogo. Ela meneou a cabeça com elegância enquanto Ralph atravessava o aposento antes de se curvar e beijar-lhe o rosto.

– Vovó. Espero que esteja bem.

Ela olhou de relance para o marido antes de declarar:

– Ralph. Que surpresa.

– De fato – concordou ele. – Resolvi passar um ou dois dias aqui, para ver como a senhora estava. E vovô também, claro.

– Mandarei que tragam a bandeja de chá – disse ela, olhando vagamente em volta, como se esperasse que a bandeja se materializasse no ar.

– Permita-me tocar a campainha, Vossa Graça – ofereceu uma dama sentada um pouco mais afastada do fogo.

Ela se levantou e seguiu em direção à corda da sineta.

– Ah, muito obrigada, minha querida – falou a duquesa. – Sempre tão atenciosa. Este é meu neto, o conde de Berwick. Ralph,

esta é a Srta. Muirhead. Ela está passando algum tempo comigo. Sou muito grata por sua companhia.

Tudo foi dito com grande amabilidade. Por um instante assustador, Ralph pensou que talvez a convocação fosse para que ele considerasse a hóspede como sua possível noiva. Então percebeu que ela não era mais tão jovem. Talvez fosse mais velha que ele. Nem estava vestida de acordo com a última moda. Era alta e um tanto esguia, a tez pálida salpicada por sardas no nariz. Pareceria desvanecida, ou pelo menos desvanecendo, não fosse pelo cabelo, que era espesso, farto e ruivo, um ruivo tão vivo como Ralph nunca vira em ninguém.

– Milorde – cumprimentou ela, e fez uma mesura sem olhar para ele nem sorrir.

Ele se curvou e murmurou o nome dela.

A avó não a ignorou, porém tampouco se esforçou para que Ralph desse atenção à jovem, de forma que ele se tranquilizou. Era óbvio que não se tratava de alguém de grande importância. Uma espécie de acompanhante, supôs, uma solteirona envelhecida e desprovida de fundos de quem a duquesa se apiedara.

– Diga-me, Ralph – pediu a avó, batendo no assento da cadeira a seu lado –, quem está na cidade para a temporada deste ano? E quem é novo?

Ralph se sentou, pronto para o interrogatório.

# CAPÍTULO 2



O conde de Berwick era muito diferente do que Chloe havia esperado.

Sua aparência, para começar. Não era o garoto bonito que ela sempre imaginara, congelado no tempo, arrogante, dono de uma atração magnética e que não se importava em pisar nos sentimentos dos outros. Bem, com toda a certeza não era mais um garoto. Já haviam se passado oito anos desde que ele e Graham tinham deixado a escola, e nesse tempo ele fora para a guerra, perdera três amigos, ficara gravemente ferido e enfrentara uma lenta recuperação. Ou, melhor dizendo, *talvez* tivesse se recuperado. Chloe nunca pensara a fundo sobre o que a guerra fazia a um homem além de matá-lo, feri-lo ou permitir que voltasse para casa ileso depois que tudo chegasse ao fim, se a sorte lhe sorrisse. Na verdade, só levava em consideração os efeitos físicos.

Lorde Berwick se encaixava na segunda categoria: ferido e recuperado. Deveria ter sido o fim da história. No entanto, havia cicatrizes. Uma delas estava em seu rosto, um corte feio que começava na têmpora esquerda, margeava o lado externo do olho, atravessava a face e o canto da boca até o queixo, deformando de leve o olho e os lábios. Devia ter sido um corte muito profundo. Até

o osso. A cicatriz era um pouco estriada e escura e fez Chloe se encolher ao imaginar como devia ter ficado aquele rosto logo depois de ferido. E pensar que por pouco ele não tinha perdido um olho – era quase um milagre. No entanto, os nervos deviam ter sofrido algum dano, pois aquele lado de seu rosto parecia um tanto paralisado quando ele falava.

Se havia aquela cicatriz visível, com certeza existiam outras sob as roupas.

Contudo, não foi a cicatriz no rosto nem o corpo talvez marcado o que o tornou diferente da pessoa que ela havia esperado e que fez com que se pusesse a pensar nos efeitos da guerra sobre um homem. Foi algo no olhar e na conduta dele. Havia algo em seus olhos, azuis e atraentes em um rosto que conseguia ser belo mesmo com a cicatriz. Algo… morto. Não, não era bem isso. Ela não conseguia explicar o que via em suas profundezas, tinha apenas a impressão de que não havia nada. Eram olhos vazios, gelados. E seu comportamento, embora correto e cortês, até afetuoso com os avós, parecia de certo modo… distante. Como se as palavras e atitudes fossem um verniz sob o qual vivia um homem que não sentia absolutamente nada.

Chloe tivera aquela impressão assustadora do ex-colega do irmão logo à primeira vista. Como tinha sido tola ao supor que ele fosse como Graham o descrevera tantos anos antes… O conde já não era um garoto e era bem provável que jamais tivesse sido como ela o imaginara. Até aquele momento, só o vira pelos olhos do irmão, que era muito diferente de Stockwood e que sempre o invejara e se ressentira.

Chloe julgou que aquele homem, aquele desconhecido, era perturbador: frio, melancólico, distante e controlado, alguém impossível de conhecer a fundo. E, em grande medida, ele parecia alheio à existência dela, apesar de terem sido apresentados. Embora não a ignorasse de forma aberta durante o jantar, tampouco iniciara qualquer conversa nem demonstrara interesse em nada do

que ela dissera. A bem da verdade, ela não falara muito. Estava um pouco intimidada.

Desejava que ele fosse como esperara. Desse modo, poderia ter sentido desdém pela arrogância e a presunção de que ele era um presente divino à espécie humana – em vez de permitir que ele a fizesse se sentir um tanto… diminuída. Minha nossa, ela se sentia mesmo assim? De novo? Se permitisse tais sentimentos, logo seria apenas alguém fácil de esquecer. Quase riu alto ao pensar isso.

A duquesa era uma tricoteira. Fazia mantas, toucas, sapatinhos e luvas para os bebês nascidos nas vastas propriedades ducais espalhadas por toda a Inglaterra. Adorava fazer tricô, como explicara certa vez a Chloe. Achava reconfortante. Mas odiava as tarefas que vinham junto, como enrolar a lã em novelos, antes de começar, e costurar as pequenas peças ao fim do trabalho.

Claro, Chloe se oferecera de imediato para as duas empreitadas.

Depois que todos tomaram chá na sala de estar após o jantar, o duque se levantou, como sempre, deu boa-noite às damas e rumou para seu domínio: a biblioteca. Convidou o neto a acompanhá-lo, mas o conde lançou um olhar para a duquesa – que estava de cabeça baixa, ocupada com o tricô – e manifestou sua intenção de ficar com ela por mais algum tempo.

Como se não houvesse mais ninguém lhe fazendo companhia.

O duque saiu do aposento apoiado em sua bengala enquanto o neto mantinha a porta aberta. Chloe se afastou da lareira – onde os carvões se amontoavam para combater a friagem da noite – de modo que pudesse usar os puxadores dos armários laterais para esticar uma meada de lã azul-clara que a duquesa usava no momento e enrolá-la nos dedos para formar uma bola macia. Ficou sentada de costas para o aposento, concentrada na tarefa e grata por ter algo para fazer enquanto Sua Graça conversava com o neto.

– Deve ter reparado que seu avô mudou muito desde o Natal – comentou a duquesa, depois que a porta se fechou.

– Ele me pareceu bastante bem – garantiu o conde de Berwick.

– É porque passou o dia se esforçando para parecer bem aos seus olhos – respondeu ela. – Como faz com todos quando sai da biblioteca ou de seus aposentos.

– E quando ele *não* sai?

– O coração de seu avô está enfraquecendo – contou ela. – Foi o que o Dr. Gregg disse. Mas é claro que seu avô nunca abrirá mão do cachimbo nem do vinho do Porto.

– São extravagâncias que lhe dão prazer – justificou o conde. – Privar-se delas talvez o deixasse infeliz e não contribuiria para melhorar sua saúde nem prolongar sua vida.

– É exatamente o que o Dr. Gregg diz – falou a duquesa, com um suspiro. – Ralph, não me surpreenderia se Worthingham não vivesse mais um inverno. Pegou um resfriado no Natal e levou muito tempo para se recuperar, se é que se recuperou por completo. Duvido que consiga enfrentar outro.

– Talvez a senhora esteja sendo pessimista, vovó – sugeriu o conde.

– Ou talvez não – rebateu a senhora, incisiva. – O fato, Ralph, é que em algum momento, num futuro não muito distante, você vai se transformar no duque de Worthingham, com todas as obrigações que acompanham o título.

Chloe ouviu o conde inspirar devagar. O tiquetaquear do relógio na cornija pareceu mais ruidoso do que de hábito.

– Estarei pronto quando chegar a hora, vovó – disse ele. – Mas não *quero* que a hora chegue. Quero que o vovô viva para sempre.

– A nenhum de nós é concedido o dom de viver para sempre – ressaltou a duquesa. – Nem mesmo o dia de amanhã nos é garantido. Qualquer um de nós pode partir a qualquer momento.

– Sim – disse ele. – Eu sei.

Havia um universo de desolação na voz do conde. As mãos de Chloe pararam de trabalhar quando ela virou a cabeça para olhá-lo. Ele estava de pé ao lado da lareira, com o cotovelo apoiado na cornija. A imobilidade dele a fez gelar. Sim, ele devia saber melhor

que qualquer um como a vida podia acabar de repente. Por que será que lhe haviam permitido assumir um posto militar quando ele era herdeiro de um ducado e não tinha irmãos que o substituíssem caso ele perecesse?

Chloe estremeceu de leve e desejou estar com o xale em vez de tê-lo deixado no braço da poltrona onde havia se sentado antes. Mas não se levantaria naquele momento para buscá-lo, chamando atenção para si. Voltou à tarefa que tinha assumido.

– Até mesmo você – acrescentou a duquesa.

– Sim, eu sei.

Chloe enrolou a lã mais devagar durante o silêncio que se seguiu. Estava na metade daquela meada e não queria acabar depressa, pois então seria forçada a voltar para seu assento ou ficar ali, sem nada a fazer, encarando o aparador. De um modo ou de outro, estaria se arriscando a chamar atenção para si.

Desejou ter encontrado alguma desculpa e deixado o aposento junto do duque.

– Está na hora de se casar, Ralph – sentenciou a duquesa, interrompendo o silêncio de modo abrupto.

– Sim, eu sei.

– Pois você *sabia* no Natal, quando falamos do assunto – ressaltou ela. – Contudo ainda não ouvi falar que esteja cortejando alguma dama em particular, Ralph, apesar de ter minhas fontes. Diga-me que *tem* alguém em mente… Uma jovem aceitável, que esteja pronta e disposta a cumprir seu dever.

– Não tenho, devo confessar – disse ele. – Não encontrei ninguém com quem eu consiga me imaginar pelo resto da vida. Sei que devo me casar, mas não *quero*. Não tenho nada a oferecer. No entanto, tenho plena consciência de que o *dever* terá que preceder o *querer*. Começarei a procurar, minha avó, assim que voltar a Londres. Começarei a procurar seriamente. Farei minha escolha antes do fim da temporada… bem antes. É uma promessa. Fica mais tranquila assim?

– Não tem *nada a oferecer*? – perguntou a duquesa, num tom de voz incrédulo. – *Nada a oferecer*, Ralph? Duvido que exista um solteiro mais qualificado em toda a Inglaterra.

– Nada meu a oferecer, quis dizer – corrigiu ele, mais baixo do que antes, de modo que Chloe precisou aquietar de novo as mãos para se concentrar e ouvi-lo. – Não há nada, vovó. Nada aqui dentro.

Chloe supôs que ele tivesse batido no peito.

– Que bobagem – disse a duquesa, com vigor. – Você passou tempos difíceis durante a guerra, Ralph, como milhares de outros jovens que lutaram contra aquele monstro do Bonaparte. Foi um dos afortunados, no entanto. Sobreviveu. Tem todos os seus membros, bem como o uso deles, além dos dois olhos e da mente sã. Por que precisou passar três anos inteiros na Cornualha? É algo que não entendo, mas essa estada prolongada parece ter lhe feito mais mal do que bem. Impediu que recobrasse seu devido lugar na sociedade e voltasse a ser quem era. Deixou-o desesperançado e cheio de autocomiseração, atitudes que não lhe caem bem.

A duquesa parecia decidida a prosseguir.

– Está na hora de superar – determinou ela. – Você tem tudo no mundo a oferecer a uma jovem de muita sorte. Escolha alguém que tenha acabado de terminar os estudos, uma jovem que possa ser moldada para o papel que deve desempenhar. Mas alguém de berço e linhagem impecáveis. Peça ajuda a sua mãe. A condessa tem uma boa cabeça, apesar de nossas diferenças.

O conde de Berwick soltou uma gargalhada, embora o som fosse tão desprovido de alegria que mal poderia ser classificado como tal.

– Tem razão, minha avó. É improvável que eu seja rejeitado por qualquer uma que me interessar, não é? Pobre moça, seja lá quem for. Não vou consultar mamãe. Em menos de um dia ela terá uma lista mais longa do que meus dois braços, e todas as candidatas serão convocadas para avaliação em uma semana. Vai se tornar uma questão de fechar os olhos e apontar alguém na lista. Prefiro

escolher sozinho. E *escolherei*. Eu prometi. Devo voltar para a cidade amanhã?

– Seu avô ficará desapontado – disse ela. – Ficou desapontado esta noite, quando você preferiu ficar comigo a descer com ele para a biblioteca e tomar um vinho do Porto.

– Devo descer agora?

– A esta altura, ele deve estar roncando na cadeira – revelou a duquesa. – Espere até amanhã. Mas volte para a cidade em uma semana, Ralph. Já estamos em maio. As melhores candidatas em breve estarão comprometidas com homens que têm bem menos a oferecer do que você.

– Assim será – garantiu ele. – Quanto antes, melhor. A vida na cidade se torna entediante. Quando tiver uma esposa, irei com ela para Elmwood e ficarei por lá. Talvez o interior seja melhor para mim. Talvez eu consiga enfim me estabelecer.

Sua voz soava quase melancólica.

– Seria um alívio para todos que o amam – disse ela. – Minha nossa, cheguei ao final do novelo e não tenho outro.

Chloe, que acabara de enrolar a lã, se levantou.

– Tenho outro pronto para Vossa Graça – falou ela, atravessando o aposento para entregá-lo.

– Que atencioso de sua parte, minha querida – declarou a duquesa. – E teve que ficar longe do fogo para poder enrolá-lo? Aproxime-se e tome mais uma xícara de chá para se aquecer. Embora eu tema que o que sobrou no bule esteja frio. Gostaria que não estivesse. Não seria má ideia eu também tomar outra xícara.

– Vou pedir outro bule – ofereceu-se Chloe, dirigindo-se à campainha e sendo obrigada a passar muito perto do conde.

Ele a observava, ela percebeu quando ergueu seus olhos por um momento e encontrou os dele. Parecia um tanto surpreso, como se tivesse acabado de perceber que não se encontrava sozinho com a avó.

E era assim que todas as acompanhantes de senhoras, pagas

ou não, passavam a vida, pensou Chloe com amargura: ignoradas, despercebidas, invisíveis para todos os propósitos e intenções. Mas ela não ia afundar no desânimo de novo por causa daquele triste fato.

E, se não gostava da própria vida, então deveria simplesmente modificá-la, como pensara naquela mesma tarde.

Rá! *Simplesmente*.

Sua vida lhe parecera impossível de ser modificada naquela tarde. E continuava do mesmo jeito à noite.

Mas nada era impossível, com certeza.

Exceto todas as coisas que eram.



Pela manhã, quando o valete de Ralph abriu as cortinas do quarto do conde e rumou para o quarto de vestir, o sol apontava por trás de nuvens que se abriam. Dois dias seguidos com clima ameno e este talvez chegasse a ser ensolarado? Se bem que estava cedo. Ainda podia chover.

Antes que pudesse chover, Ralph se barbeou, se vestiu e desceu. Não avistou nenhum dos avós. Ele não esperava vê-los ainda. Não estava com fome, então os aguardaria. Enquanto isso, decidiu ir para a sala matinal, que estava banhada de sol, pois era virada para o leste. Encontrou as portas envidraçadas já destrancadas. Isso deveria ter lhe servido de alerta. Empurrou uma delas para chegar ao pátio e parou para olhar a grama recém-aparada no lado leste da propriedade, que se estendia até o rio, ao longe. Encheu os pulmões e soltou o ar fresco devagar.

Não havia dormido bem. Acordara muitas vezes, com sonhos que, embora não chegassem a ser pesadelos, eram bizarros. Lembrava-se de apenas um deles, o mais coerente de todos. Encontrava-se num salão de baile desconhecido, tão comprido que ele duvidava ser capaz de enxergar o outro lado mesmo com a

ajuda de um telescópio. Ocupando toda a sua extensão, até o infinito, havia uma fileira de jovens, todas com roupas de festa, todas abanando leques. Estariam imóveis se não fosse por aquele único movimento. E ele caminhava com lenta deliberação pela fila, trajando seu uniforme escarlate e dourado de oficial, passando-as em revista, tendo a mãe de um lado e Graham Muirhead, em trajes sacerdotais completos, do outro. Não era um daqueles sonhos que desafiavam a interpretação, embora ele não conseguisse imaginar por que Muirhead estava nele.

Ah. De repente, entendeu.

Percebeu de súbito um movimento à direita. Ao virar a cabeça, viu a Srta. Muirhead a pouca distância, sem chapéu, segurando as pontas do xale com força junto ao peito, provavelmente para impedi-lo de ser levado por um vento inexistente. Ficou irritado na mesma hora. Ela entreouvira uma conversa muito pessoal entre ele e a avó na noite anterior e nem tivera a decência de sair do aposento ou pigarrear para lembrá-los de sua presença. Tinha passado despercebida, como era comum acontecer com os criados. Mas ela não era uma criada, era? Era uma *hóspede* de sua avó – uma hóspede que corria para providenciar tudo de que ela precisava e que desaparecia no ambiente de um modo muito inadequado. Uma mulher que não devia ter caráter ou personalidade nem saber conversar.

Seria parente de Graham Muirhead, por acaso? Aquele não era um sobrenome comum, *Muirhead*. A irritação só aumentou quando ele pensou na possibilidade do parentesco.

– Milorde – murmurou ela.

– Bom dia.

Ele lhe dirigiu um seco meneio de cabeça e deixou o pátio para caminhar no gramado, onde poderia voltar a ficar sozinho.

O que deveria fazer naquele momento, decidiu ele ao se aproximar de um velho carvalho e apoiar a mão no tronco familiar e robusto, era passar todo o tempo possível com o avô e voltar para a

cidade no dia seguinte. Poderia usar a desculpa de um compromisso inadiável e nem estaria mentindo. Tinha um encontro urgente com o próprio destino. E devia haver pelo menos um baile e meia dúzia de outras festas de variados estilos para escolher na noite seguinte, e claro que ele teria sido convidado para todos os eventos. Havia milhares de opções de diversão todas as noites durante a temporada de eventos sociais. Era só avaliar os convites, escolher e ir.

Estava bastante resignado em relação ao que o futuro próximo lhe reservava. Tivera tempo bastante para pensar no assunto, afinal de contas. A avó falara explicitamente sobre o tema no Natal. A mãe vinha fazendo insinuações pelo menos ao longo do último ano. Ele continuava adiando a questão. Aquilo precisava terminar.

Persuadiria o avô a falar de sua infância e juventude naquele dia. O duque adorava contar suas velhas histórias, repetidas tantas vezes. E quem poderia garantir que aquela não seria a última vez que Ralph as ouviria? Estaria seu avô *perdendo as forças*? Ou poderia continuar assim por mais uns dez anos? De qualquer forma, a resposta para aquela pergunta, impossível de saber, não afetava a questão principal, certo? O duque tinha um herdeiro, mas esse herdeiro não tinha um sucessor. E a vida, como a avó de Ralph observara no dia anterior, era sempre incerta, mesmo para os jovens. Ele podia morrer a qualquer momento.

De fato, tinha havido ocasiões em que desejara morrer e até tentara favorecer esse processo… Não se deixaria arrastar pelas lembranças daqueles dias sombrios, no entanto. Estava na hora de pensar na vida. Mas que homem sensato desejaria ser o responsável por colocar outra vida humana neste mundo?

Balançou a cabeça. Aquele pensamento não deveria se enraizar em sua mente.

– Quantos anos deve ter? – perguntou alguém atrás dele.

Virou-se, estupefato, e descobriu que a Srta. Muirhead atravessara o gramado para segui-lo e se encontrava por perto.

– Estou me referindo ao carvalho.

Ralph a contemplou sem sorrir. Por acaso havia *pedido* que o acompanhassem? Parecia o tipo de homem que se sentiria solitário e patético se caminhasse sozinho? Contudo, em vez de ignorar a pergunta e a dama, ele olhou para o tronco e, em seguida, para os galhos que se abriam.

– Várias centenas de anos – disse ele. – Talvez mais de mil. O segundo duque, que mandou erguer esta casa há mais de um século, teve o bom senso de deixar o carvalho de pé e construí-la mais distante do rio.

– Parece o paraíso para uma criança – comentou ela. – Costumava subir nos galhos quando era menino?

– Fica visível demais para quem está na casa – respondeu ele. – Um dia, quando eu tinha 5 ou 6 anos, minha avó me pegou lá no alto e me deu uma surra. Mesmo naquele tempo, devia temer que eu caísse e morresse e que meu pai não gerasse mais meninos.

– E ela lhe deu outra surra quando escolheu se tornar oficial? – perguntou ela. – Entrar para o Exército foi escolha sua, presumo.

Ele voltou a encará-la, mais uma vez estupefato, e precisou lembrar a si mesmo que aquela mulher *não era* uma criada. Ao sol, o cabelo dela reluzia, ainda mais surpreendentemente vermelho do que no dia anterior. Por ser tão clara e ter aquelas sardas, ela deveria tomar cuidado ao se expor ao sol. Sua pele com certeza se queimava de um modo terrível. No entanto, ela não usava chapéu.

Ficou surpreso ao perceber, enquanto a olhava com toda a atenção, que tinha uma aparência bastante agradável, era até bonita, de um modo singular. Os olhos eram grandes e muito verdes. O nariz era reto, com um tamanho perfeito para o rosto oval. As maçãs do rosto eram definidas, os lábios eram cheios e bem desenhados, a boca era um tanto grande. Com o cabelo solto…

Mas ela fizera uma pergunta – uma pergunta impertinente, intrometida e pessoal. Mesmo assim, ele respondeu:

– Pedi e implorei a meu pai, sem sucesso. E minha mãe ficou do

lado dele, firme e chorosa. Minha avó ameaçou me bater… com o chicote de montaria, foram suas palavras precisas. Suponho que ela achasse que eu já havia passado da idade de levar tapas. Mas meu avô surpreendeu e enfureceu a todos, menos a mim. Ao que parece, ser oficial do Exército… *general*, nada menos do que isso… era seu sonho de infância, mas ele não teve condições de realizá-lo, claro, porque era o herdeiro de um duque e não tinha irmãos.

A Srta. Muirhead o ouvia com atenção.

– O próprio filho foi uma decepção para ele – continuou o conde. – Sim, ele disse isso na frente de meu pai, que era a essência do herdeiro obediente. “Deixe que o garoto faça o que quer”, disse ele. “Deixe que persiga seu sonho de glória.” Eu tinha 18 anos e havia acabado de sair da escola. Era inocente e ignorante como um recém-nascido. Mas a palavra do duque de Worthingham era lei para a família. Assim, ele me conseguiu um posto no melhor regimento, bem como o melhor aparato que o dinheiro podia comprar.

– Mas seu sonho logo foi destruído – comentou ela, em voz baixa.

O que ela sabia a respeito? Ele a encarou, inexpressivo, depois virou a cabeça bruscamente. Deveria vagar até o rio e confiar que ela não iria correndo atrás dele para oferecer sua companhia e sua conversa de novo? Ou deveria se dirigir de volta à casa e confiar na própria capacidade de ser mais rápido?

Ele hesitou demais.

– Não pude deixar de ouvir a conversa entre o senhor e Sua Graça ontem à noite – disse ela. – Não foi de propósito.

Os olhos dele encontraram os dela de novo. Ralph tirou a mão do tronco e apoiou o ombro. Ela devia estar imaginando uma ventania: segurava com toda a força as pontas do xale, como se sua vida dependesse daquilo.

– Compreendo que não queira se casar, mas que seja necessário.

Ele cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha. Aquela impertinência não tinha limite. Em um ponto ela estava certa, porém: não tinha se intrometido. Encontrava-se na sala de estar por direito, pelo fato de ser hóspede na casa.

– Não creio que seja *apenas* a juventude – declarou ela.

Ele ergueu a outra sobrancelha.

– O que o torna relutante – emendou ela. – Não é apenas por ser jovem e desejar espalhar sua semente antes de se estabelecer. Não é isso, é?

Ele foi tomado por uma série de sentimentos intensos. Parte dele queria cair na gargalhada. Outra parte queria explodir, furiosa.

– Creio – prosseguiu ela, quando o silêncio se estendeu – que seja como disse à duquesa: não tem nada a oferecer além de tudo o que quase todas as jovens solteiras do país almejam, bem como suas mães. Não estou me exprimindo muito bem, não é? Mas sei o quero dizer e o senhor também sabe. Não há mais nada dentro de si para oferecer, certo? Algo acabou com tudo. A guerra, talvez. E está vazio.

Ele ficou gelado. Ainda era bem cedo, claro, e ele se encontrava à sombra de uma árvore, longe do calor dos raios do sol. Mas não era esse o motivo. Não era de fora que vinha o frio.

– Supõe que me conhece por dentro e por fora, Srta. Muirhead? – indagou ele, num tom que refletia seus sentimentos. – Afinal de contas… quanto tempo faz? Conheceu-me há dezoito horas?

– Não o conheço nem um pouco – disse ela. – Acredito que tenha se tornado inacessível.

– Mas concluiu que estou vazio.

Ele a encarou cheio de desdém. Ela nem tinha a decência de parecer pouco à vontade, não fosse por aquelas mãos segurando o xale.

– Portanto acredita que deve conhecer tudo o que existe de mim para ser conhecido – declarou ele.

– Como as palavras são inadequadas – ponderou Chloe,

meneando a cabeça de leve. – Seja como for, lorde Berwick, precisa de uma esposa e teme a hora de voltar para Londres para procurar alguém nos salões de baile e nos outros lugares frequentados pela aristocracia.

– *Temo*? – repetiu o conde, rindo. – Como seria tolo se isso fosse verdade, Srta. Muirhead. Sem exagero e sem falsa modéstia, sou um dos melhores partidos do país. As jovens se aglomeram à minha volta, cheias de esperança. Jovens belas, ricas, bem-nascidas. Com toda a certeza me cercarão quando ficar claro que estou pronto para fazer minha escolha entre elas.

– *Jovens.* Suponho que queira dizer "meninas que acabaram de terminar os estudos". Pobres moças… como observou na noite passada. É improvável que a escolhida permaneça feliz por muito tempo, não é?

– Porque eu tenho esta aparência? – rebateu ele e apontou para o rosto marcado. – Ou porque tenho a alma vazia?

Não compreendia por que estava suportando aquela conversa.

– Porque não tem nada a oferecer – disse ela. – Nada que pudesse fazer uma menina jovem, inocente e esperançosa continuar feliz depois que passasse a euforia das núpcias.

– Um título de condessa e a perspectiva de se tornar duquesa não a deixariam em êxtase eterno? E ter mais destaque do que quase todas as outras damas da Inglaterra pelo resto da vida? Ser dona de uma riqueza indizível? E todas as roupas, carruagens, joias e bugigangas com que pudesse sonhar?

– Sei por seu tom de voz que concorda comigo – afirmou Chloe.

Ele voltou a rir.

– Acha que serei um marido cruel, Srta. Muirhead?

– Não de propósito.

Bem, pensou ele com irritação, era bom ser conhecido, ser compreendido. Imaginou, de modo fútil, se alguma coisa seria capaz de abalar a calma dela, se a Srta. Muirhead cumpriria a promessa de calor daquele cabelo ruivo.

– Sua melhor opção é se casar comigo – declarou ela.

*O quê?*

Ele ficou parado onde estava, os braços cruzados e os olhos grudados nos dela.

– Sou mais velha – disse ela. – Longe da idade da inocência. Tenho 27 anos. Mas ainda tenho muitos anos férteis pela frente e não há o menor motivo para crer que possa ser estéril. Meu pai é o sexto baronete de sua linhagem e minha mãe é a filha de um visconde. Não tenho ilusões sobre a felicidade conjugal e estaria bastante disposta a aceitar o casamento pelo que ele seria. Não interferiria na sua vida. Viveria de um modo que nunca o constrangeria em público nem criaria inconvenientes em particular. Se concordasse em se casar comigo, seria poupado do trabalho de escolher entre tantas jovens elegíveis pelas quais não tem o mínimo interesse.

Ele finalmente recuperou a voz.

– Não tenho o mínimo interesse pela *senhorita*.

Era brutal, mas ele se sentia quase selvagem… e frio até o cerne.

– Claro que não – concordou ela, sem transparecer qualquer emoção, embora, quando ela baixou os olhos, ele tenha notado que os nós dos dedos empalideceram junto do xale. – Não esperaria isso, nem o desejaria. Estou sugerindo um… *acordo* de interesse mútuo, lorde Berwick. Algo que seria adequado aos dois sem magoar ninguém. O senhor precisa de uma esposa, mas não quer encontrar uma. Eu preciso de um marido, mas tenho pouca chance de encontrá-lo. O senhor não está em busca de amor. Nem eu. Já o encontrei uma vez, mas demonstrou ser um sentimento ilusório e ridiculamente doloroso.

Ela ainda não havia terminado seu discurso.

– Quero o casamento porque, para uma mulher, não se casar é desalentador demais. Quero ter uma casa e um lugar na sociedade. Quero filhos… e eu os *cobrirei* de amor. O senhor nunca me

decepcionará: eu não esperaria nada além daquilo que o dever lhe ditasse. E também não o desapontaria, pois o senhor não esperaria nada de mim além do que o dever ditasse, e isso o senhor teria sem questionamentos nem queixas. O senhor quer se retirar para sua casa no interior depois do casamento. Uma existência tão reclusa me serviria com perfeição. Não ficaria implorando que me levasse à cidade e a seus divertimentos.

A cor do cabelo criava uma ilusão de calor, pensou ele. Aquela moça era fria como um peixe, como ninguém que ele houvesse conhecido.

*Casar-se* com ela?

Entretanto, casar-se com ela seria a segunda melhor opção depois de permanecer solteiro. E não podia permanecer solteiro. Precisava se casar. Ela estava com 27 anos, era mais velha. Tinha passado do auge da juventude e da inocência. Tinha amado uma vez. Isso significava que…?

– É virgem, Srta. Muirhead? – perguntou ele.

Era uma pergunta também brutal. E também desnecessariamente impertinente. Ele não estava considerando com seriedade aquela proposta ultrajante, afinal de contas. Ou estava?

– Sim – respondeu ela.

Os dois ficaram parados, encarando-se.

– É parente de Graham Muirhead? – perguntou ele, de súbito.

– É meu irmão.

Ah... Os olhos dele vagaram até o cabelo e então voltaram para os olhos verdes. Graham tinha cabelos e olhos escuros, mas era seu irmão. Dificilmente contaria como um ponto a favor dela.

Ela deve ter lido seus pensamentos.

– Estou sugerindo que se case *comigo*, lorde Berwick – disse ela. – Não com meu irmão.

# CAPÍTULO 3



Fez-se um silêncio longo e desconfortável. O conde de Berwick permaneceu onde estava, com o ombro escorado no velho carvalho, os braços cruzados junto ao peito, um tornozelo apoiado no cano da bota do outro pé. Parecia ameaçadoramente grande e… sombrio. Parecia sombrio, claro, porque estava à sombra da árvore, mas, em vez de amenizar a aparência da cicatriz que atravessava seu rosto, a penumbra a acentuava – e aquela era a face que estava mais voltada na direção de Chloe.

Não se notava a menor centelha de humor nem de qualquer outra emoção no rosto dele ou em seus olhos inexpressivos.

O que a fizera achar que poderia se casar com ele? Ou que ele a tomaria como esposa? Ele era todo melancolia, todo vazio sombrio. Até perigoso, embora ela não tivesse pensado *nisso* até aquele momento. Porque ninguém sabia, nem nunca saberia, das emoções que estavam enterradas dentro dele, prontas para entrar em erupção a qualquer momento.

Ela ficou imaginando o que faria caso o silêncio se estendesse por muito mais tempo. Talvez ele não tivesse intenção de se mexer nem de dizer nada. Deveria dar meia-volta e se afastar, então? Deixar sua última chance? Chance de quê? Talvez unir-se a ele não

fosse tão mais desejável assim do que passar o resto de sua vida como estava. Numa solteirice desolada, mas independente.

Por fim, ele falou:

– Diga-me uma coisa, Srta. Muirhead: se o casamento é tão importante para a senhorita, até mesmo numa versão sofrível como me propôs, por que permanece solteira aos 27 anos?

Ah.

*Porque ninguém pediu minha mão?* Era verdade. Mas a resposta não era tão simples assim.

– Não sou o ideal de noiva – informou ela, erguendo o queixo.

Ela estava atenuando a realidade, algo que não lhe era habitual.

– Mas espera que eu me case com a senhorita?

As sobrancelhas dele voltaram a subir e ele adquiriu uma aparência mais próxima daquilo que ela esperava desde o início: arrogante e desdenhoso.

– Diga-me, por favor: o que a torna não ideal? Acabou de me dizer que seu pai é um baronete de uma linhagem sólida e que sua mãe é filha de um visconde. O berço com certeza conta pontos no mercado matrimonial. E a senhorita não parece exatamente uma gárgula.

Era um elogio?

Ela respirou fundo, devagar.

– Minha irmã fugiu com um homem casado há seis anos – disse ela. – Ele se casou com ela um ano depois, apenas três meses após a morte da primeira esposa e pouco mais de um mês antes de minha irmã ter um filho, mas o matrimônio restaurou apenas um grau muito limitado da respeitabilidade dela, por ter sido um escândalo público. Ela nunca será recebida por nenhum dos bastiões da alta sociedade, e nós também não fomos de todo perdoados, pois meu pai se recusou a rejeitá-la mesmo quando o sedutor a deixou por alguns meses, para voltar para a esposa moribunda.

– *Nós* – ressaltou ele. – Por que o comportamento escandaloso

da sua irmã e a reação socialmente inábil de seu pai teriam transformado a senhorita em uma pária?

– Bem… – começou ela, e olhou para os dedos agora esticados diante de si como se examinasse as unhas. – O sujeito era o queridinho da sociedade da época, excêntrico e intenso como ele só, um dramaturgo de modos extravagantes e atraente a ponto de rivalizar com lorde Byron. E a esposa era filha de um ministro do governo. Não podia ter sido pior. Lucy estava com 17 anos. Nem tinha sido apresentada à sociedade. Encontrava-se em Londres porque eu ia fazer meu *début* com a avançada idade de 21 anos e ela convenceu minha mãe de que morreria de tédio se fosse obrigada a permanecer no interior com sua preceptora.

Era uma longa história.

– Ela conheceu o Sr. Nelson no Hyde Park – continuou ela. – Deixou cair sua bolsinha sem querer e o conteúdo se esparramou aos pés dele enquanto ela passeava certa manhã, com a criada de mamãe. A família da esposa fez um tumulto terrível depois que ele a deixou. O pai dela fez com que o meu fosse expulso de um clube. O irmão provocou uma briga com *meu irmão* em lugar público e o desafiou a um duelo. Graham se recusou a lutar.

O conde interrompeu a horrenda narrativa:

– Recusou-se? Por Júpiter! Mas faz sentido. Presumo que é o que ele faria.

– Ah, ele compareceu ao duelo – acrescentou ela, encarando-o com a testa franzida. – Mas não quis pegar em pistolas. Deu todos os passos ao sinal, virou-se e ficou parado com os braços junto ao corpo. Dizem que nem ficou de lado para ser um alvo menor. O adversário atirou no ar e todos vaiaram Graham por sua covardia, mas ainda acho que foi a coisa mais corajosa que já ouvi.

O conde ouvia com atenção.

– Minha mãe insistiu que enfrentássemos a tempestade enquanto papai perseguia os fugitivos e Graham tentava, em vão, pedir desculpas à Sra. Nelson e sua família – contou ela. –

Comparecemos aos eventos a que já tínhamos sido convidadas, mas os convites pararam de chegar. Quando mamãe me levava para fazer visitas a damas que sempre nos acolhiam, de repente elas não se encontravam mais em casa, mesmo havendo outras carruagens à porta para desmenti-las. Quando chegamos ao Almack's certa noite, para o baile semanal, descobrimos que nossa associação anual tinha sido cancelada.

Fez-se um breve silêncio.

– Por que só fez sua apresentação à sociedade aos 21 anos?

– Minha avó morreu quando eu tinha 18. Mamãe exigiu que cumpríssemos um luto rigoroso, embora papai dissesse que não era preciso mudar o que fora planejado para mim. Depois, minha mãe passou alguns anos muito doente. Foi o mesmo mal que acabou por matá-la, embora ela tenha reunido forças para me levar a Londres para a atrasada apresentação à sociedade.

– E a senhorita nunca mais voltou a Londres? – perguntou ele. – Depois de seis anos? A memória da alta sociedade é reconhecidamente curta. O escândalo de ontem é logo engolido pela indiscrição de hoje, que sucumbe à catástrofe de amanhã. E, afinal de contas, não foi *a senhorita* quem fugiu. E quem foi o homem que amou?

Os olhos dele a esquadrinharam, da cabeça aos pés, e ela voltou a segurar com força as pontas do xale.

– O quê?

– A senhorita disse ter conhecido o amor uma vez – lembrou ele. – E que foi ilusório e doloroso.

Ah.

– Era um homem bonito, rico, com título de nobreza – disse ela, sem de fato responder à pergunta. – Ele foi atencioso desde o momento em que fomos apresentados, no meu primeiríssimo baile. Parecia ter saído de um sonho e, claro, me apaixonei de imediato como se não tivesse um cérebro. Mas como eu teria feito diferente? Mamãe encorajou o relacionamento. Dançávamos em quase todos

os bailes e nos sentávamos juntos nos concertos. Conversávamos nos saraus e passeávamos nos piqueniques. Fui a festas com apresentações teatrais em que ele estava presente. Ele me fazia elogios e chegou a declarar afeição eterna por mim.

A atenção do conde continuava nela.

– Minha cabeça foi completamente virada do avesso – confessou Chloe. – Esperava todos os dias que ele fosse ter uma conversa formal com meu pai e que me transformasse na garota mais feliz do mundo. Digo *garota* porque era assim que eu era, embora tivesse 21 anos. Achei que ele me amasse. E, de fato, eu era invejada por muitas moças de minhas relações.

Ela fez uma pausa para respirar fundo e soltar um suspiro.

– Houve um baile mais ou menos uma semana depois de Lucy fugir com o Sr. Nelson. Fui com mamãe, apesar de tudo. As primeiras danças estavam reservadas para o homem que vinha me cortejando. Quando chegou a hora, ele se aproximou, como esperado, fez uma saudação elegante com um sorriso arrebatador e estendeu a mão… para a dama que estava a meu lado. Foi um gesto muito deliberado e, claro, todos os olhos no salão estavam postos em mim. Todos me viram sorrir, feliz e aliviada, depois de uma semana tão perturbadora, dar um passo à frente e começar a estender a mão.

Chloe teve que parar um momento para respirar e se tranquilizar.

– Fizemos as malas naquela noite, mamãe e eu. Fomos para casa no dia seguinte. O amor é um fenômeno estranho, milorde. Pode morrer de forma tão abrupta e completa que é possível ver logo que não passa de uma ilusão vazia.

– Porém dolorosa – lembrou ele.

– Na época – admitiu. – Mas superei. Sobrevivi. E essa foi a lição que aprendi. Não precisa temer que eu me torne sentimental e imagine estar apaixonada pelo senhor… se aceitar minha oferta, quero dizer.

– Uma sobrevivente – disse ele, em voz baixa. – Nunca mais

voltou?

– Sim, voltei – contou ela, com um meio sorriso. – No ano passado. Por insistência da minha tia, lady Easterly, que se sentia solitária pois minhas primas estão todas casadas e espalhadas pelo país. Ela disse o mesmo que o senhor, que a memória da alta sociedade é curta. E que cinco anos haviam se passado. Assistimos a alguns concertos e saraus. Cheguei a acompanhá-la a algumas festas e até mesmo a um baile que foi oferecido por uma prima do meu tio. Mas de repente os mexericos começaram: sussurros e olhares acintosos na minha direção. A princípio, pensei que se tratasse do velho escândalo, mas era outra questão, inesperada e terrivelmente tola. Tia Julia me revelou o que era certa manhã quando eu me aprontava para ir à biblioteca. E Graham chegou pouco depois para confirmar suas palavras.

Ela cruzou as mãos às costas. Fechou os olhos por um momento, então os abriu para prosseguir.

– Imagino que, se esteve em Londres na primavera passada, tenha conhecido lady Angela Allandale, filha do marquês de Hitching, não? Ela veio do norte da Inglaterra para ser apresentada à sociedade e virou a queridinha da aristocracia.

Chloe arriscou lançar um olhar para Ralph.

– Lembro-me de ter ouvido que era um diamante raro – comentou ele. – E que metade dos solteiros da Inglaterra corria atrás dela. Nunca a vi. Fiz questão de não ver. Na época, eu evitava todos os riscos de cair na armadilha do casamento.

– Ela tinha o cabelo e os olhos no tom exato dos meus. E a mesma aparência pálida. Quando algumas pessoas começaram a comentar sobre a semelhança entre nós, entre os mais velhos da sociedade houve quem se lembrasse de um belo marquês ruivo, pai de lady Angela, quando jovem, em Londres, cortejando a encantadora Srta. West, *minha mãe*, antes que problemas financeiros o levassem a dedicar sua afeição a uma herdeira de

vasta fortuna a quem propôs casamento e que agora é a marquesa de Hitching.

O conde de Berwick não fez nenhum comentário.

– Minha mãe e meu pai se casaram antes do final daquela temporada – contou Chloe. – Mamãe sempre falou sobre essa união repentina como sendo uma grande história de amor. Não acreditei em nenhum daqueles mexericos que logo se espalharam no ano passado. Tentei não acreditar. Tentei enfrentar com ousadia, como tinha feito cinco anos antes. Mas, durante um piquenique com minha tia, tive o infortúnio de me encontrar cara a cara com lorde… Fiquei cara a cara com meu antigo admirador e o saudei pelo nome. Ele levou o monóculo até a vista, olhou de modo incisivo para meu cabelo, fez um cumprimento breve e frio e se afastou, fazendo questão de que eu ouvisse o comentário que fez ao cavalheiro que o acompanhava. A palavra “bastarda” foi parte da frase. Voltei para casa no mesmo dia.

Tinha passado muito tempo na mesma posição, ela percebeu. Os ouvidos zumbiam, a cabeça e as narinas estavam geladas. Ela temeu que fosse desmaiar. Respirou fundo, sacudiu a cabeça, olhou à volta e cravou as unhas nas palmas das mãos, obrigando-se a não fazer nada tão humilhante.

– E confrontou seu pai? – perguntou lorde Berwick.

– Não – admitiu ela. – Falei que algumas semanas em Londres tinham sido o suficiente, que me entediara e sentira saudade de casa. Os comentários acabaram me seguindo, porém. Na época do Natal, alguns hóspedes de nossos vizinhos me reconheceram numa reunião local e a história se espalhou como fogo na mata até chegar aos ouvidos de meu pai. Ele ficou furioso. Ele… fez uma *cena*. Por pouco foi impedido de desafiar um dos visitantes para um duelo.

Chloe fez uma breve pausa antes de prosseguir:

– Voltamos para casa cedo e *então* eu perguntei. Ele não quis me dar uma resposta direta. Disse que amara minha mãe desde que colocara os olhos nela e que ela retribuíra. Disse que sempre me

amou, antes do meu nascimento e todos os dias depois dele. Eu era a primogênita, sua filha mais velha querida. Contou-me que havia alguns ruivos entre seus ancestrais. Mas foi vago ao mencionar exatamente *quando* se casou com mamãe. Percebi que eu não sabia a data… e não insisti nem fiz qualquer tentativa de descobrir de outra forma. Nasci em fevereiro, depois daquela temporada. Não *acredito* nos mexericos. Mas é justo que o senhor tenha conhecimento do que se diz. Se estiver considerando o acordo que propus, quer dizer. Porém suponho que não esteja.

Ela finalmente se mexeu, virando o rosto na direção da casa. Não tinha avaliado muito bem a situação na noite anterior, tinha? Pensara apenas em propor o acordo de um modo lúcido e desapaixonado. Parecera uma possibilidade real, um casamento que beneficiaria ambos. Não levara devidamente em consideração a bagagem pessoal que carregava consigo, a mesma que dissuadiria qualquer homem são de manter algum vínculo com ela. E agora revelara tudo e se sentia exaurida e humilhada. E horrorizada pela própria audácia.

– Imagino – disse ela – que se casar comigo não seria um bom negócio para o senhor, sob nenhum aspecto, lorde Berwick, mesmo que lhe poupasse o incômodo de escolher uma noiva em Londres. Por favor, esqueça o que sugeri.

– Não acredito que memória fraca seja mais uma de minhas deficiências, Srta. Muirhead – retrucou ele. – E teria que ser mesmo *muito* ruim.

De fato.

De repente o sol pareceu quente demais, embora ainda fosse bem cedo. As faces de Chloe ardiam. Percebeu que o conde não diria mais nada e que ela não tinha o que acrescentar. Naquele instante, se pudesse mergulhar no esquecimento, era o que ela teria feito, feliz.

A casa se mostrava a uma distância impossível. Chloe se dirigiu para lá com pernas bambas que nem sequer pareciam ter

articulações. Quase podia sentir o olhar dele – frio e inexpressivo – nas costas.



Ralph partilhara o desjejum com o avô. Por sorte, não havia mais ninguém na sala onde foi servido. Era hábito da avó levantar-se às onze, depois de tomar uma xícara de chocolate na cama. Ele sabia por experiência própria.

Os dois passaram o resto da manhã no gabinete do duque, conversando sobre variados assuntos até que o cavalheiro idoso cochilou enquanto tomava um café. Ralph permaneceu sentado em silêncio, observando-o, lembrando-se do personagem vigoroso e um tanto assustador que havia sido seu avô anos antes, cheio de rosnados e de fúria diante de qualquer sinal de travessura, mas com olhos que brilhavam de forma incongruente. Um dos bolsos de seu colete costumava estar sempre estufado de doces.

Ralph saiu para cavalgar depois do almoço. Foi procurar o médico do avô e o encontrou voltando de uma fazenda distante, onde tinha sido chamado para cuidar do braço quebrado de um trabalhador que caíra do alto de um celeiro.

O duque não sofria de nenhuma moléstia específica, garantiu o Dr. Gregg ao conde de Berwick. A não ser a velhice, claro. Seu coração não era mais tão forte quanto no passado, como era de esperar, e ele tendia a pegar qualquer resfriado que espreitasse a vizinhança. Sofria de reumatismo e de um pouquinho de gota e indigestão, além de muitos outros problemas acarretados pela idade. Era frágil, em comparação com um jovem. Mas ainda poderia viver mais tempo que qualquer um, apesar de tudo o que o médico dizia para indicar o contrário.

Ralph agradeceu, apertou sua mão e se despediu.

A avó, então, estava desnecessariamente temerosa. Vovô não estava à beira da morte. Porém, não importava quão próximo o

duque se encontrava do fim. O fato era que havia apenas um herdeiro. Era o dever claríssimo desse herdeiro se casar e ter filhos, de preferência enquanto o avô ainda estivesse vivo.

Com determinação, Ralph procurou tirar de sua mente os eventos peculiares daquela manhã. Ficou mais fácil porque a Srta. Muirhead não apareceu durante o resto do dia. Quando o duque comentou sobre sua ausência, na hora do jantar, a avó de Ralph explicou que a pobre moça se sentia mal e ficara no próprio aposento para não contaminar Suas Graças.

– Ela é mesmo a delicadeza em pessoa – declarou a duquesa.

Depois disso, Ralph sentiu-se ainda mais determinado a partir na manhã seguinte. Passou a noite com os avós e acabou lendo para os dois em voz alta enquanto a avó tricotava e o avô repousava a cabeça no encosto da poltrona com os olhos fechados. A duquesa lançou um olhar expressivo para Ralph quando o marido começou a roncar baixinho. O conde continuou a leitura.

Despediu-se na manhã seguinte e rumou para Londres no cabriolé, sob nuvens pesadas que ameaçavam se transformar em chuva a cada momento, sem chegar a desabar. Aquele clima combinava bem com o ânimo de Ralph. Seu destino fora traçado e não lhe restava nenhuma chance de procrastinar. Os dias de liberdade – caso tivesse realmente sido livre – estavam no fim. E se ninguém fosse de fato livre? E se tudo fosse predeterminado? Mas esse tipo de pensamento só poderia levá-lo a uma depressão mais profunda. Afastou aquelas ideias e pensou em outra coisa.

Na manhã do dia anterior.

Seria aquela mulher apenas uma caçadora de fortunas? Uma interesseira fria e calculista?

*Não sou o ideal de noiva.*

Para ser justo, parecia que nenhum daqueles escândalos fora culpa dela. Estava desfrutando a alegria de sua primeira temporada quando a irmã fugiu com aquele estúpido Freddie Nelson – pelo menos, ele presumia que o dramaturgo de quem ela falara fosse ele

–, que parecia acreditar que um estilo de vida extravagante substituía cérebro e talento. Não tinha sido ela que havia passado um verdadeiro vexame no duelo que se seguiu. Mas era bem típico de Graham Muirhead aparecer num duelo e então se recusar a sacar a pistola ou se transformar no menor alvo possível.

Nem era culpa dela que o homem que se transformara no centro de suas atenções – ela não dissera o nome, apenas começara a chamá-lo de lorde – se revelasse um cafajeste de primeira ordem. E também não era culpa dela que a mãe tivesse se comportado de forma chocante e indiscreta com um homem de cabelos ruivos tão distintos que aquela característica seria transmitida para a filha, que teria passado menos de nove meses no ventre da mãe depois do casamento apressado com Muirhead.

Ralph não tinha muitas dúvidas de que os fofoqueiros – dessa vez – estavam certos. Era provável que a própria Srta. Muirhead também não tivesse muitas dúvidas, embora o negasse.

Apesar de nenhum desses delitos ser responsabilidade dela, a Srta. Muirhead de fato não era a noiva ideal. Devia estar maluca – ou apenas desesperada – para esperar que ele se casasse com ela simplesmente para evitar o incômodo de cortejar outra pessoa. A avó a recebera como hóspede em sua casa, era verdade, apesar dos escândalos, mas com certeza clamaria quarenta vezes por seus sais se ele, de súbito, anunciasse a intenção de se casar com aquela mulher. E só podia imaginar qual seria a reação da mãe e das irmãs.

Ele tirou a Srta. Muirhead da cabeça. Tinha assuntos mais urgentes, até mais desagradáveis, para levar em consideração.

Deveria ter começado sua campanha naquela noite. Tinha até encontrado um convite para um baile que contaria com a presença da nata da sociedade e suas filhas. Em vez disso, depois de jantar sozinho na própria residência, ele foi para a Casa Stanbrook, na Grovesnor Square, para ver se George, o duque de Stanbrook, estava lá e, assim, fazer-lhe uma visita.

George se tornara, ao mesmo tempo, um amigo e uma figura paterna. Abrira sua casa anos antes para soldados feridos, permitindo que tivessem o tempo e o espaço necessários para se curarem. E a cura, George era uma das raras pessoas a reconhecer, não consistia apenas em recompor ossos quebrados e costurar cortes e feridas, mas em restaurar a paz e a sanidade em mentes perturbadas e destroçadas. A verdadeira cura era demorada, talvez levasse a vida inteira. George sempre tivera o dom de fazer com que os seis que ficaram mais tempo se sentissem especiais para ele.

Ralph se perguntava com frequência se algum deles dedicara a mesma atenção a George, que também tinha sido profundamente ferido, embora não tivesse estado em nenhum dos campos de batalha das Guerras Napoleônicas.

Ele *estava* em casa e, por algum milagre, não tinha planos de sair. Ralph o encontrou sentado perto da lareira na sala de estar, com um livro na mão e um cálice de vinho do Porto ao seu alcance. Fechou o livro e o colocou de lado com um sorriso acolhedor, e, pela primeira vez, ocorreu a Ralph que poderia ter sido egoísta de sua parte aparecer daquele jeito, sem ser anunciado. Talvez George quisesse passar uma noite tranquila em casa.

– Ralph – saudou-o o dono da casa, se levantando e lhe estendendo a mão. – Venha e se aqueça junto ao fogo enquanto lhe sirvo uma bebida.

Falaram sobre assuntos sem importância por alguns minutos e Ralph começou a se sentir mais descontraído.

– Acabei de chegar de Sussex – disse ele, por fim. – Fui chamado por minha avó. Mas não me prenderam. Mandaram-me de volta correndo para escolher uma noiva, de preferência o mais rápido possível. E engravidá-la na noite de núpcias, se eu não quiser despertar a ira imortal de minha avó.

George o encarou com tranquila compaixão.

– Seu avô está com problemas de saúde? – perguntou.

– Já passou há tempos dos 80 anos – disse Ralph, à guisa de explicação.

– Não se arrepende de ter deixado a Srta. Courtney escapar? – perguntou George.

Ralph estremeceu e olhou para o conteúdo de sua taça enquanto a girava devagar. A Srta. Courtney era a irmã caçula de Max Courtney, um de seus melhores amigos – um de seus melhores amigos *mortos*. Ralph a conhecia desde que era menino e ela, apenas uma criancinha. Fazia-lhe provocações sempre que se hospedava com Max durante as férias escolares e, quando estavam um pouco mais crescidos, chegara a flertar com ela. Depois da temporada de três anos na Cornualha, ao voltar para a cidade, esbarrara com a moça mais de uma vez em eventos sociais. Nesses encontros, ela havia corado de felicidade e explicara que estar com ele fazia com que se sentisse mais próxima de seu amado irmão. Ela começara a escrever para ele, apesar de ser inadequado que uma dama solteira se comunicasse em particular com um cavalheiro igualmente solteiro. Ralph temera que a jovem estivesse nutrindo sentimentos não correspondidos. Ele a evitara sempre que possível, ignorara algumas das cartas e dera respostas curtas e impessoais a outras. Enquanto estava em Middlebury Park, naquele ano, ela escrevera para informá-lo de que se casaria em breve com um sacerdote do norte da Inglaterra. Sentira-se culpado na ocasião por ter lhe oferecido tão pouco consolo depois da morte de Max, por ter ignorado o afeto que ela tentara lhe dar. Ralph compartilhara esses sentimentos com seus amigos Sobreviventes.

– Eu não tinha nada a oferecer a ela, George – disse ele. – Teria transformado sua vida em uma infelicidade. Eu a estimava demais para encorajá-la a se apegar a mim.

George não disse nada. Bebericou e se recostou, cruzando as pernas e envolvendo o braço da poltrona com o braço livre. Era a imagem da descontração elegante. Seus olhos pousaram em Ralph sem fitá-lo de modo desconfortável. Era seu dom: aquela pose,

aquele silêncio, aquela atenção. Demonstrando estar à espera. Convidativo. Sem ameaçar nem julgar.

Ralph pousou sua taça, descansou os cotovelos nos braços da poltrona e uniu as pontas dos dedos sob o queixo. Deixou que o olhar se perdesse nas chamas da lareira.

– Eu tornaria infeliz a vida de qualquer mulher – falou ele. – Posso escolher uma dama e me casar, George. Posso dar a ela toda a segurança do meu nome, da minha riqueza, do meu futuro. Posso deitar-me com ela e engravidá-la. É tudo. E não é o suficiente.

– Muitas mulheres diriam que é o paraíso – ressaltou George, com delicadeza.

– Não acho que seja – respondeu Ralph.

– Não – concordou George em voz baixa, depois que o silêncio se estendeu por algum tempo. – Não é.

Os olhos de Ralph procuraram os do amigo. George concordava que um matrimônio desprovido de sentimentos, até mesmo de afeto, seria o inferno na terra. Nunca havia falado do próprio casamento, que tinha começado ainda em tenra idade e terminado quando a esposa cometeu suicídio depois da morte do filho na península Ibérica.

– Existe um sem-número de moças ansiosas por encontrar um marido no grande mercado matrimonial – disse Ralph. – Um marido aceitável. Sou tão aceitável quanto se poderia desejar. Qualquer uma delas ficaria em êxtase se me fisgasse, mesmo com *esta* aparência.

Ele soltou uma das mãos para fazer um gesto na direção do rosto marcado.

– Há quem diga que a cicatriz lhe dá uma aparência mais audaciosa – comentou George.

– Tenho que me casar com uma dessas moças – atalhou Ralph. – Em breve. E em seguida vou destruir seus sonhos e arruinar sua vida.

– No entanto, o fato de saber disso e ter pena da jovem escolhida demonstra que você se importa. Você *se importa*. Só não compreendeu isso plenamente. Ainda não.

Ralph o contemplou, melancólico.

– Eu deveria odiá-lo – disse.

George ergueu as sobrancelhas.

– Por ter salvado minha vida – continuou Ralph. – Mais de uma vez.

Era algo que eles não comentavam fazia muito tempo: as ocasiões em que Ralph tentara tirar a própria vida e as outras tantas em que desejara fazê-lo mas falara sobre o assunto até ser persuadido a desistir.

– E me odeia? – perguntou George.

Ralph não respondeu. Voltou o olhar para o fogo.

– Existe uma mulher – disse ele e parou.

Não queria *pensar* naquela mulher.

George ficou em silêncio de novo.

– Teve a oportunidade de conhecer lady Angela Allandale no ano passado? – perguntou Ralph.

– A Incomparável? Tinha um exército de sujeitos jovens e alguns mais velhos pendurados nela, mas não quis escolher nenhum deles. Está de volta este ano? É *ela,* a mulher?

– E ouviu falar – prosseguiu Ralph – em algum escândalo envolvendo uma jovem que se parecia muito com ela e que era, quase com certeza, filha ilegítima do marquês de Hitching?

– Sim, ouvi – respondeu George. – E achei que era uma infelicidade que aquela pobre dama tivesse herdado justamente a coloração tão particular do marquês e se parecesse tanto com a filha legítima a ponto de estar quase predestinada a provocar mexericos. Não era estritamente ilegítima, porém, se bem me lembro. Era a filha reconhecida de algum baronete. Hum… Muirhead, acredito eu.

– Sim – confirmou Ralph.

– E *ela* é a mulher?

– É hóspede em Manville Court – explicou Ralph. – Sua falecida mãe era afilhada de minha avó. A Srta. Muirhead se encontra por lá, acredito, por se sentir pouco à vontade em casa com o pai, que garante que tudo não passa de fofoca, mas é capaz de quase trocar socos com alguém que ventilou a história na sua vizinhança. Ontem ela me sugeriu um acordo que nos traria benefícios mútuos. Ela quer um marido, mas não vínculos emocionais. Sabe que preciso de uma esposa e que não tenho vínculo emocional a oferecer.

– Uma combinação celestial, então – disse George, em voz baixa.

– Talvez – falou Ralph.

Fez-se um longo silêncio, um tanto pesado, e um graveto mudou de posição e crepitou no fogo, fazendo faíscas subirem pela chaminé.

– Conte-me por que está considerando fazer o que pareceria ser uma ligação inadequada com essa dama infeliz – pediu George. – Seria talvez por acreditar que vai feri-la menos do que feriria uma dessas jovens inocentes? Se for isso, tenha cuidado, Ralph. Todos nós podemos ser feridos. Até damas que se tornaram párias sociais. Até você. Mas me *conte*.

Ralph contemplou o fogo, melancólico, antes de voltar a falar.

*Todos nós podemos ser feridos.*

# CAPÍTULO 4



Era sua última chance, pensara Chloe no dia anterior, quando fizera a proposta ao conde de Berwick. *Sua última chance*. Bem, se era mesmo, então tinha desaparecido. Assim como ele.

A desculpa que dera para o resto do dia anterior, de estar se sentindo mal, nem chegara a ser mentira. A ideia de voltar a encará-lo fazia seu estômago se revirar, provocando náuseas. Assim como a ideia de encarar qualquer pessoa. Ou até a si mesma, aliás. Sentia que, de algum modo, abusara da hospitalidade da duquesa. Sua Graça ficaria *horrorizada* se soubesse o que Chloe sugerira a seu queridíssimo neto.

Passara horas a fio sentada na cama, com as pernas cruzadas e olhando para a frente, as cortinas fechadas, o xale jogado sobre os ombros e o peito. Pensara uma ou duas vezes em se levantar, mas então veria a si mesma no espelho da penteadeira e teria que admitir que a vida continuava e que não tinha escolha a não ser seguir adiante, dia após dia de horror até o fim – que sem dúvida estaria distante, só para irritá-la. Era provável que passasse dos 90 anos.

Desde os 18, sofrera uma sequência de decepções e desastres, um seguido de outro, culminando naquela medonha insinuação, no

ano anterior, de que sua vida se baseava numa mentira. Claro que *suspeitara* – e ainda suspeitava – que talvez o pai não fosse seu verdadeiro progenitor. O marquês de Hitching! Bastava pronunciar o nome para sentir as entranhas gelarem. No entanto, na outra manhã, ainda ousara ter esperança de que o futuro lhe guardava *algo*. Quando aquela esperança se desfez, chegou ao fundo rochoso do poço do desespero.

De novo.

Começava a se tornar um lugar quase familiar. Mas talvez atingir aquele ponto tão baixo, o mais baixo possível, tivesse suas vantagens, pensou ela na manhã seguinte, ao despertar e perceber, com alguma surpresa, que dormira por diversas horas. Pelo menos não tinha como descer ainda mais. E pelo menos não teria que temer um novo encontro com o conde de Berwick por um bom tempo. A criada que lhe trouxera uma jarra de água quente, a seu pedido, garantira que ele havia deixado Manville levando o cabriolé e a carruagem com a bagagem e o criado pessoal.

Por não ter opção, Chloe desceu. Apesar da total falta de apetite, seguiu para a sala do desjejum e, com grande deliberação, foi se lembrando de tudo por que deveria se sentir grata. Havia muito a agradecer – no mínimo, o fato de não ser empregada em Manville Court, e sim hóspede, e de Sua Graça tratá-la com gentileza. Tinha liberdade para andar por onde quisesse, sendo que o parque que cercava a casa era amplo e muito bem-cuidado. E o verão estava chegando. Tudo parecia melhor ao sol, com o calor. Ah, sim, havia muitas bênçãos. Milhares de mulheres dariam o braço direito para levar aquela vida.

Seus pensamentos se voltaram para o pai, que tinha ficado muito transtornado antes de sua partida e ainda mais quando ela partiu, mas ela evitou aquelas lembranças em particular. Precisara partir. Tinha sentido a necessidade de se afastar dele por algum tempo enquanto organizava a cabeça, embora não soubesse bem como. Ou acreditava nele ou não acreditava.

Por que estaria ali se acreditasse nele?

Quatro dias depois de o conde de Berwick retornar para Londres, Chloe saiu para dar um passeio maior do que o habitual. O clima parecia ter evoluído da friagem do final da primavera para o calor do verão vindouro, e o sol brilhava. A duquesa tinha saído para visitar a Sra. Booth, mas durante o almoço dissera, com um sorriso cúmplice, que não esperava que Chloe a acompanhasse, pois a amiga já estava muito surda e com certeza ficaria mais contente tendo apenas uma companhia.

Chloe atravessou o gramado no lado leste da casa tomando o cuidado de se manter bem afastada do carvalho. Chegou ao rio. Uma ponte arqueada, de pedra, conduzia à campina que fazia parte do parque embora tivessem lhe dado uma aparência mais natural do que cultivada. Parecia muito convidativa sob a luz do sol: a relva ondulante salpicada de margaridas, botões-de-ouro e cravos. Mesmo sem atravessar o rio, já era possível ver as borboletas esvoaçando entre as flores. Contudo, naquele dia ela não se encontrava com disposição para a luz do sol nem para a alegria. Talvez numa outra ocasião…

Decidiu tomar o caminho que acompanhava a margem mais próxima da casa e logo foi envolvida pelas sombras das árvores frondosas que cresciam beirando o rio em ambos os lados. A água era verde-escura naquele ponto; adiante, começava a se agitar e a formar pequenos redemoinhos com espuma branca à medida que o declive do terreno a oeste gerava corredeiras e uma série de quedas, levando o rio a despencar em um grande lago natural. Chloe diminuiu o ritmo de seus passos e desfrutou os cheiros da água e das plantas, a visão de milhares de tons de verde e da luz do sol adentrando as folhagens ocasionalmente, os sons da água corrente e do canto dos pássaros.

Andou com todo o cuidado pelas pedras daquele caminho rústico, embora por sorte estivessem secas e não apresentassem

perigo. Terminou a descida e foi coberta pelo sol na margem do lago. A sombra e o som das corredeiras ficaram para trás.

Insistia em se lembrar de todas as bênçãos na sua vida. Como tinha sorte por poder caminhar naquele parque sempre que queria sair da casa e como era afortunada por ter aquele teto para viver pelo tempo que quisesse. Não sabia por quanto tempo *ficaria*. Com certeza, acabaria voltando para o próprio lar. Sabia que o pai sempre a amara tanto quanto amava Graham e Lucy, que eram filhos dele sem a menor dúvida. Sabia que os mexericos e suas perguntas tinham lhe causado muita aflição. Não sabia se ele lhe contara a verdade. Talvez nunca soubesse. E talvez não importasse. Ela o amava de qualquer modo. *Disso*, pelo menos, tinha certeza.

Contudo, se ao menos não tivesse dúvidas sobre a *verdade*…

Era terrível. Só alguém que houvesse passado pelo mesmo que ela poderia compreender: descobrir aos 26 anos que a própria identidade era duvidosa, que o pai – o querido *papai* – poderia não ser seu genitor… Um dos motivos para ela sair correndo de Londres no ano anterior fora o verdadeiro horror de esbarrar com o marquês de Hitching em algum lugar e sentir algum tipo de vínculo. Tinha sido mais do que um horror, na verdade. Tinha sido um pânico insensato. Se havia alguém no mundo a quem ela *nunca* iria querer encontrar, nem mesmo vislumbrar de relance, era o homem que conhecera sua mãe nove meses antes do nascimento *dela*.

Voltou a afastar aqueles pensamentos desagradáveis e importunos. Esforçou-se muito para aproveitar a beleza e a tranquilidade daquele cenário. Curvou-se para pegar algumas pedras e se apoiou no tronco fino de um salgueiro cujos galhos se debruçavam sobre a água dos dois lados, inserindo Chloe no que lhe pareceu ser seu mundo particular. Ali, a água era azul e cintilava sob a luz. As ramagens do salgueiro eram muito verdes. Os pássaros enchiam o ar numa algazarra.

Tomou uma das pedrinhas na mão direita, posicionou-a com cuidado com o polegar e lançou-a sobre a água como o pai lhe

ensinara com infinita paciência na sua infância. Mas estava sem prática. O seixo bateu na superfície e afundou sem quicar nenhuma vez.

Bem, ninguém deveria desistir na primeira tentativa. Nem depois de vinte, talvez. A segunda pedra quicou cinco vezes – seu recorde – e cruzou metade do lago antes de afundar. Chloe sorriu, cheia de si. Nem seu pai tinha conseguido mais do que isso.

*Ah, papai*... De repente, teve vontade de chorar.

Devia ficar satisfeita com o triunfo da pedrinha que quicou cinco vezes, pensou ela, arrependida, pouco depois, na quinta tentativa e terceira seguida em que o seixo quicou apenas uma vez, sem energia, antes de afundar. Seus esforços tinham alcançado algo. Sentiu-se um pouco mais animada.

– O segredo é movimentar o punho – disse alguém tão próximo que Chloe, assustada, deu um pulo e deixou cair as três pedrinhas restantes.

Ela olhou para a esquerda por entre os ramos do salgueiro. Mas não havia confundido a voz. Não era um dos jardineiros. O conde de Berwick se encontrava no meio da relva, a poucos metros da árvore. Devia ter percorrido o caminho mais direto a partir da casa. Estava em traje completo de montaria, com a longa casaca escura aberta e o chapéu que cobria seu rosto em sombras, sem mascarar suficientemente o perigo naquela cicatriz. Mexia um chicote que esbarrava no couro flexível de suas botas. O coração de Chloe parecia estar na garganta e batia descompassado, como um pássaro que tentava fugir.

– Se estivesse aqui há alguns minutos – disse ela –, teria visto que uma das minhas pedras quicou cinco vezes.

– Exibida – declarou ele. – Ou mentirosa.

– É verdade! – protestou.

Que *raios* fazia ele de volta a Manville? Não apenas na casa, mas ali no lago. Chloe se sentiu um pouco ridícula onde estava,

como se tentasse se esconder por trás do salgueiro, esperando não ser vista. Abriu caminho até a grama.

Ele a encarou sem pressa, com um leve vinco entre as sobrancelhas, o olhar frio e indecifrável. Chloe prendeu as mãos atrás das costas. Conteve-se a tempo para não pedir desculpas por estar ali quando ele talvez quisesse ficar sozinho. Ele podia ter evitado a conversa, afinal de contas. Devia ser óbvio que ela não percebera sua aproximação.

Mas por que ele buscaria a solidão dos jardins quando havia acabado de chegar? As botas estavam cobertas por uma fina camada de poeira, o que sugeria que ele cavalgara dessa vez, em lugar de dirigir o cabriolé. Cavalgara desde Londres? Por quê?

Ela falou algo bem tolo em vez de esperar que ele rompesse o silêncio.

– Não vou pedir desculpas pelo que aconteceu na outra manhã – anunciou ela. – Tive tempo para refletir sobre o que sugeri e mudei de ideia. Não foi nada além de um impulso tolo. Já esqueci o assunto. Espero, pela duquesa, que tenha trazido notícias felizes de Londres.

– Mudou de ideia? – perguntou ele depois de um momento enquanto o chicote batia ritmadamente em uma das botas. – É uma pena. Voltei para lhe propor matrimônio, Srta. Muirhead.



O duque cochilava em seu escritório, Weller informara Ralph na chegada, e a duquesa saíra para fazer uma visita vespertina à Sra. Booth. A Srta. Muirhead não a acompanhara. Lamentava, mas não sabia onde a moça se encontrava.

Não estava na sala de estar nem na sala matinal. Ralph conferiu. Nem no pátio do lado leste. Um jardineiro que ele chamara a vira cruzar o gramado rumo ao rio fazia cerca de uma hora. Porém ela não estava na margem nem na campina do outro lado da ponte.

Ralph olhou para a direita ao alcançar a ponte. Contudo, se ela tivesse seguido por ali, teria chegado à estrada de acesso e atravessado os portões em direção ao vilarejo. Com toda a certeza ele a teria visto. Além do mais, se fosse até o vilarejo, por que tomar um caminho tão acidentado? A trilha à esquerda avançava pelas árvores e acompanhava a curva do rio até as corredeiras e as quedas. Indo por ela e seguindo em frente, a moça chegaria o lago. Parecia um destino provável naquele dia tão bonito.

Ralph pegou o atalho para o lago passando mais uma vez perto da casa e descendo o gramado íngreme a oeste. Quase não a avistou ao chegar. A margem do lago parecia deserta. Então uma pedra surgiu de trás dos ramos mais próximos de um salgueiro, desenhou um arco e quicou uma vez, fazendo um ângulo fechado demais para alcançar outro quique. A pedra desapareceu nas águas. Só podia ter sido lançada por alguém – alguém não muito habilidoso. Outro seixo se seguiu e mais outro e outro, com o mesmo resultado.

E então ele a viu, com as costas voltadas para o tronco fino da árvore, o vestido verde funcionando como uma camuflagem quase perfeita naquele ambiente. “Quase” porque a mulher não usava chapéu e era revelada por aquele cabelo ruivo, mesmo se tivesse a intenção de permanecer escondida. Ela nunca usava chapéu?

Chloe não vira sua aproximação e, de uma forma estúpida, ele quase dera meia-volta antes que isso acontecesse. Mas por que diabo? Tinha feito todo aquele percurso no lombo de um cavalo, à frente da carruagem com a bagagem e o criado, com o único objetivo de procurá-la para uma conversa em particular. A boa sorte estivera com ele – não encontrara nenhum dos avós.

Ralph comparecera a um baile na noite após sua visita a George. Não era algo raro. Ele frequentava bailes. De hábito, dançava algumas vezes com damas conhecidas. Seria indelicado com a anfitriã não dançar nenhuma vez. O que ele *não* costumava fazer, porém, era permitir que a anfitriã – lady Livermere, no caso –

se pendurasse no braço dele como se tivesse recebido um troféu e desfilasse em sua companhia apresentando-o ao que parecia ser uma sequência infindável de jovens que ele nunca vira. E suas respectivas mães também. Nenhuma jovem respeitável compareceria a um baile sem a mãe a tiracolo em todos os momentos em que não estivesse dançando.

Ficara imaginando se sua mãe teria conversado com lady Livermere. As duas damas eram bastante ligadas.

À medida que a noite avançara, ele ficara ciente dos murmúrios interessados que se aguçavam à sua volta. Estava bem certo de que não era sua imaginação, pois fora obrigado a reservar danças com tantas daquelas jovens quantas podiam ser encaixadas em uma longa noite. Deveria ter ficado feliz. Sem fazer esforço, fora apresentado a uma série de candidatas aceitáveis e, ao mesmo tempo, assinalara que estava em busca de uma noiva. Se realmente quisesse evitar o incômodo de uma busca prolongada, ele poderia ter eleito a escolhida antes do final do baile, procurado o pai da jovem no dia seguinte e feito o pedido antes de outra noite. O compromisso poderia ser anunciado em todos os jornais matutinos dentro de dois dias. Todas as incertezas de sua existência teriam se transformado em certezas.

*Não era* a vaidade que o fazia crer que tudo teria sido tão fácil. Afinal, tinha um título de conde e uma fortuna. Além do mais, era o herdeiro de um ducado cujo titular atual era um homem com mais de 80 anos. As propriedades ducais, todas vastas e prósperas, espalhavam-se por grandes faixas de terreno na Inglaterra.

A maioria de suas parceiras de dança era bonita. Todas eram jovens e graciosas, com modos agradáveis e refinados. Algumas se mostraram animadas. Uma ou duas pareceram inteligentes e com alguma habilidade para conversar – pelo que se podia julgar no cenário dispersivo de um salão de baile. Todas eram perfeitamente aceitáveis. Apenas uma delas parecera repelida por sua cicatriz no rosto.

Assim que a última música acabara, ele fora para casa, para a cama. Como seus amigos Sobreviventes tinham conseguido – Hugo e Vincent primeiro, depois Ben e Flavian? Como abriram mão de tudo e assumiram um compromisso vitalício que poderia trazer apenas infelicidade para eles e, o que era igualmente importante ou até mais, que poderia trazer infelicidade para suas esposas? Como podiam *ter certeza*? Ou não tinham? Apenas esperavam a felicidade e apostavam o resto da vida em uma mera possibilidade?

Nenhum deles, até onde Ralph sabia, tinha sido obrigado ao casamento pelo senso de dever. Bem, talvez Vincent tivesse se sentido assim. Mas nenhum deles se dirigira a um salão de baile com a obrigação de encontrar a parceira de sua vida ali.

Depois de voltar para casa, não sobrara muito da noite. Passara o resto do tempo olhando para o alto, fitando o franzido intricado do dossel de cetim e pensando. Não nas candidatas a matrimônio bem reais que conhecera naquela noite, mas na nada ideal Srta. Muirhead.

“Não ideal”, como ela própria definira. Não era tecnicamente ilegítima, claro, mesmo que os boatos fossem verdadeiros, pois sir Kevin Muirhead a reconhecera como filha no nascimento. Mas tinha o grande azar de possuir o mesmo tom de pele e cabelo que Hitching e sua filha legítima, o que tornava difícil *não* acreditar nos mexericos do ano anterior. E havia a outra bagagem que ela carregava. A irmã, aos 17 anos, partira com Freddie Nelson enquanto a esposa dele ainda era viva, depois Graham Muirhead se enredara num duelo farsesco. O pai, em vez de deserdar a filha perdida, a aceitara de volta e – era bem provável – pagara uma fortuna ao recém-viúvo Nelson para que se casasse com ela antes do nascimento do filho. A Srta. Muirhead, nesse ínterim, tinha sido humilhada publicamente, rejeitada e barrada no Almack’s, também de forma bastante notória.

Chamá-la de “não ideal” era suavizar bastante a situação.

O dever de Ralph era casar. E, como não esperava qualquer

satisfação no casamento e, com isso, não se importava muito com *quem* se casaria, convinha-lhe agradar aos avós e à mãe escolhendo uma jovem adequada e talentosa, alguém que se ajustaria com facilidade a seu futuro papel e cujo nome estivesse livre de qualquer rumor de escândalo.

Conhecera pelo menos meia dúzia de candidatas perfeitas no baile. Entretanto, permanecera acordado pensando na Srta. Muirhead e em sua sugestão absurda e impertinente de que os dois fizessem… Como ela chamara? Um acordo.

*Que acordo…*

Fora visitar a mãe no dia seguinte. Ficara óbvio que ela conversara com lady Livermere, embora não tivesse comparecido ao baile. Ouvira falar de seu triunfo, do burburinho de interesse e empolgação que causara nas parceiras de dança. Compilara uma lista de jovens irrepreensíveis para ele conhecer e logo fazer a corte. Havia uma dúzia delas, quatro das quais tinham sido suas parceiras de dança na noite anterior. A mãe convidaria mais quatro, com suas mães, para tomar o chá da tarde em breve, assim como algumas outras damas, para que seu propósito não parecesse vulgar de tão óbvio. E aí, por acaso, Ralph lhe faria uma visita naquela tarde em particular. As outras quatro…

Ralph havia parado de ouvir.

Quatro dias depois de deixar Manning Court, ele se surpreendera no caminho de volta, determinado a procurar a Srta. Muirhead. De repente, o tal acordo parecera a melhor entre todas as opções. Pelo menos, nenhum dos dois ia se machucar. Como seria possível alguém se decepcionar quando não criava expectativas? Ela queria um marido, um lar, uma família, ambições compreensíveis numa mulher. Ele precisava de uma esposa e de uma família. Nenhum dos dois esperava ou sequer desejava amor ou romance nem qualquer um daqueles sentimentos sutis que algumas pessoas de disposição romântica julgavam necessários

para um bom casamento. Ele não tinha nada a oferecer nessa linha, e ela nada desejava. Fechara as portas para o amor.

Evitou pensar no que George dissera sobre o assunto.

Ela não era mesmo a escolha que julgariam perfeita. Mas por motivos injustos. Em todos aqueles eventos desagradáveis em que se envolvera nos seis anos anteriores, ela parecia ter agido de forma muito inocente. E – Ralph lembrara como o último ponto a favor dela – buscava uma vida tranquila no interior. Não queria mais nada com Londres e seus milhares de divertimentos. Nem ele.

Fosse como fosse, por mais que procurasse racionalizar em vez de usar apenas o bom senso, ali estava Ralph. Ele a procurara e lhe dissera com bastante ousadia *por que* estava ali.

*Voltei para lhe propor matrimônio*, *Srta. Muirhead.*

Mas só dissera aquilo depois que ela havia manifestado o que pensava sobre o assunto.

*Tive tempo para refletir sobre o que sugeri e mudei de ideia. Não foi nada além de um impulso tolo. Já esqueci o assunto.*

Ele a apreciava por aquelas palavras espirituosas, por encará-lo de nariz empinado em todas as situações e propósitos. Apreciou-a ainda mais pelo fato de ter erguido o queixo e pelo fulgor quase marcial que cintilou em seus olhos.

– Por quê? – perguntou ela naquele momento.

Parecia um desafio.

# CAPÍTULO 5



As mãos de Chloe continuavam às costas. Unidas com força. Por algum motivo, o terceiro dedo de cada mão enlaçava o indicador.

– Preciso me casar – disse ele em resposta. – E, considerando esse fato, prefiro que seja com alguém que não espere nem deseje o que não posso dar. *Posso* lhe dar um sobrenome com tudo o que ele implica no presente e promete para o futuro e posso oferecer segurança, respeitabilidade e proteção. Posso lhe dar um lar e filhos. De fato, filhos são o que trabalharei com mais diligência para lhe dar. Mas já sabe de tudo isso. Posso oferecer todos os benefícios materiais da minha riqueza e da minha posição social. Permitirei que tenha liberdade dentro dos limites da respeitabilidade. Contudo, não lhe darei amor nem romance, nem mesmo uma afeição fingida que não sinto. Mas me comprometo a *demonstrar* respeito e cortesia constantes.

Ela o encarava.

– A senhorita me informou há alguns dias que deseja se casar, ter a segurança de um lar, ter filhos – prosseguiu Ralph. – Informou-me que não tem desejo de manter qualquer vínculo emocional no casamento. Está correto, Srta. Muirhead?

Não havia emoção nos olhos nem na voz dele, mas ele falava

em casamento – no casamento dele com ela. Não poderia ter feito com que soasse mais impessoal mesmo se quisesse. Mas, claro, ela era quem tinha começado tudo. Entreouvira suas palavras para a avó e, ao se lembrar delas durante a noite, vira uma chance mínima de melhorar sua situação.

*Melhorar?*

*Contudo, não lhe darei amor nem romance, nem mesmo uma afeição fingida que não sinto.*

O que havia acontecido com ele? Não era daquele jeito nos tempos de escola. Graham sempre o descrevera como um personagem vibrante, carismático, um líder ardente que todos queriam seguir.

– Sim – disse ela, tentando usar o mesmo tom de voz dele. – Está correto.

– Então eu lhe proponho casamento – emendou ele.

Era isso. Com um simples “sim”, ela poderia se tornar esposa e mãe. Poderia ter o próprio lar, a segurança e a respeitabilidade de ser uma mulher casada. Nunca mais, nem se ele morresse antes, ela se sentiria essencialmente sem lar, sem raízes e sem identidade. Seria Chloe Stockwood, condessa de Berwick. Descobriria como era estar com um homem. Por muitos anos ela fizera conjeturas e ansiara por descobrir o segredo, com uma disposição muito pouco adequada a uma dama.

*Então eu lhe proponho casamento.*

Fechou os olhos e tentou imaginar se estar casada sob circunstâncias tão desoladoras seria ainda pior do que permanecer como se encontrava. Mas como seria *possível*? Nada poderia ser pior…

*Permitirei que tenha liberdade dentro dos limites da respeitabilidade.*

Aquilo significava o que ela imaginava? E queria dizer que ele tomaria a mesma liberdade? Seria ela capaz de suportar?

Pensou por um instante em seus sonhos de romance, de amor,

de casamento, tudo o que desejara em sua primeira temporada, na idade avançada de 21 anos. E o terrível despertar que liquidara seus sonhos. A realidade era preferível. Com esse casamento, pelo menos saberia o que esperar de antemão. Não haveria surpresas, portanto não haveria altos e baixos emocionais. Sempre havia bem mais baixos do que altos para quem se permitia envolver pela emoção.

– Um lar? – disse ela, abrindo os olhos para voltar a encará-lo. – No interior?

– A mansão Elmwood, em Wiltshire, é minha casa – disse ele. – É um solar de tamanho considerável, cercado por jardins agradavelmente planejados. Não passo muito tempo ali desde minha infância, mas pretendo mudar essa situação… depois do casamento.

– Residiria lá na primavera? – perguntou ela. – Bem como no verão e no inverno?

– Nem Londres nem a temporada de primavera têm grande apelo para mim – disse ele. – Ficaria feliz em evitar ambos. É o que poderei fazer assim que estiver casado. Desejo uma esposa para meu lar e uma mãe para meus filhos, não uma anfitriã para minha vida social. Nunca a forçaria a ir aonde não desejasse.

Ela quase pediu que ele prometesse. Porém a palavra de um cavalheiro era o bastante.

– Pois bem – falou ela, e o fitou com firmeza enquanto cruzava os dedos anulares e os mindinhos atrás das costas. – Eu aceito.

Ele não sorriu nem lançou o chapéu para o alto com euforia. Na verdade, parecia quase ameaçador, com a aba do chapéu cobrindo-lhe os olhos e a cicatriz rasgando seu rosto na diagonal. E parecia muito grande, talvez porque estivesse ligeiramente acima da encosta do gramado onde ela se encontrava. Ela havia mesmo acabado de concordar em se *casar* com aquele desconhecido melancólico?

– Trouxe comigo uma licença especial – anunciou ele.

Se ele tivesse fechado o punho e desferido um soco na boca do seu estômago, ela não teria perdido o fôlego daquele jeito. Com toda a certeza, não estaria pronta…

Mas que necessidade havia de esperar ou se preparar?

– Meu pai? – disse ela. – Sua mãe?

Ah, e mais um milhão de pessoas e de considerações. O vestido de noiva. O enxoval. Uma igreja e convites. Um desjejum comemorativo. Os proclamas nos jornais. Tempo para *pensar*. Nada de essencial. Para ele, seria um casamento de necessidade. Para ela, de grande conveniência. Não era uma união a ser celebrada com a família e os amigos, com banquete e danças. Não era uma ocasião que a noiva devesse recordar por meio século como o dia mais feliz de sua vida. As núpcias seriam apenas uma formalidade, a conclusão de um arranjo de negócios aceito pelos dois.

– A senhorita já é maior de idade – ressaltou ele. – Presumo que não necessite do consentimento de seu pai. Minha mãe pode saber de nosso casamento depois de ter sido oficializado. Se soubesse de antemão, tentaria interferir no andamento. Prefiro me casar sem nenhum rebuliço nem delongas.

– Antes que mude de ideia? – perguntou ela.

– Não mudarei de ideia. Por que mudaria? Se não for a senhorita, terá que ser outra pessoa. Pelo menos posso ter certeza de que não a magoarei.

Sim. Podia ter certeza. De uma forma nada lógica, ela se sentiu magoada.

Os olhos dele estavam fixos nos dela e talvez percebessem mais do que ela pretendera.

– *Não* a magoarei, Srta. Muirhead – assegurou ele. – É uma promessa. Depois que nos casarmos, eu a tratarei com toda a deferência e o respeito devidos à minha esposa e condessa. Já preparei um acordo por escrito que apresentarei a seu pai para discussão depois de nossas núpcias. Garantirei toda a segurança futura que poderia desejar, mesmo que eu venha a falecer. A

senhorita me propôs um acordo e eu o aceitei em seus próprios termos, pois são muito similares aos meus. Tem certeza de que é o que deseja?

Chloe descruzou os dedos e passou as mãos para a frente, para alisar a saia. Pela primeira vez, percebeu que tinha saído sem chapéu nem luvas – da mesma forma que fizera dias antes.

Teria um marido, um lar tranquilo e isolado no interior, filhos, segurança. O que mais poderia pedir quando poucos dias antes, até mesmo uma hora antes, contemplava uma vida sombria de tristeza e dependência? E tinha sido ela quem sugerira aquele acordo completamente racional.

– Tenho certeza – respondeu, fitando seus olhos.

Ele assentiu.

– Bem, agora temos apenas que superar a barreira de informar meus avós para que eu possa tomar as providências com o vigário. Para… amanhã, espero.

*Amanhã?*

Chloe sentiu o estômago revirar.

– Eles não vão gostar disso – falou ela. – Vão odiar. E vão me desprezar e me ver apenas como uma interesseira. Talvez até estejam certos.

O chicote de montaria voltara a bater no cano alto da bota, até que parou de forma abrupta e Ralph olhou em volta.

– Caminhe comigo, Srta. Muirhead – pediu ele, virando-se para andar pela grama na direção da queda-d'água e das pedras por onde ela descera.

Não olhou para trás para ver se ela o seguia. Aquela arrogância inerente, o pressuposto de que ele liderava e os outros o seguiam, era mais parecida com o que esperara ao conhecê-lo pessoalmente.

Chloe o alcançou e passou a caminhar a seu lado. Ele não fez menção de lhe oferecer o braço nem de iniciar qualquer tipo de conversa.

Subir aquela trilha íngreme era bem mais extenuante que descê-

la. Nunca havia caminhado naquela direção antes. Ignorou a mão que o conde de Berwick ofereceu para ajudá-la a galgar as partes mais difíceis, fingindo não perceber. Ele não insistiu, mas foi na frente dela até que tivessem vencido o trecho mais inclinado e só precisassem passar pelas quedas-d'água antes de chegarem ao terreno plano. Ele fez uma pausa para olhar para baixo e Chloe se pôs ao lado dele, o som da água voltando a ensurdecê-la.

– Era meu lugar favorito nos meus tempos de menino – contou ele, levantando a voz. – Era rigorosamente proibido vir para cá sozinho, então é claro que eu vinha o tempo todo.

Ela quase soltou uma gargalhada.

– É *mesmo* perigoso para uma criança – disse ela.

– Claro – concordou ele. – Para um adulto também. Mas as crianças são bem mais firmes do que os adultos imaginam e o mundo foi feito para que explorem e enfrentem desafios.

– E também para que se machuquem? Talvez se matem?

– Acidentes acontecem – falou ele, dando de ombros.

Chloe o encarou. Ele parecia franzir os olhos como se visse algo nas águas turbulentas. Seu lado bom do rosto estava à mostra e ela ficou impressionada com sua boa aparência. E não eram apenas o rosto e o cabelo escuro. Tinha um físico perfeito para sua altura e usava as roupas de montaria com uma elegância casual, apesar da poeira que diminuía o brilho das botas. Parecia indócil, pensou ela, como se houvesse uma força, uma energia à espera de oportunidade para se manifestar. Ocorreu-lhe então que mal o conhecia. E até isso seria melhor do que a realidade. Não o conhecia em absoluto. No entanto, no dia seguinte, àquela hora, era bem possível que já estivesse casada com ele.

Ele se voltou abruptamente e lhe estendeu o chicote de montaria.

– Pegue isto – disse, autoritário.

Quando ela segurou o chicote, olhando-o com alguma surpresa, Ralph tirou as luvas e as jogou para Chloe também.

– Segure-as.

E entrou no rio, o pé direito apoiado em uma pedra submersa enquanto o esquerdo procurava outra.

O leito do rio se inclinava ali. A água batia depressa no fundo pedregoso. As quedas começavam a poucos metros. Se escorregasse…

Chloe mordeu o lábio inferior e conteve um apelo para que tomasse cuidado. Ou para que dissesse que diabo estava fazendo.

Ele parou no meio e se curvou sobre um grupo de pedras que despontavam acima da superfície. Chloe não conseguia enxergar direito o que ele estava fazendo, embora uma das suas mãos tivesse entrado uma vez no bolso do casaco. Depois, ele se virou e voltou para a margem.

– Em que estava *pensando*? – gritou ela, pois de outro modo não conseguiria se fazer ouvir acima do barulho da água, depois que Ralph voltou a estar em segurança a seu lado. – Podia ter se *matado* – emendou.

O conde a encarou com ar inexpressivo, embora ela tivesse a sensação perturbadora de que havia algo à espreita na profundidade daquele olhar, algo quase… travesso? Ele tomou o chicote e as luvas com uma das mãos e pôs a outra no bolso. Tirou de lá uma única pedra – um seixo achatado, fino, liso, quase redondo.

– Na próxima vez que for ao lago, talvez a senhorita consiga fazer com que esta aqui quique *seis* vezes – disse ele, entregando-lhe a surpresa.

Ela tomou a pedra perfeita e o fitou.

– Arriscou sua vida por uma pedrinha que posso jogar na água sem conseguir que ela quique uma vez sequer?

– Ou por uma pedrinha que talvez quique *sete* vezes.

O que…? Ela fechou os dedos em volta da pedrinha e teve a certeza, no mesmo instante, de que nunca a lançaria, não nas profundezas de um lago. Sabia que a guardaria. Um dia talvez

mostrasse aos netos o presente que o avô lhe dera no dia em que a pedira em casamento. Nada de diamantes nem ouro, mas… uma pedra. E ela lhes contaria que ele arriscara a vida de uma forma um bocado estúpida para obtê-la.

Seu próprio toque de romance estava guardado com cuidado, em sua mão.

– Se um dia trouxermos crianças a Manville – disse ela –, vou amarrar a ponta de uma corda nos pulsos delas e a outra no meu sempre que saírem e nunca as deixarei longe dos meus olhos por um momento sequer.

O rosto dele parecia inexpressivo.

– Bastaria ter me agradecido, Srta. Muirhead – falou o conde, e, com uma ponta de espanto, Chloe percebeu que, na verdade, ele estava se divertindo com a situação.

E talvez ela também estivesse.

De repente ele se virou e voltou a subir até alcançar a parte plana do terreno. O estrondo das quedas ficou para trás e Chloe passou a ouvir a própria respiração entrecortada enquanto as águas ficavam calmas e verde-escuras de novo. Via o céu azul e a luz do sol no topo das árvores. Em breve, os dois passariam pela ponte e seguiriam para a casa.

Ela parou de andar.

– O que vai dizer? – perguntou. – Tanto o duque quanto a duquesa já devem saber que voltou mas que não se encontra na casa.

– Direi a eles que fui caminhar pelos jardins em sua companhia – disse ele, voltando-se para ela. – E que a pedi em casamento. Direi a eles que aceitou meu pedido. Sempre achei que a verdade é a coisa mais sábia a ser dita quando não há nenhum motivo para *não* dizê-la.

Ela respirou fundo, um tanto ofegante.

– Concordei que casar é meu dever – explicou ele. – Permiti que meus avós, ou que pelo menos minha avó, insistissem na urgência

do meu matrimônio pois é uma prioridade que eu mesmo deveria considerar. Não permitirei, no entanto, que ninguém além da dama a quem propus casamento tente influenciar minha escolha. Eu a escolhi pelas razões que conhece. Se meus familiares não gostarem dessa escolha, será problema deles, não meu.

– Sua Graça tem sido bondosa comigo.

– Não me convencerá a mudar de ideia, Srta. Muirhead – rebateu ele. – Mudou de ideia? Porque não tem coragem de se casar comigo, talvez?

Ele nem mesmo tentou tranquilizá-la. Ela até gostou. *Tinha mesmo* coragem de se casar com ele? Ou, talvez o que fosse mais exato, teria coragem de *não se casar*? Nunca voltaria a ter uma oportunidade daquelas. Ou *qualquer* oportunidade, muito provavelmente. Esfregou os dedos na pedra que agarrava.

– Não mudei de ideia – assegurou ela.

Quando os dois se aproximaram da casa, não havia nada que ela quisesse mais do que subir para o quarto enquanto ele dava a notícia aos avós. Mas logo chegaria o momento em que teria que descer e enfrentá-los. Melhor fazer isso logo, antes que perdesse a coragem.

As coisas não ocorreram conforme o plano, porém. Encontraram o mordomo na entrada, com um ar estranhamente disperso, enquanto um lacaio se mexia, desajeitado, jogando o peso de um pé para o outro como se aguardasse instruções antes de sair correndo para algum lugar. A porta do gabinete do duque estava escancarada e, lá de dentro, misturavam-se as vozes do duque, da duquesa e do valete de Sua Graça.

A duquesa apareceu na entrada, ainda vestida com as roupas que usara para visitar a Sra. Booth, e se dirigiu ao mordomo:

– Ele não quer ver o médico, Weller – disse ela. – Diz que não o receberá se ele aparecer. Melhor nem chamar.

– Não preciso de nenhum charlatão – ralhou o duque num estrondo, de dentro do gabinete. – Um homem não pode nem dormir

e roncar em seus aposentos particulares, na própria casa, sem que se presuma que está à beira da morte? Bentley, seu vilão, pare de me *rondar* ou vou mandá-lo embora sem aviso nem carta de recomendação.

A duquesa avistou o conde, que atravessava o corredor em sua direção.

– Ah, Ralph – disse ela, sem comentar sobre sua aparição súbita e inesperada. – É exatamente o homem de quem preciso. Venha devolver alguma sensatez a seu avô. Ele estava gemendo e segurando o peito, lutando para respirar, quando vim bisbilhotar há algum tempo, depois que voltei da casa da Sra. Booth. Agora, porém, ele declara que está na melhor forma possível. Ele vai *me* levar para a sepultura antes que eu envelheça mais uma hora.

O conde de Berwick se transformou diante dos olhos de Chloe. Assumiu uma postura de comando que deixava muito fácil imaginar como fora no papel de militar. Foi a passos largos rumo ao gabinete antes mesmo que a avó dissesse uma palavra, os calcanhares das botas batendo no piso de mármore. Afagou seu ombro sem interromper o passo e desapareceu no interior do aposento.

– Berwick – disse o duque. – O mundo enlouqueceu.

– Como se sente, senhor? – perguntou Ralph, soando animado. – Parece sadio e vigoroso, devo dizer. Mas minha avó tem andado preocupada e precisa ser tranquilizada. Permita-me, por ela, chamar o Dr. Gregg. Depois que ele não tiver encontrado nada errado, o senhor terá a satisfação de repetir “eu avisei”.

– Maldito charlatão! – voltou resmungar o duque, mas Chloe percebeu que ele estava prestes a ceder.

– Bentley – chamou o conde –, faça a gentileza de pedir a Weller que mande alguém buscar o doutor. Depois disso, traga uma taça de conhaque. Talvez meu avô esteja se sentindo perfeitamente saudável, mas por que desperdiçar uma boa desculpa para desfrutar uma bebida durante o dia?

O valete do duque já passava por Chloe na entrada. Estava

envolvido numa tarefa desnecessária, porém. O mordomo já despachara o lacaio, que saíra correndo pelos portões para chamar o médico.

– Ele é *tão* teimoso! – queixou-se a duquesa para Chloe. – Sempre foi assim. Não sei como consegui suportá-lo por todos esses anos.

– Foi por causa do meu rosto atraente – disse o duque, tossindo e cobrindo o coração com uma das mãos.

– Arrá! – atalhou a duquesa.

E então a senhora olhou para o neto e franziu a testa.

– *Ralph?* O que está fazendo aqui? Não me diga que já tem uma boa notícia para nos dar… Ou, melhor, *diga*. É uma *boa notícia*?

O conde estava de pé diante da cadeira do duque, olhando-o com uma ruga na testa. Virou-se ao ouvir essas palavras. Olhou para a avó e depois para Chloe.

– Tenho – disse ele. – Se a boa notícia a que se refere diz respeito ao anúncio do meu compromisso, vovó. Estou noivo, muito *recentemente* noivo. A Srta. Muirhead acaba de me dar a honra de aceitar meu pedido de casamento.

Chloe prendeu as mãos com força diante de si.

– Acredito que vá nos desejar felicidade – acrescentou o conde.

Ralph garantira à Srta. Muirhead que a noiva seria escolha exclusiva dele, que a opinião da família sobre a opção dele seria problema dela. Mesmo assim, sentira alguma ansiedade em relação ao modo como os avós reagiriam quando chegasse o momento, pois, apesar de a duquesa ter acolhido pela bondade de seu coração a neta da mais querida amiga da juventude, não necessariamente veria com bons olhos um casamento entre a dama e seu único neto. De fato, parecera muito provável que ela se horrorizasse, como a Srta.

Muirhead previra. Ralph não lamentaria sua escolha, mesmo se houvesse tal reação, mas lamentaria decepcionar os avós.

Naquele momento, porém, tinha mais em que pensar além da simples reação ao noivado: o avô, com toda a certeza, não parecia bem. Havia um toque de palidez em torno de sua boca e nas rugas dos cantos do nariz. E sua avó estava agitada e extremamente preocupada. Por um momento, Ralph pensara em responder de outra forma à pergunta feita por ela e deixar o anúncio para depois. Mas tomara a decisão impulsiva de responder com a verdade.

Foi impossível uma reação imediata, pois Bentley adentrou o escritório correndo, com uma taça de conhaque na mão, enquanto Weller gravitava do outro lado da porta, seu habitual comportamento impassível substituído por uma ansiedade evidente.

Bentley tentou levar a taça aos lábios do duque, mas recebeu urros e resmungos em resposta, de modo que a deixou nas mãos do patrão, que tomou dois goles generosos antes de baixá-la.

– Feche a porta depois que sair, Bentley – disse ele. – Sua cara de enterro e a de Weller me deixam doente.

O restante deles continuava paralisado e em silêncio e assim permaneceu até que a porta bateu.

A duquesa foi a primeira a falar:

– Chloe? – falou ela, soando mais intrigada do que ultrajada. – Vai se casar com *Chloe*, Ralph?

*Chloe.* Que estranho: aquela foi a primeira ocasião em que ele ouviu o nome da noiva. Ela permanecia perto da porta, as mãos unidas diante do corpo, na altura da cintura, como uma preceptora.

– Sim – respondeu ele. – Meu interesse foi despertado quando estive aqui há alguns dias. Voltei hoje para lhe fazer a proposta, depois que percebi que já havia encontrado a dama com quem quero me casar e que não precisava nem desejava buscá-la nos salões de festa de Londres.

O duque tomou mais um gole da bebida e já parecia mais recuperado.

– Então anda pensando em se casar, Berwick? – indagou o avô. – Com que idade está? Vinte e cinco anos?

– Vinte e seis – respondeu Ralph. – Sim, senhor. Depois que meu pai partiu sem me deixar irmãos, considero que o casamento seja a decisão mais responsável.

– Com uma pequena ajuda de sua mãe e sua avó, sem dúvida – comentou o duque. – Suponho que tenha sido por isso que apareceu aqui há alguns dias e partiu num piscar de olhos. Ouviu uma preleção sobre minha idade avançadíssima e foi enviado na missão de cumprir seu dever, não foi?

– Por acaso, senhor – disse Ralph –, meu dever se tornou também meu prazer.

O avô pigarreou ruidosamente.

– Chloe – repetiu a avó, com uma ponta de espanto na voz. – A neta da minha querida Clementine e meu neto vão se casar. Por que não pensei nisso antes? Ah, como gostaria que Clemmie tivesse vivido para ver este dia a meu lado!

Ralph ergueu as sobrancelhas. A Srta. Muirhead virou a cabeça abruptamente para a anciã.

– Chloe, minha querida – disse a duquesa, abrindo os braços. – Venha me dar um abraço.

– Não está… zangada comigo, Vossa Graça? – perguntou a Srta. Muirhead enquanto se aproximava.

– Ah, talvez devesse – respondeu a duquesa ao abraçar a jovem e depois afastá-la um pouquinho para examiná-la. – Com certeza a condessa, mãe de Ralph, vai esperar que eu fique furiosa, assim como os maiores figurões da aristocracia, todos muito metidos a besta. Mas por que eu deveria me deixar abalar por mexericos vulgares? Ou pelas travessuras de sua irmã? Sabe, sua aparência lembra muito Clementine, sua avó, apesar dos tons tão diferentes. Clemmie tinha o cabelo mais escuro, de um castanho lustroso, olhos azuis e a pele rosada como uma pétala. Foi a mais atordoante beldade de nosso tempo, e eu a teria odiado intensamente se não a

amasse tanto. Não acha Chloe parecida com Clemmie, Worthingham?

– Como eu poderia saber? – perguntou o duque, com mansidão forçada enquanto se preparava para beber a última gota na taça. – Proibiu-me de olhar de novo para ela quando vocês duas estavam com 18 anos porque eu elogiei uma pinta que ela havia colocado com tanta graça perto da boca. Nunca mais voltei a vê-la.

A duquesa estalou a língua e olhou o teto.

– Diga-me, Chloe, você ama esse bruto do meu neto? – perguntou. – Ele alega que sua capacidade de amar ficou nos campos de batalha, onde quase perdeu a vida também, mas digo que é uma grande besteira e que ele só precisava era conhecer a mulher certa.

– Sinto-me profundamente honrada pela proposta de lorde Berwick, Vossa Graça – disse a Srta. Muirhead. – Farei tudo o que estiver a meu alcance para lhe dar conforto e… felicidade.

A duquesa, que mantinha a mão da moça entre as suas, lhe deu uma batidinha leve.

– Claro que se sente honrada – disse ela. – Que garota não se sentiria quando um futuro título de duquesa aparece bem na sua frente? Lembro muito bem como *me senti*. Teria que sentir uma aversão *profunda* pelo duque para ter coragem de recusar. Por sorte, não sentia nenhuma. Muito pelo contrário. Mas está certa ao evitar responder minha pergunta sobre seus sentimentos em relação a Ralph. É um assunto particular, a ser tratado apenas entre os dois quando estiverem sozinhos.

O duque voltou a pigarrear.

– Acredito que a ocasião peça champanhe – falou ele. – Peça a Weller que leve champanhe para a sala de estar, Berwick. E peça a ele que mande Bentley para me ajudar a ir até lá. Não. Esqueça essa parte. Pode me dar *seu* braço, porque acredito que sua noiva consiga subir a escada sem se apoiar em você. E diga a Weller que, se o charlatão chegar na próxima hora, ele pode esperar no saguão.

– Isso, champanhe na sala de estar – concordou a duquesa. – Temos um noivado a celebrar e uma *festa de casamento* a discutir. Chloe, pode me dar seu braço, por favor. E você, Ralph, diga a Weller que deve nos procurar e *me* informar assim que o Dr. Gregg chegar.

*Não*, pensou Ralph. Ele não cometera um erro. O anúncio distraíra a avó de forma positiva. E tinha desviado um pouco das atenções do avô, que reagira, embora ainda não parecesse bem.

# CAPÍTULO 6



A primeira barreira fora vencida sem tropeços. Ralph se sentia menos esperançoso em relação à segunda. Weller levara o champanhe para a sala de estar e servira a todos antes de se retirar. Ralph puxou o assunto do casamento antes que o avô pudesse propor um brinde.

– Acho que o melhor é casarmos o mais depressa possível, sem nenhum rebuliço – falou ele. – Trouxe comigo uma licença especial.

– *Licença especial?* – repetiu o duque, com as sobrancelhas brancas e espessas unindo-se para demonstrar sua indignação. – Está sugerindo um casamento improvisado para o conde de Berwick? Fora de questão. O herdeiro da linhagem tem sempre a festa de casamento mais grandiosa de todas em Londres, na igreja St. George, na Hanover Square, com toda a aristocracia convidada. Até alguns membros da realeza costumam aparecer.

– E, em seguida, uma recepção grandiosa na Casa Stockwood – acrescentou a duquesa. – Foi o que *nós* fizemos e o que sua mãe e seu pai fizeram, Ralph. No entanto…

A palidez da Srta. Muirhead havia aumentado quando Ralph a olhou de relance. A avó fitava o marido e voltara a parecer preocupada.

– Os proclamas correriam por um mês – prosseguiu a senhora. – Teríamos necessidade de nos mudar para Londres e fazer visitas infindáveis a costureiras e alfaiates. Haveria jantares e festas e um baile pré-nupcial, como tivemos, como seu pai teve, Ralph. A Casa Stockwood ficaria de cabeça para baixo para o baile e depois para a recepção, com o desjejum festivo. Não sei se teria energia para tudo isso.

Como se fosse ela, pensou Ralph, a encarregada de fazer o planejamento e receber os convidados, sem falar de toda a faxina, arrumação e atividades na cozinha. Como se ela e o duque não pudessem simplesmente chegar a Londres um dia antes da cerimônia e partir um dia depois. Mas ele compreendia suas intenções, então ficou quieto. A Srta. Muirhead segurava os cantos do vestido. As dobras da saia não escondiam que os dois dedos de cada mão estavam cruzados para garantir a sorte.

– Hein? – disse o avô, sem elegância. – Baile? Recepção? Ambos na Casa Stockwood?

– Sempre foram realizados lá – garantiu-lhe a esposa. – Seria o esperado. E não seria de bom tom quebrarmos a tradição.

– De forma alguma. Não permitirei que seja incomodada por todo esse rebuliço e confusão – determinou o duque. – Não tem discussão, Berwick. Terá que se casar aqui mesmo.

Como se a ideia tivesse partido dele.

– No próximo mês, enquanto aguardamos os proclamas… – foi pensando a duquesa, tamborilando com um dedo nos lábios e franzindo a testa enquanto lançava um olhar expressivo para o marido. – Haverá tempo de mandar convites para todos os parentes, amigos e conhecidos na Inglaterra. Todos os quartos de hóspedes serão tomados, assim como os quartos de todas as estalagens a quilômetros daqui. Haverá também uma multidão a alimentar por vários dias e muitas pessoas a receber. E todos esperarão que façamos um baile e um desjejum festivo.

Ralph se recostou na poltrona, sem sequer tentar contribuir para

a conversa. Parecia que a avó tinha tudo sob controle. Encontrou o olhar da Srta. Muirhead – da Srta. *Chloe* Muirhead. Chegou a pensar em piscar para ela e lamentou não ter feito isso no momento seguinte, quando ela franziu os lábios ligeiramente e ele percebeu que também compreendia. As mãos haviam desaparecido e ele não podia ver se ela descruzara os dedos.

Pensou na imagem dela mais cedo, parada na margem do rio enquanto ele entrava na água para procurar uma pedrinha que pudesse quicar várias vezes – pensando bem, que diabo o possuíra para fazer algo tão impulsivo? Teria se sentido um asno caso escorregasse e se encharcasse, ainda mais se fosse levado pela queda-d'água. Ela parecera ansiosa e irritada. Praticamente zunira de vontade de repreendê-lo. E ele quase se pegara gostando dela.

E por que, afinal de contas, não deveria gostar? Não nutria fortes sentimentos por ela nem nunca nutriria. Mas, se ela se tornaria sua esposa, se estavam destinados a passar o resto de seus dias – sem falar das noites – numa proximidade quase constante, se estavam destinados a ter filhos e a dividir sua educação, então, com certeza, seria melhor gostar dela do que não gostar.

– Se Berwick trouxe uma licença especial, então por que esperar um mês inteiro? – questionou o duque. – Por que esperar uma semana, aliás? Por que se dar o trabalho de encher a casa de hóspedes apenas para que nos mantenham acordados à noite com danças, passeios e comilanças até nos darem vontade de sair de nosso lar? Por que esperar *um dia*?

– Acha que Ralph deveria falar com o reverendo Marlowe assim que terminarmos os brindes, Worthingham? – perguntou a duquesa. – Acho uma ideia muito boa. E Ralph com certeza concordará, senão não teria se dado o trabalho de trazer a licença. Chloe, minha querida, o que *você* acha? Talvez o vestido de noiva, o enxoval, as festas e os convidados sejam importantes para você. Afinal de contas, você é a noiva.

Ralph observou sua noiva cerrar os olhos por um momento,

único indício de que não estava completamente sob controle. As mãos, com todos os dedos descruzados, tinham ido para o colo e pareciam relaxadas.

– Não faço questão de nada disso, Vossa Graça – assegurou ela. – Ficarei feliz em me casar com o conde de Berwick amanhã, se for possível.

E seus olhos pousaram nele e quase se arregalaram, como se estivesse apenas começando a se dar conta da realidade de tudo.

Assim como ele.

Em breve ela se tornaria alguém tão familiar quanto sua imagem refletida no espelho. Como seria aquilo – não estar sozinho? A solidão fora a pior de suas aflições depois que voltou da península Ibérica, pois não ficara sozinho desde os 12 anos, antes de partir para a escola, e mesmo então havia as irmãs e os pais. Gradualmente, com o passar dos anos após seu retorno, ele formara vínculos profundos com seus seis companheiros Sobreviventes. Amava-os e confiava neles. Mas nunca cometera o erro de crer que pudessem preencher o vazio em seu âmago.

Estava sozinho e seria assim para sempre. De algum modo, fizera amizade com a solidão. O casamento ameaçaria aquela relação. Haveria uma mulher – *aquela* mulher – em sua vida, para sempre, até mesmo na sua cama. Por acaso ele a considerava atraente do ponto de vista sexual, mas seria um pequeno consolo para a perda de privacidade que teria que suportar.

A perspectiva era aterradora.

E tudo começaria já no dia seguinte.

O avô pigarreou e ergueu a taça para um brinde.

Chloe tinha um traje que estava, ao mesmo tempo, novo e razoavelmente na moda, pois fora comprado no ano anterior, em Londres. Nunca o usara. Era um vestido de passeio verde-claro com

mangas compridas e justas, um rufo bem marcado na gola, cintura alta e uma saia ligeiramente solta. Um chapéu de aba estreita que se curvava na parte de trás para acomodar seu cabelo completava o conjunto. Não tinha adornos além da fita simples de cetim dourada que o mantinha preso sob o queixo. Chloe escolhera sapatos confortáveis e luvas que combinavam com a fita.

Por pouco não deixara a roupa em casa em vez de levá-la para Manville Court, mas lembrara a si mesma que seria uma temporada de duração indefinida com uma duquesa e que havia a possibilidade de comparecer a algum evento de maior formalidade. Jamais teria imaginado que o evento fosse seu casamento.

Estava noiva, pensou ao examinar a própria aparência no espelho de corpo inteiro em seu quarto. Ficou satisfeita com o que viu. A duquesa insistira em mandar sua criada pessoal para ajudá-la, e a Srta. Bunker lhe fizera um penteado com cachos intrincados na parte de trás antes de lhe colocar o chapéu. Tinha amarrado o laço sem apertar muito, perto da orelha esquerda de Chloe. O vestido era bonito e elegante e, com toda a certeza, valorizava sua silhueta esguia.

Todos esses fatos satisfatórios não conseguiam amenizar o frio que sentia na boca do estômago. Da próxima vez que estivesse ali, dentro de uma ou duas horas, talvez, e retirasse o chapéu para fazer a refeição, seria uma mulher casada. Seria Chloe Stockwood, condessa de Berwick – isso se algo desastroso não acontecesse para interromper a sequência de eventos. Se alguém não invadisse a capela para declarar que havia um impedimento intransponível ao casamento, naquela temida pausa que havia após a pergunta do sacerdote, como em todas as cerimônias.

Era agradável sentir frio num passeio no campo. Menos confortável era o frio no estômago. De repente, desejou com intensidade que o pai estivesse ali. Ou Lucy, ou Graham. Ou tia Julia. Ah, desejava que *todos* estivessem ali. Nunca esperara se sentir tão sozinha no dia de seu casamento. Na verdade, nunca

esperara que chegasse o dia de seu casamento. Pelo menos não nos últimos seis anos. *Muito menos* no último ano.

Alguém bateu à porta do quarto, às suas costas, e a abriu sem esperar resposta. A duquesa. Usava um vestido azul-real e um largo chapéu antiquado com grandes plumas.

– Bunker tinha razão – disse ela. – Está com ótima aparência, Chloe, levando em conta o fato de que não tivemos tempo para providenciar seu enxoval. Perdoe-me, querida, por apoiar o desejo de Ralph de se casar ainda hoje e persuadir o duque de que se tratava de uma sugestão dele. Lamentei ter sido obrigada a fazê-lo, pois com certeza não é o sonho de nenhuma noiva. Ralph, claro, decidiu que chegara a hora de se casar e para ele, então, o passo lógico é simplesmente se casar. É provável que não tenha pensado em nenhum momento em todo o aparato que cerca uma cerimônia da forma como a noiva, as duas famílias e todo o mundo elegante esperariam. Quanto a Worthingham… Bem, ele foi mimado a vida inteira e não tem imaginação para compreender que grandes eventos não se materializam do nada, sem antes provocar trabalho infindável, forte ansiedade e muito desconforto para todo tipo de gente. Mesmo assim, poderíamos…

– Compreendo perfeitamente, Vossa Graça – garantiu Chloe.

– Compreende?

A duquesa se sentou na beirada da cama e pareceu um pouco perdida de repente.

– Sim, acredito que compreenda. Suspeitei a verdade antes que o Dr. Gregg a confirmasse ontem, é claro. Worthingham teve um leve ataque cardíaco, embora eu não saiba como um ataque cardíaco possa ser leve. A mim, parece um tanto contraditório. Deve ficar bem desde que se mantenha tranquilo e não coma nem beba em excesso. Pelo menos foi o que o Dr. Gregg garantiu ao duque e a mim. O que disse a Ralph em seguida, quando voltaram juntos para o vilarejo, não sei. Tive medo de perguntar. Mas temi os

resultados dos prolongados planos nupciais e das celebrações estendidas e me pareceu melhor dispensá-los. Fui muito egoísta.

– Talvez devêssemos ter esperado, Vossa Graça. Talvez ainda seja possível. Talvez…

Mas a duquesa a interrompeu:

– Ah, creio que houve um mal-entendido, minha querida. Quero ver Ralph casado. Quanto mais cedo, melhor. E quanto mais penso nisso, mais feliz eu fico com sua escolha. Você é mais velha e mais experiente do que as moças que ele teria conhecido nos salões de Londres. E tem um bocado de bom senso. Ele é um homem transfigurado, Chloe. Se o conhecesse antes, você me compreenderia. E não me refiro apenas à aparência. Meu neto deixou para trás, no campo de batalha, algo que nunca recuperou. Mas pelo menos não apresenta mais tendências suicidas. Quando voltou, tudo o que dizia era que desejava a morte, que queria pôr fim em tudo. Chegou a tentar uma vez… que eu tenha tido conhecimento. A medicação tinha ficado ao alcance dele… não apenas a dose seguinte, mas tudo. Ele quase…

Chloe a escutava com atenção.

– Bem, não importa – concluiu a duquesa. – Não aconteceu. Mas foi o que levou meu filho, o pai dele, que ainda estava vivo na época, a enviá-lo para a Cornualha, na companhia do duque de Stanbrook, onde havia um médico que tratava de casos parecidos com o de Ralph. Problemas de cabeça, quero dizer. Ficou lá por três anos, até começarmos a duvidar de que voltaria para casa. Mas por que estou falando dessas coisas no dia do seu casamento, quando deveríamos estar em festa e nos dirigindo à capela?

Chloe ficou gelada. Ele desejara morrer? Tinha chegado a tentar se matar? E passara três anos na Cornualha antes de ter condições de voltar para casa? Com olhos vazios, a alma vazia e incapaz de amar?

*Problemas de cabeça, quero dizer*.

O que ela estava fazendo?!?

Mas era tarde demais para fazer qualquer coisa além do que começara na véspera. O vigário chegaria para celebrar o casamento em meia hora. Não iriam para a igreja do vilarejo, mas para a capela atrás da casa, localizada entre as árvores, não muito longe do trecho onde a margem do rio começava a descer e formar corredeiras em direção à queda-d'água. A capela era usada para batismos familiares, Chloe sabia, e para outros momentos particulares. Nunca tinha sido cenário de um casamento.

Ela ofereceu o braço à duquesa.



Foram devagar para a capela, os quatro. Passaram pelos canteiros de ervas, entre a horta de um lado e fileiras de flores do outro. E na direção das árvores.

O vigário estaria à espera.

Não haveria outros convidados.

Ralph tinha certeza de que nenhum de seus avós estava inteiramente feliz em relação ao casamento sem pompa nem convidados nobres. Nem sua mãe e suas irmãs estavam ali. Nem o pai da noiva, seu irmão ou sua irmã. No entanto, era uma cerimônia importante para os dois. O avô, suspeitava Ralph, tinha ficado mais abalado pelo ataque cardíaco da véspera do que admitia. Embora não falasse muito sobre a sucessão, Ralph acreditava que ficaria mais tranquilo se visse o neto, seu único herdeiro, casado. A avó também estava preocupada, mesmo que Ralph não tivesse lhe contado o que ouvira do Dr. Gregg no dia anterior, quando os dois foram juntos para o vilarejo. Um ataque cardíaco do tipo que o duque sofrera, embora suave, avisara ele, poderia ser apenas o primeiro de uma série. Qualquer um, ou o acúmulo deles, poderia ser fatal.

A avó temia que a agitação de uma grande festa de casamento estivesse além das forças do duque. Maior ainda, suspeitava Ralph,

era seu medo de que ele morresse antes da cerimônia, exigindo adiamento justamente quando a necessidade do casamento seria mais urgente do que nunca.

Ralph adquirira a licença e sugerira que aquele fosse o dia das núpcias apenas porque queria resolver o assunto antes que pudesse pensar em desculpas para procrastinar. Contudo o episódio com o avô na véspera o convencera de que era mesmo a melhor medida.

E a Srta. Muirhead? Quais seriam *seus* pensamentos e sentimentos?

Se fosse uma cerimônia de casamento normal, ele estaria na capela esperando ansiosamente por sua chegada e ela entraria pela porta de braço dado com o pai enquanto a família e os amigos a contemplariam, admirados. Algumas pessoas chegavam a crer que o fato de o noivo ver a noiva antes da hora atraía azar. Contudo ali estavam, caminhando juntos para a capela. Quer dizer, ele caminhava com o avô apoiado em seu braço enquanto Chloe fazia o mesmo com a avó dele.

Ela estava bem-arrumada e parecia tranquila. Vestira-se com elegância discreta, com uma roupa que valorizava sua silhueta esguia. O chapéu – sim, ela usava um naquele dia – era bonito, ainda que simples. O cabelo exuberante fora arrumado cuidadosamente na altura do pescoço.

Era impossível saber o que ela pensava ou o que sentia. E ele não estava curioso. Dissera a verdade no dia anterior, quando se comprometera a tratá-la com respeito. Era inevitável que passasse a conhecê-la melhor no decorrer do casamento, mas não tinha nenhum desejo de *conhecê-la.* Aceitaria sua palavra, acreditaria na afirmação de que ela não desejava manter vínculos emocionais com ele. Não queria nada com ela.

O avô não puxou assunto. Ralph suspeitou que ele precisasse de todo o fôlego e energia para percorrer a curta distância entre a casa e a capela. Porém Ralph teria gostado de conversar. Lembrou-

se de outros dois casamentos a que comparecera naquele ano, embora ainda fosse maio, e dos dois a que comparecera no ano anterior – casamentos de seus companheiros Sobreviventes. Apenas Ben e Vincent perderam o casamento de Hugo no ano anterior, e Ben também perdera o de Vincent. Só Vincent perdera o casamento de Ben, no distante País de Gales, em janeiro. Todos compareceram ao casamento de Flavian em Middlebury Park, fazia poucas semanas. Ralph seria o primeiro deles a se casar sem a presença de nenhum dos outros. Sentiu uma surpreendente pontada de tristeza e solidão.

Pelo menos os avós estavam ali. A Srta. Muirhead não tinha ninguém. Mas ele não ia perder muito tempo pensando nisso. Ela queria se casar e havia concordado em que fosse naquele dia. Ralph não permitiria que o despojamento daquela cerimônia lançasse mais um fardo de culpa sobre seus ombros.

Chegaram às portas abertas da capela e Ralph percebeu o tremular da luz de velas no interior. O vigário os aguardava.

De repente, ele sentiu um anseio…

O que ansiava? Sua mente nunca chegava ao motivo por trás desses anseios inesperados. Não conseguia enxergar o que tanto desejava. Mas tais momentos sempre o deixavam com uma dor que beirava o desespero.

Trocaram de parceiros e o duque guiou a esposa até a fileira da frente, que tinha assentos almofadados. Ralph olhou para a noiva e ela retribuiu com um ar calmo e indecifrável. Ele reconheceu uma pontada de algo que poderia ter sido pânico antes de inclinar a cabeça e lhe oferecer o braço, com formalidade, como faria com uma parceira de dança, uma desconhecida, num baile. Ela pousou os dedos enluvados meio sobre a mão, meio sobre o pulso do noivo, e ele a levou para dentro, para se casarem.

Não houve música. Não houve uma grande nave para um lento desfile enquanto a solenidade das núpcias se transformava numa agradável expectativa. E a celebração em si, despida de toda

pompa, foi breve e sem emoção. Ralph se lembrara de comprar uma aliança – precisara adivinhar o tamanho. Pronunciou seus votos e Chloe pronunciou os dela. Ele deslizou o anel em seu dedo. Calculara o tamanho bem o bastante. Talvez fosse um número acima. Então o vigário os declarou marido e mulher, levando-os a uma minúscula sacristia para assinarem o registro enquanto os avós os seguiam mais devagar para assinar como testemunhas.

As construções de pedra são sempre frias por dentro, em especial quando são erguidas entre árvores, com pouquíssima luz do sol penetrando por suas pequenas janelas. Sobretudo num dia nublado de maio. Porém, com certeza a capela era mais fria do que outras construções do mesmo tipo, embora Ralph nunca tivesse percebido isso. Sentiu-se gelado até a alma.

Estava claro que seus avós tinham ficado encantados. Nos confins da pequena sacristia, enquanto o vigário se despedia e se espremia para sair pela porta, o avô exclamou suas congratulações trovejantes, apertou a mão de Ralph e bateu em seu ombro. Em seguida, envolveu a Srta. Muirhead – condessa de Berwick – num forte abraço e lhe deu um beijo estalado na face. A avó segurou o rosto de Ralph com as duas mãos e, quando ele abaixou a cabeça, beijou-lhe os lábios e sorriu, feliz. Então abraçou a noiva com força e reclamou, zangada, que Bunker não tivera o bom senso de colocar mais de um lencinho em sua bolsa. O duque retirou um lenço do bolso da casaca, algo que se parecia mais com a vela de um pequeno barco, e o entregou à esposa.

A Srta. Muirhead – condessa de Berwick –, sua *esposa,* sorria e mordia o lábio. Seus olhos pareciam úmidos… Por Deus, ela estava linda. Era inegável. Havia dois pontos rosados em suas faces.

Caminharam de volta para a casa como na ida, o duque arquejando, ligeiramente apoiado no braço de Ralph, a duquesa tagarelando animada enquanto seguia na frente com… a esposa de Ralph. Quanto tempo levaria para se acostumar com essa ideia? Era sua *esposa*. Como se dirigiria a ela? Era um pensamento tolo,

embora não tivesse feito considerações sobre o assunto até aquele momento. Como ela o chamaria? Nunca tinha ouvido os avós usarem o nome próprio um do outro, embora soubesse que nutriam profunda estima mútua. Talvez na privacidade de seus aposentos…

Os criados sabiam do casamento, claro, embora Ralph duvidasse que tivesse havido um anúncio formal. O mordomo e a governanta tinham feito com que todos se enfileirassem nos dois lados da entrada dos fundos, inclusive o valete de Ralph e o cocheiro que conduzira a carruagem com a bagagem: homens de um lado, mulheres do outro. Todos fizeram reverências ou se curvaram quando a pequena comitiva entrou e Weller fez um pequeno pronunciamento pomposo e formal antes de comandar três saudações muito inibidas dos empregados.

O duque emitiu seu rosnado característico, Ralph fez um pequeno discurso de agradecimento que ele temeu soar tão pomposo quanto o de Weller, a duquesa se mostrou nobre e benevolente e a condessa de Berwick sorriu, corou e agradeceu a todos por seus votos gentis e pela deliciosa surpresa de boas-vindas, tudo isso sem parecer nem um pouco pomposa.

Ralph pôs a mão dela em seu braço e bateu de leve.

O desjejum comemorativo, anunciou Weller, curvando-se, seria servido no salão de jantar assim que Suas Graças, o senhor e a senhora desejassem.

*Desjejum comemorativo?*

– Podem servi-lo dentro de meia hora – determinou a duquesa, meneando a cabeça graciosamente para todos os criados, mais uma vez, e mostrando o caminho até a frente da casa.

Ralph olhou para a noiva quando deixaram a entrada e os criados.

– Temo que a aliança tenha ficado um pouco grande – disse ele.

O anel estava escondido pela luva naquele momento.

– Um pouquinho, talvez – admitiu ela. – Mas pode ser consertado. A maior parte das coisas pode ser consertada.

Podia? *Podia mesmo?*

– Isso não foi planejado – falou ele, fazendo um sinal com a cabeça na direção da entrada dos fundos. – Nem o desjejum comemorativo, acredito, embora esse talvez seja apenas um nome bonito que Weller escolheu para se referir ao almoço de hoje. Espero que não esteja se sentindo constrangida.

*Ele* se sentia bastante constrangido, por motivos que não conseguia entender. Exceto por ser, meu bom Deus, o dia do seu *casamento.* Teve uma súbita lembrança de Flavian e sua noiva partindo de carruagem da igreja do vilarejo em Gloucestershire algumas semanas antes, Flavian beijando-a enquanto os convidados saíam e os moradores se juntavam, aplaudiam, assobiavam e os sinos tocavam alegremente. Ralph se sentiu um pouco envergonhado daquele triste arremedo de cerimônia a que sujeitara *sua* noiva. Não tinha sequer lhe dado um beijo simbólico.

– De maneira alguma – disse ela, sorrindo. – Tive dificuldade de acreditar que nosso casamento tinha mesmo acontecido até ver os criados à espera, prontos para nos saudar. Então acho que estamos mesmo casados, milorde.

– Ralph – corrigiu ele, franzindo a testa. – Melhor me chamar pelo nome já que, sim, estamos mesmo casados.

Era tarde demais para voltar atrás e fazer as coisas de modo diferente.

– Então me chame de Chloe – disse ela.

– Chloe.

E agora, que diabo? Os olhos de Ralph observaram sua esposa.

– Vai precisar mudar de roupa? – perguntou ele.

Ocorreu-lhe, um pouco tarde, que ele podia ter dito, sem risco de mentir, que ela estava muito bonita. Ainda poderia levar a mão dela até seus lábios.

– Sim – disse ela, tirando o braço antes que ele pudesse transformar o pensamento em ação. – Desço em meia hora, meu s… Ralph.

Ele a observou subir a escada. Vista de costas, parecia a mesma de sempre – esguia, elegante, quase uma desconhecida. Mas tudo havia mudado na última hora. Ela era sua *esposa*. Era *Chloe*. E ele não tinha a mínima ideia de como lidar com ela ou com a vida de casado. Não queria ter que lidar com nenhuma das duas.

Naquela noite, consumariam o matrimônio.

Ele se dirigiu para o gabinete do duque para se assegurar de que os esforços da última hora não haviam esgotado o avô.

# CAPÍTULO 7



Chloe se sentou em seu lado da cama, as mãos entrelaçadas no colo. Sentia-se agitada e constrangida, embora ainda estivesse sozinha. Usava a camisola que fizera pouco mais de um ano antes, para a viagem a Londres, quando se hospedara com a tia. Prendera apliques de margaridas com miolo amarelo na bainha daquele belo linho branco e na borda das mangas. Sempre gostara da peça, mas supunha que não fosse muito adequada a uma noiva.

Trançara o cabelo e o prendera atrás, sob a touca de babados nunca usada, feita para combinar com a camisola. Hesitara em colocá-la, assim como em trançar o cabelo e prendê-lo. Talvez devesse tê-lo deixado solto, exposto. Mas ele era tão… bem, *vermelho*.

Estava bastante nervosa como se aquela fosse uma noite de núpcias que realmente importasse. *Importava*, claro, pois talvez naquela noite ou na seguinte ou em alguma outra ela conseguisse conceber. Sim, aquela noite tinha um grande significado, mas não pessoal. De fato, não importava o que faria com o cabelo nem o que vestiria. Nem como se sentia.

Soltou as mãos e olhou para as palmas. Estava casada, porém seu pai não sabia disso, nem Graham, nem Lucy. A mãe *dele* não

sabia, nem nenhuma de suas irmãs. No dia seguinte, Chloe e o marido partiriam e começariam a mudar tudo isso. Decidiram ir primeiro a Hampshire, para dar a notícia ao pai dela. O conde de Berwick – *Ralph* – discutiria o acordo nupcial com ele, embora as bodas já tivessem acontecido. Depois seguiriam para a mansão Elmwood, em Wiltshire, não muito longe, e escreveriam para seus demais familiares. Tantas cartas a serem escritas, tanta gente a se surpreender. E o anúncio do matrimônio seria enviado para todos os jornais londrinos para a informação de outros conhecidos e da aristocracia em geral.

Ao ser informada dos planos durante o desjejum comemorativo, a duquesa ficara decepcionada. Na opinião dela, deveriam seguir para Londres logo depois da visita ao pai de Chloe. Na cidade, poderiam visitar pessoalmente a condessa viúva de Berwick, mãe de Ralph; lady Keilly, irmã caçula de Ralph, que se encontrava em Londres com o visconde de Keilly, seu marido, para a temporada de eventos sociais; o reverendo Graham Muirhead e a Sra. Nelson, irmã de Chloe – todos em apenas um dia. Também poderiam fazer uma rodada de aparições sociais enquanto toda a alta sociedade se reunia em Londres. Poderiam receber convidados num baile na Casa Stockwood para celebrar o casamento. Seria um dos acontecimentos mais concorridos da temporada.

– Você foi assunto de mexericos e especulações na última primavera, Chloe, antes de deixar Londres – explicara a duquesa. – Todos desejarão vê-la agora que conseguiu o melhor partido da temporada. Volúvel como é a aristocracia, todos que a contemplaram com desdém no ano passado a acolherão este ano… *se* tiver a coragem de enfrentá-los de cabeça erguida. É filha de um baronete, lembre-se disso, e neta de um visconde. Terá todo o suporte da posição garantida pelo título de Ralph. E terá toda a grandiosidade do poder ducal também na noite do baile, pois Worthingham e eu com certeza prestigiaremos a ocasião.

A duquesa tinha ficado animada com o assunto. O duque voltara

a emitir ruídos, sem dizer nada que a contrariasse.

– Para o baile, Chloe – prosseguira a senhora –, você deve vestir verde-esmeralda e tomar cuidados especiais com seu penteado. Seu cabelo precisa ficar à mostra, pois não necessita de adornos. E, como é impossível esconder a cor, o que provocou tanto constrangimento para você no último ano, deve exibi-la.

Muitas horas depois, sentada na cama, Chloe ficou traçando círculos com o polegar da mão esquerda na palma da mão direita, depois o contrário. A duquesa estaria certa? Deveriam fazer aquilo? Mas se sentia nauseada ao pensar naquela opção e ficou muito feliz por Ralph ter recusado a sugestão da avó.

– Não vamos a Londres, minha avó – dissera ele. – Apesar do bom senso de seus argumentos. Chloe não deseja se misturar com a sociedade que a rejeitou injustamente *duas vezes*. E, com toda a franqueza, estou cansado do tédio e da artificialidade da vida na cidade. Vamos para Elmwood. Está mais do que na hora de eu me estabelecer por lá e participar de forma mais ativa da administração da propriedade. Além disso, é onde minha esposa se sentirá mais confortável.

Chloe lhe lançara um olhar de gratidão. Algo que a surpreendera naquele dia havia sido a própria felicidade. Era uma disposição muito pouco apropriada em suas circunstâncias e, provavelmente, lhe causaria sofrimento se não a mantivesse sob controle. Com certeza lhe causaria constrangimento se o marido suspeitasse daquele sentimento. Embora não fosse a felicidade do amor nem a expectativa de romance. Era apenas…

Muito bem, era pelo simples fato de estar *casada*.

Aquele fora o mais estranho e discreto dos dias de casamento. Devia ter lhe parecido terrível e anticlimático, tudo, menos feliz. Afinal de contas, que mulher desejaria uma cerimônia discreta numa capela minúscula para selar a união com um homem que não nutria o menor sentimento por ela e por quem ela própria não sentia quase nada? Devia ser de gelar a alma, apesar da cena tocante com os

serviçais, ao voltarem para casa, e do pequeno desjejum comemorativo com flores, fitas, velas e até mesmo um pequeno bolo de noiva, tudo planejado e preparado pela criadagem sem o conhecimento da própria duquesa. Chloe devia ter ficado revoltada ou pelo menos perturbada quando o marido escolhera passar o início da noite a sós com o duque enquanto ela fazia companhia à duquesa na sala de estar.

Era para estar abatida. Em vez disso, sentia-se *feliz* – tirando certo nervosismo. Era uma *mulher casada*. O título de nobreza não era importante, pois ela ficaria igualmente feliz se fosse apenas a Sra. Stockwood. O fato de estar casada significava tudo.

Voltou a entrelaçar os dedos e, de modo consciente, parou de brincar com os polegares. Apesar da agitação (qual seria a *sensação*?), aguardava ansiosa e alegre a chegada do noivo e a consumação do matrimônio. Em breve seria uma mulher casada em todos os sentidos da palavra. Que bom que suas regras haviam acabado dois dias antes.

Não sabia se continuaria feliz. Não existia necessariamente um elo entre a felicidade e o amor, certo? Não era preciso estar apaixonada pelo marido para ser feliz com ele, era?

*Seria* ela feliz ao lado do conde de Berwick? Ele um dia chegara a querer a morte. Tinha até tentado se matar. Fora levado para a Cornualha para se recuperar, mas continuava a ser um homem incapaz de amar, um homem de olhos frios e vazios. Muito diferente do menino que fora. Até a duquesa concordava. Era como se uma grande parte dele, tudo o que era melhor e mais alegre, tivesse morrido. Chloe fechou os olhos com força e inclinou a cabeça para a frente. Como seria capaz de viver ao lado dele…

Houve uma batida firme à porta do quarto. Ela ergueu a cabeça depressa e olhou para a porta, mas ela não se abriu.

– Entre.

Ele usava um roupão comprido de cetim azul-escuro. Podia ter parecido um traje quase feminino, mas de algum modo acentuava

tanto o corpo musculoso quanto sua masculinidade. Ou talvez ela só tivesse essa impressão porque ele se encontrava ali para reivindicar seus direitos conjugais.

Chloe devia ter preparado algo para dizer, mas pensou nisso tarde demais. Não disse nada e tentou não agarrar as mãos com força excessiva. Ele fechou a porta ao passar e ela percebeu seu olhar percorrer os cobertores dobrados dos dois lados da cama, as velas que ardiam sobre a penteadeira, seus pés descalços, a camisola modesta, a touca. Os olhos pararam neste último item.

– Espero não tê-la feito esperar – disse ele.

– Não.

Houve um breve silêncio e ela sentiu a respiração acelerar.

– Tentarei não machucar você – falou ele. – Depois desta noite, isso deverá ser mais confortável.

*Isso.*

– Sim.

A voz dele e seus modos eram bastante diretos, quase bruscos. Ele não parecia sentir constrangimento.

E agora? Tinha lhe ocorrido tarde demais que talvez pudesse ter pedido que trouxessem vinho para o quarto. Ela podia ter servido uma taça naquele momento e iniciado uma conversa tranquila e descontraída sobre… bem, sobre algum assunto. Em vez disso, estava nervosa como uma menina. Talvez mais. A idade e a inexperiência a deixavam constrangida.

Ele foi na sua direção e estendeu a mão para pegar na dela.

– Venha – disse ele. – Com ou sem dor, acredito que se sentirá mais à vontade *depois*, não acha?

– Ah – murmurou ela, e permitiu que ele a ajudasse a se levantar. – Sim, acredito que sim. Sinto muito. Estou nervosa. Não sei muito bem o que… fazer.

– Seria estranho se soubesse – garantiu ele –, uma vez que admitiu nunca ter feito isso. Deite-se enquanto apago as velas.

Ele afastou as cobertas do lado mais próximo da cama para que

ela pudesse se deitar, mas se virou antes que ela o fizesse. Chloe ficou grata. Deitou-se e fechou os olhos. Depois percebeu uma súbita escuridão. Ouviu a aproximação dele aos pés da cama, do outro lado. Houve uma lufada de ar quando ele afastou as cobertas. Então o colchão a seu lado afundou com o peso.

Na noite seguinte, pensou ela, e na outra e depois, isso se tornaria um ritual cada vez mais familiar, sem constrangimento nem vergonha. Talvez se transformasse em algo que ela aguardaria com ansiedade. Torcia para que fosse assim. Tinha sido perseguida por aqueles desejos inomináveis, tão indignos de uma dama, pelos últimos dez anos mais ou menos e esperava que *aquilo* fosse a resposta e que correspondesse a suas expectativas.

Era uma daquelas noites tão claras quanto o crepúsculo. Conseguiu perceber e sentir quando ele virou de lado e se apoiou sobre um cotovelo para se curvar sobre seu corpo. A mão dele desceu direto da cintura ao quadril e depois até a perna, então ele desceu mais ainda, agarrou a barra da camisola e a levantou. Chloe precisou ajudá-lo a erguê-la até a cintura.

Quando Ralph se deitou sobre Chloe, ela percebeu, com algum espanto, que ele despira o roupão e não usava nada por baixo. As pernas dele pressionaram as dela, afastando-as bastante, e as mãos deslizaram por baixo de seu quadril para erguê-la e empiná-la. Como que por reflexo, as mãos de Chloe se acomodaram nos ombros dele, que lhe pareceram imensos, rígidos e musculosos. Ela notou a textura do que devia ser uma cicatriz que pegava a parte da frente do ombro esquerdo e descia pelas costas.

Então ele a apertou e ela disse a si mesma para não prender a respiração, apenas relaxar e respirar normalmente enquanto ele a penetrava. Esperou a dor e se preparou para não demonstrar nada. Porém houve apenas uma sensação pouco familiar de estar sendo esticada e preenchida, depois uma levíssima pontada do que ameaçava ser doloroso mas não foi. Ele a penetrou mais e ela temeu que não houvesse espaço suficiente.

Ficou parado dentro dela enquanto soltava as mãos e se apoiava nos cotovelos. Só nesse momento Chloe percebeu quanto ele estivera pesando sobre ela até então. Manteve os olhos fechados e passou as mãos nas costas dele. A cicatriz ia até a beira da escápula – do lado oposto à marca na face. Aquele golpe em particular por pouco não levara embora metade de seu rosto, o braço e parte do ombro.

Então ele saiu quase todo de dentro dela e entrou de novo. Repetiu a sequência primeiro devagar, quase como se explorasse o terreno, como se estivesse sendo cuidadoso para não provocar dor excessiva, depois com movimentos mais firmes e velozes que fizeram com que ela fechasse os olhos com força, ciente de que nenhum de seus desejos se comparava àquilo.

Chloe ficou parada sob o corpo dele e deixou que acontecesse. Ele era seu marido e a estava tornando sua esposa. Talvez também a estivesse engravidando. Havia *alguma* dor, uma ardência crescente que ela presumiu que duraria toda a noite e, provavelmente, até o dia seguinte. Mas havia beleza naquela dor. Aquilo era belo. Já não se sentia constrangida nem apreensiva.

Depois de algum tempo, o peso dele desceu sobre ela mais uma vez. As mãos de Ralph deslizaram por sob seu corpo, os movimentos se tornaram mais intensos e mais profundos, até que ela percebeu que ele soltava o ar quase como um suspiro ao lado de seu rosto. Então ele parou e ela sentiu um calor jorrar dentro de si.

Seria absurdo sentir que aquele era o dia mais feliz de sua vida. Tinham levado adiante um acordo sem nenhuma emoção. O que acabara de acontecer era apenas uma parte desse acordo. Mesmo na sua experiência, ela não conseguia se convencer de que haviam feito amor. Não houvera amor envolvido em nada do que ocorrera naquele dia. Ele se casara para ter uma reprodutora que lhe garantisse um herdeiro, e ela, por sua parte, conseguira um marido e um lar para não passar o resto da vida como uma solteirona

dependente. Era tudo o que acontecera, segundo os termos propostos.

Ah, mas não importava: aquele *era* o dia mais feliz de sua vida.

Depois de um ou dois minutos, ele saiu de cima dela e se deitou ao seu lado. Abaixou a camisola e pôs o cobertor sobre a noiva. Chloe imaginou se ele voltaria para o próprio quarto, mas Ralph se acomodou e se cobriu também.

– Muito obrigado, Chloe – disse ele.

Ela virou a cabeça na direção dele e por pouco não agradeceu também.

– Espero que não tenha sido doloroso demais para você – declarou ele.

– Não – assegurou ela. – Não foi.

– Eu me esforçarei – disse Ralph – para que você não se arrependa do dia de hoje.

– Arrepender-me de uma cerimônia sem convidados e sem nenhuma pompa? – falou ela. – Gostei bastante.

– Eu me refiro a nosso casamento – explicou ele. – Eu me esforçarei para que você não se arrependa de ter se casado comigo.

– Não me arrependerei – garantiu ela. – É tudo o que sempre quis: um casamento respeitável, um lar, uma família. Não me arrependerei.

Ela pensou no vazio do olhar de Ralph e torceu para que as próprias palavras fossem verdadeiras.

– Eu me esforçarei para que *você* não se arrependa também – acrescentou ela.

– Não me arrependerei. Acabou.

Ralph não deu explicações sobre o que queria dizer. Mas aquilo – *acabou* – soou um tanto assustador. Como se, assim que tivesse providenciado um herdeiro e talvez um segundo filho por garantia, sua missão estaria cumprida e não haveria mais motivos para permanecer vivo.

Com certeza, não era isso que ele queria dizer.

Ela desejou que a duquesa não tivesse contado sobre a tentativa de suicídio. Tinham se passado muitos anos, afinal de contas, e na época os ferimentos provavelmente lhe causavam tamanha dor que quase o fizeram perder a cabeça. Mas *três anos para sarar*? E uma alma vazia, depois de tudo?

*Problemas de cabeça, quero dizer*.

Esperou que ele dissesse algo mais ou que decidisse voltar para seu quarto. Contudo, depois de algum tempo, notou o ritmo regular da respiração dele e percebeu que havia adormecido.

*Acabou*. Talvez estivesse dizendo apenas que agora estava casado e não seria mais incomodado pelos parentes e pelo próprio senso de responsabilidade clamando que cumprisse seu dever e escolhesse uma noiva. Devia ser o que tinha em mente.

Ou talvez quisesse apenas dizer que o dia chegara ao fim.

Teria ela imaginado que o tom de voz dele fora sombrio ao pronunciar aquelas palavras?

Chloe fechou os olhos e se concentrou naquela sensação de ardência – na maravilhosa ardência – que ele deixara dentro dela.

Estava casada. De todos os modos.

Abraçou a felicidade e caiu no sono.

Ralph fitava o dossel. Presumiu que tivesse dormido por uma ou duas horas. Quase nunca dormia direto mais tempo do que isso e com frequência tinha dificuldade para retomar o sono. Estava desperto naquele momento e se sentindo um tanto claustrofóbico. Embora aquele não fosse um aposento pequeno, era consideravelmente menor do que o dele. E o dossel parecia mais baixo, e as colunas, mais robustas.

Sabia, porém, que não eram esses os motivos da sensação de confinamento. Ela vinha do fato de estar dividindo o quarto,

dividindo a cama. Não a tocava, mas sentia no lado direito do corpo o calor da mulher e ouvia sua respiração suave.

Lutou contra o desejo de se levantar e voltar para seu quarto. Decidira que, até que a esposa engravidasse, passaria as noites na cama dela, para tomá-la mais de uma vez. Afinal, sua razão para o casamento era a necessidade de produzir herdeiros. Tinha a intenção de se dedicar à tarefa. Contudo não a possuiria de novo naquela noite, nem pela manhã, antes de se levantar. Ela devia estar se sentindo dolorida, embora garantisse que não fora doloroso. Ele só podia imaginar como devia ser a perda da virgindade para uma mulher.

Podia ter se permitido mais uma noite na própria cama, na privacidade de seu quarto, mas decidira permanecer ali, para começar o casamento do modo que planejava levá-lo adiante. Esperava que ela não se importasse. Não a consultara. Mas ela tomara conhecimento de seu – único – motivo para se casar e o aceitara.

Ficara um pouco desconcertado com a aparência dela ao entrar no aposento. Nem tanto pela camisola. Era bonita, apesar de modesta demais. Mas a touca… bom, até que era bonitinha também. Mas ele vinha imaginando como ela usaria o cabelo. Tinha se perguntado se estaria trançado ou solto. Não esperara que estivesse praticamente invisível.

Talvez fosse melhor assim. Ele precisava sentir algum tipo de atração sexual por ela – e sentia –, mas não queria que houvesse mais do que isso. E tinha fortes suspeitas de que esse também fosse o desejo dela. A mulher permanecera passiva e inerte sob ele. Era um pouco aterrador saber que aquele seria o padrão de sua vida sexual.

Ela murmurou algo incompreensível e rolou para o lado, voltando-se para ele. Ralph a olhou, mas percebeu que ela não havia despertado. A testa quase esbarrou no ombro dele. O babado

da touca, visível na penumbra, emoldurava seu rosto e sua testa, dando-lhe um ar de inocência.

Foi surpreendido por uma pontada de desejo. Mas não levaria aquilo adiante. Tinha a sensação de que ela não criaria resistência, mas seria insensível da parte dele…

Afastou-se, fechou os olhos e esforçou-se para dormir. Quase conseguiu. Estava cochilando quando uma batida rápida à porta do quarto fez com que ele recuperasse toda a consciência de uma vez.

– Milorde – chamou seu criado, com a voz baixa porém urgente, já abrindo um pouco a porta. – O senhor precisa vir.

Chloe se sentou ereta. Ralph jogou as pernas para fora da cama e procurou o roupão.

– Meu avô? – perguntou.

– Ele piorou muito, milorde – confirmou o valete. – Sua avó pede sua presença.

Chloe também se levantou. Ralph foi até o pé da cama, amarrando o roupão no caminho.

– Fique aqui – falou ele. – Melhor que volte a dormir.

– Que bobagem – disse Chloe enquanto ele saía correndo pelo corredor até o quarto do avô, que estava iluminado por velas.

Bastou um olhar para que Ralph compreendesse o que se passava. O avô estava deitado na cama, a cabeça e os ombros apoiados em uma série de travesseiros. Mesmo sob a luz bruxuleante das velas, sua excessiva palidez era evidente. Os olhos estavam fechados, as mãos prendiam a beirada do lençol que o cobria. Seu valete estava debruçado sobre ele com a mão sobre sua testa. A duquesa, muito ereta ao lado da cama, segurava com força as pontas de um pesado roupão.

– Dr. Gregg foi chamado? – perguntou Ralph ao entrar no aposento.

Era extremamente significativo que o avô não tivesse aberto os olhos para protestar.

– Sim, milorde – respondeu o criado. – Weller foi acordar Robert.

Ele é o mais rápido e mais confiável dos serviçais.

O duque abriu os olhos e observou o grupo.

– Como está, senhor? – perguntou Ralph, de forma tola.

Os olhos do avô o encontraram e por um momento pareceu haver um brilho bem-humorado neles; e também um brilho de afeto.

– Morrendo, meu garoto – respondeu ele. – Um pé e meio passando pela porta, enfim. E não foi antes da hora. Há muito que ultrapassei os 70 anos que me cabiam.

Ralph teria contornado a cama para se colocar ao lado da avó, mas Chloe já se encontrava ali, ele notou ao erguer os olhos. Um de seus braços envolvia os ombros da duquesa.

O valete passou um pano úmido no rosto do duque. A governanta aparecera à porta e se postou ao lado de Weller. O criado de Ralph permanecia do lado de fora do quarto com um grupo de serviçais.

O duque voltara a fechar os olhos. A esposa tomara sua mão entre as dela e a levara ao rosto. Chloe cruzou as mãos na altura da cintura, os olhos focados no rosto do duque.

– O médico precisa correr – disse o criado do duque cheio de angústia, endireitando-se e olhando para Ralph com ar de súplica.

– Ele virá o mais depressa que puder.

Ralph se aproximou do criado e apertou seus ombros. O homem se afastou para molhar o pano na bacia e torcê-lo bem.

Ralph tocou o ombro do avô e contemplou seu rosto.

*Não morra*, implorou em silêncio. *Não morra*. *Por favor, não morra.*

Porém era certo que tudo morria, como ocorria com o amor.

Os olhos idosos, moribundos, voltaram a se abrir e encontraram a duquesa.

– Emmy – chamou ele.

– Ned. Meu querido.

Ralph desviou o olhar. Encontrou os olhos de Chloe, do outro lado da cama, e ela lhe esboçou um sorriso. Estranhamente, aquilo

não lhe pareceu inapropriado. Foi como se ela demonstrasse que sabia que sua mente não parava de repetir as mesmas palavras: *Não morra*. *Por favor, não morra.*

Ele se ouviu engolir em seco e, depois do que pareceu apenas um breve instante, voltou a escutar a voz da avó, muito baixa, muito calma.

– Ele se foi.

E de fato ele partira. Estava deitado como antes, os olhos fechados, o rosto pálido e pacífico. Mas algo mudara. *Tudo* mudara. Não havia ninguém ali.

Ele se fora.

# CAPÍTULO 8



A duquesa e Ralph, um de cada lado da cama, contemplavam, atordoados, o corpo do duque. Chloe olhou para um e para o outro perguntando a si mesma a quem deveria tentar reconfortar primeiro. Mas, claro, *não havia* conforto possível. Ela se lembrava muito bem da noite em que a mãe morrera.

O silêncio foi interrompido por alguém que sussurrou perto de seu ouvido.

– O que devo fazer, Vossa Graça?

Era a governanta.

– O que devemos fazer? – prosseguiu ela. – Não podemos simplesmente voltar para a cama.

Chloe se voltou para a mulher pronta para lhe pedir que não incomodasse a duquesa naquele momento. Contudo, com certo assombro, percebeu que fora a ela que a Sra. Loftus se dirigira. *Ela* se tornara a duquesa de Worthingham. Ralph era o duque. Aquilo foi um susto tão grande que seus joelhos ameaçaram ceder.

Com autoridade e precisão, a Sra. Loftus e o Sr. Weller sempre cuidavam para que tudo funcionasse em Manville Court, porém os dois estavam um tanto idosos. Era provável que estivessem em seus postos por muitos anos e houvessem se apegado aos patrões.

Era de esperar que previssem aquele momento, já que o velho duque tinha problemas de saúde havia algum tempo, mas era óbvio que isso não acontecera. Os dois pareciam perdidos e desamparados, e haviam se voltado para Chloe em busca de orientação.

Ela era, afinal de contas, a senhora de Manville Court – um pensamento chocante, terrível. Mas *alguém* tinha que assumir o comando. Ela se dirigiu ao corredor acompanhada pelo Sr. Weller e pela Sra. Loftus para conversar com todos os criados reunidos – e havia um bom grupo deles. Chloe duvidava que alguém ainda estivesse na cama.

– Será melhor se o Sr. Weller permanecer aqui em cima – disse ela, em voz baixa. – Tenho certeza de que seus serviços serão necessários. Talvez queira escolher um dos lacaios para ajudá-lo, Sr. Weller. Acredito que o senhor também deseje ficar por aqui, Sr. Bentley.

Ela olhou com simpatia para o rosto abatido do idoso valete do duque, que vagava perto da entrada do quarto.

– Precisaremos do senhor. Mais do que ninguém.

– Sim, Vossa Graça – murmurou ele.

Chloe conduziu todos os outros criados até a cozinha. Lá ela encontrou um par de copeiras e um garoto muito jovem reunidos com ar tristonho em volta da cozinheira. Todos fizeram uma reverência e, em silêncio, esperaram instruções. Deviam saber bem melhor do que ela o que precisava ser feito, claro, mas naquele momento estavam todos aturdidos e desorientados.

Não fazia muitas horas que todos eles estavam enfileirados nos fundos da casa, sorrindo felizes ao verem a noiva e o noivo…

Chloe instruiu a cozinheira a acender o fogão, mandou uma das copeiras encher uma grande chaleira e pediu ao menino que a ajudasse bombeando a água. Sugeriu que todos os criados que não estivessem ocupados naquele momento fizessem seu desjejum quanto antes, pois o dia prometia ser muito agitado e diferente da

rotina habitual, e ninguém poderia prever quando estariam livres de novo para desfrutar de uma boa refeição. Determinou que uma bandeja com xícaras fosse preparada e que a chaleira ficasse pronta, para que chá ou café fossem servidos tão logo alguém solicitasse. Sugeriu que assassem uma fornada de bolinhos o mais rápido possível e que um dos serviçais conferisse na sala de estar se as garrafas de licor haviam sido reabastecidas na véspera. Encarregou outro lacaio de verificar se o balde de carvão da sala de estar estava cheio e mandou uma criada acompanhá-lo para acender o fogo e começar a aquecer o ambiente. A Sra. Loftus supervisionaria tudo que precisava ser feito, disse-lhes Chloe, uma vez que o Sr. Weller ficaria ocupado pelo menos por algum tempo.

Enquanto isso, disse ela por fim, e antes de fazer qualquer outra coisa, todos deveriam trocar de roupa. Sabia-se lá quando teriam outra oportunidade e seria no mínimo estranho que os visitantes encontrassem os criados e os moradores da casa ainda com touca e roupa de dormir.

De repente, Chloe se deu conta de que usava camisola, um roupão velho e uma touca com babado – e também de que havia sido sua noite de núpcias e os criados sabiam muito bem disso.

Suas palavras provocaram alguns risos entre os presentes enquanto eles se dispersavam.

Na falta de um vestido preto – não lhe ocorrera levar suas velhas roupas de luto para Manville –, Chloe escolheu um azul-marinho. Teria que servir por ora. Manteve o cabelo trançado e preso.

Quando desceu, tinha pensado em algumas coisas que deveriam ser feitas sem demora. Robert acabara de voltar com o médico, só para descobrir que tinham chegado tarde demais. Chloe o consolou, garantindo que o Dr. Gregg não teria conseguido salvar a vida do duque. Ela mandou o lacaio voltar à aldeia para chamar o reverendo Marlowe, embora ainda fosse noite. A presença do religioso era necessária, e ele não se incomodaria. Na verdade, provavelmente ficaria magoado se não o convocassem antes do

amanhecer. Não era todo dia que o chamavam para o leito de morte de um duque de Worthingham.

Ela pediu a um serviçal que estava de prontidão no corredor que buscasse um pedaço de tecido para abafar o som do batedor da porta, crepe preto, se possível.

E então não lhe ocorreu mais nada para fazer. Ficou parada no saguão por um momento e olhou para a escada. Deveria voltar para lá? Seria esse seu lugar, ao lado do marido? Não havia nada que pudesse fazer, e a ideia de voltar para aquele aposento com aquela presença silenciosa, vazia, era assustadora. Se não tivesse saído de lá, seria diferente. Mas tinha saído.

Não podia voltar.

Em vez disso, foi para a sala de estar e deslocou a poltrona da duquesa para mais perto da lareira. Usou as pinças para colocar mais carvão no fogo. O aposento ainda parecia frio.

Chloe estava agitada demais para se sentar e descansar. Desceu de volta para a cozinha, para se assegurar de que tudo estava funcionando bem. E estava. A Sra. Loftus recuperara sua pose e sua autoridade e dava instruções a uma criada que já tomara o desjejum para que verificasse todos os cômodos e garantisse que as cortinas estavam cerradas. Assim que os outros terminassem, ela garantiu a Chloe, os aposentos principais seriam desempoeirados e polidos, apesar de isso ter sido feito apenas três dias antes. Os lacaios tinham recebido ordens de vestir seus melhores uniformes. A Srta. Bunker se oferecera para fazer braçadeiras pretas para todos.

Chloe chegou ao saguão no momento em que o vigário entrava. Ele se dirigiu a ela com as duas mãos estendidas.

– Minha querida duquesa – disse ele, apertando as mãos dela com força. – Sob que circunstâncias tão tristes nos revemos hoje. Por favor, aceite minhas mais profundas condolências, assim como os votos de minha querida esposa. Mas o Senhor é piedoso, como a senhora bem sabe. Estava muito claro no dia de ontem que Sua

Graça ficou feliz por ter vivido o bastante para testemunhar as bodas do único neto.

Ela o acompanhou até o andar de cima, mas ficou contente ao entregá-lo aos cuidados de Weller, que aguardava formalmente no alto da escada, cheio de dignidade.

Depois disso, Chloe foi se sentar na sala de estar para esperar. Aos poucos o aposento começou a clarear, apesar das cortinas cerradas. Por fim, a realidade a atingiu. O duque, aquele senhor rabugento mas gentil que a duquesa tanto estimava, estava morto. Ele se fora. E deixara para trás um vazio difícil de suportar, mesmo para ela. Podia imaginar como a avó de Ralph e ele se sentiam. E, de fato, ela *podia* mesmo. A morte da mãe ainda lhe parecia recente.

Quando as portas da sala enfim se abriram, Chloe se levantou e puxou a campainha antes mesmo de se virar. Aquele era o momento que ela tanto temia.

Ralph vinha de braço dado com a avó. Os dois estavam vestidos de preto. A senhora mantinha uma postura ereta e nobre; o rosto parecia ter sido esculpido em mármore. Ralph estava pálido, com ar austero, inacessível. O Dr. Gregg e o reverendo Marlowe vinham atrás deles.

Chloe escolheu por instinto a quem consolar primeiro. Atravessou a sala, apressada, e acolheu a idosa nos braços. As duas ficaram abraçadas sem dizer uma palavra sequer durante um tempo, até que Chloe a conduziu à sua poltrona preferida, perto do fogo, e estendeu uma manta sobre seus joelhos.

– A bandeja de chá estará aqui num instante – assegurou a jovem. – E também um prato com bolinhos.

– Não conseguiria comer nem beber nada, Chloe – disse a viúva. – Mas o Dr. Gregg e o vigário vão apreciar muito, acredito eu. Lamento que tenham sido arrastados para fora de suas camas a uma hora dessas. Talvez preferissem algo mais forte do que chá?

Os dois homens fizeram gestos de recusa e balançaram a

cabeça. O Dr. Gregg garantiu que uma xícara de chá seria muito apreciada.

– E a senhora também vai beber o chá, minha avó – disse Chloe com firmeza. – E vai comer alguma coisa. É preciso.

A duquesa abriu um sorriso abatido.

– Acabei de perguntar a Weller como estão os criados – falou ela. – Ele me contou que ficaram sob sua supervisão e que tudo está correndo com perfeição. Obrigada, minha querida. Eu devia ter imaginado que você cuidaria de tudo sem fazer rebuliço nem entrar em pânico. Tomarei chá, como você insiste. E experimentarei meio bolinho.

Ralph atravessara o cômodo sem dizer nenhuma palavra a ninguém e, naquele momento, se encontrava parado perto da janela. Havia afastado um pouco as cortinas e fitava o amanhecer pálido, as mãos cruzadas atrás do corpo.

Uma bandeja com uma chaleira e um bule de café logo chegou. Chloe tratou de servir e distribuir xícaras e pratos, depois os bolinhos recém-saídos do forno. O reverendo Marlowe se sentara perto da duquesa e falava em voz baixa. Dr. Gregg estava de pé a seu lado, olhando para a velha senhora com ar de preocupação.

Chloe cruzou a sala para encontrar o marido, pôs uma xícara sobre uma mesa próxima e pousou a mão, de leve, no braço dele. Sentiu que ele ficou tenso, mas não fez menção de se afastar dela.

– Ralph – chamou ela, com suavidade.

– Todos ficam me chamando de “Vossa Graça” – disse ele, sem virar a cabeça.

– Acabei de lhe servir um café – falou ela. – E tem bolinhos frescos.

– Não quero nada.

– Ele foi em paz.

Era uma tolice para se dizer, claro. Mas o que se *poderia* dizer?

– Você se tornou condessa ontem – disse ele. – Hoje é uma duquesa. É um sonho realizado.

Ela apertou um pouco mais o braço dele, então o soltou. Ele estaria supondo que…? Claro que não.

– Peço-lhe desculpas – falou ele e se virou bruscamente, com a testa franzida. – Peço-lhe desculpas, Chloe. Não quis dizer o que pareceu.

Por um momento houve algo mais do que o vazio habitual em seus olhos. Houve arrependimento e dor.

– Eu sei – garantiu ela. – Mas é a verdade, afinal de contas, ainda que eu preferisse que não fosse. Tome seu café ou, se preferir, lhe trago o chá. E tente comer um bolinho. Vou trazer bolinhos para nós dois, embora eu também esteja sem apetite.

E ali estavam as questões ordinárias do dia a dia, quando havia tantas emoções para sentir e tantas realidades sobre as quais pensar e falar! Um dos fatos mais terríveis na morte de alguém querido, lembrou Chloe, era a necessidade de dar prosseguimento quase imediato às trivialidades da vida. Como se nada importante tivesse mudado.

– Um café será ótimo – disse ele, os olhos vagando até a xícara. – Dividirei um bolinho com você.

Chloe foi buscá-lo e serviu para si uma xícara de chá. Em seguida, voltou e ficou ao lado do marido. Os dois comeram meio bolinho do mesmo prato antes que ele resolvesse tomar o café. Fazia poucas horas, na noite anterior, que tinham consumado o casamento. Parecia ter sido em outra era. De repente, ela se sentiu tremendamente feliz por terem se casado a tempo.

– Weller e a Sra. Loftus administram Manville com punho de ferro há tanto tempo que já perdi a conta – disse ele. – Porém notei que ficaram bastante desnorteados. Tinham grande devoção pelo duque, naturalmente. Mas você fez com que resistissem e agora, pelo que entendi, tudo está em harmonia mais uma vez.

– Eles teriam feito tudo muito bem sem a minha presença.

– Teriam conseguido, claro – concordou ele. – Mas buscaram a sua liderança e você correspondeu.

Ela pousou o prato vazio, feliz com a aprovação do marido, e pegou o pires com a xícara.

– Sou sua esposa – lembrou ela.

E era mesmo. Sob todos os aspectos.

– É minha *duquesa* – ressaltou Ralph e franziu a testa. – O que, na realidade, faz de mim um duque. Diabo e maldição!

Ele não pediu desculpas pelas blasfêmias. Talvez nem tivesse percebido que as proferira.

– É melhor que eu comece a me comportar como um duque – disse ele, pousando o pires e a xícara vazia. – Venha.

Ele se dirigiu à lareira e esperou que Chloe se sentasse antes de se pronunciar.

– Cavalheiros – começou, dirigindo-se ao médico e ao vigário –, agradeço por terem vindo tão depressa, no meio da noite, e pelas palavras de consolo que ofereceram a Sua Graça, minha avó, e a mim e minha esposa. Somos extremamente gratos. Precisamos conversar sobre o velório, reverendo Marlowe, porém não agora. Mandarei minha avó e minha esposa para a cama em breve. As duas precisam dormir ou pelo menos descansar, se o sono não for possível. Talvez possam retornar mais tarde.

Os dois homens reconheceram a deixa para saírem. Ralph os acompanhou e Chloe ficou sozinha com a duquesa. A viúva fitava o fogo, e a xícara e o prato a seu lado estavam vazios.

– É a sensação mais estranha do mundo – comentou ela. – Num momento a pessoa está ali, dizendo um nome. No momento seguinte, o corpo permanece ali, mas a pessoa já não está. E nunca mais voltará. Não há como chamá-la de volta. O que não foi dito antes de sua partida nunca será dito. O corpo dele continua lá em cima. Parece com ele e, ao mesmo tempo, não parece. Meu marido não está mais lá.

Chloe segurou as mãos da idosa e se conteve para não dizer palavras vazias de consolo.

A senhora virou a cabeça e sorriu para ela.

– Mas celebramos seu casamento no dia de ontem – lembrou ela. – E estávamos felizes, Worthingham e eu. Talvez tenha sido egoísta de nossa parte não ter convencido os dois a esperar para se casarem com toda a pompa e a formalidade esperadas, em Londres. Mas não consigo me arrepender desse nosso egoísmo. De algum modo, me pareceu o casamento mais encantador em que eu já estive, à exceção do meu. E não pode imaginar como me conforta hoje, Chloe, saber que Ralph está casado e que tem uma esposa que vai ajudá-lo neste momento difícil. E saber que você não é mais apenas uma hóspede, neta da minha querida Clemmie, mas se tornou *minha* neta. Não suportaria mais ser a duquesa, sabe? Estou *muito* feliz por sua posição como esposa de Ralph ter me relegado ao papel de duquesa viúva. Ah, Chloe, minha querida.

Os olhos da senhora se encheram de lágrimas e Chloe se apressou em acomodar-se no braço da poltrona e envolver-lhe os ombros.

– Como vou continuar vivendo sem ele? – perguntou, inclinando a cabeça para descansá-la no ombro de Chloe. – Ah, que egoísmo daquele homem partir antes de mim!

Ela riu, hesitante, e procurou o lenço.

– De certo modo, estou feliz por ele ter ido na frente – voltou a dizer a duquesa viúva. – Vou ficar melhor sem ele do que ele teria ficado sem mim. Ele ficaria perdido… Eu só queria que pudéssemos partir juntos.

Ralph voltou ao aposento quando ela assoava o nariz. Os olhos dele encontraram os de Chloe. Aproximou-se das duas e se agachou diante da poltrona da avó. Estendeu as mãos para ela enquanto a dama guardava o lenço.

– Vovó – disse ele, quando ela as tomou. – Vou mandá-la para seu quarto agora e chamar Bunker. Chloe a acompanhará e depois seguirá para o quarto dela também. As duas precisam se deitar e tentar dormir.

Seu tom de voz era baixo, até mesmo delicado, mas havia um

toque de autoridade implacável também, e Chloe concluiu que talvez ele, de algum modo, já estivesse transformado pelo novo papel. Assumiria suas responsabilidades com muita seriedade. Talvez, pensou, elas fossem até sua salvação, embora não soubesse direito o que isso significava.

Ralph ajudou a avó a se levantar. Chloe também se ergueu e lhe ofereceu o braço.

– Talvez se sinta mais confortável ocupando um dos quartos de hóspedes, vovó – sugeriu Ralph.

– Porque há apenas os quartos de vestir entre meu aposento e o de seu avô? É o que quer dizer? – perguntou a duquesa. – Não estou com medo. Ele nunca tocou em um fio do meu cabelo enquanto vivo. Por que me faria mal agora, estando morto? Além do mais, ele não está mais lá, sabe? Não há mais ninguém.

Ralph a encarou com desolação. A duquesa tomou o braço de Chloe e as duas subiram juntas as escadas. Chloe, porém, desceu em menos de cinco minutos. Ele permanecia na sala de estar, contemplando o fogo, com um braço apoiado sobre a lareira. Virou a cabeça e ergueu as sobrancelhas ao vê-la.

– O que *você* vai fazer? – perguntou ela.

– Ninguém sabe de nada do que aconteceu aqui nas últimas 24 horas – disse ele. – Ninguém sabe do casamento. Ninguém sabe do falecimento do duque. É atordoante, não é? Não houve convidados nas nossas bodas. Escolhemos não esperar. Agora *precisamos* esperar para a próxima grande etapa, pois todos vão querer comparecer ao velório. Ele era o *duque de Worthingham*.

Chloe o escutava com atenção.

– Há parentes que devem ser informados… – prosseguiu Ralph – dos dois eventos… amigos, relacionamentos mais próximos dele, bem como alguns dignitários que devem ser comunicados do falecimento de meu avô. Sem demora, para que possam ter a oportunidade de viajar para cá a tempo. É preciso colocar avisos nos jornais. E há muitos detalhes para cuidar. Uma parte deles, eu

provavelmente ainda nem imagino. Convoquei o secretário de meu avô para uma reunião no escritório. Ele agora se tornou meu secretário, suponho. É provável que já esteja à minha espera.

Chloe ficou gelada, paralisada por dentro.

*… pois todos vão querer comparecer ao velório.*

Claro. Ah, claro.

Não seria possível partir para Hampshire naquele dia ou no dia seguinte e então, depois de uma visita ao pai, seguir para a mansão Elmwood, seu lar. Não seria possível partir antes do velório, que contaria com a presença de todo tipo de gente. *Há parentes que devem ser informados, amigos, relacionamentos mais próximos dele, bem como alguns dignitários.* E talvez – o que era até provável – não fosse possível partir nem depois disso, pois, com certeza, sua residência principal não seria mais a mansão Elmwood. Seria Manville Court.

Ficou tonta por um momento, mas logo se recuperou. Não havia tempo para pensar em si mesma.

– Há cartas a escrever, então – disse ela, de súbito. – Muitas, e nem todas serão idênticas. E os avisos aos jornais precisarão ser redigidos e copiados diversas vezes. É muita coisa para ser feita por dois homens em tão pouco tempo. Eu o acompanharei.

Ralph voltou as costas para o fogo e franziu a testa, encarando-a.

– Não precisa se preocupar – declarou ele, num tom de voz quase gelado. – Ficou acordada durante metade da noite e andou ocupada. Vá descansar.

– Ficou acordado pelo mesmo tempo – ressaltou ela. – Há muito que fazer, e eu o ajudarei.

Chloe teve a sensação de que ele ia discutir ou talvez dar ordens, pois, de repente, assumiu um ar altivo e autocrático. Porém, em seguida, uma expressão que lembrava um sorriso passou pelo seu rosto e desapareceu.

– Sou lembrado do fato de que realmente não a conheço, Chloe

– disse ele. – Pretende ser mais do que apenas a mãe dos meus filhos, não é?

– O que aceitei me tornar e, ontem, na igreja, prometi ser foi sua *esposa*. Ter filhos é apenas uma de minhas obrigações.

– *Obrigações* – repetiu ele em voz baixa.

– Nem sempre são coisas negativas – ressaltou Chloe e, de repente, sorriu para o marido. – *Gosto* de escrever cartas.

Contudo um frio oprimia seu coração. Não tinha esperado nada daquilo. Que tolice. Apesar de todos os sinais, de todos os avisos que estavam bem evidentes desde que chegara a Manville Court, não lhe ocorrera que algo parecido pudesse ocorrer no futuro próximo. E, naquele momento, o futuro se tornara o presente.

– Então venha.

Ralph passou pela esposa, dirigindo-se à porta, então parou e olhou de novo para ela, ainda franzindo a testa.

– Suponho que correr atrás de mim seja outra de suas obrigações, não? Pegue meu braço.

Arthur Lloyd, secretário do falecido duque, já preparara as listas de pessoas a informar e de coisas a serem feitas. Chloe se sentou ao lado dele e Ralph ficou de pé atrás dos dois, embora o secretário tivesse tentado lhe ceder a própria cadeira. Juntos, eles complementaram as listas e dividiram as tarefas.

Chloe deixara claro que não iria simplesmente desaparecer. Assumiu a tarefa de escrever para o irmão e a irmã, para o tio e a tia – lorde e lady Easterly. Escreveu também uma carta para o pai, a ser enviada junto com a mensagem mais formal redigida por Ralph. Fez diversas cópias do anúncio do casamento com uma caligrafia elegante e também do aviso do falecimento esboçado por Lloyd e aprovado por Ralph depois que Chloe sugerira alguns pequenos ajustes no vocabulário. Ralph escreveu para a mãe, para as irmãs e

seus seis companheiros Sobreviventes enquanto Chloe e Lloyd redigiam um número impressionante de mensagens mais formais que deveriam ser enviadas a diversas pessoas importantes, para as quais os anúncios nos jornais não seriam suficientes.

Quando Ralph e Lloyd começaram a discutir o que precisava ser feito para preparar a casa para a chegada dos parentes e dos amigos mais próximos para o velório, Chloe tirou os olhos da carta que escrevia e assegurou aos dois, num tom bastante firme, que não precisavam se preocupar com assuntos domésticos. Era o seu território. Ela conversaria com a Sra. Loftus. Ralph, sério, trocou olhares com o secretário e resolveu que, nesse caso, começaria a anotar as ideias para o velório a serem discutidas com o vigário.

Mais tarde, pouco antes da volta do reverendo Marlowe, Ralph mencionou a necessidade de comprarem algumas roupas de luto, em especial para Chloe, que, pelo jeito, não possuía nada preto. Ele mandaria alguém trazer algumas roupas de Londres e torceria para que servissem. Mais uma vez, Chloe parou o que estava fazendo e disse que ele não precisava se preocupar. Cogitara pedir que lhe mandassem as roupas de luto que ela usara depois da morte da mãe, mas pensara numa solução melhor. Havia uma habilidosa costureira que morava a pouco mais de 10 quilômetros dali. Chloe a contrataria e pediria que trouxesse uma assistente, tecidos e todos os apetrechos de costura e passasse alguns dias com eles. A avó de Ralph talvez quisesse se utilizar de seus serviços também.

Ralph se pegou cada vez mais irritado. Tinha o hábito de comandar, embora não fizesse isso com muita frequência nos últimos sete anos, a bem da verdade. De qualquer forma, estava acostumado à independência, a tomar as próprias decisões, a ter criados obedecendo a suas ordens sem fazer perguntas nem interferir. Chloe não era uma criada, naturalmente. O que o deixava mais irritado talvez fosse o fato de ela ser de grande ajuda – inestimável, na verdade. E fazer tudo com dedicação e eficiência. E conseguir pensar e agir com independência.

Estava ficando irritadíssimo – até lembrar como o avô ficara feliz no dia anterior. E a avó também. E a forma como a avó se apoiara em Chloe na sala de estar, depois que ele despachara o médico e o vigário. E em como ele precisava de uma esposa e, mais do que nunca, de um herdeiro.

E que tipo de esposa ele preferiria? Uma esposa incompetente, tímida e afetada? Uma mulher com quem pudesse se deitar de noite e ignorar de dia? Ou alguém… como Chloe?

A irritação que sentia, admitiu para si mesmo, era despropositada.

E de repente, do nada, ele se lembrou de alguém que sempre exercera o mesmo efeito sobre ele – alguém por quem sempre sentira respeito e irritação na mesma medida. Alguém que não conseguira dominar nem descartar.

Graham Muirhead. O irmão de Chloe, pelo amor de Deus.

Não tinham a *mínima* semelhança. Pareciam tão diferentes quanto o dia e a noite. Claro que era possível, até mesmo provável, que fossem apenas meio-irmãos, não?

Ficou aliviado quando Weller surgiu à porta para informá-lo de que o vigário estava à sua disposição na saleta. A cabeça ruiva de Chloe, com vibrantes tranças, estava abaixada sobre uma carta no momento em que ele saiu, mas ela já não estava lá quando voltou. A duquesa viúva despertara e pedira sua presença, informou-lhe o secretário.

Ralph estava cansado e desanimado quando Chloe apareceu à porta, um pouco mais tarde. Ainda havia cartas a serem escritas, mas sua mente estava confusa e o leve entorpecimento que ele vinha sentindo desde a noite começava a dar lugar à plena noção de que o avô partira para sempre. No dia anterior, haviam deixado a capela e caminhado de volta para casa juntos. Tinham passado o início da noite também juntos, recordando a infância de Ralph. E agora o avô partira.

– Está na hora de trocar de roupa para o jantar – disse Chloe.

Ele franziu a testa sem disfarçar sua irritação.

– Estou sem apetite – anunciou. – Pedirei alguma coisa mais tarde, numa bandeja, se sentir fome.

Abaixou a cabeça e continuou a escrever.

– Sua avó também está sem fome – falou ela. – Mas é muito importante que ela se alimente e mantenha as forças. Também estou sem apetite. Cabe a nós dois, porém, dar o exemplo. Principalmente você. E não comeu nada na hora do almoço.

Ele deixou a pena cair e a tinta respingou, arruinando com pequenas manchas a carta que escrevia. Sentiu que a irritação estava prestes a se transformar em raiva. Abriu a boca para passar-lhe uma descompostura, mas se conteve e apenas passou a mão sobre os olhos. Ela tinha razão, que inferno!

– Subirei agora – disse ele, levantando-se. – Eu a acompanharei.

Chloe devia estar tão cansada quanto ele. E, para ela, devia ser tão difícil se adaptar ao comportamento do marido quanto, para ele, era difícil se adaptar ao da esposa. Talvez mais. Ela não franzia a testa nem fazia caretas a todo momento. Apenas cuidava das suas tarefas.

Ralph foi obrigado a admitir, nos dias que se seguiram, que não sabia como teria lidado com toda a situação sem a ajuda dela. Mesmo que aceitar esse fato fosse irritante. Havia passado três anos em Penderris Hall e quatro anos aprendendo a viver sozinho, sem depender de ninguém – principalmente do ponto de vista emocional.

Não que estivesse se tornando dependente da esposa *do ponto de vista emocional*. Sexo, afinal de contas, não era uma emoção. O que era muito bom. Pois ele chegara perto de se tornar dependente do sexo nos dias que antecederam o velório, ou melhor, nas noites. Embora se sentisse exausto, ia para sua cama e encontrava no corpo de Chloe algum alívio das tensões do dia. Nunca era uma experiência excessivamente erótica. Ela sempre usava a camisola e

ele nunca tentava tirá-la. Sempre usava a touca também, e seu glorioso cabelo ficava quase escondido.

Porém ele a possuiu duas vezes por noite, três vezes em determinada ocasião, e nem fingiu para si mesmo que era por obrigação, pela necessidade de gerar um herdeiro, embora fosse essa a justificativa para se entregar ao prazer enquanto o corpo do avô permanecia na casa, lá embaixo, num dos salões nobres.

Não fazia ideia se aquilo também a agradava. Ela se mantinha tranquila debaixo dele, o corpo morno, descontraído, úmida por dentro, preparada para acolhê-lo, mas os braços quase sempre o apertavam quando ele a penetrava, os dedos de uma das mãos passavam de leve pela pior de suas cicatrizes, o corte de sabre que quase amputara seu braço e seu ombro depois de abrir um talho em seu rosto. Ela nunca fizera comentários a respeito de sua feiura, embora a visse pelas manhãs quando ele saía da cama nu, como sempre dormia. Seu corpo não era algo bonito de se contemplar, ele sabia. Ainda assim, Chloe nunca estremecia ao vê-lo.

Tinha a sensação de que ela seria uma boa esposa. Provavelmente também seria uma boa mãe. Não sabia ao certo se isso lhe causava mais prazer ou irritação. Parecia que sua vida fora… invadida.

Até sua identidade fora transformada. Ralph tinha se tornado conde de Berwick cinco anos antes, com a morte repentina do pai, quando ainda se encontrava em Penderris. Agora, passara a ser o duque de Worthingham. E um homem casado.

Em alguns momentos, ele se perguntava por onde andava Ralph Stockwood, se por acaso ainda existia. Talvez estivesse por ali, à espreita, escondido em algum lugar nas profundezas. Talvez nem quisesse procurá-lo. Às vezes era melhor não mexer no que estava quieto.

# CAPÍTULO 9



Chloe ficou muito ocupada nos dias que se seguiram à morte do antigo duque e teve pouco tempo para refletir sobre as dificuldades que enfrentava, embora fossem muitas. Sua situação original – quando ela era apenas a nova condessa de Berwick e só precisava lidar com seus familiares e os do marido depois da notícia do casamento repentino – havia sido bastante assustadora.

Apenas. Só.

Nas novas circunstâncias, Chloe havia, além de tudo, se tornado a duquesa de Worthingham e precisava acolher na sua casa – sim, era mesmo Manville Court, não a mais modesta mansão Elmwood – todos os parentes e todos os representantes da nata da sociedade que se dessem o trabalho de fazer a viagem até Sussex para o velório. Ralph e a avó acreditavam que muitas pessoas prestariam suas últimas homenagens.

Eram as mesmas pessoas que tinham dado as costas a Chloe seis anos antes, depois de Lucy ter partido com o Sr. Nelson, e mais uma vez no ano anterior, quando se tornara dolorosamente notável sua semelhança com a filha de um homem que fora admirador de sua mãe.

Teve pouco tempo naquela ocasião para refletir sobre a situação

de seu casamento, que estava nos primeiríssimos dias e progredia sob circunstâncias muito diferentes do que qualquer um dos dois previra. Não sabia se o marido gostava dela ou não. Não sabia se gostava dele. Imaginava que não faria diferença. Estavam casados e teriam que resolver tudo da melhor forma possível. Nenhum deles mantinha ilusões românticas.

Os dias foram difíceis. Ela mergulhou em seu novo papel, pois sabia que isso era necessário e, também, que precisava começar no estilo que pretendia seguir – um passo em falso naquele momento poderia criar um mal-estar eterno com a criadagem e prejudicar as relações futuras com a vizinhança. Mas se sentia uma usurpadora, em especial porque a duquesa viúva continuava na residência. E Ralph parecia ressentido de sua energia e eficiência porque, ela suspeitava, nunca precisara dividir a liderança com ninguém. Não que se queixasse. Pelo contrário, ele lhe agradecia com frequência e até mesmo a elogiava, mas fazia tudo de modo tão rígido, tão distante, que Chloe tinha a impressão de que, na verdade, ele queria poder rosnar, no mínimo. E ela se ressentia do ressentimento dele, pois acreditava que ele a desprezaria caso se acomodasse no papel de mulherzinha tímida que ele provavelmente esperara ter como esposa.

O maior motivo para ela desejar o casamento fora nunca mais ter que se anular e fingir ser plácida e meiga. Desde que não precisasse enfrentar a alta sociedade mais uma vez, melhor dizendo. No entanto, era aquilo que estava prestes a acontecer, embora de modo limitado. Ah, a vida não era fácil. E que observação terrivelmente original era essa.

Contudo, tinha que admitir que as noites compensavam as dificuldades dos dias. Ela gostava da forma regular, imperturbável, como ele fazia amor, por falta de uma palavra mais apropriada. Gostava muito, de fato, e se esforçava ao máximo para não querer mais – palavras doces e carícias, por exemplo, e… bem, muito mais que ela não sabia sequer nomear, por causa de sua lamentável

inexperiência. Mas nada disso, não importava o nome, fazia parte do acordo. Na verdade, a ausência daquilo era parte do combinado.

Nada de vínculos emocionais.

A condessa viúva de Berwick, mãe de Ralph, chegou dois dias antes do velório na companhia do visconde de Keilly e sua esposa, Nora, irmã caçula de Ralph. O novo duque desceu para encontrar a carruagem assim que tomou conhecimento de sua aproximação, e Chloe seguiu mais devagar atrás dele, com a duquesa apoiando-se pesadamente em seu braço. Os viajantes haviam saltado do veículo e se encontravam no pátio quando as duas deixaram a casa e desceram os degraus. A dama mais jovem se encontrava nos braços de Ralph, soluçando em seu ombro. A mais velha atravessou o pátio correndo para abraçar a viúva e expressar sua tristeza.

Chloe deu um passo para trás, segurou as próprias mãos na altura da cintura – desaparecendo ao fundo, pensou ela, como a acompanhante perfeita – e desejou com todas as forças que fosse aquele seu papel.

O cavalheiro apertou a mão de Ralph e disse palavras de consolo.

E, logo depois, pareceu que todos acabaram na mesma hora aquela primeira manifestação de luto e condolências mútuas. Os três se voltaram para ela. Seu primeiro pensamento tolo foi de gratidão pelo fato de a Srta. Rush ser uma costureira habilidosa, capaz de trabalhar depressa e de modo muito eficiente. Chloe usava um vestido preto que ia até os tornozelos, com linhas simples mas com um belo caimento, cobrindo-a do pescoço aos punhos. O cabelo fora escovado, trançado e preso num coque na altura do pescoço. Era o melhor que podia fazer para ofuscar a vibração tão inapropriada da cor dos seus fios. Provavelmente mais parecia uma preceptora do que a acompanhante de uma duquesa.

– Mamãe – disse Ralph –, Nora e Keilly, poderiam me dar o prazer de lhes apresentar minha esposa? Estes são minha mãe, minha irmã e meu cunhado, Chloe.

Pelo menos ele não a chamara de sua duquesa.

A condessa viúva era uma dama bonita e parecia bem mais jovem do que Chloe esperara. A filha era sua versão mais nova. Ralph tinha semelhanças com as duas.

A viúva a observou com frieza maior do que a exibida pelo filho e inclinou a cabeça em um gesto quase exagerado. O visconde de Keilly fez um cumprimento gracioso e lady Keilly a examinou da cabeça aos pés, ergueu as sobrancelhas e desviou os olhos.

Chloe foi a única a fazer uma reverência, mas ficou com a sensação de que cometera algum tipo de gafe. Claro! Ela ocupava a posição social mais elevada entre eles. Esse pensamento lhe provocou um mal-estar secreto e ela não conseguiu pensar em nada para dizer. Como poderia acolhê-los em sua casa, afinal de contas, quando deviam conhecer aquele lugar como a residência do falecido duque e de sua viúva? Como não a veriam como a mais desprezível interesseira e intrusa, em especial num momento de tristeza para a família?

– Ah, lá está a governanta – disse a sogra, olhando para as portas abertas da casa e procurando o braço de Ralph. – Pode nos mostrar nossos aposentos, Sra. Loftus. Nossos aposentos de sempre, espero. E Weller cuidará de nossa bagagem. Vamos encontrá-la no salão em breve para tomar chá, mãe.

A duquesa viúva havia tomado o braço que lady Keilly oferecera.

– Estou bem certa de que a querida Chloe tomou todas as providências para a satisfação de todos – disse a idosa. – Não tenho a mínima ideia de como Ralph e eu poderíamos ter suportado os últimos dias sem sua ajuda.

Lorde Keilly seguia a esposa, subindo os degraus para entrar na casa, as mãos às costas.

Chloe foi atrás deles. Afirmar seu papel junto à criadagem fora a parte fácil, percebia. Os criados facilitaram. Aquele não era um começo auspicioso para seu relacionamento com a família do

marido. Mas pelo menos tinha começado. Às vezes a espera e a expectativa eram piores do que a realidade.

A situação melhorou com a chegada da visita seguinte, meia hora depois.

Lady Ormsby, a irmã viúva da antiga duquesa, chegou numa carruagem tão velha e tão ornamentada que não ficaria mal no acervo de um museu. Tão sobrecarregada de criados – uma aia, lacaios de farda, escolta robusta, cocheiro idoso – e tão repleta de bagagem que Chloe imaginou que seis pessoas emergiriam do interior do veículo, não apenas uma.

– Emily – chamou a dama depois de olhar bruscamente para o pátio e, em seguida, apertou a irmã contra seu amplo peito. – Minha doce Emily. E assim termina uma das grandes histórias de amor do século… deste século e do passado. Não consigo imaginar como será sua vida sem Edward. Como ele morreu? Em paz, espero, que é mais do que posso dizer do meu pobre Hubert. Precisa me oferecer chá, com uma gota de conhaque servida por Ralph, e me contar tudo. Venha comigo. Presumo que ainda não tenha chorado o suficiente. Nunca foi um regador, ao contrário de Caroline, que Deus guarde sua alma, que costumava nos afogar em lágrimas, junto com mamãe e papai, ao receber a menor provocação. Até um rato morto fazia com que ela caísse no choro. Lembra-se daquele rato e do enterro que ela insistiu em providenciar?

Chloe os observava, quieta.

– Você ficou muito sombrio e deleitável de preto, devo dizer, Ralph – continuou lady Ormsby. – Lembra um pirata com essa cicatriz. E que história é essa de casamento sem convidados? Eu estaria irritada como um urso com você se seu pobre avô não tivesse batido as botas bem no dia seguinte e feito todas as minhas energias se voltarem à pobre da minha querida irmã. Esta aqui é a noiva?

Ela levou ao rosto um lornhão, de haste comprida e sem alças, que ampliou seus olhos na direção de Chloe.

– Tia Mary – disse Ralph, curvando-se –, permita-me apresentar-lhe minha esposa. Chloe, conheça lady Ormsby, a irmã mais velha de vovó.

– Milady – cumprimentou-a Chloe, e resolveu fazer mais uma reverência, independentemente de ser ou não a atitude correta.

As lentes permaneceram grudadas nela por mais um momento antes de serem baixadas.

– Você é neta de Clementine West – falou lady Ormsby. – Ou pelo menos esse era o nome dela de casada. Não consigo lembrar como se chamava antes. Mas foi uma grande amiga de Emmy. Uma beldade, o que teria me deixado à beira de uma síncope se eu já não estivesse casada com Ormsby. Mas a beleza dela não superava a sua, menina, embora só Deus saiba de onde você tirou essa cor de cabelo, a não ser que os mexericos tenham fundamento, coisa que raramente acontece. Só que agora você pode empinar o nariz para todos eles. Ninguém vai esnobar uma duquesa de cabelos vermelhos como o fogo, ainda mais quando ela se casou com um pirata que tem uma aparência tão impactante ao usar preto. Pode beijar meu rosto, mas tenha cuidado para não manchar o ruge, ou minha aia vai ficar de cara feia por uma semana.

A senhora não quis ver seus aposentos. Deu o braço à irmã e foi andando na frente rumo à sala de estar, instruindo a governanta, no caminho, a preparar uma chaleira bem grande, sem demora.

– Peço desculpas por agir com tanta intimidade, duquesa – disse ela, olhando para Chloe, que vinha atrás.

Ralph lançou um olhar de esguelha para Chloe enquanto as seguiam.

– Dizem que a maioria das famílias tem pelo menos um excêntrico – murmurou ele. – Em geral, a tia de alguém.

Chloe sorriu. Era o mais perto que ele havia chegado de brincar com ela.

Pela manhã, alguns vizinhos foram prestar suas homenagens ao falecido duque, como já ocorrera nos dias anteriores. Chloe deu boas-vindas a todos, pois, embora a encarassem com evidente curiosidade, ninguém pareceu hostil. E claro que não estavam ali com o objetivo de conhecê-la. Afinal, tinham visto Chloe na igreja com a duquesa em uma série de ocasiões. Estavam ali para se solidarizarem com a avó de Ralph, com sua nora e seus netos.

Chegaram também notícias de que estalagens a quilômetros de distância se enchiam com hóspedes de alta posição social que vinham participar dos rituais solenes do dia seguinte.

A tarde trouxe mais viajantes. Lady Ormsby, que insistia em ser chamada de tia Mary por Chloe, foi a primeira a ver a carruagem que se aproximava pela estrada e a chamar a atenção de Ralph.

– Há um brasão no painel lateral – notou ela. – Eu o reconheceria num instante se estivesse a menos de meio quilômetro de distância ou se estes olhos fossem cinquenta anos mais jovens. Meu lornhão é completamente inútil, só serve para intimidar os presunçosos. De quem é a carruagem, Ralph?

– Pertence ao duque de Stanbrook – contou ele, que se pusera ao lado da senhora.

– Suponho que espere ficar hospedado aqui – disse a mãe de Ralph. – Deve informá-lo, Ralph, que só a família ficará na casa. Ou eu cuido disso, se achar difícil. Nunca me afeiçoei muito àquele homem.

– Vou descer e recebê-lo – falou Ralph, e então se voltou para Chloe com um estranho brilho nos olhos. – Vem comigo?

O duque de Stanbrook, explicou ele enquanto se dirigiam ao pátio, era o dono de Penderris Hall, na Cornualha, onde Ralph passara três anos se recuperando das feridas.

Chloe ficou para trás enquanto o marido caminhava para abrir a porta da carruagem e posicionar pessoalmente os degraus de acesso. O duque era consideravelmente mais velho do que Ralph, alto e bem-apessoado de um jeito austero, com um cabelo escuro

que prateava nas têmporas. Ele desceu depressa, sem nada dizer, e deu um forte abraço em Ralph. Ela observou o rosto dos dois antes que se afastassem e ficou aturdida ao constatar quanta emoção havia neles.

Em seguida, os homens se voltaram para a carruagem e Ralph estendeu o braço para ajudar alguém a saltar – uma dama. Era pequena, loura e muito bonita. Pousou as mãos nos ombros de Ralph e ficou na ponta dos pés para dar um beijo na sua face sem cicatriz e murmurar algo que Chloe não conseguiu ouvir.

Outra pessoa a seguiu, um verdadeiro gigante com cabelo escuro bem-aparado e um rosto feroz que se contraiu enquanto o homem abraçava Ralph com ainda mais força que o duque.

– Ah, meu rapaz – disse ele depois de um momento em silêncio. – Viemos com George assim que recebemos a notícia.

Por algum motivo inexplicável, Chloe achou que eram ainda mais intimidantes do que a família de Ralph. Sentiu que compartilhavam um mundo com seu marido, um mundo do qual ela estava excluída. Ralph se transformara diante de seus olhos. O vazio desaparecera de seu olhar. E naquele instante, de forma nada razoável, ela se ressentiu daquelas pessoas. Era a *esposa* dele e até então nunca vislumbrara nada daquela… *animação* nele.

Viraram-se todos ao mesmo tempo – mais ou menos como a família de Ralph fizera no dia anterior –, subitamente cientes, ao que parecia, de sua presença silenciosa a pouca distância. Ralph estendeu o braço para ela, os dedos ligeiramente convidativos, fazendo-a sentir-se errada por não ter se aproximado por vontade própria. Os olhares se encontraram e seu ar voltara a ser inexpressivo e indecifrável.

– Chloe – disse ele. – Permita-me apresentar o duque de Stanbrook, lorde e lady Trentham. Minha esposa, a duquesa de Worthingham.

Os dois homens a encararam com um ar sério. *A forasteira*,

pareciam pensar. Lady Trentham, porém, sorriu de forma calorosa e sincera, foi mancando até Chloe e tomou suas mãos.

– Duquesa, que lua de mel desafortunada a sua, pobrezinha – disse ela. – E como é triste que não possamos celebrar seu recente casamento, por enquanto. Estou muito feliz pelos dois, de qualquer maneira. Todos os Sobreviventes têm grande estima uns pelos outros, como tenho certeza de que já sabe, mas abrem seu círculo para acolher as recém-casadas. Hugo e eu nos casamos há menos de um ano e, desde então, já aconteceram quatro outros casamentos, inclusive o seu. Espero que seja tão feliz quanto o restante de nós, assim que esta ocasião tão triste tiver ficado para trás.

*Os Sobreviventes?* Mas Chloe não fez essa pergunta.

– Obrigada – disse ela, retribuindo o sorriso e olhando para cada um dos homens. – Sejam bem-vindos a Manville Court.

O duque de Stanbrook lhe estendeu a mão.

– Duquesa – falou ele, tomando a mão de Chloe entre as suas enquanto a fitava nos olhos. – Tive grandes suspeitas, quando Ralph deixou Londres há alguns dias, de que conheceria a senhora em breve, embora não *suspeitasse* que seria em circunstâncias tão tristes. Lamento muito. Mas estou feliz por Ralph tê-la como consolo neste momento.

– Deixe-me olhá-la, moça – disse lorde Trentham, a voz amistosa destoando da ferocidade de sua expressão facial, e tomou-lhe a mão direita dentro da sua, que era enorme. – Alguém disse que a senhora tinha o cabelo mais ruivo que já existiu e posso ver que não houve exagero. Ralph encontrou uma rara beldade para si. Disse alguma coisa errada, Gwendoline?

A esposa apenas balançou a cabeça de leve e riu ao lhe dar o braço.

Ralph fez um gesto na direção dos degraus e da entrada principal.

– Ficarão aqui, é claro – declarou ele. – Os quartos de hóspedes

já estão preparados.

– Nem sonharíamos em impor nossa presença – disse o duque. – Ficaremos no vilarejo ou onde quer que haja acomodações para nos receber.

– E nem sonharíamos em permitir que ficassem em nenhum outro lugar – disse Chloe. – São amigos do meu marido.

Então ela percebeu que o que sentia não era ressentimento, mas ciúme puro e simples, pois estava claro que aqueles *eram* seus amigos, e ela não. Era apenas a *esposa*, a mulher a quem ele prometera respeito mas não afeto.

Mostrou o caminho para o interior da casa e fez uma pausa para trocar algumas palavras com a Sra. Loftus antes de segui-los para o andar de cima.

Menos de uma hora depois, Graham chegou com Lucy e o Sr. Nelson. Ralph voltou a descer em sua companhia para saudá-los.

Lucy foi a primeira a descer da carruagem, soltando gritinhos de animação um tanto impróprios. Correu para os braços da irmã.

– Chloe, você está *casada*! – exclamou. – Com um *duque*. Mas por que não esperou para ter uma cerimônia grandiosa e convidar todos nós, sua pessoa horrorosa? Nunca a perdoarei. Fica ótima de preto, devo dizer. Mas me lembro de ter feito o mesmo comentário depois da morte de mamãe. Você tem as cores certas para ficar bem. Não acha, Freddie? Fico um pavor vestida de preto. Simplesmente desapareço quando uso cores escuras e sombrias. Mas não devo continuar com essa conversa, não é? Sofreu uma *perda* e acredito que esteja muito triste, apesar de o duque ser um homem de idade.

– Minha querida irmã – disse Frederick Nelson, saudando Chloe com um gesto floreado como se estivesse no palco, interpretando para a mais distante das arquibancadas. – Ou devo dizer minha querida *duquesa*? Suponho que terá que observar um curto período de luto, mas, assim que puder, antes do fim da temporada, espero eu, estarei implorando que abra seus salões em Londres e receba

os maiores pensadores, artistas e poetas e até, quem sabe, *dramaturgos*.

Chloe lançou um olhar eloquente na direção deles. Aqueles dois não mudavam. Mereciam um ao outro. O Sr. Nelson habitava o próprio e excêntrico mundo, aparentemente alheio à vida real. Quanto a Lucy, longe da influência positiva dos pais, o que havia começado como uma exuberância juvenil e impulsiva se transformara numa amável semivulgaridade. Mas pelo menos *era* amável. E era da família.

– Lucy, Sr. Nelson – disse Chloe. – Permitam-me apresentar-lhes meu marido. Estes são minha irmã e meu cunhado, Ralph.

– Ah, mas o duque de Worthingham e eu já nos conhecemos há muito tempo – comentou o Sr. Nelson, efusivo.

Ralph o cumprimentou com um leve meneio de cabeça e se curvou segurando a mão de Lucy. Tinha apertado a mão e trocado algumas palavras com Graham, embora os dois parecessem um pouco formais e constrangidos.

Graham a abraçou.

– Chloe, o que você fez? – perguntou ele junto ao ouvido da irmã. – E sem dizer nada a ninguém…

– Não houve tempo de avisar ninguém – disse ela. – O duque estava debilitado e a duquesa, ansiosa para que nos casássemos sem rebuliço nem delongas. Fico feliz por ter feito isso, mas lamento que não tenha havido tempo para que as duas famílias se reunissem aqui.

O Sr. Nelson fazia o que parecia ser um pomposo discurso de condolências e Lucy contemplava Ralph com algum assombro quando alguém desceu os degraus da carruagem mais devagar e de modo mais hesitante do que os outros. Olhou para Chloe e ergueu as sobrancelhas, como se não estivesse certo de que seria bem-vindo.

Ela avistou o visitante e sentiu como se o coração se partisse.

– Papai – sussurrou, e então correu para seus braços, apertou-

se em seu tronco reconfortante e sentiu o cheiro familiar de tabaco. – Sinto muito.

Ele a afastou e a encarou de modo inquisidor.

– Não houve tempo de pedir sua permissão – explicou ela.

– Você é maior de idade, Chloe – lembrou ele.

– Para pedir sua bênção, então – emendou ela. – O duque estava doente e a duquesa temia que toda a empolgação dos preparativos de uma cerimônia grandiosa ou mesmo a demora para uma festa mais simples fossem muito para ele.

– Fez um casamento maravilhoso, Chloe – disse o pai. – Mas será feliz? Tudo ocorreu de forma tão repentina. Foi por você ter se convencido de que não tinha um lar para onde voltar?

Porém não houve tempo para a resposta. O Sr. Nelson terminara seu monólogo e Lucy, pela primeira vez, tinha ficado sem palavras. Chloe se virou:

– Este é meu marido, papai, o duque de Worthingham. Meu pai, Ralph.

Os dois apertaram-se as mãos, examinando-se. Nenhum deles sorriu.

– Espero ter a chance de me redimir, senhor – disse Ralph. – Por não tê-lo consultado antes de me casar com sua filha. Agradeço por ter feito uma viagem tão longa. Será reconfortante para minha esposa estar cercada pela família nos próximos dias.

– Estava em Londres quando chegou a carta de Chloe para meu filho – contou o pai. – Tinha ido passar algumas semanas com ele e minha filha caçula, os netos e minha irmã. Fiquei feliz por ter a oportunidade de vir até aqui para dar minhas condolências.

– Entre, por favor, senhor – convidou Ralph.

– Pedirei que alguém os acompanhe até os quartos de hóspedes – disse Chloe, tomando o braço do pai. – Em seguida devem descer para tomar um chá na sala de estar. Tenho certeza de que desejam prestar condolências a Sua Graça.

– *Você* é Sua Graça, Chloe – ressaltou Lucy. – Mas entendo o

que quer dizer. Está se referindo à velha duquesa. Imagino que vou ficar muda de espanto quando a conhecer. Não costumamos ser recebidos por muitos dos maiores esnobes da aristocracia, você sabe, mas todos terão de ser educados conosco nos próximos dias, não é? E com você também, Chloe. Depois do que ocorreu no ano passado, espero que…

– Lucy, acredito que seja mais sábio segurar sua língua – interrompeu-a Graham.

– Você é tão rabugento! – reclamou ela, revirando os olhos.

Contudo, por misericórdia divina, ela obedeceu.

# CAPÍTULO 10



O restante da tarde e a noite se passaram num turbilhão para Ralph. De certo modo, ele ficou grato. Nos últimos dias, mais de uma vez ficara ao lado do avô, que fora aprontado para ser visto por quem desejasse lhe prestar homenagens, e cada vez mais ele sentia a dor da perda. A avó estivera certa na manhã da sua morte: o corpo se encontrava ali, mas ele, não. Apenas as lembranças dele permaneciam.

A maior parte das recordações que Ralph tinha dos avós paternos era de amor puro e incondicional, sempre misturado a uma boa dose de disciplina quando necessário. O pai fora um homem de modos discretos que vivia imerso nos livros. A mãe sempre estivera ocupada com compromissos sociais. Nenhum dos dois fora cruel, pouco amoroso ou mesmo negligente, mas lhes faltava o carinho que Ralph encontrara nos avós.

O que o fazia pensar no tipo de pai que ele mesmo seria. Chloe, ele tinha quase certeza, seria uma boa mãe. Ela dissera isso na manhã em que sugerira o acordo, que amaria todos os filhos que tivessem, e ele acreditava nela. Até os criados a amavam. Não seria exagero afirmar isso. E os criados apenas o respeitavam. Embora isso talvez não fosse de todo verdadeiro: alguns dos mais antigos

tinham sido cúmplices de alguma espécie de conspiração para protegê-lo da ira dos avós sempre que se metia numa de suas frequentes encrencas na infância.

Mais visitantes chegaram no final do dia: Amelia, sua irmã mais velha, e o marido, uma tia e um tio, alguns primos, amigos pessoais dos avós. E então surgiram três convidados inesperados.

Flavian, visconde de Ponsonby e um dos Sobreviventes, deixou seu refúgio de lua de mel em Candlebury Abbey, sua residência rural também em Sussex mas um pouco distante, e se apresentou com a esposa. Bem mais tarde, já de noite, chegou Vincent, visconde de Darleigh, o companheiro cego, depois de viajar de Gloucestershire com o valete e o cão-guia. Para conseguirem estar ali àquela hora, não podiam ter se demorado em nenhum trecho da estrada. Ralph ficou mais comovido do que poderia dizer. Os únicos Sobreviventes que não estavam ali eram Ben, que vivia nos recantos mais distantes do oeste do País de Gales, e Imogen, que se encontrava na Cornualha.

Ralph demorou a ir para a cama naquela noite. Demorou muito, na verdade. Todos queriam se sentar junto dele e conversar, como costumava acontecer diante de uma morte recente. Era como se os vivos necessitassem afirmar sua vitalidade diante da grande silenciadora. Mas a avó e a tia-avó por fim foram dormir e quase todos os outros se recolheram em seguida. Chloe, lady Ponsonby e lady Trentham subiram juntas, Ralph notou com alegria. Pareciam gostar umas das outras. No final, permaneceram com ele na sala de estar apenas seus companheiros Sobreviventes e Graham-Muirhead. A princípio, Ralph recebeu com irritação o fato de Muirhead ter se intrometido na intimidade do grupo, mas se deu conta de que não era um pensamento razoável. Não se tratava de uma reunião do Clube dos Sobreviventes. Graham era tão hóspede seu quanto os outros.

Ralph sempre tivera um relacionamento complicado com Graham Muirhead, embora talvez a palavra “relacionamento” não

fosse apropriada. Na escola, Graham pairara em torno do círculo mais próximo de Ralph, composto por quatro amigos, mas nunca se tornara parte do grupo. Ralph gostava dele. Às vezes, chegara a pensar que poderiam ter uma amizade próxima e sincera, pois Graham era inteligente, sensível e culto. Em outras ocasiões, Ralph o considerara tão irritante que preferiria a companhia do pior inimigo, pois Graham tinha ideias próprias e não se furtava de discordar de pensamentos ou planos que contrariassem suas crenças. Para ser justo, Ralph tinha a sensação de que Graham sentia o mesmo em relação a ele. Talvez porque os dois tivessem personalidades fortes. Porém, enquanto a personalidade de Ralph o tornara um líder, alguém que os outros garotos imitavam e seguiam, as atitudes de Graham demonstravam uma teimosia tranquila, uma total falta de consideração pela popularidade e pela aprovação dos outros. Haviam batido de frente com frequência, embora apenas do ponto de vista metafórico. Nunca se recuperaram da última vez que isso acontecera.

Graham se tornara sacerdote, mas não era *um sacerdote qualquer*. A vida tranquila e respeitável que poderia ter numa paróquia rural – junto a uma esposa que tornaria sua residência aconchegante, cercado de filhos, com um padrinho rico para garantir sua segurança até que herdasse o título do pai e sua modesta fortuna – não era para ele. Tampouco era característico dele o tipo de ambição que o levaria a galgar com dificuldade os degraus da hierarquia da Igreja até se tornar bispo ou até mesmo arcebispo. Não. Graham Muirhead tinha se vinculado, por escolha própria, a uma paróquia pobre na região mais desagradável de Londres. Suas ovelhas eram moradores de cortiços, batedores de carteira, prostitutas, bêbados, agiotas, órfãos maltrapilhos e outros grupos malvistos que praticamente transbordavam naquela área. Sem falar na imundície e no fedor das ruas.

E fizera aquilo, como explicava para os interessadíssimos George, Hugo, Flavian e Vincent, não por ter a expectativa de levar

multidões aos bancos da igreja, onde cairiam de joelhos, chorando de arrependimento, mas por ter a convicção de que, caso o Senhor tivesse nascido em Londres no século XIX, em vez de na Palestina romana, seria naquele bairro que ele seria visto com maior frequência – convivendo com os mais humildes, curando-os, compartilhando refeições com eles, aceitando-os como eram, tratando-os com dignidade e raramente, talvez nunca, pregando para eles. Em outras palavras, simplesmente *amando-os*.

– Pois é assim que a religião é para mim – explicou ele sem o menor toque de afetação. – E é isso que ela me impele a fazer: amar simplesmente e aceitar sem fazer juízo.

*Conversa*, Ralph quis dizer com grande irritação ao mesmo tempo que sentiu uma espécie de dor – *lágrimas?* – presa na garganta. Porque aquelas palavras não tinham sido pronunciadas com a menor presunção nem com intenção de impressionar. Era apenas Graham sendo Graham.

– Maldição! – exclamou Hugo, batendo com uma de suas grandes mãos no joelho dele. – Mas está certo, Muirhead.

– Melhor que seja você do que eu – disse Flavian. – Mas tem a minha mais p-profunda admiração.

– Mas o amor basta? – perguntou George. – O amor não providencia casas para aqueles órfãos, não encontra trabalho respeitável para aquelas prostitutas, nem consola quem foi roubado.

– Ninguém pode fazer tudo – argumentou Graham. – Cada um de nós só tem condições de fazer o que está ao seu alcance. Se pensarmos apenas na nossa incapacidade para resolver os problemas do mundo, só nos restará o desespero. E o desespero não leva a nada.

O assunto rendeu um debate animado do qual Ralph não participou, embora ouvisse e acompanhasse com atenção – e com algo que ele reconheceu como ressentimento. Pois todos aqueles homens se apreciavam. Graham se encaixara perfeitamente, como se fosse um deles.

Então qual seria o problema de Ralph? Queria manter os amigos para si, sem disposição de compartilhá-los? Contemplar essa possibilidade era, no mínimo, constrangedor. E infantil.

– Ralph – chamou George, que o observava, o que fez os outros se voltarem para ele também. – Estamos mantendo-o acordado. E você precisa descansar. Basta olhar para seu rosto para perceber. Tinha uma ligação forte com seu avô. Amanhã será um dia difícil para você.

– Na verdade, considero reconfortante – disse Ralph – ficar sentado aqui sem dizer nada, apenas ouvindo a conversa de todos. Muito obrigado por terem vindo. Realmente não esperava. A você também, Graham. É muito importante para Chloe ter a família perto dela.

Hugo se levantou esfregando as mãos.

– Bem, estou indo para a cama – falou ele, fazendo um sinal para todos, inclusive para o cão de Vincent.

Já passava da meia-noite quando Ralph abriu a porta do quarto da esposa sem bater, como de costume. Esperava que estivesse adormecida. Chegara a pensar na possibilidade de passar a noite na própria cama, mas achara isso desanimador. Decidira não despertar Chloe, porém. O dia seguinte também seria muito movimentado para ela.

Havia algumas brasas na lareira. Isso era incomum. Então ele avistou Chloe, sentada numa poltrona ao lado do calor, os braços em volta das pernas, os calcanhares nus apoiados na beirada do assento. A camisola cobria os tornozelos e tinha mangas que iam até os punhos. A touca permitia que ele apenas vislumbrasse seu cabelo. Mesmo assim, ela parecia mais atraente do que qualquer cortesã com quem se encontrara – um pensamento bastante absurdo, com certeza. O fulgor da brasa iluminou seus contornos e seu rosto quando ela se voltou para ele.

Ralph apoiou as costas na porta e cruzou os braços. Tinha a

estranha e um tanto perturbadora sensação de estar voltando para casa.



Chloe se virou para encará-lo. Não sabia se ele a procuraria. Não deveria ter esperado acordada. Mas não conseguira ir para a cama. E, se fosse, não dormiria.

– Achei que estaria dormindo – comentou ele.

– Não.

– Lamento muito que minha mãe, Nora e Amelia continuem a quase ignorar sua presença – disse ele. – Vão ceder se você estiver disposta a lhes dar tempo. Meu casamento repentino as pegou de surpresa e elas decidiram, injustamente, punir você. Talvez eu devesse ter falado de você para minha mãe antes de deixar Londres.

Ela não esperara que a mãe e as irmãs dele a recebessem de braços abertos. O lado bom era que não tinham sido claramente rudes. Mas Chloe não queria pensar nelas naquela noite.

– Pelo menos Lucy tem andado estranhamente quieta – disse ela. – Está intimidada, e espero que continue assim por muito tempo. Fica muda de admiração diante de sua tia-avó. Notou como ela se senta o mais perto possível e presta atenção em todas as suas palavras e gestos? Suspeito que pedirá ao Sr. Nelson que lhe compre um lornhão assim que chegarem a Londres.

– Ela tem grande estima por você – falou ele. – Assim como seu pai e seu irmão.

– Sim.

Também não queria pensar no pai naquela noite.

– Vai para a cama? – sugeriu ele, mas Chloe não se moveu.

– Conte-me sobre os Sobreviventes – pediu ela. – É uma palavra que lady Trentham empregou esta tarde, em relação a seus amigos, e parecia que talvez devesse ser escrita com um S maiúsculo.

Todos estiveram com você na Cornualha? Foram feridos? Sabe, nem percebi que o visconde de Darleigh era cego quando fui apresentada a ele. Assim que o cumprimentei, ele olhou para mim e parecia que podia me *enxergar.* Fiquei me perguntando por que ele havia trazido um cão, mas compreendi no momento em que ele não tomou minha mão estendida. Vocês passaram três anos na Cornualha? É muito tempo.

Enquanto Ralph descruzava os braços e se aproximava, Chloe teve a nítida impressão de que, por dentro, ele soltava um suspiro. Ela não deveria ter perguntado. Tinham concordado em não demonstrar interesse verdadeiro pela vida um do outro, não tinham? Aceitaram não ter nenhum envolvimento emocional. Porém, com certeza, seria necessário saber algumas coisas sobre o outro, não?

Ele se sentou num banco baixo ao lado da poltrona da esposa.

– Penderris Hall, na Cornualha, é a casa de George, o duque de Stanbrook – revelou Ralph. – Ao final das guerras, ele instalou lá um hospital para soldados feridos. Persuadiu um excelente médico, conhecido dele, a trabalhar lá e contratou uma equipe. Uma série de homens feridos passou algum tempo e depois partiu. Alguns morreram, um deles em Penderris e outros dois após voltar para casa.

Ralph parecia pensativo.

– Seis de nós permanecemos durante três anos inteiros – prosseguiu o duque. – Suponho que éramos aqueles que não tinham apenas feridas físicas ou, em alguns casos, não tinham nenhuma ferida física. Ficamos para sermos curados e, depois, para nos restabelecermos, para nos recuperarmos tão bem quanto nossos corpos. O médico era muito habilidoso nesse aspecto do seu trabalho. Acreditava que a guerra fere a alma com a mesma profundidade com que fere o corpo, às vezes até mais. Criamos um vínculo profundo, os seis, quer dizer, sete, contando com George. Ele não chegou a ir para a guerra, mas seu único filho morreu na

península Ibérica e alguns meses depois a esposa se jogou para a morte dos penhascos que delimitam sua propriedade.

– Ah! – exclamou ela, consternada.

– George estava tão destroçado quanto o resto de nós – contou Ralph. – Um dia, um de nós… acredito que tenha sido Flavian, mas pode ter sido eu mesmo… chamou nosso grupo de Clube dos Sobreviventes, como uma espécie de piada. E o nome pegou. Os dois que não estão aqui são Ben, sir Benedict Harper, que vive no oeste de Gales com a esposa, e Imogen, lady Barclay, que mora na Cornualha. As pernas de Ben foram esmagadas durante uma carga da cavalaria e ele nunca recuperou todo o seu movimento, apesar de esforços hercúleos de sua parte. O marido de Imogen morreu sob tortura na península Ibérica e ela foi obrigada a assistir a uma parte de seu sofrimento e a sua morte.

Chloe lhe dava toda a atenção.

– Partimos todos de Penderris ao mesmo tempo, há quatro anos – prosseguiu ele. – É provável que tenha sido a coisa mais difícil que qualquer um de nós já precisou fazer, embora fosse necessária, claro. Não poderíamos viver numa bolha artificial. Agora, todo ano, no início da primavera, nós nos reunimos durante três semanas, em geral em Penderris, embora este ano tenhamos ido para Middlebury Park, em Gloucestershire, a casa de Vincent. Ele não queria deixar a esposa logo depois do nascimento do filho.

– Ele fala com muito orgulho e afeto do filho – comentou ela. – Como é triste que não possa ver o bebê.

– Seria um erro sentir piedade de Vince – disse ele. – É muito raro que ele se lamente. Considera-se um homem abençoado e feliz.

– E eles são as pessoas mais queridas do mundo para você – deduziu ela. – Seus amigos Sobreviventes.

– Sim, de certo modo.

Ele olhou para a esposa e buscou sua mão. Ela perguntou a si

mesma se ele tivera a intenção de fazer aquilo, mas ele não a soltou.

– É um vínculo especial que compartilhamos, mas não precisa excluir outros vínculos. Cinco de nós se casaram no último ano, por incrível que pareça. Três das esposas foram para Middlebury Park este ano. Flavian se casou quando estávamos por lá. E agora é minha vez. O matrimônio cria um tipo diferente de vínculo, Chloe. Não é necessariamente inferior àquele que mantenho com os Sobreviventes. Na verdade, *não é* inferior.

Ele abriu a mão sobre a palma dela e entrelaçou seus dedos.

– Sente-se ameaçada por eles? – perguntou.

– Não – assegurou ela, balançando a cabeça, mas sem ter muita certeza de estar falando a verdade. – Tenho visto evidências de seus sofrimentos físicos, Ralph, e percebo que foram terríveis. Quais foram suas outras feridas? Por que ficou em Penderris durante três anos?

*Por que partiu de lá tão mudado?*

*E com olhos tão sem expressão e uma alma tão vazia?*

*E acreditando ser incapaz de amar?*

Chloe não fez aquelas perguntas em voz alta. Estava consciente demais da mão de Ralph apertada contra a dela, grande, de dedos compridos, mais morena, muito masculina. E da cabeça dele pouco abaixo da sua, inclinada sobre as mãos de ambos. Sob a luz da lareira, parecia haver reflexos dourados no cabelo escuro dele.

Apesar da sua reação inicial, ela gostava dos amigos dele, dos companheiros Sobreviventes – sim, era uma palavra que precisaria de um S maiúsculo, caso fosse escrita. O porte um tanto austero do duque de Stanbrook era explicado por sua história, pela perda do único filho na batalha e pelo suicídio da esposa, pouco depois. Porém, em vez de permitir que essas duas mortes o amargurassem ou o destruíssem, ele concentrara seus esforços em cuidar de outros que também sofriam.

Não havia sinal externo dos ferimentos que lorde Trentham devia

ter enfrentado. Era um homem grande e parecia bastante forte, e o rosto dele sob aquele cabelo aparado era um tanto assustador, como se as carrancas fossem mais naturais para ele do que os sorrisos. No entanto, quando falava, era gentil, e estava claro seu amor pela pequenina e delicada lady Trentham, plenamente correspondido. No entanto, ele sofrera danos tão grandes durante a guerra que precisara passar três anos com os demais em Penderris Hall.

Os ferimentos do visconde de Darleigh eram mais óbvios. Parecia muito jovem, talvez mais do que Ralph. Quantos anos devia ter quando…? Era insuportável pensar naquilo. Tinha um temperamento doce, bem-humorado. E o visconde Ponsonby gaguejava um pouco, mas aquilo talvez não tivesse relação com o que o fizera passar tanto tempo em Penderris. Era cortês, simpático e perspicaz, aparentemente intocado pela guerra ou pela vida. Era óbvio que estava muito apaixonado pela esposa.

Ela gostava dos amigos de Ralph, mas… Ah, sim, tinha se sentido *ameaçada* por eles, pois havia algo muito extraordinário no modo com que aqueles cinco homens se relacionavam. Chloe chegara a se ressentir por lady Trentham e lady Ponsonby não *parecerem* se sentir ameaçadas.

Todos que se reuniam naquele momento em Manville Court pareciam conhecer Ralph melhor do que ela, à exceção de seu pai, de Lucy e do Sr. Nelson. Até Graham. Ela não sabia quase nada dele. E por isso fizera perguntas, embora fosse tarde e ela talvez devesse ter ido para a cama em vez de esperá-lo. E deveria ter permitido que *ele* fosse para a cama. O dia seguinte seria ao mesmo tempo agitado e desgastante do ponto de vista emocional.

Ele manteve a mão na dela e entrelaçou os dedos com mais força. Encarava aquelas mãos.

*Por que passou três anos em Penderris?*, era a pergunta dela.

– Eu queria morrer – falou ele, com uma voz inexpressiva. – Foi por isso que meu pai me mandou para Penderris. Eu discursava,

delirava e só falava de pôr fim em tudo aquilo. Tentei engolir todo o meu medicamento. Procurei qualquer coisa que parecesse afiada o bastante para me fazer sangrar. Quando minhas mãos foram presas na cama com bandagens, lutei feito um demônio para impedir que meus ferimentos se fechassem.

– Seu médico não podia lhe dar nada para controlar a dor? – perguntou ela.

Ele abaixou as mãos dos dois até o assento, ainda prendendo os dedos.

– Eu quase acolhia a dor física – explicou ele. – Me fustigava com ela. Imaginava que, se eu sofresse o bastante, poderia expiar minhas culpas.

– Expiar?

Ela sentiu um arrepio subir pela espinha.

– Por causar a morte e um sofrimento indizível – acrescentou ele. – Por sobreviver.

– Mas não era seu dever como oficial conduzir seus homens para a batalha? – perguntou ela. – Não estava sob as ordens de oficiais superiores? Soldados não morrem em batalhas?

Ele ergueu os olhos para fitá-la. Chloe esperava que estivessem cheios de dor. Mas estavam inexpressivos. Vazios.

– Levei três homens comigo para a guerra – disse ele. – Não queriam ir. Nem teriam pensado em ir por conta própria. E nenhum deles foi destinado pela família à vida militar. Muito pelo contrário. As famílias lutaram contra sua determinação em me acompanhar. Mas tive mais poder e influência sobre eles. Eu os convenci e eles me seguiram. E morreram.

– Está se referindo a seus três amigos do colégio? – perguntou Chloe.

– Thomas Reynolds, filho do visconde de Harding – disse ele –, Maxwell Courtney, filho de sir Marvin Courtney, e Rowland Hickman, filho do barão de Janes.

Ela se lembrava dos nomes vindos de um passado distante,

embora Graham não os tivesse mencionado tanto quanto mencionara Ralph Stockwood.

– Mas a decisão foi deles – ressaltou Chloe.

Ralph ainda fitava os olhos dela com uma falta de expressão aterradora.

– Sim – concordou. – Foi o que aprendi a aceitar naqueles três anos. Qual é o grau de responsabilidade que devemos compartilhar pelas decisões e as ações dos outros? Total? Algum? Nenhum? É uma pergunta interessante, e os envolvidos com certeza responderiam de formas diferentes, dependendo da perspectiva de cada um. Em três anos, aprendi a mudar minha resposta de *total* para *algum*. Nunca progredi para *nenhum*. Mas deixei de tentar me matar. Parei de entediar a todos falando sem parar no assunto, parei de alarmá-los com minhas ameaças. Eu me curei e voltei para casa.

Chloe o encarou, atônita.

– E parou de desejar a morte? – questionou ela, preferindo ter mordido a língua assim que pronunciou tais palavras.

Ele deu um meio sorriso, embora parecesse mais uma careta do que um sorriso.

– O destino me pregou uma peça cruel – disse ele. – Em vez de me matar e de me mandar para o inferno, que sem dúvida seria meu lugar, ele me poupou e me brindou com o inferno na terra. Mas tudo pode ser suportado, com o devido tempo. É possível adaptar-se às circunstâncias em que você se encontra… talvez seja uma pequena vingança contra o destino. Somos todos adaptados, nós sete. Estamos todos levando nossas vidas de modo mais ou menos produtivo. E devo pedir desculpas por falar de forma tão deprimente e tão cheia de autocomiseração. Não voltará a acontecer, eu garanto.

– As famílias deles o culpam pelo ocorrido? – perguntou Chloe.

Ralph soltou sua mão se levantou bruscamente.

– Não tenho dúvida – respondeu, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. – Não precisa se preocupar.

Contudo ela não podia deixar o assunto de lado. Ainda não.

– Já *perguntou* a eles?

Ela soltou a mão ao se levantar. E levou um susto quando ele se inclinou e pôs a boca sobre a dela. De forma intensa. Chloe não teve tempo de decidir se era um beijo ou apenas um jeito de silenciá-la. Fitou-o, muda e de olhos arregalados, quando ele ergueu a cabeça.

Se aquilo tinha sido um beijo, era seu primeiro. Que absurdo! Tinha 27 anos e se casara fazia quase uma semana. Não acreditava que *tivesse sido* um beijo. Mas fizera com que se calasse.

Ralph estava franzindo a testa. Depois ergueu as mãos, tirou sua touca e deixou que caísse na poltrona atrás dela.

– Sempre usa touca para dormir? – perguntou ele.

– Não.

– Já havia usado *alguma vez* antes desta semana?

– Não.

– Por que agora, então?

Ela não conseguia pensar em nenhuma justificativa exceto a verdade.

– Não queria que pensasse que eu estava tentando… seduzi-lo.

Os olhos dele, que estavam pousados em suas tranças, deslocaram-se para seu rosto.

– Esperava que eu simplesmente fosse embora? – perguntou.

– Ah, de modo algum – disse ela. – Eu teria odiado. Mas não queria que pensasse…

Como poderia completar aquela frase?

– Que você é linda? E desejável? Mas eu *havia achado* isso e *ainda* acho. Considera seu cabelo um grande problema?

O barão de Cornell, seu admirador durante a primeira temporada, certa vez lhe dissera, aos risos, que, com aquele cabelo, ela poderia passar por uma voluptuosa e extravagante cortesã. E, ainda por cima, passaria pela mais cara de todas. Ele pedira

desculpas ao perceber que a abalara profundamente, mas ela nunca esquecera. Ah, e no ano anterior…

– Sim.

Foi a resposta mais simples que pôde conceber. Todas as mulheres desejavam se sentir bonitas, e ela não era exceção, mas não queria ser contemplada com um apetite lascivo, como acontecera com muito mais frequência do que ela gostaria de admitir.

As mãos de Ralph estavam tirando os grampos que mantinham as tranças presas à sua cabeça. Quando o cabelo tombou como um pêndulo pesado sobre suas costas, ele passou sua mão por trás, retirou a fita que o prendia e desfez a trança. Deixou seus dedos correrem entre os fios e puxou duas mechas sobre os ombros de Chloe.

– Fizemos nosso trato – disse ele. – Nós sabemos o que esperar do outro e o que *não* esperar. Não falamos de desejo, no entanto. Espero não ofendê-la por desejá-la e por admirar sua beleza e seu cabelo glorioso. E, de fato, espero que me deseje e que o leito nupcial não seja repugnante para você.

– Não é – garantiu a ele.

*Seu cabelo glorioso…*

Ralph respirou fundo e soltou o ar de forma ruidosa.

– Por que estamos de pé a uma hora dessas? – perguntou. – Amanhã vai ser um dia muito movimentado e você estará exausta. Mas será que eu poderia exauri-la um pouquinho mais?

Um sorriso atravessou o rosto dele, como uma sombra, e desapareceu.

Chloe ardia de desejo, ansiava por ele.

– Sim – respondeu ela.

# CAPÍTULO 11



*Sim,* dissera Chloe quando ele perguntou se poderia exauri-la um pouquinho mais. No entanto, quando ele uniu os lábios aos da esposa, ela não retribuiu o beijo. E quando se pôs sobre ela na cama, minutos depois, Chloe permaneceu imóvel, como sempre fazia. Uma esposa dedicada, cumprindo sua parte do acordo. Querendo um filho tanto quanto ele, supunha Ralph, mesmo que fosse por motivos diferentes. Ela *amaria* todos os filhos que tivesse. Ele não tinha dúvida – da mesma forma que não duvidava que pudesse cumprir a promessa de nunca amá-lo. Havia mencionado aquilo apenas para reconfortá-lo?

Ralph ficou ao lado dela na cama, como costumava fazer depois do sexo. Mas, de um jeito que *não* era habitual, passou o braço em volta dos ombros da esposa ao sair dela e a puxou para junto de si, de modo que ela ficou de lado, com o marido a abraçá-la. A camisola ainda estava levantada até a cintura. Suas pernas, lisas e finas, roçavam nas dele. A cabeça descansava no ombro de Ralph e o cabelo se espalhava por seu braço e seu peito. Ele não conseguia ver a cor na escuridão, mas sentia sua textura sedosa e o vago aroma do sabão que ela usara para lavá-lo. Não achava que ela estivesse dormindo. A respiração parecia tranquila demais.

Aquilo era mais do que ela negociara? Estava sendo injusto? Era mais do que *ele* negociara? Mas um homem não teria direito aos confortos do leito nupcial?

Ele precisava dela naquela noite – parecia horrível admitir isso. Precisava do conforto da presença de Chloe em seus braços. Lembrou-se dos momentos, naqueles últimos quatro anos, em que a necessidade o levara a buscar os serviços de uma cortesã. Seria a mesma coisa? Naquelas ocasiões, entretanto, ele tinha sido comandado apenas pela necessidade física – ah, e talvez por uma ponta de solidão. Nessa noite, porém, não era só de sexo que precisava, não era apenas de companhia feminina. Sentia necessidade de estar com a esposa. Não era uma mera questão sexual, embora também fosse. E também não era por solidão. Como poderia se sentir sozinho cercado pela família e pelos amigos? Era…

Era a dor.

A dor da perda do avô, que partira fazia quase uma semana, mas a quem ele diria o último adeus no dia seguinte, em meio a toda a pompa pública do velório de um duque. Dor pela avó, que se tornara ainda mais frágil nos últimos dias: corajosa, altiva e perdida. Dor por Rowland, Max e Tom, os três com apenas 18 anos quando morreram numa chuva de sangue, poeira e vísceras. E dor pelas famílias deles, que foram contra o desejo dos jovens de ir para a guerra. Dor por si mesmo e por tudo o que havia de errado e que era tarde demais para corrigir. Dor pela perda da inocência e pelo idealismo perigoso.

Seria tão fácil deixar-se voltar àqueles primeiros dias em Penderris, deixar que a dor se transformasse em depressão, depois autopiedade, daí em ojeriza a si mesmo, então em desespero, até que… Acreditara já ter passado pelo pior.

– Deite-se de bruços – falou Chloe.

– O quê?

A voz de Chloe o puxara da beira de alguma espécie de

precipício.

– Deite-se de bruços – repetiu ela, afastando-se dele. – Vou massagear suas costas.

Ele quase soltou uma gargalhada. *Vou massagear suas costas.* Era um tratamento que o médico em Penderris jamais aventara. Mas ele se virou, obediente, pôs os braços sob o travesseiro e descansou a cabeça olhando para Chloe. Ela estava de joelhos ao lado dele, o cabelo solto e desarrumado.

A falta de sono de Ralph a mantivera acordada também. Ele não deveria tê-la deixado em seus braços. Ela tivera dias tão corridos quanto os dele durante toda aquela semana. O dia seguinte seria ocupado e estressante para a esposa. Chloe teria que interagir com alguns dos nomes mais destacados da aristocracia e devia estar preocupadíssima.

Ela massageou suas costas com uma das mãos, de leve, a princípio, então as arranhou. Seu toque era delicioso. Depois ela se debruçou mais sobre ele e trabalhou com as duas mãos, apertando, esfregando e massageando até que Ralph começou a sentir que os nós de tensão se desfaziam e os músculos relaxavam até a ponta dos pés.

– Onde aprendeu a fazer isso? – perguntou ele.

– Não aprendi – admitiu a esposa. – Mas consigo sentir seus pontos de tensão. Estou tentando não apertar suas antigas feridas. Espero não estar machucando.

– Não sabia que você tinha trazido um par de mãos mágicas para o nosso casamento. Acho que posso ter ficado com a melhor parte da barganha.

– Não ficou – disse ela. – Você trouxe alguns títulos de nobreza e uma imensa fortuna.

Ele se pegou rindo de leve, achando graça de verdade, e notou como aquilo era estranho. Sentiu que as mãos delas se movimentavam com força sobre suas escápulas e, por um momento, ele se moveu junto. Em seguida, o toque se suavizou e

ele relaxou ainda mais. Não tinha se sentido tão satisfeito em toda a vida, pensou.

Fechou os olhos e começou a cochilar.

Quando despertou, já amanhecia. Ainda estava de bruços, os braços cruzados sob o travesseiro, ainda aquecido, descontraído e confortável. Levantou a cabeça. Eram quase seis e meia da manhã, de acordo com o relógio na prateleira.

Chloe estava a seu lado, voltada para ele, adormecida. Sem a touca, parecia muito diferente: os cabelos desalinhados na cabeça, no rosto e na parte superior do corpo. Naquele momento, à luz da aurora, a cor ficou muito evidente. Ralph sentiu um desejo súbito e muito intenso por ela e desprezou a si mesmo. Não era o desejo cabível a um marido que quisesse engravidar a esposa. Era o desejo bruto que um homem sente por uma bela mulher. Era desprovido do respeito que ele lhe prometera e lhe concedera na primeira semana de casamento.

Ele a queria com voracidade. Na manhã do velório do avô.

Chloe abriu os olhos. Depois de um instante, reconheceu-o e sorriu.

– Você dormiu – disse ela.

– Dormi.

Ele a possuía todas as manhãs antes de se levantar. Era necessário, afinal de contas. E, pela expressão da esposa, percebeu que era algo que ela esperava naquela manhã também, talvez até ansiasse por isso. Ralph pousou uma das mãos no ombro dela, como costumava fazer, para que ela se deitasse de costas. Contudo, antes que ela se mexesse, os dedos a prenderam e depois a soltaram.

– Vai ser um dia agitado – disse ele, seco. – Durma mais uma hora. Vou sair para cavalgar.

E se afastou dela e do desejo que sentia, jogou as pernas para fora da cama, sentou-se e buscou o roupão.

Não olhou para trás ao sair do quarto.

O sol nasceria na manhã seguinte e iria se pôr no fim do dia, do mesmo modo que fazia em qualquer outra ocasião. Chloe aprendera, por experiência própria, que era esse o consolo possível nos dias difíceis. Isso e lembrar-se de que sempre haveria tempos melhores no futuro.

Ela enfrentou o dia do velório do duque de Worthingham com coragem e determinação. Afinal, o foco não era ela. Chloe não era um dos personagens centrais, embora fosse a esposa do novo duque e estivesse encarregada de receber uma quantidade incalculável de integrantes da alta sociedade em sua casa no decorrer do dia. Não seria um sacrifício impossível de cumprir. Já saudara a mãe, as irmãs e outros parentes de Ralph nos últimos dois dias, o que, sob muitos aspectos, era pior. Ela sobreviveria àquele dia e depois todos partiriam e ela poderia, por fim, descansar. Começaria sua nova vida ali, em Manville Court.

Um grande número de pessoas de outras cidades compareceu ao velório na igreja da aldeia durante a manhã e depois seguiu o cortejo austero em sua lenta procissão até o jazigo familiar ao lado da capela onde Ralph e Chloe haviam se casado uma semana antes. Em seguida, todos se dirigiram à casa para desfrutar de comidas e bebidas e manifestar seus sentimentos.

Chloe não teve que enfrentar ninguém de forma direta até a última parte dos eventos, quando foi apresentada a praticamente todos os presentes, inclusive a pessoas que já conhecia. A maioria a cumprimentou com delicadeza e certa reserva. A ocasião tornava aquele tipo de comportamento adequado. Alguns a encararam com olhares gélidos e altivos e cumpriram apenas o mínimo ditado pelas boas maneiras. Mas, pelo menos, *tiveram* boas maneiras. Alguns – pouquíssimos – foram simpáticos e até puxaram conversa e deram os parabéns pelo casamento. Ninguém foi abertamente hostil.

E havia aqueles, claro, que estavam ali só por causa de Chloe –

o pai, o irmão, a irmã, além de lorde Easterly e tia Julia, a irmã do pai. Os tios abraçaram Chloe e a felicitaram pelo casamento. Sorriram com carinho genuíno.

Sarah Toucher, irmã do meio de Ralph, e o marido chegaram à igreja no momento da cerimônia e não tiveram oportunidade de falar com ninguém antes do encerramento. Sarah fez questão de procurar Chloe no cemitério, depois do enterro, e lhe dar um rápido abraço.

– Amelia e Nora me escreveram longas cartas sobre você – contou ela. – Estou tão feliz por Ralph ter tido o bom senso de escolhê-la! Tive muito medo de que ele elegesse alguma mocinha sem sal recém-saída da escola, o que minhas irmãs teriam aprovado com alegria. Não sei se alguém lhe disse, mas sou a rebelde da família e demonstrei que era mesmo quando rejeitei uma proposta muito lisonjeira de um conde com o triplo da minha idade e me casei com Andy, ainda durante minha primeira temporada. Ele era rico como o imperador Creso e eu estava perdidamente apaixonada, mas, para minha família, esses detalhes não compensavam o fato de ele não ter títulos e de o avô materno, de onde veio a maior parte do dinheiro, ser comerciante.

Ela voltou a abraçar Chloe e então se virou para partir.

– Preciso procurar minha pobre avó – explicou. – Ela estará mais do que arrasada no dia de hoje. Ela e vovô se adoravam, sabe? Ah, você já deve saber. Não estava morando aqui quando Ralph a conheceu?

Sarah então desapareceu num turbilhão de crepe preto e véus escuros no rosto. Mas foram instantes como aquela inesperada saudação amistosa que sustentaram Chloe durante o dia. Ela não se permitiu pensar demais em seu desconforto por estar cercada de membros da aristocracia. A maior parte da sua atenção estava voltada para a duquesa viúva, que se portara com dignidade estoica durante o dia inteiro mas devia estar transtornada pela dor e pela

exaustão. E o resto de sua atenção estava em Ralph, que usava o manto ducal com dignidade e parecia uma escultura em mármore.

Chloe tentou não se lembrar do início daquela manhã. O que o fizera partir da cama de modo tão abrupto? Aquilo fora como um tapa no rosto. No entanto, as palavras sugeriam gentileza. *Vai ser um dia agitado. Durma mais uma hora.*

Houvera uma expressão fugidia em seu rosto, antes que ele se virasse e saísse da cama, mas ela não fora capaz de traduzi-la. Nojo? Não tinha sido tão óbvia. Repulsa? Não, era basicamente a mesma coisa que nojo. Desaprovação? Mas tinha sido ele quem soltara seu cabelo na noite anterior e a deixara com a aparência de uma libertina.

Havia *algo* naquela expressão, algo que explicaria por que ele evitara a intimidade habitual das manhãs. À noite, ele dissera que a desejava, mas pela manhã evitara até o que costumava considerar sua obrigação.

Seria por causa do cabelo?

Ao longo do dia, Chloe não teve tempo para pensar nas mudanças perturbadoras e repentinas que ocorreram em seu relacionamento, mas aquela charada ficou no fundo de sua mente, como uma dor intensa, constante. Alguma coisa *havia* se modificado. Ela o conhecia mais, era verdade: era capaz de compreendê-lo melhor depois de escutar pelo menos uma parte de sua história na noite anterior. Ouvira o suficiente para entender que os três anos passados na Cornualha não chegaram a curá-lo. As feridas físicas tinham sido tratadas, assim como, talvez, o pior de suas tendências suicidas. Porém as sombras que cobriam sua alma permaneciam ali e talvez nunca o deixassem.

Por um momento na noite anterior, por causa da história e do que se seguiu, os dois pareceram ter ficado mais próximos. Ralph a abraçara depois do amor e, como não conseguia relaxar e dormir, permitira que as mãos inexperientes de Chloe massageassem suas costas por instinto e soltassem seus músculos tensos a ponto de

ambos se acalmarem. Ela o fizera dormir e se deitara a seu lado, contemplando-o por algum tempo, antes de suas pálpebras também se cerrarem e ela cair no sono. Parecia que os dois haviam superado uma barreira e ficado mais próximos, como… um casal.

Contudo ela não era capaz de tratar uma alma, percebera naquele dia. Algo havia se modificado com certeza e depois se modificara de novo, mas nem todas as mudanças eram para melhor. Talvez ele se ressentisse de ter sido obrigado a falar e a se lembrar. Talvez se arrependesse de ter relaxado e baixado a guarda diante das manobras dela. Tinha chegado a rir a seu lado. Mas, no começo da manhã, olhara para ela com o cabelo solto e vira alguém diferente da esposa silenciosa, impassível e pouco exigente que ele desejava ter ao lado.

Mas não tinha sido ela quem soltara o cabelo. Não tinha sido ela a ficar tensa e sem sono.

O dia caminhou para seu inevitável fim depois que todos os visitantes se despediram. O pior já passara. Os hóspedes aos poucos foram para a cama até que Chloe se sentiu à vontade para também se retirar. Mais uma vez, subiu com lady Ponsonby e lady Trentham, as quais ela tanto apreciara. Ralph ficou no andar de baixo com seus companheiros Sobreviventes. Parecia exatamente como a noite anterior, a não ser pelo fato de que o velório já havia acontecido e certo vazio se estabelecera no grupo durante a noite.

Ela não ia esperar acordada, decidiu. Estava tão exausta que mal sabia o que fazer. E não queria ver a expressão que Ralph teria nos olhos quando se dirigisse a seu quarto – *se* ele fosse e *se* houvesse qualquer expressão. Pegou-se demorando na penteadeira, contemplando-se no espelho, tentando decidir se deveria colocar a touca ou não, se deveria enrolar a trança na cabeça ou deixá-la nas costas, ou até mesmo se deveria trançar o cabelo. Era uma hesitação tola. Estaria tentando definir o que agradaria mais ao marido? O que ela deveria perguntar a si mesma era o que *ela* queria fazer. Mas estava cansada demais para pensar.

Não, ela *sabia* o que queria. Queria ter o cabelo escuro como o de Lucy, o de sua mãe, o de Graham e de seu p…

Que *pai*?

Ela odiava mais que tudo momentos assim, em que a dúvida driblava sua guarda. Seu pai sempre fora Kevin Muirhead.

*Seu pai sempre fora Kevin Muirhead.*

Ah, o cabelo era culpado de *tudo*.

Nesse momento, ela tomou sua decisão.

Não havia nada muito grande no quarto. O melhor que encontrou foi a tesoura de costura, que não tinha lâminas muito longas. Mas eram longas o suficiente. E afiadas o suficiente. Ela mesma as amolara pouco antes de ir para Manville Court.

Cortou o cabelo logo abaixo das orelhas. Chegou a pensar em cortar mais, picotando-o em toda a cabeça, mas a essa altura sua respiração estava entrecortada pelo pânico, as mãos trêmulas e formigando. Ela se virou na banqueta e olhou para o cabelo espalhado à sua volta em montes pelo chão. Havia bem mais do que ela esperava. Sentiu uma súbita náusea. Não ousava erguer as mãos para tocar o que sobrara. Mas não precisava das mãos. Podia *sentir* a ausência. Surgira uma leveza na cabeça e o ar fresco batia na sua nuca.

Estava sentada, contemplando o quarto, cercada de cabelo, a tesoura ainda pendurada nos dedos de uma das mãos, quando uma leve batida na porta anunciou a chegada de Ralph.

Deus do céu!

Ralph estacou de repente ao entrar. Viu todo o cabelo espalhado e fechou a porta devagar atrás de si.

– Chloe? – disse apenas.

Ela caiu num pranto convulsivo.

– Não estou arrependida – disse ela com a voz embargada. – Eu

o odiava. Eu o *odiava*! Não estou arrependida.

Todo aquele cabelo glorioso.

Cortado.

Ralph não pôde fazer nada além de fitar a cena, inexpressivo, por alguns instantes e depois testemunhar o desespero da esposa sem compreendê-lo.

Quase não fora ao quarto dela naquela noite – porque vinha pensando naquele momento o dia inteiro. Apesar de tudo o que tinha se passado, apesar da dor sincera ao ver o avô ser transportado para fora da casa – marcando de modo definitivo o fim de uma era – e apesar da necessidade de manter a compostura diante de todos aqueles que haviam comparecido para prestar homenagem a um duque morto e avaliar seu sucessor com curiosidade e crítica, apesar de sua preocupação com a avó e, em menor grau, com as irmãs, apesar de perceber que era um dia difícil para a esposa… apesar de tudo, ele só queria que a noite caísse para voltar a vê-la, deitar-se com ela, estar com ela de novo.

E o modo como desejava a chegada da noite, o aconchego de seu corpo e a presença *dela* quase o mantivera distante, pois, com toda a franqueza, ele se sentia um pouco confuso e mais do que levemente alarmado pela própria voracidade. Garantira a si mesmo, com severidade, que o motivo era a turbulência causada pela morte do avô, uma semana antes, e que em breve eles se acomodariam na rotina do matrimônio que haviam negociado.

Mais do que qualquer coisa, desejava voltar a se sentir ele mesmo. No casamento, participaria do que fosse essencial: a criação dos filhos e a administração conjunta da casa – embora isso não fosse difícil, pois ela na certa cuidaria da casa e ele, da propriedade. Não queria compartilhar nada de si. Ou dela. Não era parte do acordo.

Levariam uma vida social em comum, naturalmente.

Odiava se sentir tão confuso. Quanto mais depressa superasse isso, melhor. Convencera-se por fim de que a visita daquela noite

correria por conta da oportunidade perdida da manhã, uma vez que tinha grandes esperanças de conseguir engravidar a esposa antes de suas regras. E não, não perguntara a ela quando isso deveria acontecer.

E aquela situação.

Tinha encontrado uma crise de proporções monumentais. Compreendeu isso logo nos primeiros segundos. Não era um assunto comum, com explicação simples. E aquela não era a esposa sensata, disciplinada e impassível com quem se casara.

*Que diabo!*, pensou ele. Contudo, mesmo naqueles momentos iniciais, ele soube que de nada serviria irritar-se com ela. Nem adiantaria permanecer ali murmurando seu nome. Ocorreu-lhe que ele não estava preparado para lidar com a histeria feminina. O problema era que não se tratava de uma mulher qualquer. Era sua esposa.

Era Chloe.

Ela cobrira o rosto com as mãos e ainda gemia. O cabelo parecia espetado nos dois lados da cabeça, terminando do nada pouco acima das orelhas. Chloe estava cercada por um mar de fios vermelhos. Uma pequena tesoura acabara de bater no chão.

– Venha aqui, venha – disse ele, indo até a esposa. – Isso não está dando certo.

Segurando-a pelos cotovelos, fez com que se erguesse e se afastasse dos cabelos cortados, depois a envolveu pela cintura com um dos braços. Apoiou o rosto dela em seu ombro e espalmou a outra mão em sua cabeça. Ficou murmurando na orelha dela palavras incompreensíveis até para ele mesmo e balançou-a devagar, como se ela fosse uma criança que tivesse ralado o joelho.

– Eu… o… odiava – disse ela mais uma vez, soluçando e engasgando entre as palavras.

Presumia-se que estivesse falando do cabelo.

– Então tomou uma decisão sensata – falou Ralph.

Embora ela pudesse ter esperado até que um cabeleireiro

cuidasse da tarefa.

– E-estou assusta-dora – balbuciou.

Provavelmente. Ele não tivera chance de avaliar de forma adequada.

– É provável – concordou ele.

A histeria foi interrompida, como se ele tivesse despejado um balde de água gelada sobre ela. Chloe afastou a cabeça e olhou para ele com o rosto úmido, avermelhado, o cabelo espetado nas laterais, o lado direito um pouco mais curto do que o esquerdo.

– Ah! – exclamou ela. – Não existe *provável* neste caso.

– Não. Posso averiguar.

– Não tenho como grudá-lo de volta na cabeça.

– Verdade – confirmou Ralph, mais uma vez. – Não pode. E desta vez nem vou dizer que é *provável*.

O que fazer? Não podia simplesmente levá-la para a cama, apagar as luzes e resolver seu problema.

– Iremos para o meu quarto – disse ele. – Venha.

Então pôs o braço sobre seus ombros e a levou dali. Por sorte não encontraram ninguém no caminho. Ele puxou a corda da campainha no quarto e foi para a entrada da sala de vestir quando ouviu o valete entrar.

– Mande alguém limpar o quarto de minha esposa, Burroughs – ordenou. – Ela andou cortando o cabelo. E evite entrar no meu quarto pela manhã. Eu o chamarei quando estiver pronto para me vestir e me barbear.

– Sim, Vossa Graça.

O criado desapareceu.

– Está terrivelmente tarde – constatou Chloe. – A limpeza pode esperar até amanhã.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Não. Não pode.

Chloe tinha feito o que, com toda a certeza, era o pior corte da história dos cortes de cabelo. Parecia mais jovem. E vulnerável.

Ela se encontrava ao pé dos largos degraus que levavam até a cama com dossel. Ficava diminuída perto de toda aquela grandiosidade. Ralph sempre achara graça em ter recebido aquele quarto, projetado para o duque, com outro cômodo igualmente cheio de ostentação para a duquesa – aquele que Chloe ocupava – do outro lado da sala de vestir. O avô se recusara a ocupar os aposentos ao assumir o título depois da morte do pai. Foram reservados para o conforto, ou desconforto, do herdeiro quando ele fazia suas visitas.

O ocorrido no quarto de Chloe fora uma calamidade de proporções monumentais, pensou ele ao se aproximar da esposa. Era tentador ignorar o que se passara, esquecer tudo com o cabelo que seria varrido, resolver o problema do corte no dia seguinte, ir para a cama naquele momento e fazer amor antes de adormecer. Ele estava exausto até os ossos e ela também devia estar.

Contudo… Bem, “eu o odiava” não soava como um bom motivo para fazer algo parecido, certo? Mas ele queria mesmo saber mais? Investigar mais a fundo?

O fogo não estava aceso. Não era uma noite gelada, mas certa friagem pairava no ar. Ele olhou para as duas poltronas de couro que flanqueavam a lareira. Nunca as usara. Havia um cobertor xadrez de lã jogado sobre o encosto de uma delas. Também intocado por ele até então. Na verdade, não se lembrava de ter notado sua presença antes.

– Venha – disse ele, indo até aquela poltrona e sacudindo o cobertor.

Quando ela chegou, ele a envolveu e fitou seus olhos. Sua intenção era sentá-la na poltrona e agasalhá-la bem enquanto ele ocupava a outra, em frente. Mas ela parecia um pacotinho de tristeza, embrulhada naquele cobertor. Ele reprimiu uma ponta de irritação. Sentou-se na poltrona, puxou a esposa para o colo, trazendo a cabeça dela para descansar em seu ombro, e a envolveu nos braços. Ela não relutou.

– Devem ter chamado seu cabelo de “coroa gloriosa” tantas vezes que você já perdeu a conta – comentou ele. – Por que o odiava?

– A cor era notável como uma topada no pé – disse ela. – Ouvi minha mãe dizer isso para a governanta certo dia. Ela… minha mãe… o umedecia para escurecer o tom e fazia tranças tão apertadas que minha cabeça doía e meus olhos ficavam repuxados. Mas no cabelo de Lucy ela fazia cachos delicados e anéis.

Ele achou que ela havia acabado, mas Chloe respirou fundo, hesitou por um instante, balançou a cabeça e prosseguiu:

– Quando eu era menina, parecia uma aberração. Minha segunda dentição apareceu antes que meu rosto tivesse crescido o suficiente e minhas sardas eram grandes como moedinhas e cobriam meu nariz e minhas bochechas. Algumas crianças da vizinhança me chamavam de cabeça de cenoura. Quando tinha 13 anos e estava perdidamente apaixonada pelo filho do médico, que tinha 16 e era lindo, ele zombou dos meus sentimentos dizendo que eu parecia o coelho e a cenoura no mesmo pacote. Mas esta conversa é de uma grande tolice e eu não me permitiria falar deste assunto se não fosse tarde e não estivesse cansada e você não tivesse perguntado.

A mãe de Chloe devia ter ficado ao mesmo tempo horrorizada e constrangida quando a primogênita nasceu, menos de nove meses depois do casamento, com um cabelo tão definitivamente ruivo.

– Crianças sem graça, até mesmo feias, costumam se tornar belos adultos – declarou ele. – Parece que foi o que aconteceu com você.

– Se é verdade – disse ela, parecendo um tanto contrariada em vez de reconfortada –, então é o tipo errado de beleza. Quando fui a Londres, para minha temporada de apresentação à sociedade, tive que parar de olhar para os homens. Muitos deles me encaravam com…

– Admiração? – sugeriu Ralph.

Teria sido uma surpresa tão desagradável? Com certeza ela deixara de parecer um coelho muitos anos antes, não?

– Com *luxúria* – emendou ela. – Embora eu mal soubesse o significado dessa palavra na época. Não havia respeito naqueles olhares. Não era a forma cheia de admiração, até mesmo adoração, com que olhavam para as beldades reconhecidas, tão delicadas. Uma senhora mais velha, de grande destaque na sociedade, disse-me uma vez que havia certa vulgaridade num cabelo de um vermelho tão determinado. Como se eu tivesse escolhido a cor. Como se meu cabelo definisse meu caráter.

Uma bela jovem com mais autoconfiança teria apenas aberto um sorriso ao ouvir tanto desdém, sabendo que poderia abalar a aristocracia com seus atributos atordoantes se assim escolhesse – como lady Angela Allandale fizera no ano anterior.

– A luxúria costuma ser uma forma de admiração – comentou ele. – Se vier acompanhada por boas maneiras, pode ser lisonjeira.

– Não quando se diz que a pessoa poderia ser a cortesã mais cara e procurada de Londres, se quisesse – respondeu ela.

– Se alguém chegou a dizer isso, espero que você tenha lhe dado um belo tapa na cara.

– Ele pediu desculpas – disse ela. – Quando percebeu que tinha me deixado perturbada.

Ralph sentiu-se subitamente desconfiado.

– Seria ele o homem que a cortejava antes de sua irmã fugir com Nelson? – perguntou.

– Não importa – garantiu Chloe num suspiro morno que roçou o pescoço dele. – Fui afortunada por ter escapado dele. Às vezes é preciso tempo e um pouco de maturidade para perceber.

Ela ainda não dissera quem era o homem. Talvez fosse melhor. Ralph percebeu que iria querer fazer bem mais do que estapear o sujeito.

– E tem o que aconteceu no ano passado – recomeçou ela. – Se eu tivesse nascido com o cabelo escuro da minha mãe, nada disso

teria acontecido. Ninguém teria pensado em espalhar mexericos tão perversos. E se resumia a isso… mexericos. Sinto muito. Odeio pessoas que não param de se lamentar. São muito entediantes.

Sim. Ele deveria estar entediado. Porém, ao listar suas queixas sobre o cabelo, Chloe lhe contara muito sobre si mesma. Ele não queria saber antes. Continuava não querendo. Seria bem mais confortável sobreviver ao casamento que haviam proposto se ele a conhecesse apenas pelo seu comportamento diário. Mas começava a perceber que fora ingenuidade esperar um relacionamento tão superficial.

Algo ocorreu a Ralph.

– Por que esta noite? – perguntou. – Se odiou seu cabelo a vida inteira, por que chegou ao auge da crise esta noite? Aconteceu alguma coisa? Alguém disse algo?

– Não – falou Chloe com um suspiro, mas não prosseguiu.

Porém ela não estava relaxada. Ele sentia a tensão no corpo da esposa, embora estivesse bem aquecido pelo cobertor. Esperou.

– Foi por causa do que houve de manhã.

– De manhã? – repetiu ele, franzindo a testa.

– Ontem à noite, você destrançou meu cabelo – disse ela, junto ao pescoço de Ralph. – Disse que ele era glorioso e falou sobre seu desejo por mim. De manhã, me olhou com desagrado e partiu para dar um passeio a cavalo. E eu entendi que algo no nosso casamento tinha se estragado e que a culpa era do meu cabelo. Sempre o meu cabelo. Hoje à noite, achei que era provável que você nem aparecesse.

Deus do céu!

Ele pousou a cabeça no encosto alto da poltrona e fechou os olhos. Não era *isso* que haviam negociado. Por que diabo tirara sua touca na noite anterior? Fora quase como abrir a caixa de Pandora.

Como explicar a ela?

– Chloe, não consigo amá-la. Não consigo amar.

– Não pedi que o fizesse – contestou ela. – Não *peço*. Na noite

passada e hoje de manhã, você achou que eu estivesse…

– Não – interrompeu-a. – Sei… sabia que não estava tentando me *seduzir*, para usar suas palavras da noite passada. Além do mais, ontem à noite, concordamos que não era ruim que houvesse desejo num casamento como o nosso, mas eu não me aproveitaria do seu consentimento. Hoje pela manhã, tive receio de estar me aproveitando.

– Então foi embora por *respeito*? – perguntou Chloe, endireitando as costas e olhando para ele com a testa franzida.

– Com toda a certeza não foi por repugnância – respondeu Ralph. – Nem por ter a menor sensação de que você se comportasse como uma… cortesã. É um absurdo sequer pensar nisso, Chloe. *Você?* Então por que diabo cortou o cabelo?

Ela ainda franzia a testa, mas logo parou. Os olhos sorriram primeiro, depois os cantos da boca fizeram uma curva. O cabelo, ruivo como sempre, envolvia seu rosto como uma auréola mal cortada e achatada no topo.

Ele percebeu que estava gargalhando. Parou de modo abrupto.

Mas ela também dava gargalhadas.

– Ficou muito ruim? – perguntou Chloe.

– A verdade?

Meu bom Deus, ele havia soltado uma gargalhada? De novo?

– Ficou?

– Ficou – respondeu ele.

E ela voltou a dar uma gargalhada e depois mordeu o lábio.

– Terei de permanecer escondida até que volte a crescer.

– Ou providenciar um corte com alguém que saiba o que está fazendo – sugeriu Ralph.

– Ainda mais curto?

– Bem, não daria para deixar mais longo com um corte, não é? Mas vou dizer uma coisa, Chloe. Você ainda está linda. E eu ainda a desejo… respeitando nosso trato.

Ela parou de gargalhar, mas continuou a contemplá-lo.

Não, ele não poderia amá-la, pensou Ralph. Não *daquele* jeito. Mas talvez pudesse vir a amá-la como amava a mãe, as irmãs, a avó. Ela fazia parte da família, afinal de contas. Era sua esposa. Seria – ele esperava – a mãe de seus filhos. Poderia amá-la por essas qualidades.

Talvez pudesse haver mais do que o combinado naquele casamento. Talvez pudesse existir… amizade, afeto.

Contudo ele não queria nem isso, queria?

Talvez tivesse sido uma ideia melhor escolher alguém num dos salões de baile de Londres. Temia que pudesse voltar à vida com Chloe. Havia dor demais à sua espera, se não fosse muito cuidadoso.

Ele a beijou sem nem pensar. E prolongou o beijo, apertando-a contra seu corpo mais uma vez, segurando seu queixo com a mão livre. Afastou os lábios, lambeu os dela e avançou um pouco para encontrar seu calor. De um modo alarmante, ele sentiu que poderia cair em prantos.

Jogou a cabeça para trás e contemplou o rosto dela.

– Deve estar quase desabando de exaustão – disse ele.

– Você também.

– Melhor irmos para a cama.

– Sim.

Mas algo mudara entre eles. Começara na noite anterior e continuava naquele momento. Ele estava cansado demais para ponderar o que seria e o que significava para ele. Para ela. Para os dois.

Estava simplesmente cansado demais.

# CAPÍTULO 12



– Está mais do que na hora de ter a própria criada, Chloe – disse Ralph. – Sei que nunca teve e que diz que não saberia o que fazer tendo uma. Mas *precisa*, e é o que importa. Além do mais, você agora é a duquesa de Worthingham, e os criados logo estarão resmungando a seu respeito caso não se comporte à altura. Não é sábio comprar uma briga com a criadagem.

Ele já se vestira. Parecia muito alinhado e bastante impressionante de preto. Além de irritado. Estava aos pés dos degraus que levavam ao leito, com as pernas ligeiramente afastadas e as mãos às costas. Na avaliação de Chloe, cada centímetro dele lembrava o aristocrata que ele era. Ela se espantou mais uma vez com o modo como ele conseguia ser dois homens diferentes – o duque que ela via ali e o homem que a colocara no colo na noite anterior, que a levara para a cama e com quem havia feito amor apesar do cansaço.

Secretamente, era assim que ela chamava o que faziam, mesmo que apenas na sua cabeça, porque dizer que *mantinham relações conjugais* soava muito empolado. Embora *fazer amor* não fosse nada preciso, claro.

Ele até a beijara na noite anterior, enquanto ainda estavam

sentados na poltrona. Beijara de verdade. O primeiro beijo genuíno de Chloe. Por que tinha parecido tão íntimo quanto o que acontecera na cama depois, talvez até mais? Existiam diferentes tipos de intimidade, ela supunha.

Chloe não estava arrumada. Sentara-se bem ereta no meio da cama, coberta por mantas até a cintura, conjeturando se alguém na casa poderia lhe emprestar uma touca, pois a única que ela possuía era para dormir e inadequada para a hora do desjejum ou qualquer lugar além do quarto. Não queria incomodar a duquesa com tal pedido.

– É melhor me desculpar com minha avó e nossos convidados? – perguntou Ralph. – Devo dizer a todos que você teve enxaqueca e provavelmente vai ficar incapacitada pelos próximos… quanto tempo leva para seu cabelo crescer?

Ela lhe lançou um olhar que beirava a hostilidade.

– Não vou deixar crescer – declarou.

– Ah – disse ele, e fez um gesto brusco com a mão, como se cortasse o ar. – Então é para sempre. Informarei a todos que, depois de virar duquesa, você se transformou numa reclusa excêntrica e pretende passar o resto da vida isolada em seus aposentos ou talvez…

Ele olhou em volta.

– … nos meus – concluiu.

Ela atirou um travesseiro nele. Ralph o agarrou com uma das mãos e o depositou no primeiro degrau.

– Chloe, não fui eu que cortei seu cabelo.

– Acha que teria feito melhor? – perguntou ela.

De forma surpreendente – muito surpreendente –, os lábios deles estremeceram, embora ele não tivesse chegado a sorrir de verdade. Nem a lembrar à esposa que seria difícil fazer coisa pior.

Ela jogou outro travesseiro nele, mesmo assim.

– Deixe que eu vá chamar Bunker – sugeriu Ralph. – Ela está com minha avó há pelo menos um século e sem dúvida será capaz

de sugerir algo que ajude você a escapar do destino de passar o resto da vida na minha cama. Embora essa ideia tenha seus atrativos.

Ele tinha feito *uma piada*? Naquela hora?

– Muito bem – anuiu Chloe.

Seria terrivelmente humilhante, porém. A Srta. Bunker era uma pessoa muito altiva e às vezes fazia Chloe estremecer, sentindo-se inferior. Não tinha dúvida de que o cabelo parecia ainda pior depois de acordar. Mas ocorreu-lhe que *todos* os criados já deviam saber o que acontecera. Alguém tinha sido enviado a seu quarto na noite anterior para limpar a bagunça. Aquela pessoa, com toda a certeza, não teria conseguido manter a boca fechada.

Enquanto isso passava por sua cabeça, ouviu-se uma batida leve na porta. Ralph foi até lá e abriu uma fresta enquanto Chloe puxava as cobertas até o queixo – embora isso não fosse adiantar muito.

– Chloe não está no quarto dela nem lá embaixo, Ralph.

Era a voz de Sarah, a Sra. Toucher.

– Por acaso estaria aí?

– Claro que está aqui – disse ele. – É minha *esposa*.

– Sim, nós sabemos disso – garantiu Sarah. – Você se casou com ela sem fazer escarcéu e sem complicações, o que, na minha malcriada opinião, demonstrou grande sensatez. Cerimônias de casamento grandiosas são abomináveis. Ela está… *bem*?

– E por que não estaria? – perguntou Ralph. – Não sou um monstro. Não andei batendo nela.

– Ele está se fazendo de tolo deliberadamente, Sarah.

Ah, minha nossa, tia Mary também estava ali.

– Ela cortou tudo sozinha, Ralph? – perguntou a idosa. – Fez uma confusão, não é? E está com vergonha de mostrar o rosto… ou melhor, a cabeça. Ah, deixe-nos entrar logo, menino. Essa sua cara de pirata não me assusta.

– Como souberam? – perguntou ele, mantendo a posição

enquanto Chloe se preparava para mergulhar sob as cobertas.

– Como *soubemos*? – repetiu a tia-avó. – Arrisco a dizer que o *mundo inteiro* sabe. Quem pediu que um criado fosse varrer o cabelo quando já estava perto da meia-noite? Se foi você, meu rapaz, e queria que ficasse em segredo, então cometeu um grande erro tático. Que bom que nunca foi promovido a general.

– Além do mais, Ralph, é algo que não pode ficar em segredo por muito tempo, concorda? – falou outra pessoa, a *duquesa viúva*. – A querida Chloe está *bem*?

Chloe afastou as cobertas, saiu da cama, desceu os degraus e se dirigiu até a porta para soltá-la das mãos de Ralph e abri-la por completo.

– Estou assustadora – declarou ela.

E, nossa, havia *seis* mulheres ali diante da porta. Lady Trentham e lady Ponsonby também se encontravam no corredor. Bem como Lucy, de olhos arregalados. E tia Mary já estava com o lornhão na ponta do nariz.

– Em sã consciência, não poderia contradizer sua afirmação, garota – disse ela.

– Chloe, como *pôde*?! – exclamou Lucy. – Eu teria dado *qualquer* coisa em troca de um cabelo como o seu.

– Venha, Chloe – chamou a duquesa viúva, com bondade. – Vamos levá-la para seu quarto e chamar Bunker. Ela a ajudará a se vestir e fará você se sentir melhor. E conversaremos sobre o que deve ser feito em relação a seu cabelo. Nós sete mais Bunker. Com certeza seremos capazes de resolver esse pequeno problema.

*Pequeno*.

– Pode ir, Ralph – disse tia Mary, balançando o lornhão para ele com ar de desdém. – Sua presença não é necessária. Os homens raramente são necessários quando se discutem assuntos importantes.

E ele obedeceu, ou pelo menos não discutiu nem tentou seguir Chloe enquanto ela era levada por um mar de damas.

Por sorte, ninguém perguntou a ela por que fizera aquilo. Elas se concentraram em encontrar uma solução prática para o pior corte de cabelo do mundo. A Srta. Bunker não foi de grande ajuda, a não ser como influência tranquilizadora. Olhou para Chloe como se não houvesse nada diferente nem incomum enquanto a ajudava a colocar um dos vestidos pretos e a escovar o pouco de cabelo que sobrara. Não deu sugestões para resolver os danos, o que não foi de surpreender, uma vez que todas as outras se ocupavam disso.

Lady Trentham encerrou a discussão ao oferecer a própria criada.

– Tenho um excelente cabeleireiro em Londres – explicou. – Mas levaria dias para ele chegar aqui. Quando não estou na cidade, minha criada apara meu cabelo e faz um serviço tão bom quanto o do Sr. Welland, embora não tenha seu prestígio. Confiaria seu cabelo a ela, duquesa?

– Ah, por favor, me chame de Chloe. Sempre olho na direção da avó quando me chamam de duquesa – explicou ela.

– Então precisa me chamar de Gwen – respondeu lady Trentham. – Devo convocar minha criada?

Gwen tinha cabelo curto e louro, com lindos cachos. Chloe assentiu.

– Por favor.

– Tem sorte por ter fios bem espessos, Chloe – observou a viscondessa de Ponsonby. – E tem um ondulado natural. Acredito que ficará muito bonito quando for arrumado. E, por favor, pode me chamar de Agnes.

– Mas ele era tão bonito, Chloe, do jeito que era… – ressaltou Lucy, tristonha. – Lembro como os cavalheiros a seguiam com os olhos nas poucas vezes que caminhei com você no Hyde Park durante aquela temporada, quando eu tinha 17 anos e mamãe não deixou que eu fosse apresentada à sociedade com você. Fiquei doente de inveja. Até conhecer Freddie, quero dizer.

Não disse mais nada. Tia Mary balançou o lornhão pela haste

em sua direção.

Gwen, Sarah e Agnes permaneceram com Chloe enquanto os reparos eram feitos. A Srta. Bunker tinha saído antes e as senhoras mais velhas desceram para o desjejum, levando Lucy. Ela parecia mesmo um tanto encantada quando tia Mary a pegou pelo braço e informou que, por ser jovem e forte, ela poderia ser muito útil.

A criada de Gwen recebeu carta branca para fazer o que decidisse com o cabelo de Chloe, desde que ficasse com uma aparência melhor. Não que isso fosse uma tarefa muito difícil. Ela o avaliou com atenção, correu os dedos nele, depois começou a trabalhar com a tesoura enquanto as outras assistiam.

– Lady Darleigh também é ruiva, embora não tanto quanto você, Chloe – contou Agnes. – O cabelo dela tem um tom castanho-avermelhado. Ela também o aparou bem curto, há muito tempo, quando ainda era menina. Mas tem deixado crescer desde que se casou com lorde Darleigh, no ano passado. Era um fiapo de gente com cabelo tosquiado quando a conheci, pouco depois das bodas. Está bonita e elegante agora. Eles são muito felizes, acredito eu. Ou melhor… eu *sei*.

– Ela teve um filho, não? – perguntou Chloe.

– Thomas – acrescentou Gwen. – O primeiro bebê dos Sobreviventes. Acho que o meu será o segundo.

Suas faces ficaram subitamente rosadas quando Chloe e Sarah olharam para a sua barriga de modo involuntário e Agnes sorriu.

– Que maravilha! – disse Sarah.

– Hugo não queria que eu o acompanhasse até aqui – falou Gwen. – Faz pouco tempo que parei de me sentir enjoada de manhã. Mas detesto ficar longe dele, mesmo por alguns dias, e sei que ele detesta ficar longe de mim. Perdi um bebê há muito tempo, no meu primeiro casamento. Estou… em êxtase por ter outra chance. E apavorada. Mas não tão apavorada quanto Hugo, pobrezinho.

– Fico muito feliz por você, Gwen – falou Chloe sorrindo para ela.

– Não tem ressentimentos deles? Dos Sobreviventes?

– Ressentimentos? – repetiu Gwen, inclinando a cabeça e olhando para Chloe com ar de curiosidade. – Conheci todos ao mesmo tempo. Invadi inadvertidamente a propriedade de Penderris. Estava caminhando pela praia que ficava abaixo da casa e tentei subir um penhasco íngreme, cheio de pedrinhas soltas. Escorreguei e torci meu tornozelo ruim. Hugo me encontrou e me carregou até a casa. Foi um tanto assustador conhecer todos eles de uma só vez, devo confessar, ainda mais porque corriam rumores na região de que o duque de Stanbrook havia empurrado a mulher para o abismo, quando, na verdade, ela pulou para a morte. Mas foram todos gentis e muito educados. Precisei ficar lá por alguns dias, até que meu irmão me buscasse. Não, não tenho ressentimentos.

– Eles têm um vínculo extraordinário – acrescentou Agnes. – Mas também seguem a própria vida. E o amor não é algo que se esgote. Eles se amam, mas têm amor de sobra para suas esposas e famílias… ou para um marido, no caso de Imogen, se ela voltar a se casar. Sabia que um dos Sobreviventes é uma mulher?

Chloe assentiu e então lembrou que precisava manter a cabeça parada.

– Minha mãe e minhas irmãs – disse Sarah, entrando na conversa – sempre acreditaram que aqueles três anos que Ralph passou na Cornualha lhe fizeram mais mal do que bem.

– O duque de Worthingham sofreu golpes terríveis no corpo – disse Gwen. – Mas suas feriadas eram bem mais profundas do que o pior dos cortes de sabre. E, às vezes, como Hugo me disse, as feridas invisíveis da guerra são mais mortais do que as visíveis. De fato, do ponto de vista físico, Hugo não sofreu nada. Nem um arranhão sequer. Porém, voltou da península Ibérica numa camisa de força e passou três anos na Cornualha com os outros. Ainda sofre ocasionalmente.

– Lembro como Ralph era antes – disse Sarah, com um suspiro. – Talvez volte a ser o velho Ralph agora que se casou com você,

Chloe. Embora seja algo absurdo de dizer. Meu irmão nunca mais será a mesma pessoa. Ninguém pode ser igual ao que era no passado. Nossas vidas e nossas pessoas estão em constante transformação. Mas talvez ele volte a ser feliz. Ah, *agora sim*!

A última exclamação foi motivada pelo cabelo de Chloe. A criada de Gwen tinha acabado de cortar e aparar. Deu um passo para trás para que todas tivessem a chance de admirar o resultado final. E entregou um espelho de mão redondo para que Chloe também pudesse ver.

– Brilhante! – exclamou Sarah, correndo para atravessar o aposento e abraçar a cunhada. – Ficou *lindo*. Está… exuberante. *Você* está linda e exuberante. Ah, vai fazer muito sucesso, Chloe. Espere e verá.

Chloe avaliou a própria imagem. O cabelo tinha sido cortado em camadas curtas. Envolvia sua cabeça em ondas reluzentes e saltitantes que deixavam seu rosto com a forma de um coração e faziam os olhos parecerem maiores. Ela mal se reconhecia.

– É comum presumirem que toda mulher fica mais bonita de cabelo longo – falou Gwen. – Mas não é verdade. Cortei o meu há muitos anos e nunca me arrependi. Parece mais marcante com o cabelo curto, Chloe. Eu não teria acreditado se não a tivesse visto das duas formas. E agora você terá coragem para sair do quarto.

Chloe soltou uma gargalhada e se virou para agradecer à criada e elogiar sua habilidade. Procurou sua bolsa e colocou uma generosa gorjeta na mão da moça.

– Está na hora do desjejum – disse Sarah. – Na verdade, já passou da hora e estou esfaimada, mesmo se ninguém mais tiver apetite.

– Está linda, Chloe – garantiu Agnes, dando o braço para a duquesa enquanto saíam do quarto.

– Foi uma pequena crise – explicou Ralph para a mãe e para duas de suas irmãs no desjejum. – Chloe resolveu cortar o cabelo na noite passada e não gostou do resultado. A questão foi levada a um comitê e será resolvida para a satisfação geral, não tenho dúvida.

Ele se pegou reprimindo um sorriso. Não era divertido para a pobre Chloe, sobretudo levando em conta seus *motivos*, mas lembrar-se daquela enorme delegação feminina à porta de seu quarto, de Chloe lá dentro com o cabelo picado e espetado nos lados e na parte de trás e de sua expressão passando de zangada a consternada era digno de uma comédia. Não se lembrava de já ter se divertido tanto alguma vez na vida.

Sem dúvida, aquela era uma reação inapropriada.

E Ralph tivera a felicidade de escapulir da cena.

– Chloe nunca gostou do cabelo dela – disse sir Kevin Muirhead. – Ela sempre se irritou com meu ancestral que lhe transmitiu aquela cor vibrante. Quanto mais alguém admirava seu cabelo, mais ela o odiava.

– Cabelos ruivos sugerem certa… extravagância de caráter – observou Amelia, a irmã mais velha de Ralph.

– Então é possível compreender o desconforto da duquesa – ressaltou Flavian. – Ela é discreta e digna, o oposto de uma p-personalidade extravagante.

– Ela é um orgulho para você, Ralph – concordou Hugo. – Como nos persuadiu a ficar mais um dia, Vince e eu vamos explorar os jardins esta manhã, se nos permitir. O cão vai garantir que não nos percamos. Há alguma atração especial que devemos visitar?

– Ontem, quando estávamos no cemitério, ouvi algo que parecia o ruído de uma cachoeira – lembrou Vincent. – Vamos descobrir isso, Hugo.

– Há um lago, não? – perguntou George. – Lady Keilly e lady Harrison, devem estar familiarizadas com os jardins. Poderiam me mostrar o caminho enquanto Hugo e Vincent partem para o que parece ser um passeio mais extenuante, em busca da cachoeira?

Ralph olhou para cada um dos amigos com gratidão, por terem desviado o assunto de Chloe e seu cabelo ruivo. Desejou que houvesse mais tempo para passar com eles além daquele dia, e ficou tentado a ignorar suas outras responsabilidades e acompanhá-los para mostrar o caminho até a cachoeira. Mas eles não seriam os únicos a partir no dia seguinte.

Os cavalheiros se levantaram quando a Sra. Nelson, a avó e a tia-avó de Ralph entraram na sala de jantar.

– A criada de lady Trentham está cuidando do cabelo de Chloe – reportou tia Mary. – Lady Trentham jura que ela é muito competente com a tesoura. O consolo é que a moça não pode deixar Chloe com uma aparência pior do que estava quando batemos à porta do seu quarto, Ralph. Alguém poderia me trazer um café antes que eu exale meu último suspiro?

Ralph notou que a avó parecia pálida mas serena. Perguntou a si mesmo se, para ela, o pior já havia passado ou ainda estava por vir. Ele suspeitava fortemente que ainda estava por vir e torcia para que já tivesse passado.

– Senhor – chamou Ralph, dirigindo-se a sir Kevin Muirhead –, posso lhe oferecer mais uma xícara de café no escritório?

Apesar de o casamento já ter sido celebrado, os dois conversaram sobre o acordo nupcial. Ralph queria garantir ao sogro e por escrito que Chloe e qualquer filho da união deles seriam bem-cuidados enquanto ele vivesse e que não lhes faltaria nada caso ele morresse.

– Foi mais do que generoso, considerando que tenho condições de oferecer apenas um dote modesto – falou sir Kevin depois que tudo fora resolvido. – Andei preocupado com Chloe nos últimos anos. Fiquei ainda mais preocupado quando soube de seu casamento apressado, mas o senhor me tranquilizou. Pelo menos acredito que tenha me tranquilizado. Por que se casou com ela, Worthingham?

A pergunta surpreendeu Ralph.

– Sou o último da minha linhagem, senhor – explicou. – Seria preciso escalar diversos galhos da árvore genealógica da família até encontrar outro herdeiro varão. Era meu dever casar e começar minha família, e a saúde fraca de meu avô impôs alguma urgência apesar de eu ainda ter 26 anos. Conheci sua filha aqui, há algumas semanas, e…

Não, ele não conseguiria dizer que havia se apaixonado perdidamente por ela. Seria uma mentira deslavada.

– … eu a considerei uma esposa adequada. É um pouco mais velha e bem mais madura do que qualquer uma das jovens que conheci em Londres. É linda… não que a aparência fosse minha principal preocupação. É uma dama por nascimento e educação. Eu pedi sua mão e ela aceitou.

– Tudo aconteceu muito depressa – disse o pai de Chloe. – Ela lhe contou algo sobre seu… passado?

Ralph se inclinou de leve sobre a escrivaninha.

– Tudo menos o nome do calhorda que a repudiou com tanta crueldade depois de sua filha caçula ter fugido com Nelson – disse ele. – O mesmo sujeito que afirmou que ela poderia passar facilmente por uma cortesã. Quem era ele, senhor? Que *é* ele?

– Sir Cornell? – falou sir Kevin, erguendo as sobrancelhas. – Eu não teria dado minha permissão se ele tivesse pedido para se casar com Chloe. Já havia sugerido à minha esposa que ela desencorajasse essa ligação. É um notório mulherengo. Duvido que chegasse a pedir a mão dela, entretanto. O casamento costuma ser um grilhão pesado demais para cavalheiros como ele.

Ralph tinha um conhecimento muito superficial do barão de Cornell. Sabia que era um homem considerado bonito e – dizia-se – que adorava partir corações femininos e depois se gabar de suas conquistas. A pobre e inocente Chloe, com 21 anos, acreditara que ele era um pretendente sério à sua mão.

– E ela me contou o que ocorreu no último ano.

Ralph observou a reação do sogro com atenção.

– Ah. Foi um acontecimento muito infeliz – disse sir Kevin, esforçando-se para não parecer preocupado. – Chloe se parece um pouco com uma jovem de berço nobre, pelo que entendo, e as más línguas fizeram o que más línguas costumam fazer. Mas é uma pena que Chloe tenha se assustado e voltado correndo para casa. Seus atos simplesmente alimentaram as chamas daqueles mexericos infundados. Ela sempre teve uma excessiva preocupação com a opinião dos outros.

– Senhor – falou Ralph e correu os dedos na beira do mata-borrão sobre a escrivaninha. – Gostaria que me dissesse se é possível que haja alguma verdade naqueles rumores. Existe alguma possibilidade, ou mesmo certeza, de que Chloe seja filha natural do marquês de Hitching? Garanto que sua resposta não sairá deste aposento, a não ser que o senhor escolha repeti-la. Apreciaria se me dissesse a verdade. Não fará diferença em meu relacionamento com a duquesa, mas saberei quem são os antepassados dos meus herdeiros.

– Claro que não há verdade no que disseram.

O sogro se sentou abruptamente na cadeira e permaneceu encarando Ralph por um longo tempo. Então seus ombros tombaram e ele olhou para baixo. Houve um silêncio um tanto demorado.

– Amei a mãe de Chloe desde que pus meus olhos nela, e ela tinha consideração por mim. Mas estava atordoada… Ora, que moça não ficaria de cabeça virada ao receber as atenções de um jovem nobre e de boa aparência? Tudo acabou muito depressa. Ela me amou pelo resto da vida. Qualquer um pode confirmar a veracidade das minhas palavras.

Ralph absorvia cada palavra.

– Ela foi honesta comigo quando se sentou ao meu lado em um concerto, certa noite, depois de me evitar por algumas semanas. Contou que temia estar esperando um filho. Nós nos casamos dias depois, com licença especial, e Chloe nasceu dentro de pouco mais

de sete meses. Era pequena. O nascimento foi prematuro… ou pelo menos foi o que todo mundo teve a felicidade de acreditar, inclusive eu, pois minha esposa não tinha *certeza*. Amei aquela criança quando estava no ventre da mãe e depois que nasceu. Sempre a amei, assim como amo Lucy e Graham. Para mim, não faz diferença quem forneceu a semente.

– Obrigado.

Ralph voltou a se encostar na cadeira.

– Não contou a história deste jeito para Chloe?

– Não! – respondeu Muirhead com bastante ênfase. – Ela não deve saber que há alguma dúvida. *É minha filha*. Não a amo menos do que…

– Mas ela sabe que existe uma dúvida – salientou Ralph. – Sabe desde o ano passado. Acredita nas suas negativas e nos seus protestos porque quer acreditar neles. No entanto, uma parte dela não consegue. E se sente torturada pela necessidade de crer naquilo que, no fundo, ela teme e suspeita que não seja a verdade.

– Ela lhe *contou* isso?

– Não – disse Ralph.

Não acrescentou mais nada. Não precisava. Muirhead teria de ser um tolo para não saber daquilo.

Sir Kevin jogou a cabeça para trás e cobriu os olhos com as mãos. Soltou o ar de forma ruidosa.

– Não poderia contar a ela, Worthingham – disse ele. – Isso a destruiria.

– Não saber está quase a destruindo de qualquer maneira – falou Ralph. – Tem medo de perdê-la?

– Não – falou sir Kevin, mas baixou as mãos e olhou para Ralph com um ar exausto. – *Sim*, claro que tenho. Não percebe como tudo isso é injusto? Fui o pai dela a vida inteira, antes mesmo que ela nascesse. Cuidei dela e a amei. Morreria por ela… por qualquer um dos meus filhos.

– Não consegue confiar que ela compreenderia? – perguntou

Ralph.

– É melhor que não saiba – insistiu o sogro. – De qualquer modo, não há certeza. Talvez eu *seja* o pai. Talvez ela *tenha* sido prematura. Talvez *haja* um ancestral ruivo no meu passado.

Não restava mais nada a dizer. Contudo, aquele homem não conseguia perceber que estava perdendo Chloe de qualquer maneira? Por que achava que ela saíra de casa para passar um tempo indefinido com a madrinha da mãe?

Sir Kevin se levantou.

– Deu-me sua palavra, Worthingham…

– Dei, senhor – confirmou Ralph. – E a manterei.

– Obrigado.

O homem mais velho hesitou por um instante, depois deu meia-volta e saiu do aposento, fechando a porta devagar atrás de si.



O pai foi a primeira pessoa com quem esbarraram – quase literalmente. Ele ia subindo depressa a escada enquanto elas desciam.

– Perdoem-me – disse ele, levantando os olhos.

Chloe parou ao notar a emoção no rosto dele.

– Ah, seu pobre cabelo, Chloe! Está muito bonito, devo dizer. Muito bonito mesmo.

– Deveria ter visto há uma hora – disse Sarah, soltando uma gargalhada alegre.

– Papai – chamou Chloe.

Ela pousou as mãos nos ombros dele, pois o homem estava dois degraus abaixo dela, e lhe deu um beijo no rosto. Parecia tenso, pensou.

– Vai partir amanhã? Precisamos encontrar tempo para ficarmos juntos hoje.

– Sim, verdade – concordou ele. – Embora eu saiba que seus

novos deveres como duquesa e anfitriã de uma série de convidados a deixarão ocupada.

Ele apertou uma das mãos que estavam pousadas no seu ombro, meneou a cabeça para as outras damas e continuou a subir. Chloe o acompanhou com o olhar por um momento, depois voltou a descer com as outras. Até parecera que ele não *queria* passar algum tempo na sua companhia, mesmo depois de fazer toda aquela viagem por causa dela.

O visconde de Ponsonby se encontrava no saguão com lorde Trentham e o visconde de Darleigh. O cão de lorde Darleigh estava sentado ao lado dele, alerta.

– Cavalheiros, permitam-me apresentar a nova duquesa de Worthingham – anunciou Gwen com um sorriso na voz, enquanto fazia um gesto amplo com as mãos.

Chloe se sentiu terrivelmente tímida. Sem o peso do cabelo, era como se estivesse seminua.

– Ficou muito exuberante, duquesa, devo dizer – afirmou o visconde de Ponsonby, levando uma das mãos dela até os lábios.

– Fica muito bem de cabelo curto, moça – disse lorde Trentham. – Como Gwendoline.

Ele abriu um sorriso para a esposa e fez um gesto como se fosse abraçá-la, mas de repente pareceu encabulado e apenas lhe deu batidinhas desajeitadas no ombro.

– Está linda, senhora – disse lorde Darleigh com um sorriso doce, olhando quase diretamente nos olhos de Chloe.

– E como saberia, senhor? – perguntou ela.

– Escolhi o verbo errado – respondeu ele. – *É* linda, senhora. Percebo pela sua voz. E estou feliz. Ralph precisa do que há de melhor. Ele andou infeliz.

Chloe o contemplou um tanto estarrecida. O visconde de Ponsonby pegou no ombro do amigo.

– V-vamos sair, nós três – disse ele. – Para procurar a cachoeira. Vince a ouviu ontem, do cemitério. Não posso dizer que notei, mas

tenho minhas limitações. Na maior parte das vezes, é com os olhos que noto mais coisas. Vince vai encontrar a c-cachoeira com seus ouvidos aguçados e Hugo e eu ficaremos de olho para impedir que ele despenque na água e se molhe. Juntos, formamos um time perfeito.

– Não preciso da sua proteção, Flave – protestou lorde Darleigh. – Apenas da sua companhia. Tenho Shep para garantir minha segurança. Ele nunca falhou, não é mesmo, garoto?

O cão ofegou, alerta às palavras do dono.

– Não se importa com nosso passeio, Agnes? – perguntou o visconde de Ponsonby à esposa.

Chloe sentiu que qualquer vestígio de ressentimento seu se esvaía. Ela gostava daqueles homens, os amigos mais queridos do marido, ao lado do duque de Stanbrook e de outros dois que não estavam ali.

– Mesmo assim, Vince, deixe que Hugo e Flave fiquem de olho em você, está bem? – pediu Ralph, que saía do escritório. – Por mim. O caminho ao lado das corredeiras e da cachoeira é difícil.

– O que acha, Ralph? – perguntou a irmã, fazendo diante de Chloe o mesmo gesto floreado que Gwen descrevera pouco antes.

Ele ficou imóvel e levou algum tempo para responder.

– Cortar foi uma decisão inspirada, Chloe – disse ele, por fim. – Ficou perfeito e você está perfeitamente bela.

Havia uma plateia, claro. Dificilmente ele diria que era melhor que tivesse cortado a cabeça junto com o cabelo. Mas Chloe mordeu o lábio e se sentiu aquecida até o fundo do coração. Piscou para conter as lágrimas.

Que bobagem de sua parte!

… *você está perfeitamente bela.*

Então seu coração – aquele que tinha acabado de se sentir aquecido pelo elogio – saltou dentro do peito.

Porque ele sorriu.

Fitando os olhos dela.

# CAPÍTULO 13



De tarde, Chloe encontrou o irmão no pátio com o Sr. Nelson e os cunhados de Ralph: sir Wendell Harrison e o visconde de Keilly. Passou a mão pelo seu braço e ouviu um pouco da conversa.

– Vamos passear na margem do rio? – sugeriu no ouvido dele, depois de alguns minutos.

Não desejava que todos fossem. Queria a companhia exclusiva do irmão por uma hora que fosse.

Tinha grande estima por Graham. Era um homem íntegro e de princípios, duas virtudes raras entre os cavalheiros que ela conhecia. Havia quem desprezasse sua falta de ambição ou apenas desdenhasse dele como se fosse um fracasso e uma decepção para a família. Eram os mesmos que o acusavam de não ser viril o suficiente. Ele nunca se abalara pelo que os outros diziam dele. Nunca permitiria que a mágoa influenciasse suas ações, embora tivesse sentimentos, com certeza, e sofresse.

– Você será feliz, Chloe? – perguntou a ela quando os dois tinham se afastado dos outros. – Sendo duquesa? Tendo um lugar tão grandioso como lar? E Stockwood como seu marido… Worthingham, melhor dizendo? Estou realmente alegre por ter enfim se casado. Sei que sonhava com o casamento e a maternidade.

Porém, sempre achei que levaria uma vida pacata e feliz ao lado de um marido de fortuna modesta que correspondesse sua afeição.

Os dois continuavam a caminhar juntos.

– Senti muito quando Lucy arruinou a temporada pela qual você esperara com tanta paciência – prosseguiu Graham. – Era sua chance de encontrar ao mesmo tempo o amor e um companheiro adequado. No ano passado, tive esperanças de que você tivesse uma nova oportunidade. Ainda era jovem e bela e contava com a influência de tia Julia. Tudo aquilo foi um grande infortúnio. Porém não faz sentido falar do passado. Você será *feliz*? *Conseguirá?*

– Ninguém apontou uma arma para a minha cabeça – afirmou Chloe. – Nem para a cabeça de Ralph. Nós nos casamos porque quisemos. Não esperávamos que nossas vidas fossem virar de cabeça para baixo menos de 24 horas depois da cerimônia, é verdade. Mas o avô de Ralph era idoso e sua saúde não andava maravilhosa; era de esperar que, mais cedo ou mais tarde, tivéssemos que enfrentar tudo isso. Porém, não me arrependo de nossa impulsividade. Já passei da idade de esperar que o amor e o romance, o casamento e o felizes-para-sempre sejam sinônimos. Casei-me e espero ser mãe. Quero levar uma vida mais ou menos tranquila no interior. Foi o que Ralph me prometeu.

Graham franzia a testa.

– Mas com certeza uma temporada em Londres deverá acontecer primeiro – contrapôs ele. – Todos concordaram no almoço que você deve fazer uma aparição, apesar da morte recente do velho duque. As famílias nobres, como as famílias reais, não têm licença de passar muito tempo a sós com seu luto. Como se sente em relação a isso, Chloe? A voltar para a cidade? Sei que ficou um tanto perturbada com todas aquelas fofocas tolas no ano passado. E houve o que aconteceu há seis anos.

A condessa viúva, mãe de Ralph, tinha abordado o assunto na hora do almoço. Dissera que era dever do filho, agora que o velório tinha ficado para trás, ir a Londres sem demora, fazer sua

apresentação na corte e tomar seu assento na Câmara dos Lordes assim que recebesse sua convocação. E, por ter se casado intempestivamente tão pouco tempo antes da morte do avô, também fazia parte de suas obrigações apresentar a duquesa à alta sociedade nos melhores eventos da temporada. Ela ajudaria Chloe a se vestir de modo adequado – não em roupas de luto, tampouco em cores vibrantes ou extravagantes. Os olhos da sogra haviam pousado com certo pesar no cabelo de Chloe.

– Verde – dissera tia Mary. – Deve vestir verde. Nunca pude usar essa cor. Sempre fiquei com uma aparência doentia. Sempre invejei as garotas que ficavam bem de verde.

– Devem fazer uma grande recepção na Casa Stockwood – acrescentara a duquesa viúva. – Talvez um baile, Chloe. Não acredito que seria considerado desrespeito à memória do meu querido Worthingham. A vida deve seguir.

– Ah, Freddie e eu seremos convidados? – perguntara Lucy, parecendo melancólica.

Ralph permitira que falassem sem esboçar nenhuma reação, e Chloe seguira seu exemplo. Não iriam, claro. Ele prometera. Supunha que essa viagem precisaria acontecer em algum momento no futuro, porém. Talvez no ano seguinte. Ou no outro.

– Ficaremos aqui – disse ela para Graham enquanto se aproximavam do rio e pegavam a ponte de pedra. – Ralph me disse. Ele não permite que a mãe e as irmãs governem sua vida, e está cansado de Londres.

Ela parou no meio da ponte para contemplar a sombra das árvores por onde caminhara com Ralph havia menos de uma semana. Parecia fazer muito mais tempo. O que o impelira a correr o risco de se molhar – ou coisa pior – entrando na água para procurar o seixo perfeito para ela? Chloe poderia jurar que Ralph gostara daquele momento de impulsividade juvenil. A pedrinha se encontrava na gaveta superior do lado esquerdo de sua penteadeira, sobre os lenços.

– Graham, ele mudou muito? – perguntou ela. – Está muito diferente do que era nos tempos da escola? Como ele era na época?

Tinha ouvido histórias dele daquela época, claro – tantas que ela formara uma opinião negativa sobre Ralph Stockwood, sem nunca tê-lo encontrado. Contudo não imaginara que um dia ele seria seu marido. Se soubesse, teria escutado com mais atenção e feito mais perguntas a Graham.

Ele pousou os cotovelos no parapeito da ponte de pedra enquanto olhava para a frente.

– Não são perguntas fáceis de responder – disse ele. – Oito anos se passaram desde que deixamos a escola. Parece uma vida. Éramos meninos e agora somos homens. É provável que tenha havido mudanças muito significativas… em nós dois. Mas seriam fundamentais? Não estou certo de que tenham sido. Ele era… carismático, Chloe. De um modo notável. Tinha ótima aparência, um desenvolvimento físico precoce. Era atlético, bom na maioria dos temas acadêmicos, leitor assíduo e pensador sagaz, um líder natural com fortes convicções. Mas o mesmo poderia ser dito de muitos dos outros garotos, inclusive dos três melhores amigos dele.

Chloe o ouvia com atenção.

– Seria de esperar que, entre aqueles quatro, não houvesse um líder, que todos tivessem as mesmas relevância e influência – prosseguiu Graham. – Só que não era assim. Os três o admiravam e se submetiam a ele do mesmo modo que os outros. Eu diria que eram dominados por ele, ainda que essa expressão não seja muito precisa. Ele não *dominava* ninguém. Não era nem tirano nem intimidador. Só que… ele tinha uma energia, um *entusiasmo* contagioso, irresistível para a maioria das pessoas. Ele… brilhava. Ah, nossa língua é um instrumento lamentavelmente imperfeito para expressar determinadas ideias. Basta dizer que nunca encontrei ninguém parecido com Ralph Stockwood em seus tempos de escola.

– Então ele mudou *mesmo*.

Chloe desviou o olhar da água e retomou o caminho pela ponte.

Graham foi atrás e logo se pôs a seu lado. Os dois caminharam pela campina coberta por grama alta e logo se cercaram de trevos, ranúnculos e margaridas. Era triste pensar que o marido costumava brilhar de tanto entusiasmo e fervor pela vida. Desejou ter conhecido o garoto que ele fora.

– Não estou certo de que tenha mudado tanto assim – disse Graham. – Ainda sinto uma espécie de energia armazenada nele, embora com certeza ele esteja mais contido do que antes. Talvez seja algo que a maturidade provoque em qualquer homem, porém. Pode ser que a dor também seja parte disso. Ele era muito próximo do avô, não era?

– Era, sim – confirmou ela. – Acho que era mais próximo dele do que do pai. E, Graham, ele se culpa pela morte daqueles três amigos.

– Ele se culpa?

Graham ficou em silêncio por um instante enquanto Chloe se abaixava para colher algumas margaridas e começava a tecer uma guirlanda.

– Ele se inflamava quando tinha opiniões fortes sobre um assunto – contou o clérigo. – Durante nosso último ano letivo, ficou fascinado por Napoleão Bonaparte. A princípio, tinha uma enorme admiração pelo homem, mas, quanto mais descobria sobre ele, mais mudava de ideia, até ficar obcecado pela certeza de que ele precisava ser detido para que o mundo fosse salvo da tirania. Nunca se satisfazia apenas com *ideias.* Se Bonaparte precisava ser vencido, não bastava esperar que outros cuidassem disso. Cada um deveria estar preparado para resolver a questão também ou pelo menos para fazer sua parte.

Graham parecia pensativo.

– Ele era capaz de passar semanas falando apenas desse assunto. Considerava seu dever pegar em armas e obter um posto

de oficial assim que concluísse os estudos, para lutar nas guerras. Achava que era o dever de *todos*, mesmo de homens como ele, que tinham mais motivos para ficar em casa do que para enfrentar os perigos da batalha. E se a família de alguém se opusesse por algum motivo, deveria ser convencida do compromisso maior que era salvar o mundo, em nome da liberdade. Qualquer relutância que aqueles três pudessem ter experimentado no início foi afastada depressa e eles se tornaram tão determinados quanto ele a conhecer a glória nos campos de batalha, em prol de uma causa virtuosa.

– E você foi acusado de covardia por não querer acompanhá-los? – perguntou Chloe.

Ele virou a cabeça para sorrir para ela.

– Não creio que ele tenha apontado o dedo na minha direção nem dirigido esse tipo de comentário a mim – ponderou Graham. – Mas quando manifestei argumentos contrários… e no final parecia que eu era o único com opiniões divergentes… então ele declarou que qualquer um que não estivesse disposto a lutar pela liberdade de sua família e de seus conterrâneos contra um ditador cruel como Bonaparte seria um chorão e molenga covarde… ou algo do tipo. E talvez tivesse razão. Se Bonaparte conquistasse toda a Europa, como chegou perto de fazer, teria sem dúvida voltado sua atenção para invadir a Grã-Bretanha.

Graham fez uma pausa antes de prosseguir:

– Será que eu seria capaz de manter meus ideais pacifistas se testemunhasse atrocidades perpetradas por soldados estrangeiros contra mulheres e crianças, talvez pessoas que eu conhecesse? Não era difícil defender minha posição enquanto o Canal da Mancha me afastava, em segurança, da realidade daqueles ataques cruéis. E se o canal tivesse sido conquistado? Não tenho certeza do que aconteceria, Chloe. Ainda sou um pacifista, mas o fato é que minhas convicções nunca foram postas à prova. Pelo menos Stockwood testou as convicções *dele.*

Chloe juntou mais algumas margaridas para a guirlanda.

– A vida parece tão simples quando se é jovem, não é? – disse ela. – Bem e mal, preto e branco… Como se as coisas fossem diametralmente opostas, sem gradações entre elas. Contudo, à medida que a pessoa envelhece, tudo parece ganhar matizes variados. Como podemos saber o que é o bem e o que é o mal, Graham, e o que é certo e o que é errado? Seu trabalho deve ser muito difícil. Como consegue?

– Tento não julgar – explicou ele. – O que é o bem para você pode ser o mal para mim. Tento apenas amar. É um conceito simples, embora amar não seja tão fácil. Talvez signifique apenas aceitar as pessoas como são, respeitar suas escolhas e condoer-se de seus sofrimentos.

– Ele *está* sofrendo, Graham – disse ela.

Sabia que era verdade. Ralph não era desprovido de emoções, como Chloe pensara a princípio. O vazio que ele demonstrava era só o que cobria um poço turbulento de agonia e dor, principalmente a angústia causada pela culpa.

– Eu sei – acrescentou.

Graham parou de caminhar e voltou o olhar para a casa.

– Assim como você, Chloe – falou em voz baixa, sem encarar a irmã.

A mente de Chloe negava. Ela se sentira solitária, triste e insegura, só isso. Estava casada e era feliz. *Satisfeita,* ao menos.

– E você? – perguntou ela.

– Tristezas fazem parte da condição humana – declarou ele. – Ninguém que chega à idade adulta consegue escapar delas. Nem as crianças, na verdade. O que importa é o que fazemos com a dor, o modo como moldamos nosso caráter, nossas ações e nossos relacionamentos. Afinal, a vida não é pura tristeza. Ninguém deve, de forma alguma, permitir que o pessimismo ou o ceticismo o lance numa depressão profunda. Existe muita alegria também. *Muita* alegria. Você *consegue* ser feliz com ele, Chloe? *Será* feliz com ele?

– Já temos um círculo perfeito – falou Chloe, apenas.

Ela riu e fechou a guirlanda, que colocou na cabeça do irmão. Não era muito grande, só o bastante para ficar pendurada na aba do chapéu.

– Será que eu *consigo* ser feliz? – repetiu ela. – Claro que sim. *Serei* feliz? Quem sabe? Mas, se não for, não será por falta de oportunidade nem de tentativa.

Ele estendeu a mão para a irmã. Chloe olhou para ela por um segundo, depois a segurou e os dois começaram o trajeto de volta para casa.

– Já confrontou papai? – perguntou ele.

– Sim. No Natal. Antes de sair de casa.

Ela inspirou devagar.

– E…? – insistiu Graham.

– Ele jurou que os boatos eram infundados – disse ela.

– Acreditou nele?

A resposta só veio depois que eles já tinham deixado a ponte.

– Talvez o que penso não importe – disse ela. – O que quer que tenha acontecido, não é possível mudar. Ele sempre foi meu pai. Se eu não tivesse ido para Londres no ano passado, provavelmente nunca teria motivo para suspeitar que ele não fosse. Talvez saber ou não saber não faça a menor diferença.

– Talvez – concordou ele. – Papai *sempre* a amou tanto quanto amou a mim e Lucy, Chloe. Sabe disso. E eu sempre a amei tanto quanto amo Lucy.

– Eu sei.

Ela apertou sua mão.

Por ser uma tarde de temperatura agradável, várias pessoas estavam reunidas no pátio do lado leste, Chloe percebeu. Parecia que o chá seria servido ao ar livre. Ela tivera algum tempo a sós com o irmão. Estava na hora de voltar a assumir suas obrigações de anfitriã.

Ralph observava sua aproximação. Inconscientemente, os

passos de Chloe se aceleraram. Seria anormal e mesmo um pouco indelicado de sua parte estar ansiosa pela partida dos convidados, no dia seguinte, para que pudessem ficar enfim sozinhos? Para que pudessem se acertar no casamento que haviam negociado? Até a avó dele iria embora. Passaria uma temporada de duração indeterminada com a tia Mary em Londres.



Na noite seguinte, apesar do crepitar do fogo, a sala de estar parecia estranhamente silenciosa. Havia apenas os dois, Chloe num dos lados da lareira, sentada na poltrona que costumava ser ocupada pela avó de Ralph, e ele no outro, na poltrona do avô. Era uma sensação… desconfortável.

A cabeça de Chloe estava abaixada sobre um pequeno bordado num bastidor. Ela estava elegante de preto. Bonita. O cabelo curto e ondulado parecia ter lhe removçado vários anos. E, que os céus o ajudassem, aquela era a esposa dele. Até que a morte os separasse.

Pela primeira vez a ideia parecia inteira e cruamente real.

Ralph se sentiu tentado a levantar, sair correndo do aposento e da casa, selar um cavalo e galopar noite afora para voltar a pertencer só a si mesmo. Não havia nada que o impedisse de fazer isso, claro, exceto… Bem, um gesto desses lhe daria apenas uma ilusão de liberdade, pois ele teria que voltar.

Ele era o duque de Worthingham – o que não esperara se tornar nos próximos anos. Tinha uma esposa, uma duquesa – algo que gostaria de ter adiado por pelo menos uma década.

Quem tinha dito que as pessoas eram livres para fazer o que quisessem com a própria vida? *Alguém* dissera isso? Ou ninguém tinha sido tolo a esse ponto? Ou tão falso? Ou tão iludido? No entanto, naqueles dias distantes da sua infância – quando não sabia nada sobre coisa nenhuma mas achava saber tudo sobre qualquer

assunto –, ele acreditara que a liberdade fosse tangível. Pensara ser livre para perseguir seus sonhos e suas convicções. E se considerara invencível. A juventude era um período perigoso da vida.

Fechou o livro sem marcar a página – não estava concentrado na leitura, de qualquer modo – e o pôs de lado. Levantou-se e passou diante da lareira antes de se postar atrás da poltrona da esposa. Chloe ergueu a cabeça e abriu um breve sorriso, depois voltou a atenção para o bordado.

Era o retrato da placidez da vida doméstica. Ele sentiu uma impaciência completamente inexplicável e certo ressentimento em relação à esposa. Estaria condenado a passar o resto da vida aos pés da lareira, contemplando *bordados*?

– Deve estar lamentando ter que se despedir tão depressa de sua família e de seus amigos – comentou ela.

– Sim. E você teve uma visita breve demais de seu pai, seu irmão e sua irmã.

Todos haviam partido naquela manhã. Todos menos os dois.

– Acha que sua avó vai ficar em Londres?

– É difícil dizer – respondeu ele. – Tia Mary sempre teve uma enorme estima por ela e vem se sentindo solitária desde a morte de meu tio-avô, há alguns anos. E vovó sempre foi muito próxima da irmã. Mas quem sabe se minha avó vai decidir se manter distante daqui ou voltar depois de algum tempo? Este tem sido seu lar há muitos anos. Nesta casa se encontra a maior parte das lembranças de seu casamento, que foi, acredito eu, bastante feliz. Mas a opção é dela. Nós dois lhe garantimos que esta casa será sempre seu lar. Eu agradeço por ter juntado sua voz à minha.

Chloe chegara a derramar algumas lágrimas na partida da duquesa viúva, naquela manhã.

– Mas esta *é* a casa dela – ressaltou. – Estou sentada aqui me sentindo como uma usurpadora, embora saiba que não sou. Já sinto a falta dela… e a de seu avô.

– Seu pai também vai ficar em Londres por algum tempo – lembrou Ralph. – Ele *falou* alguma coisa antes de partir?

Chloe e o pai tinham caminhado juntos até o velho carvalho enquanto a bagagem era colocada na carruagem e Freddie Nelson fazia um discurso empolado para Hugo sobre o tema de sua mais nova e inacabada peça.

– Apenas que espera que sejamos felizes – revelou ela.

Ah. Então não contara nada a ela.

Ralph observou o trabalho que Chloe fazia. Estava bordando um *W* todo floreado no canto de um grande lenço de um bom linho. W de Worthingham?

– Para mim? – perguntou.

– Sim.

Ele sentiu imediatamente vergonha por ter se irritado com ela.

– Obrigado – disse ele, apertando de leve seu ombro.

Perguntou a si mesmo se chegaria a se sentir de todo à vontade na presença da esposa – e ela na dele. Reparou que a mão dela tremia ligeiramente enquanto buscava o ponto certo para passar a agulha. Ele a intimidava. Recolheu a própria mão e voltou para sua poltrona. Ao sentar, notou que Chloe o seguira com os olhos, a agulha suspensa sobre o bordado.

Ele soltou um suspiro ruidoso.

– Conte-me algo a seu respeito, Chloe – pediu.

Nem ele compreendeu o motivo de tal pedido. Não queria saber mais sobre ela do que ouvira duas noites antes. Não queria um relacionamento. Mas a pergunta tinha sido feita – nos termos mais vagos. Na verdade, nem tinha sido formulada como uma interrogação.

– Fale-me sobre a sua infância. Sobre sua mãe.

Ele notou que ela inspirava lentamente. E observou quando prendeu a agulha na beirada do lenço e baixou o trabalho sobre uma pilha de sedas coloridas dentro de uma sacola.

– Papai sempre me disse quanto me amava – começou ela. –

Sempre. E nunca tive dúvida. Ele costumava me levar para montar, para pescar, mesmo quando Graham e Lucy não queriam ir. Papai me ensinou a lançar as pedrinhas na água até que quicassem… sim, com um movimento especial do punho. Eu achava, às vezes, que era a favorita, embora fosse um pensamento cruel, pois ele amava a todos da mesma forma.

Era interessante o modo como escolhera começar pelo pai.

– E sua mãe?

– Ela também nos amava.

Os olhos de Chloe se voltaram para baixo, para os dedos que faziam pregas no tecido do vestido.

– Mas eu sempre a preocupei… ou a *irritei*… mais do que meus irmãos. Lucy sempre foi perfeita. Eu cresci depressa demais e era magra e desajeitada, entre outras coisas. Acho que mamãe se desesperava imaginando se eu me tornaria ao menos razoavelmente bonita. Eu não tinha uma natureza alegre nem sociável e sempre preferia desaparecer no estábulo para brincar com os filhotes, quando *havia* filhotes, ou apenas ler num monte de feno em vez de brincar com as crianças da vizinhança que às vezes nos visitavam.

Ralph apenas a observava.

– *Quando* eu conversava – prosseguiu ela –, queria falar das coisas fascinantes que lera nos livros, embora mamãe martelasse na minha cabeça que meninas nunca deviam parecer inteligentes em público, ainda mais em presença masculina. Ela era tão bela, tão vibrante, tão sociável, tão adorável. Fui um teste difícil para ela. Sei que mamãe temia pelo meu futuro. Tinha tanta esperança de ver minha vida resolvida naquela temporada que passei em Londres. *Meia* temporada.

Ralph jogara a cabeça para trás e estendera as pernas diante do fogo. Contemplava-a com olhos semicerrados, imaginando como teria sido quando menina – sem graça, desengonçada, nem sequer a sombra da beldade que viria a ser, enquanto a mãe e a irmã eram

donas de encantos morenos. E montar e pescar com o pai em vez de brincar com outras meninas. Jogar pedrinhas. Um pouco infeliz, ciente de que era uma decepção para a mãe, de que não podia competir com a irmã caçula na aparência ou no encantamento. Brincando com os animais. Lendo. Perdendo-se na própria imaginação. Sendo chamada de cabeça de cenoura – e até mesmo de coelho e cenoura juntos – pelas crianças vizinhas que deveriam ter sido suas amigas.

E tudo aquilo eram coisas que ele não queria saber.

Não *precisava* saber. Pois, ao saber, Ralph sentiu tristeza pela menina solitária e pelo homem que lhe deu o amor incondicional de um pai, apesar de ela não ser sua filha. E sentiu também uma raiva intensa pela mãe, que não havia amado sua primogênita como deveria, talvez porque a criança lhe recordasse os próprios constrangimento e vergonha.

– Ah, ela me amava – disse Chloe, como se pudesse ler seus pensamentos… ou talvez apenas para se reconfortar. – Espero não ter sugerido que ela não me amava. Ela me levou a Londres para me apresentar à sociedade quando, de fato, deveria ter ficado em casa. Tinha andado muito doente e voltou a adoecer logo depois de voltarmos. Eu arriscaria dizer que ela pareceu saudável por pura força de vontade enquanto estivemos em Londres. E, depois, faleceu. Queria me ver estabelecida primeiro. Casada. Queria me ver feliz. É tudo o que papai deseja para mim também… a minha felicidade.

– O que você lhe disse hoje de manhã – perguntou Ralph – quando ele falou exatamente isso… que esperava que você fosse feliz?

Chloe afundou os dentes no lábio inferior por um momento e suas faces foram tomadas pelo rubor.

– Disse a ele que não deveria se preocupar – respondeu. – Disse a ele que *era* feliz.

– E é feliz de verdade? – indagou ele.

Era uma pergunta injusta. Além do mais, era mais uma que ele não queria que fosse respondida. Mas era tarde demais para voltar atrás.

Chloe alisava as pregas que tinha acabado de fazer no vestido.

– Felicidade é apenas uma palavra – declarou ela. – É como o amor, de certo modo. Existem muitas definições, todas precisas, mas nenhuma delas suficientemente abrangente. Não me arrependo de ter me casado com você.

– E isso é uma definição de felicidade, não é? Quando você não se arrepende de ter feito algo?

Chloe levantou a cabeça, olhou para ele… e riu baixinho. Eram uma visão e um som encantadores.

– Sou uma senhora casada e não uma solteirona – disse ela. – Meu presente e meu futuro são respeitáveis e seguros. Experimentei o leito matrimonial. Talvez em breve, dentro dos próximos meses, eu esteja esperando uma criança. Talvez haja mais filhos depois do primeiro. Prometeu me tratar com respeito e cortesia e tem mantido a promessa. Prometeu-me um lar tranquilo no interior e acabou de me conceder isso, embora seja um lar bem maior do que eu esperava. Por que eu *não estaria* feliz?

Ralph fechou os olhos. Ela não percebia que tinha deixado a pergunta sem resposta? *É feliz de verdade?* Depois de listar uma série de motivos para estar feliz, ela havia concluído com outra pergunta: *Por que eu* não estaria *feliz?*

Entretanto estava certa ao dizer que não havia uma definição satisfatória para a palavra *felicidade*. Todas as suas definições, ou todas as tentativas de dar significado a ela, giravam infindavelmente em torno de um centro vazio, um núcleo indefinível. Quando garoto, ele conhecera a felicidade sem precisar de palavras e avançara em sua direção com passos confiantes e firmes. A felicidade, naqueles dias, era fazer o que era certo apesar de todas as dificuldades e das palavras dos pessimistas. Era conquistar um objetivo nobre pelo esforço do próprio corpo, da própria mente, da própria força de

vontade para que ele pudesse ver o mundo consertado para sempre. A felicidade tinha relação com as certezas.

Garoto tolo, idealista. Sempre realizara o oposto do que pretendera e, no processo, havia destruído vidas, a felicidade e certezas. Destruíra a inocência.

A luz fraca do fogo na lareira reluzia no rosto de Chloe quando ele voltou a abrir os olhos. Ela o fitava com firmeza.

– Disse algo errado? – perguntou a ele. – Não tenho a expectativa de que você me dê a felicidade. É algo que vou obter para mim a partir das condições da minha vida. Qualquer felicidade que eu conquiste será minha, sem que você tenha nenhuma obrigação de providenciá-la ou de fingir que a compartilha. Não é melhor que eu fique contente do que insatisfeita? Não prometemos a tristeza um ao outro.

Era sem querer – ele sabia –, mas a esposa o fazia parecer um monstro sem coração. Contudo Chloe tinha razão, não tinha? Seria possível encontrar qualquer tipo de felicidade ao lado dele? E por que ele não poderia…

Ralph se levantou abruptamente. Por um momento, ficou parado contemplando o fogo que se apagava, perturbado pela sensação familiar de anseio, de um tipo que ele nunca conseguiria explicar a si mesmo em palavras, mas que sentia dentro dos ossos.

A esposa também se levantara, percebeu ele quando sentiu a mão dela pousada de leve em seu braço.

– Não quero ser infeliz – disse ela. – Também não quero que você seja. Com toda a certeza, temos permissão para…

O braço dele desceu para sua cintura, apertando-a contra si. A boca pousou na dela em um movimento veloz, interrompendo suas palavras. Os dedos da mão livre passaram por seus cachos curtos, segurando sua cabeça.

E ele se permitiu sentir todas as delícias da luxúria – embora percebesse, depois de algum tempo, que estava acolhendo mais do que apenas um anseio físico. Seu desejo por algo que ele nem

sequer conseguia nomear acabara de ser multiplicado por dez, a ponto de ele sentir medo – de novo – de começar a chorar, caso interrompesse aquele beijo.

Ele se tornou mais suave, explorou com a língua os lábios e o interior da boca de Chloe, languidamente, e conjeturou se isso a ofendia, mas presumiu que não. Porque os braços dela também o apertavam e ela se apoiava nele, a boca abrindo-se para acolher a invasão da língua.

Talvez…

Ele levantou a cabeça e contemplou seu rosto. Os lábios estavam úmidos, ligeiramente inchados. As faces pareciam rosadas naquela penumbra. Os olhos estavam ao mesmo tempo brilhantes e pesados.

Ele sentiu suas entranhas se revolverem de forma perturbadora.

– Sexo – disse ele. – É apenas sexo, Chloe.

– Apenas?

A voz dela não passava de um sussurro que ele discernia junto aos próprios lábios.

– Essa palavra sugere algo sem importância – falou ela. – Mas acredito que seja bem mais que isso.

Ele achou graça, mesmo contrariado.

– E é – concordou, abrindo os olhos. – Só que ainda é *apenas* sexo. Não é amor. Nem felicidade.

– Eu compreendo – disse ela. – Mas parece bom de qualquer modo. Não deveria?

Por muito tempo, depois de voltar da península Ibérica, ele se recusara a permitir o prazer a si mesmo, pois os homens que tinham morrido nunca mais sentiriam nada. Famílias nunca se recuperariam de suas perdas. Tinha atravessado aquela etapa em particular, que incluíra a decisão de acabar com a própria vida, graças à ajuda do médico de Penderris e à compreensão e à acolhida de seus amigos Sobreviventes. Não havia nada a ganhar punindo-se eternamente, ele compreendera e aceitara por fim. Era uma espécie de egoísmo.

Aqueles homens estavam além da dor. Ele continuava vivo. Seu sofrimento não serviria de conforto para aquelas famílias. Talvez houvesse um motivo para que ele não tivesse morrido. Quem era ele para recusar o inesperado e indesejado dom da vida e de um futuro?

Contudo nunca mais voltara a ser a pessoa de antes, nem perto disso. Por instinto, ele se afastara do prazer, do riso, de qualquer coisa que se aproximasse da felicidade, por mais ilógico que isso pudesse ser.

Porém, não se encontrava sozinho naquele casamento – o que estava por trás da própria relutância em casar. Ele *devia* algo à esposa apesar das condições tão racionais do trato feito, com as quais ela concordara – o negócio que, na verdade, ela sugerira. Ela queria a felicidade, embora não exigisse que ele a fornecesse. Apreciava o sexo, ao que parecia, como um meio momentâneo de obter prazer. Ou talvez apreciasse apenas os beijos. Talvez acreditasse que eles equivaliam ao sexo. Ou talvez fosse o breve ritual noturno e matutino da união dos corpos.

Talvez estivesse na hora de descobrir quanto ela apreciava.

– Poderia ser melhor se fôssemos para a cama – disse ele. – Mas teria que ser diferente do que fazemos desde o dia do nosso casamento, Chloe.

Ela o olhou fixamente.

– Talvez – falou ele – você prefira voltar para o bordado.

– Ele pode esperar.

Ralph deu um passo atrás e lhe ofereceu o braço, muito formal.

Igualmente formal, ela o aceitou.

Ao que parecia, ele não poderia deter as mudanças. Mas aprendera essa lição havia muito tempo. Como era tolo de sua parte ter se esquecido dela ao estabelecer os termos de seu matrimônio.

# CAPÍTULO 14



Ele a levou para sua cama, aquela enorme monstruosidade no alto de um pedestal, mas que mesmo assim era mais confortável do que qualquer outra cama que Chloe tinha encontrado na vida. Não permitiu que ela passasse primeiro no próprio quarto, para vestir uma camisola. Diante dos seus protestos, informou-a de que não precisaria da vestimenta. E, logo que a porta se fechou com firmeza, depois que entraram, ele demonstrou o que queria dizer ao despi-la peça por peça, inclusive o espartilho, a camisa de baixo, as ligas e as meias, até que ela ficou nua diante dele, banhada pelo que parecia ser a luz de um milhão de velas.

Enquanto bancava a criada, Ralph aproveitou para dar uma boa olhada no corpo da esposa e não fez o menor esforço para evitar que suas mãos esbarrassem na pele dela. Na verdade, era provável que estivesse se esforçando para que as suas mãos a *tocassem*.

O que mais surpreendeu Chloe foi o fato de ela quase não se sentir constrangida. Seria um tanto tolo, claro, pois já estavam casados havia mais de uma semana e ela já perdera a conta do número de vezes que haviam tido relações. Mesmo assim, ficar nua, com todas as suas imperfeições à mostra, diante de um homem inteiramente vestido deveria ter sido mais desconcertante. Só que

Ralph não parecia decepcionado e o corpo dela vibrava com algo que ela só podia presumir que fosse desejo.

Ocorreu-lhe que talvez devesse despi-lo, assim como ele fizera com ela, mas não conseguiu agir com tanta audácia. E Ralph parecia estar resolvendo tudo muito bem sozinho. Assim que o colete e a gravata foram parar no chão com a casaca, Chloe notou que ele ficava muito atraente de camisa e calça apertada. Mas ele não demorou muito a se livrar da camisa. Tirou-a e deixou-a cair no piso. O criado ficaria bastante aborrecido pela manhã. Era muito bom que Chloe ainda não tivesse uma aia para ficar aborrecida com ela.

Ele soltou os botões na cintura e abriu a calça. Logo em seguida, ficou tão nu quanto ela. A diferença era que ela já o vira antes. Havia outras cicatrizes além daquela no ombro e da que rasgava o lado esquerdo do seu rosto. Nenhuma delas – nem a marca em seu rosto – maculava sua beleza. E ele era lindo.

As mãos dele chegaram a seus ombros – pareciam muito morenas ao lado da palidez de sua carne. Logo desceram e se espalmaram em suas escápulas, levando Chloe para junto do marido até que seus mamilos tocaram no tórax dele, provocando tremores que reverberavam até as pontas de seus pés. Ele era sólido como uma rocha – mas uma rocha não seria calorosa e convidativa, nem teria batimentos cardíacos. As mãos dela encontraram os ombros de Ralph enquanto ele abaixava a cabeça e abria os lábios para beijá-la.

Os beijos eram delícias inesperadas. E um abalo, pois ela nunca imaginara que os lábios se afastavam, que as bocas se abriam, que as línguas exploravam, se embaraçavam e até simulavam o ato matrimonial – e que atividades tão chocantes teriam um sabor, um som e provocariam sensações que ela não conseguia nomear e que agitavam seu corpo inteiro até que ela se consumisse na ânsia de ser tocada *lá*.

Ah, ela precisava *não* se apaixonar por ele – e esse foi um de

seus últimos pensamentos coerentes por um longo tempo. Apaixonar-se seria a coisa mais ingênua e idiota que poderia fazer.

Sexo, dissera ele. *É apenas sexo, Chloe.*

Ela precisava, precisava, *precisava* se lembrar daquilo.

Mas *apenas sexo* era simplesmente glorioso, além da imaginação, ela descobriu horas depois que ele subiu com ela os degraus e a deitou na cama. Ele seguiu seus planos sem apagar nenhuma das velas. Ela foi capaz de observar tudo o que faziam e ver que *ele* também observava, até que em algum momento da noite as velas começaram a se extinguir, uma a uma, e escureceu. Naquele momento, porém, estavam saciados e exaustos.

As mãos dele, os dedos, os lábios, a língua tinham tocado cada centímetro seu por fora e uma boa porção de seu corpo por dentro também. E, depois da primeira rodada de… sexo, a boca e as mãos dela se tornaram tão audaciosas quanto as dele. Ralph ficara por cima dela, ela por cima dele e, uma vez, ele chegou a estar por trás. E nada disso sequer se assemelhava à experiência moderadamente agradável pela qual ela passara a esperar desde a noite do casamento. Em vez disso, tinha sido…

Não havia palavras para descrever. Apenas sensações que cresciam e cresciam, mais e mais, até atingir o auge da glória, para então explodir e se transformar em algo que tornava a *glória* algo bem insignificante.

Ah, não havia palavras, de verdade.

Ocorreu-lhe uma ou duas vezes – em especial, quando percebeu que gritava, sem motivo aparente – que talvez devesse estar envergonhada, que talvez as damas não se comportassem com tamanha entrega. Sem dúvida, as damas não deviam agir assim. Mas ela preferiu deixar de lado os pensamentos desagradáveis. Se as damas não experimentavam as maravilhas do *sexo*, lamentava por elas. Não sabiam o que estavam perdendo.

Quando a última das velas tremeluziu e apagou, ele estava dormindo, esparramado de bruços ao lado dela, a cabeça na sua

direção, o nariz quase encostado no ombro dela, um dos braços em volta da sua cintura. Cheirava a suor e a algo muito masculino. Com certeza, era um dos perfumes mais sedutores do mundo – o que era um pensamento *muito* esquisito para passar por sua cabeça. As cobertas estavam na altura dos joelhos dos dois.

Tinha sido apenas sexo, dissera a si mesma. Por isso ele havia desfrutado tanto quanto ela. E era o suficiente. Teria que ser. Mas por favor, por favor, que o relacionamento dos dois não voltasse ao modo como funcionara em todas as outras noites. Que ele não ficasse satisfeito em apenas ter demonstrado tudo aquilo a ela. Chloe apreciara todas as noites e todas as manhãs com ele também, só que, a partir daquele momento, sabia que não seriam suficientes. Ela precisava *daquilo*, nem que fosse de vez em quando.

Era apenas sexo, sim. Porém, com certeza, era melhor do que amor. No amor havia turbulência de mais, incerteza de mais, riscos de mais de sofrer com a paixão. No sexo havia apenas prazer.

Ela ignorou uma pontada de dúvida ao fechar os olhos e se deixar levar pela deliciosa languidez que seguia os esforços do sexo.

Aquilo tinha sido melhor do que amor.

Quando Chloe acordou, Ralph tinha deixado a cama, embora ainda estivesse escuro. Contudo não deixara o aposento. Postara-se diante da janela com as cortinas afastadas, vestido apenas com a camisa e a calça. As mãos estavam no parapeito, os ombros ligeiramente caídos.

– Ralph? – chamou.

Era assustador vê-lo vestido quando ainda não havia sinal do alvorecer.

Ele não se virou nem disse nada. Minutos depois, suspirou e

falou:

– Vamos para Londres na semana que vem, Chloe.

– O quê?

Chloe se sentou de imediato e agarrou as cobertas até cobrir os seios. Mas sabia que tinha escutado direito.

– Na semana que vem – disse ele, escolhendo repetir o detalhe mais trivial.

– Você disse que ficaríamos aqui – afirmou ela. – Prometeu-me…

Ele se virou, apoiou as costas na janela e cruzou os braços. Ela só conseguia enxergar sua silhueta escura, mas ele parecia impaciente e assustador.

– Mas todos têm razão – declarou ele. – Minha mãe, minha avó e o restante deles. É necessário ir para a cidade.

– Mas você prometeu…

– Tudo mudou, Chloe – disse ele, com aspereza. – Não percebe? Foi ingênuo de nossa parte planejar um futuro como se pudéssemos ir para Elmwood depois do casamento e levar uma vida de felicidade rural para sempre. Sabíamos que meu avô tinha idade avançada. Sabíamos que ele estava enfermo. Sabíamos que era provável que morresse em pouco tempo, ainda que não pudéssemos prever que seria em *tão pouco* tempo assim. O motivo do nosso casamento… de minha parte, pelo menos, como você está ciente… era garantir a sucessão, e *isso* só se justifica porque o ducado é uma questão importante. Eu não teria me casado de outro modo… nem com você nem com ninguém.

Chloe mal respirava.

– Ser duque é mais do que ter um título impressionante para juntar a meu nome. É uma condição importante que acarreta deveres e responsabilidades. O duque de Worthingham não pode se esconder no interior como o conde de Berwick poderia. Eu deveria ter levado isso em consideração quando concordei que viveríamos no interior e ignoraríamos a sociedade e a temporada de eventos

em Londres. Eu deveria ter lembrado a você que só teríamos liberdade de viver do nosso modo até a morte de meu avô. Espera-se que o duque de Worthingham vá saudar o rei e esteja pronto para assumir seu lugar na Câmara dos Lordes assim que for convocado. E, por ser casado, ele deve fazer uma aparição na sociedade com sua duquesa ao lado. Infelizmente, o duque e a duquesa não são meras entidades. Somos *nós*. Eu e você.

– *Você* se casou para garantir a sucessão – declarou Chloe. – *Eu* me casei por outros motivos. Eu me casei para ter uma vida tranquila e doméstica e você concordou que assim seria. Foi um trato celebrado pelas duas partes. Não pode mudar as regras agora.

– Regras?

Ele se inclinou um pouco mais na direção dela.

– Não ouviu uma palavra sequer do que eu disse? É mesmo tão ingênua quanto às vezes parece? Quando foi que você viu a vida obedecer às *regras* que tentamos impor ao caos? Sabia com quem estava se casando. Deveria saber que tudo mudaria um dia.

– Seus avós viveram aqui durante muitos anos – ressaltou ela. – Nunca pareceram acreditar que era seu dever passar a temporada em Londres.

– Eram *idosos* – retrucou ele. – E já estavam perfeitamente estabelecidos em seus papéis. Tenho 26 anos. Você, 27. Somos novatos. Ainda não provamos nosso valor nas funções que o destino nos reservou. Existem deveres associados aos privilégios da posição social e da fortuna, Chloe, e um deles é interagir com nossos pares. Gostaria que não fosse assim, por Deus, mas é.

– Então está disposto a quebrar a promessa que fez a mim só para ganhar a aprovação de pessoas que não significam nada para você. Com certeza *eu* não significo nada para você.

A própria Chloe teve que reconhecer que havia algo um tanto infantil e petulante na sua manifestação.

– Que promessas eu *fiz*? – rebateu ele, afastando-se do

parapeito e se voltando para a janela. – Fiz votos matrimoniais que pretendo cumprir. Você também os fez, Chloe.

– De *obedecê-lo*?

Ela se ajoelhou na cama e se enrolou no lençol. Olhou com fúria para as costas dele.

– Vai me cobrar *obediência*, é isso?

Ela chegou a ouvir as unhas dele rasparem no parapeito da janela.

– Você fez o voto, não eu – retrucou ele, frio. – Não vi ninguém torcendo seu braço nem obrigando-a.

– Mas vai me obrigar a ir para Londres.

Ele girou o corpo e caminhou na direção dela até subir os degraus e se debruçar na cama, apoiado nos braços. O rosto dele ficou a centímetros do dela. Chloe prendeu o lençol com mais força e manteve sua posição.

– Não vou chicoteá-la para que desista – disse ele. – Nem vou amarrar suas mãos e seus pés e jogá-la numa carruagem para ser transportada até Londres como minha prisioneira. Mas *aviso* que vamos para lá na semana que vem. Tenho deveres e responsabilidades. Assim como você. Nasci para isso. Nunca me entusiasmei com essa perspectiva. Na verdade, fui até descuidado em relação a ela, quando parti para a guerra aos 18 anos. Meu pai ainda se encontrava entre mim e o título na época, e parecia forte. Contudo, morreu do que parecia ser um simples resfriado, e aqui estou eu. E aqui está *você*. Casou-se comigo de olhos abertos. Pode se encolher se quiser. Eu não posso… ou melhor… não *quero* obrigá-la a me acompanhar.

Chloe permanecia agarrada ao lençol.

– Contudo lembre-se, Chloe: além de ser minha duquesa, você será a mãe do futuro duque. Meu filho. Como ele poderá sentir orgulho de uma mãe que tem medo de aparecer diante da alta sociedade? Como minhas filhas poderão ser felizes se a mãe tiver medo de levá-las para a cidade quando chegar a hora de

procurarem marido, por medo de que a aristocracia descubra algo nela que alimente seus mexericos?

– Não tenho *medo* – protestou Chloe.

– Além do mais – disse ele –, se não me acompanhar para cumprir seus deveres diante da sociedade, precisa me acompanhar para cumprir seu dever para comigo. Precisa ser *semeada*.

De repente a mão dela começou a arder e ela se deu conta, assustada, de que o esbofeteara no rosto.

Houve um silêncio pesado enquanto ele se endireitava ao lado da cama.

– Peço desculpas – falou ele. – Fui grosseiro.

– Sinto muito – falou Chloe quase ao mesmo tempo, os dentes batendo de nervosismo. – Machuquei você?

Que pergunta ridícula! Tinha atingido o lado da cicatriz.

– Machucou – disse ele. – Mas eu teria feito o mesmo se fosse você.

Chloe fechou a mão. Estava quente e pulsava. Nunca esbofeteara ninguém.

Ele se sentou na beira da cama e voltou seu olhar para ela.

– Alguns integrantes da sociedade a rejeitaram no passado – disse ele – porque sua irmã fugiu com um homem casado. Um notório canalha que brincava com seu afeto rompeu com você com desdém calculado. Muitos anos depois… no ano *passado*… descobriu-se que você tinha algumas semelhanças com uma dama que, por acaso, fazia sucesso junto à aristocracia em sua primeira temporada em Londres, e os fofoqueiros começaram a espalhar boatos maldosos sobre o pai dela, que havia cortejado sua mãe. Portanto, suas duas visitas a Londres a magoaram.

A esposa apenas o encarava.

– É compreensível que não queira mais ter contato com a alta sociedade – prosseguiu ele. – Em retrospecto, talvez não tenha sido sábio casar com um conde que era herdeiro de um duque idoso. Mas casou. E, como resultado, será obrigada a enfrentar a

sociedade mais uma vez. Agora, no destacado papel de duquesa. Vai fazer isso, Chloe? Ou vai permitir que o medo mantenha você escondida pelo resto da vida?

– Não tenho *medo* – repetiu ela.

– Então como chama? – questionou ele.

Chloe percebeu algo de repente. Graham dissera que não tinha certeza se haviam ocorrido mudanças fundamentais na personalidade de Ralph desde os tempos de escola. Naquele momento, compreendeu que ele tinha razão. Ela percebeu o poder de persuasão dele. Sua vontade estava sendo abalada.

– Era isso que você fazia quando era garoto? – perguntou ela. – Foi assim que se cercou de outros meninos que agiam como se fossem seus escravos? Foi assim que os convenceu a fazer o que desejava, mesmo contrariando suas vontades e seus juízos? Foi assim que persuadiu seus amigos a irem para a guerra com você?

Ele se levantou num pulo, como se tivesse levado outra bofetada. Tarde demais, Chloe percebeu a crueldade de suas frases.

Ralph permaneceu de costas por um momento enquanto as palavras pairavam entre eles, como uma presença física. Depois desceu os degraus, atravessou o aposento e saiu, de uma forma tão abrupta que não houve nada que ela pudesse fazer para detê-lo a não ser erguer o braço, impotente.

– Ralph – disse ela.

Mas o som da sua voz saiu no mesmo momento em que a porta bateu.

Não podia correr atrás dele. Estava nua sob os lençóis. Deixou o corpo pender, abraçou as pernas e apoiou a testa nos joelhos.



Já estava claro quando Chloe pôs o vestido amassado e voltou para o quarto para se lavar, arrumar o cabelo e colocar uma roupa

recém-passada. Desceu para o desjejum com as pernas ligeiramente trêmulas. Mesmo sendo tão cedo, Ralph já havia concluído a refeição e estava prestes a deixar o aposento. Estava vestido de forma imaculada, percebeu ela.

Antes que ela dissesse qualquer coisa, ele fez uma leve e formal saudação.

– Vou precisar passar a maior parte do dia no escritório com Lloyd e meu administrador – informou ele. – Perdoe-me por deixá-la sozinha agora e por ter que se ocupar por conta própria pelo resto do dia.

Chloe descera com a cabeça repleta de coisas a dizer – pedidos de desculpa, explicações, perguntas. Descera preparada para se manter calma e sensata, para conversar e chegar a algum tipo de acordo adequado para os dois. Tudo o que planejara desapareceu sem deixar vestígios.

– Ah, não deve se preocupar comigo – garantiu, com grande animação. – Preciso passar algum tempo com a Sra. Loftus. Tenho muito a aprender. E ela conhece alguém que poderia ser minha criada pessoal. Precisarei me encontrar com a moça, para saber se concordo. E com certeza preciso fazer uma visita à Sra. Booth, que não teve condições de participar do velório. Também devo fazer uma visita de cortesia ao vigário. E tenho o bordado e…

Ele parecia frio, distante e impaciente para sair dali. A voz dela foi se calando.

Perguntou a si mesma se havia sonhado com o homem com quem fizera amor com tanta intensidade, com tamanha intimidade, na noite anterior. E com a mulher que correspondera à altura. Mas claro que não. O único problema era que a palavra *amor* não era precisa.

*Sexo. É apenas sexo…*

Sim, tinha sido isso. Apenas sexo.

Ele deixou o aposento sem dizer mais nenhuma palavra.

Aquela noite infeliz de sexo sem inibições não se repetiu na semana seguinte. Nem Ralph voltou a levar Chloe para seu quarto. Foi até o quarto dela e retomou as relações conjugais como costumavam ser antes.

Aquela noite havia sido infeliz por uma série de razões, sendo uma delas o fato de Ralph já saber que deveria dar a Chloe a desagradável notícia sobre a viagem para Londres. Tinha sido covarde demais para tocar no assunto antes. Imaginara que ela se perturbaria.

Ele entendera que aquele momento chegaria anos antes, quando finalmente abandonara as tentativas de suicídio. E, depois da morte súbita do pai, compreendera que viria num futuro próximo. E, por mais relutante que estivesse, tomara a decisão de cumprir seu dever quando chegasse a hora – e, antes mesmo de a hora chegar, cumpriria a tarefa de arranjar uma esposa e ter filhos. Talvez fosse sua penitência, pensara ele, aceitar que sua vida fora poupada por esses motivos. Para fazer o melhor. Para cumprir seu dever.

Ignorara um fato, porém – ou talvez não pudesse prevê-lo naquele momento: aquela aceitação só levara em conta a sua pessoa. Incluíra uma esposa, mas não levara em consideração que ela teria os próprios interesses.

Cumprir seu dever significaria magoar Chloe, quebrar a promessa que inegavelmente fizera. Significava obrigá-la a fazer a última coisa no mundo que ela queria – caso ele resolvesse lançar mão de seus direitos de marido. Tivera que decidir entre o dever e uma promessa e optara pelo dever. Embora também tivesse escolhido *não* impor a obediência.

Teria ele feito exatamente aquilo no passado?

*Foi assim que persuadiu seus amigos a irem para a guerra com você?*

Decidira que partiriam para Londres uma semana depois do velório – ou, pelo menos, ele partiria. Havia muito a fazer nesse ínterim. Arrependia-se por não ter passado mais tempo em Manville Court nos anos anteriores aprendendo a administrar as muitas propriedades ducais. Sabia que aquele dia chegaria, afinal de contas, e deveria ter se preparado melhor.

Passou a semana consultando o administrador de Manville, estudando relatórios de outras propriedades, lidando com uma quantidade considerável de correspondência que Arthur Lloyd lhe apresentava todos os dias, vagando pela propriedade em conversas com encarregados e trabalhadores, visitando os arrendatários e ouvindo suas preocupações. Nas poucas ocasiões em que teve tempo livre, ele se sentou na biblioteca com um livro aberto diante de si – seria incorreto dizer que de fato *leu* –, cavalgou sem rumo pelo campo, ou caminhou perto do lago ou junto da corredeira.

Durante boa parte de seu tempo solitário, ele sofria. Era incrivelmente difícil estar ali, naquele cenário familiar, e saber que era tudo seu, aceitar que o avô partira. E pensava na avó em Londres, em companhia de tia Mary, mas com certeza se sentindo perdida e com saudade de casa. Rememorou cenas de sua infância e sua juventude no local. Certa vez, quando explorava uma gaveta da escrivaninha na biblioteca, ele descobrira um pedacinho de papel torcido contendo três doces. Sempre três. E sempre embrulhados num pedaço de papel para que não ficassem sujos no bolso do avô ou no do neto que os recebesse. Ralph pusera o pequeno embrulho no bolso.

Daria qualquer coisa no mundo para reviver aqueles dias, para ter a oportunidade de escolher caminhos diferentes para o futuro, caminhos que ele não trilhara. Às vezes imaginava o que teria acontecido caso não houvesse se deixado consumir pela ideia de salvar o mundo da tirania ou se o avô não o apoiasse e tivesse se recusado a lhe arrumar um posto de oficial.

Contudo, perder tempo com tais pensamentos era inútil. Os

arrependimentos eram inúteis. Assim como a culpa.

Algumas vezes se pegou sofrendo também pelo pai, que morrera de forma quase despercebida, pelo menos por ele. Ralph ainda se encontrava em Penderris, na época, doente demais para voltar para casa para o velório ou mesmo para assimilar o que acontecera. Nunca tinha sido muito chegado ao pai, mas o amara. Não havia se despedido, nem tivera chance de se sentar com parentes depois de seu falecimento para recordar cenas quase esquecidas. Não houve um luto real. Apenas mágoas negadas e guardadas dentro de si.

Ele *amara* o pai. Também o ferira. Tinha sido uma decepção para um homem que levava o dever e a responsabilidade muito a sério. E devia ter sido um enorme golpe no seu orgulho paterno o fato de o próprio pai ter passado por cima de sua decisão de impedir que Ralph fosse para a guerra.

Por três vezes Ralph se sentou com Chloe de noite. Na maior parte do tempo, manteve os olhos no livro enquanto ela dirigia com firmeza sua atenção ao bordado ou ao próprio livro. Ela não tentara começar nenhuma conversa desde a noite da briga, ele também não.

Ralph não sabia sequer se ela iria para Londres com ele. E *não* imporia sua vontade.

Na quinta noite, ele pôs o livro de lado com um estrondo maior do que esperava, levantou-se e não teve escolha senão atravessar o aposento e se servir de uma bebida, pois não conseguia pensar em outra desculpa para ter deixado a poltrona. Nem ela pediu explicações. Nem sequer ergueu os olhos. Porém, quando ele voltou com o cálice na mão, ela o *observava*, a agulha parada no ar. Baixou a vista sem nada dizer.

E de repente ele se sentiu irado. Aquilo era ridículo. Teve vontade de ir até ela, erguê-la, sacudi-la. Mas, Deus, *por quê*? Porque ele não se sentia à vontade na própria casa? Por acaso imaginava que *ela* se sentia?

Ralph engoliu um gole de vinho do Porto.

– Acredito que seu irmão e eu – disse ele – poderíamos ter sido grandes amigos na escola, se não fôssemos tão parecidos.

De onde saíra *aquele* comentário? Bem, ela sempre o fazia lembrar-se de Graham. Ela o irritava de maneiras parecidas. Como se seus silêncios – *sobretudo* seus silêncios – fossem acusatórios. Mas nunca havia pensado que *ele* e Graham se pareciam. Eram opostos, na verdade.

Ela voltou a levantar a cabeça do bordado e ele esperou que Chloe manifestasse ceticismo ou incredulidade. Parecia ter uma enorme estima pelo irmão, afinal de contas. Em vez disso, ela assentiu.

– É verdade – disse ela. – Eu reparei.

Que diabo? Ele franziu a testa, girou a bebida no cálice e tomou outro gole.

– Dois cabeçudos, ele e eu – falou Ralph. – Na defesa de ideais inatingíveis.

– O pacifismo é inatingível? – questionou ela.

– Claro que sim – respondeu ele com impaciência. – Nenhum homem vai ficar parado e assistir ao estupro de sua mãe, de sua esposa e de suas filhas, bem diante de seus olhos, sem matar ou morrer para impedir que isso aconteça.

– Graham disse a mesma coisa quando esteve aqui – disse ela.

– Disse?

– E o ideal de combater a tirania é inatingível? – perguntou ela.

– Claro que sim – repetiu ele. – A tirania nunca vai terminar. Nem a violência, a agressão, a injustiça, a crueldade nem qualquer outro tipo de maldade que os homens são propensos a cometer.

– Então é melhor nos livrarmos dos soldados, dos guardas, dos magistrados, dos juízes? – perguntou ela enquanto Ralph atravessava o aposento para se postar ao lado do fogo, com o cotovelo sobre a cornija da lareira. – Permitiremos que a tirania e a anarquia se espalhem livremente porque nunca conseguiremos

eliminá-las? *Mas* atacaremos qualquer um que ameace aqueles que nos são mais próximos e queridos?

Ele girou o que tinha sobrado no cálice, mas não o levou aos lábios.

– Eu era um tolo ingênuo – declarou. – Acreditava que guerrear por uma causa nobre fosse algo glorioso… *Dulce et decorum est pro patria mori*… É doce e virtuoso morrer pelo país. Não há nada de doce nem de virtuoso na guerra. Os oficiais são fúteis, preguiçosos, corruptos e, muitas vezes, cruéis. O soldado comum é fruto das sarjetas e das prisões da Inglaterra. A batalha é uma loucura, um caos, e sangue e vísceras e fumaça e gritos. E, quando termina, você compartilha um cantil de água ou bebida e conversa de forma amistosa com um sobrevivente inimigo com um posto mais ou menos equivalente ao seu enquanto separa os mortos e os feridos do seu lado e ele faz o mesmo… Como se não passasse de uma agradável partida de algum jogo, como o críquete.

Ocorreu a ele que não deveria falar de tais coisas com uma dama. E por que estava falando daquilo, afinal? De onde surgira tal conversa?

– Mesmo assim – disse ela –, foi por meio desse caos e desses jogos mortais, com seres humanos tão frágeis e com frequência indesejáveis, que o duque de Wellington abriu caminho no império opressor construído por Napoleão Bonaparte e conseguiu derrubá-lo. Precisava ser derrubado.

– Então não apoia o ponto de vista de seu irmão? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela. – Mas eu o respeito. Todos nós temos direito a nossos ideais. A maior parte das crenças, em si, não é certa nem errada. Nenhuma delas contém toda a verdade.

Como haviam chegado ali? Ele terminou o Porto num gole, girando-o na boca antes de engolir. Chloe baixara a cabeça e voltara a costurar. Ainda era um lenço masculino, ele percebeu, embora fosse diferente do anterior. As cores eram outras.

– As crenças de Graham não matam ninguém – disse ele. – As minhas sim.

Uma batida à porta anunciou a chegada do chá da noite. Chloe guardou o trabalho. Ralph esperou que o criado pousasse a bandeja diante dela e partisse. Observou-a pegar a chaleira e servir.

– Não vou tomar chá – falou ele.

– Não foram suas crenças que mataram homens – retomou ela. – Não foram suas crenças que mataram seus três amigos. Foi a guerra… uma solução terrível para um problema terrível, mas talvez a única saída ou talvez a saída apropriada para aquela provocação. Você participou porque acreditava na causa. Seus amigos morreram porque *eles* acreditavam, mesmo que tenha sido você o primeiro a chamar atenção para o assunto.

E aquele que os persuadiu a acompanhá-lo.

*Foi assim que persuadiu seus amigos a irem para a guerra com você?*

– E você quase morreu – ressaltou ela.

Baixou a chaleira e o encarou com um ar perturbado.

– Como você se recupera de tais experiências, Ralph? Como *qualquer um* consegue se recuperar? Como alguém toca a vida depois de ter ido para a guerra? E como segue em frente depois de *não* ter ido para a guerra?

Ele franziu a testa.

– Graham?

– Do seu jeito, ele se sente tão culpado quanto você… pelas mortes de centenas e centenas de homens enquanto ele permanecia em casa, em segurança, questionando-se sobre o modo como agiria caso seu pacifismo fosse posto à prova. Pelas mortes de seus três amigos, que também eram amigos dele.

– Ele lhe *disse* isso? – perguntou Ralph.

– Não – respondeu ela. – Não me disse com todas as letras. E eu nunca tinha sequer pensado nisso até minha última conversa com ele. Passamos por tempos terríveis, Ralph, e nenhum de nós

foi poupado do sofrimento. Mas talvez *todo mundo*, em todas as eras, atravesse tempos terríveis. Talvez faça parte da condição humana. Eu costumava pensar que os únicos sofrimentos causados pela guerra fossem a morte de soldados e a dor física dos ferimentos de outros. Isso não é nem a metade, não é?

Ele fitou em silêncio a cabeça dela, que estava abaixada enquanto ela bebia o chá. Julgara que Chloe seria uma mulher plácida que desejava apenas coisas simples para ser feliz – casamento, lar, maternidade. Sofrera decepções e dores reais em sua vida e, por fim, se satisfizera com um acordo sem emoções que, mesmo assim, lhe dera o mínimo de satisfação – até o anúncio que ele fizera dias antes. Naquele momento, não tinha mais tantas certezas em relação à esposa. Começava a parecer bem mais do que a mulher que ele imaginara. E era bem feito para um tolo que havia acreditado que uma pessoa poderia ser tão pouco complexa.

Ele não esperara gostar dela – *realmente* gostar dela. Tivera esperanças de ser indiferente.

Abriu a boca, mas ela falou primeiro enquanto pousava a xícara e o pires.

– Estarei pronta para ir a Londres com você – anunciou. – Depois de amanhã, não é?

– Sim.

Ele queria dizer mais. Ele queria… pedir desculpas? Por qual motivo? Pelo fato de o avô ter morrido tão cedo? Ele queria… reconfortá-la? Mas como? Ele queria…

Ele queria. Sempre aquele desejo, aquele anseio sem nome.

– Obrigado – disse ele, com uma voz que pareceu áspera, até mesmo fria.

# CAPÍTULO 15



Chloe se encontrava no interior de uma opulenta carruagem decorada com o brasão ducal e puxada por quatro magníficos cavalos negros. Era conduzida por um cocheiro forte ladeado por um lacaio robusto. Quatro batedores corpulentos acompanhavam o veículo, dois de cada lado. Os seis homens usavam esplêndidas fardas ducais. Enquanto passavam na estrada para Londres, todos paravam, fitando-os com assombro. Os homens tiravam os chapéus para exibir os topetes, as mulheres se curvavam fazendo mesuras. Ralph também cavalgava, na maior parte do tempo bem à frente da carruagem, apenas ocasionalmente junto dela, talvez para garantir que Chloe não houvesse ficado assustada demais e saltado. Estava menos suntuoso do que os criados. Quando se afastava do grupo, era provável que deixasse de receber qualquer atenção especial.

Parecia absurdo para Chloe que, como resultado daquele casamento apressado numa capela minúscula duas semanas antes, tivesse passado a ser uma *duquesa*, ou melhor, alguém digno de toda aquela pompa e excesso de segurança – para não mencionar os serviços de uma criada. Mavis, sobrinha da Sra. Loftus, se encontrava no interior da carruagem junto da sua nova senhora, viajando de costas para os corcéis, e parecia prestes a explodir de

orgulho. Poucos meses antes, Chloe fizera a viagem para Manville Court desprotegida e desacompanhada, praticamente despercebida.

Sempre que paravam em uma estalagem para a troca de montarias, ela recebia saudações, reverências e elogios. Era levada à melhor sala privativa e lhe ofereciam as mais requintadas iguarias que a casa tivesse, embora viajar a deixasse um pouquinho enjoada e tirasse seu apetite. Ralph sempre permanecia no lado de fora, supervisionando o cuidado com seus animais. Até os ginetes descansados eram dele, enviados com antecedência dos estábulos ducais para que os negros magníficos não fossem substituídos por animais inferiores. Às vezes Chloe se perguntava se alguém percebia que ele era o duque, dono da carruagem, dos cavalos, patrão daqueles criados, casado com a duquesa que desfrutava de comidas e bebidas no melhor salão.

Em nenhum momento ele viajou na carruagem com ela, nem quando choveu durante uma hora inteira. E não era apenas a presença de Mavis que o impedia, acreditava Chloe. Ele nunca ficava em veículos fechados se pudesse evitar, como explicara ainda em Manville, quando ela descobriu sua intenção de cavalgar por todo o caminho. Ela não sabia se isso tinha alguma relação com o fato de ele ter sido transportado por longas distâncias no confinamento de diversas carruagens ao ser ferido na guerra. Ou se tinha relação com ela.

Chloe perguntava a si mesma se toda a vida de casados deles espelharia aquelas duas primeiras semanas. Vez por outra, eles haviam conversado *de verdade* e ela sentira que estavam se aproximando, talvez até se tornando amigos. E houve até uma noite… Contudo, mesmo naquela ocasião ela soubera que se tratava apenas de sexo – palavras *dele* – e que não tinha nenhuma relação com amor, nem mesmo com afeto. De qualquer forma, fora agradável – para, de uma forma estranha, dizer o mínimo – e parecera aproximá-los, até que terminara de modo abrupto, com uma briga no meio da noite.

Na maior parte do tempo ele permanecia compenetrado e a tratava de maneira reservada e cortês. Seus olhos não demonstravam nenhum sentimento. Ele era, de fato, igual ao homem do começo de sua relação. Apesar do casamento e das intimidades necessárias no leito matrimonial, apesar das conversas e dos beijos ocasionais, de meia madrugada de sexo – para voltar a usar as palavras dele –, nada mudara. E de que poderia se queixar? O casamento progredia do modo que os dois haviam estabelecido.

Não podia nem mesmo continuar zangada com ele por seguirem para Londres. Sim, ele dissera que levariam uma vida tranquila no interior depois do casamento, mas não podia ter previsto que as circunstâncias mudariam tão depressa. E tinha razão em relação às obrigações – tanto as dele quanto as dela. O dever os mandava ir para Londres, onde ele deveria fazer aparições na corte e no Parlamento e onde os dois deveriam interagir socialmente com seus pares.

E lá estava ela na estrada, a caminho de Londres em opulento esplendor, sendo saudada como se fosse alguém de grande importância – o que, Chloe acabou concluindo, ela devia ser mesmo. Algum dia se acostumaria com tudo aquilo? Talvez até achasse graça da situação se não estivesse consumida de horror diante da perspectiva de voltar a enfrentar a alta sociedade.

Mas precisava enfrentar. E *ia* enfrentar.

Por fim, ela viu um volume de água ao longe, pela janela lateral, uma grande superfície. O rio Tâmisa.

– Estamos perto de Londres – observou ela para Mavis, que apertou o rosto contra a janela à procura de sua primeira visão de uma torre ou do pináculo de uma igreja.

Chloe pensou na empolgação que sentira ao se aproximar de Londres pela primeira vez, seis anos antes. A Chloe daquele tempo não teria ficado surpresa se descobrisse que as ruas eram cobertas de ouro.

Nas últimas duas semanas, a vida mudara de forma bem mais drástica do que ele percebera, Ralph não demorou a compreender. E não era apenas por conta do casamento e de ter assumido o título de duque, com todos os deveres e responsabilidades que o acompanhavam. Era…

Bem, na verdade eram apenas aquelas coisas.

Deixar Manville Court rumo a Londres já não era uma simples questão de montar no cavalo ou subir no assento do cabriolé e se deslocar pela estrada do rei na velocidade que escolhesse. Passara a haver uma duquesa junto dele e, de certo modo, a duquesa era uma entidade maior do que apenas Chloe. Era uma mercadoria grandiosa, preciosa, frágil, e tinha que ser transportada com pompa, luxo e segurança. Ou pelo menos era o que os criados decretavam – e os criados, como Ralph também estava descobrindo, podiam ser bastante tirânicos quando se tratava de fazer o que julgavam ser seu dever para com os patrões nobres, pois o senso de importância deles estava em jogo.

Se Chloe apreciou ou não aquele cortejo muito público pelo campo, ele não perguntou. Embora quase tivesse perguntado quando choveu e ele ficou tentado a se juntar a ela na carruagem. Ele se divertia apesar do desconforto da chuva, e diversão era algo tão raro para ele havia tanto tempo que sentiu vontade de dividir aquele momento. Imaginou os dois juntos dando uma boa gargalhada na cabine por conta do espetáculo que encenavam enquanto se movimentavam pelo interior com velocidade mínima e visibilidade máxima.

Ele *não* se juntou a ela, porém. Lembrou-se bem a tempo de que toda vez que se aproximaram mais do que o combinado, naquelas duas semanas, ele acabara sentindo um tipo inexplicável de pânico e se afastara às pressas. Seria melhor não compartilhar com ela

quanto vinha se divertindo. Além do mais, ela estava na companhia da nova criada.

A chuva logo passou e ele ficou feliz por ter permanecido ao ar livre.

O fato de que a vida havia se modificado a ponto de se tornar irreconhecível ficou ainda mais evidente depois que ele entrou na Portman Square seguido pela carruagem ducal, pelos batedores e por mais um veículo carregado com toda a bagagem. Ralph estaria disposto a apostar uma boa soma em dinheiro que as janelas ao redor da praça tinham subitamente se enchido de espectadores para apreciar o espetáculo. Ele não olhou para conferir se estava certo.

A Casa Stockwood tinha sido praticamente dele por alguns anos. Ele chegava e saía quando queria, muito bem-atendido pela criadagem, mas sempre com discrição. Dessa vez, os portões estavam escancarados – os dois – e o mordomo se postara na entrada, rígido e imponente, trajando o que era, com certeza, um uniforme novo. Atrás dele, se Ralph não estava enganado, o resto da criadagem estava disposto em fileiras organizadas. Ia ser de novo como no dia do casamento, pensou, estremecendo por dentro.

Ele não era uma pessoa muito observadora no que dizia respeito aos serviçais, mas teria de ser cego para não perceber que todos usavam uniformes novos e que o saguão reluzia de tão encerado. Se houvesse um grão de poeira em toda a imponente entrada, Ralph ficaria surpreso.

Ouviu tantos “Vossa Graça” nos minutos seguintes que sua cabeça começou a zumbir. Quando tomou a mão de Chloe que estava pousada na manga do vestido e a conduziu pelos degraus e pela porta, podia imaginar como a esposa se sentia. Se ela não voltasse correndo para Manville sem ao menos parar para tirar o chapéu, ele seria um homem de sorte.

Mas ela o surpreendeu. Em vez de se limitar a menear a cabeça com graça, para a esquerda e para a direita, e continuar seu

caminho até a relativa privacidade do salão de visitas ou mesmo até seus aposentos, no piso superior, ela parou, sorriu e passou mais de meia hora atravessando as fileiras. Teve o cuidado de falar com todos, repetindo os nomes que a governanta murmurava para ela e, ocasionalmente, fazendo perguntas a algum criado – e esperando para ouvir a resposta.

– Obrigada, Sra. Perkins – disse quando chegaram ao final da fila. – Poderia mandar uma bandeja de chá para o salão imediatamente, por favor? E talvez nós duas possamos nos reunir pela manhã para nos conhecermos melhor. Desejo descer até a cozinha também, para conversar mais com a Sra. Mitchell. Todos estão esplêndidos. A casa inteira está.

A Sra. Mitchell, como Ralph parecia lembrar, era a cozinheira.

– A casa sempre funcionou perfeitamente sem nenhum esforço de minha parte – disse ele a Chloe quando ficaram a sós no salão, alguns minutos depois, enquanto ela retirava o chapéu e ajeitava os cachos curtos com as duas mãos. – Não deve se sentir obrigada a se esforçar demais.

Ela sorriu e havia algo quase malicioso na sua expressão.

– Seus avós não andavam por aqui havia muitos anos, não? – perguntou ela. – E sua mãe tem a própria casa em Londres. Então era só você. A Casa Stockwood tem sido uma residência de solteiro. Arrisco-me a dizer que a criadagem apreciava mimá-lo como se fosse um menino incapaz de tomar conta de si mesmo. Porém, seriam menos indulgentes com sua esposa se ela parecesse incapaz de cuidar de *si mesma* e… o principal… de *você*, posso garantir.

Santo Deus – *como se fosse um menino incapaz de tomar conta de si mesmo*. Não era possível que houvesse alguma verdade naquelas palavras, era? Ele prendeu as mãos às costas e franziu a testa.

Ela alisou as marcas de seu traje de viagem.

– Era *isso* que eu queria, Ralph – disse ela. – Ah, não numa

escala tão grandiosa e, com certeza, não em Londres. Mas essas são questões relativamente menores. Eu queria uma casa para comandar e um marido para cuidar. Não ficarei infeliz enquanto eu estiver em casa.

– Só quando tiver que ir além dessas portas? – questionou ele.

O sorriso dela se tornou mais amargo.

– Tive a oportunidade de ouvir apenas um dos sermões de Graham na igreja – disse ela. – Mas vou me lembrar dele para sempre. Ele dizia que, se conseguirmos enfrentar nossos piores medos, seguir em frente e passar por cima deles, em vez de nos encolhermos, dar meia-volta e fugir para o mais longe possível, então não teremos que voltar a temer nada. Parece uma ideia simplista, é verdade. E se enfrentarmos um touro furioso em vez de fugir para um lugar seguro, como deveríamos? Nunca teremos a *chance* de voltar a sentir qualquer medo. Mas estou certa de que ele desenvolveu o assunto e explicou o que queria dizer, e compreendi mesmo antes que dissesse. Sempre me senti inspirada pelas palavras dele e achava que seria maravilhoso se eu conseguisse agir de acordo com o que ele dizia.

– Seu pior medo é enfrentar a alta sociedade mais uma vez, suponho – disse ele.

– É – concordou ela. – Por mais tolo que possa parecer para você. Segundo o critério de Graham, eu já fracassei em duas ocasiões.

– A maioria de nós já fracassou pelo menos em duas ocasiões.

Chloe inclinou a cabeça e o observou em silêncio.

– Será diferente para você dessa vez – acrescentou ele. – Estarei do seu lado e você encontrará a coragem para manter sua posição.

– E eu estarei do seu lado – disse ela, fazendo com que ele sentisse inexplicáveis calafrios pela espinha ao ouvir aquelas palavras. – E você terá coragem.

Um criado entrou naquele momento com a bandeja de chá e

uma criada o seguiu com um bolo. No passado, o homem teria servido o chá e a mulher cortaria o bolo e colocaria uma fatia no prato. Daquela vez, porém, Chloe os dispensou com um sorriso e uma palavra de agradecimento e executou ela mesma essas tarefas.

Havia algo inegavelmente perturbador em relação às mudanças na sua vida, pensou Ralph: uma perda de independência e de privacidade muito tangíveis. Ainda que não o fizesse de forma grosseira, ele podia ignorar os criados. A esposa, porém, ele não podia ignorar. E aquilo era o que ela queria, o motivo para ter feito o acordo – um lar, um marido. Ele, em outras palavras. Ela pretendia *cuidar* dele.

E, à exceção do lar, ele já não podia se dirigir para onde quisesse, à hora que bem entendesse, sem dar satisfação a ninguém. Para começar, ele não era mais apenas o conde de Berwick, com um título honorífico relativamente inexpressivo. Era alguém de posição grandiosa, de quem se esperava bem mais. Além disso, era um homem casado que deveria levar em consideração os sentimentos da esposa e seu bem-estar. E essa esposa em particular estava em Londres contra a própria vontade e tinha horror a pôr os pés na rua. Ele não podia simplesmente abandoná-la.

Uma coisa era aceitar a responsabilidade por um papel, algo inanimado, um ducado. Outra, bem diferente, era se sentir responsável por alguém – por sua esposa, que ficava nervosa e infeliz em relação ao que precisava enfrentar. Ralph desconfiava que aquilo se assemelhasse muito a um vínculo emocional e não gostava nem um pouco. Não gostar, porém, não faria com que aquilo desaparecesse.

– Um pouquinho de leite, um cubo de açúcar – disse ela, arrumando a xícara e o pires perto do braço dele.

Correto. Ficou quase irritado por isso. Não tinha a mínima ideia

de como ela gostava do chá, embora tivesse visto Chloe servi-lo e bebê-lo numerosas vezes.

Tinha a desconfortável impressão de que Chloe de fato conseguiria deixá-lo confortável.

– Não vai demorar muito até que seja de conhecimento geral que estamos na cidade – disse ele enquanto Chloe se sentava e pegava a xícara. – Os convites vão começar a chegar. As pessoas vão estar curiosas para me ver no meu novo papel e para vê-la no seu. E para nos ver como casal. Vamos precisar decidir quais convites aceitaremos.

Ralph esperava que ela fizesse algum tipo de protesto ou que pelo menos pedisse tempo para se adaptar à ideia.

– Sim – disse ela.

– E devemos começar a pensar na grande recepção ou no baile que faremos aqui – lembrou ele. – É o que esperam de nós.

– Sim – repetiu a mulher.

– Lloyd ajudará – garantiu ele. – E minha mãe.

Chloe pousou a xícara.

– Ajudar, sim – falou ela. – Mas *nós* faremos a maior parte do trabalho, Ralph.

Enfrentar os piores medos, seguir em frente e passar por cima deles, ela se lembrava das palavras de Graham durante um de seus sermões. Tinha fugido de seus medos duas vezes, como acabara de lhe contar. Ele percebia que isso não voltaria a acontecer.

– Sim – concordou ele. – Nós faremos.

De uma forma lenta, inexorável, ele percebia que estava sendo arrastado de volta à vida. Assim como ela.

Se Chloe tinha esperanças de se enterrar na Casa Stockwood deleitando-se com a vida doméstica, ela logo se desiludiu. Não que tivesse esperado algo parecido, claro. Ela passou uma manhã muito

feliz discutindo cardápios e assuntos do lar com a governanta e a cozinheira. A manhã trouxe também um bilhete de Sarah, sua cunhada, que persuadira o Sr. Toucher a passar algumas semanas na cidade antes de voltar para casa e se oferecia para pegar Chloe em sua carruagem às quatro horas, a caminho de uma visita à avó e à tia-avó. Chloe lhe enviou uma mensagem aceitando o convite, pois Ralph tinha saído no meio da manhã e não dissera quando voltaria. Contudo, antes mesmo das quatro horas sua tranquilidade foi interrompida algumas vezes pelo som da aldrava anunciando a chegada de visitantes.

A condessa viúva de Berwick, sua sogra, apareceu com Nora, lady Keilly, para informá-la de que na tarde seguinte as duas a acompanhariam para visitar uma série de damas com quem era imperativo que ela mantivesse as melhores relações possíveis. Chloe presumiu que fossem os nomes de maior destaque na sociedade.

O pai dela chegou com Lucy pouco depois que as duas saíram. Lucy sugeriu que Chloe a acompanhasse numa caminhada de manhã no Hyde Park, dois dias depois, com as crianças e a babá – se as condições climáticas permitissem, claro.

– O parque nunca está cheio pela manhã do jeito que costuma ficar à tarde, no horário em que os mais nobres saem para passear – contou ela –, mas é possível encontrar um número razoável de pessoas distintas, e algumas delas, damas e cavalheiros, são gentis o suficiente para parar e conversar. Mais pessoas vão parar se *você* estiver comigo, Chloe, pois seu nome está nos lábios de todos. Como deve estar se sentindo gratificada!

Era a última coisa que Chloe precisava ouvir, mas era inevitável, ela sabia. E não adiantava nada ficar escondida em casa. Fora a Londres porque decidira *não* se esconder.

– Ficarei encantada, Lucy – disse ela, animada pelo sorriso vibrante e feliz da irmã.

Lady Trentham apareceu para uma visita enquanto o pai e a irmã

de Chloe ainda estavam lá. Chegou na companhia de sua jovem cunhada, a Srta. Emes. Fora perguntar se poderia ter o prazer de apresentar Chloe a algumas de suas parentas e amigas numa daquelas tardes.

– Estão curiosas e ansiosas para conhecê-la – explicou ela, antes de rir. – Ah, não fique com uma cara tão assustada, Chloe. Estão muito dispostas a gostar de você e teriam a mesma disposição, estou certa, ainda que não soubessem que é minha amiga e esposa de um dos amigos de Hugo. Nem *todo mundo* se deixou abalar pelos mexericos perversos e insensatos do ano passado.

– Obrigada – disse Chloe.

– É muito gentil de sua parte, lady Trentham – acrescentou o pai.

– Com certeza não vai precisar fugir este ano, não é, Vossa Graça? – disse a Srta. Emes. – É a duquesa de Worthingham. E amiga de Gwen e de Hugo.

– Ah, eu não vou fugir – garantiu Chloe.

Em seguida, pouco antes das quatro, quando Chloe já colocara o chapéu e as luvas à espera da chegada de Sarah, chegou tia Julia, lady Easterly, para oferecer sua companhia para fazerem compras na manhã seguinte.

– Estou convencida de que vai precisar de algumas roupas novas e elegantes, Chloe – explicou ela. – Não acredito que tudo tenha que ser preto. O que Worthingham diz? Imagino que ele desejará usar uma faixa preta no braço por algum tempo, mas provavelmente não exigirá que você mantenha o luto.

– Minha sogra acredita que posso usar cores, desde que não sejam extravagantes demais – disse Chloe. – E tem razão, tia Julia, preciso de roupas. Muitas, acredito.

– Não acho que persuadiríamos você a usar nada extravagante, nem mesmo num baile a fantasia – disse a tia. – Estou tão feliz que tenha vindo para Londres, Chloe! Não deveria ter partido com tanta pressa no ano passado. Os mexericos inevitavelmente se esgotam

quando não há mais nada para alimentá-los. Se tivesse levado adiante as atividades que planejamos sem demonstrar preocupação com as tolices que nos sugeriam, todo mundo perderia o interesse em pouco tempo. Bem, agora você é uma duquesa e tem Worthingham para proteger seu nome. Não invejo ninguém que ouse cruzar o caminho do seu marido. Ele parece um cavalheiro muito formidável. Há algo nos seus olhos. Ou talvez seja a cicatriz no rosto.

– Não vou fugir de novo – garantiu Chloe. – E não é apenas por contar com Ralph para me proteger, tia Julia. Sou uma dama, e este é o meu lugar.

A tia riu e a abraçou.

Sarah chegou na hora para levar Chloe para o chá com tia Mary e a avó de Ralph. Foi ótimo ver a duquesa viúva mais uma vez, abraçá-la, saber que, de certa forma, a dama idosa era *sua* avó também. E foi divertido ouvir a conversa de tia Mary. As duas senhoras estavam felizes com a chegada de Ralph e Chloe a Londres. Também estavam felizes por ver que nem ela nem Sarah vestiam preto.

– Se fôssemos usar luto durante um período prolongado para cada parente que se vai – disse tia Mary –, não sobraria ninguém para usar roupas coloridas.

– Precisa vestir verde-esmeralda para o baile na Casa Stockwood – disse a duquesa viúva. – Vai haver um *baile*, Chloe?

– Vai, sim – garantiu Chloe. – E vou usar verde-esmeralda, vovó.

Chloe chegou em casa poucos minutos antes de Ralph. Os dois subiram a escada juntos, para trocar de roupa antes do jantar, e ela pôde garantir a ele que a avó estava num bom estado de espírito, embora ainda parecesse um tanto perdida. E *ele* informou *a ela* que sua primeira aparição como marido e mulher diante da aristocracia seria naquela mesma noite. O duque de Stanbrook os convidara a se juntarem a ele e a outros em seu camarote no teatro.

Chloe tinha passado um dia bastante agradável e esperava o

jantar com ansiedade. De repente seu apetite desapareceu, apesar da coragem que ela se esforçara em demonstrar a diversas pessoas.

– Será um modo de ser vista pela sociedade sem ter que se misturar muito com seus integrantes, Chloe – explicou Ralph. – E não é nada que você nunca tenha feito, é?

– Não podia ter esperado para me contar *depois* do jantar?

Ele parou à entrada do quarto de vestir da esposa e levou a mão dela aos lábios antes de abrir a porta para ela e seguir para os próprios aposentos.

– Lembre-se, Chloe, que você é a *duquesa de Worthingham.*

– Supõe que *isso* vá me devolver o apetite?

Um esboço de sorriso surgiu nos lábios de Ralph enquanto ele se afastava.

# CAPÍTULO 16



– Quem são os outros convidados do duque de Stanbrook? – perguntou Chloe mais tarde, ao se sentar ao lado de Ralph na carruagem.

Dizia a si mesma que era tolice ficar nervosa como se estivesse prestes a ser exposta à sociedade pela primeira vez. Na verdade, boa parte do problema era *não ser* a primeira vez.

– Lady Trentham e Hugo – disse ele. – O conde e a condessa de Kilbourne, ou melhor, o irmão e a cunhada de lady Trentham. E a viscondessa viúva de Lyngate, que era esposa de um amigo de George. Não a conheço, mas ele me contou que ela nasceu e foi educada na Grécia, veio para a Inglaterra quando o pai era embaixador e ficou para se casar com um inglês. Já me encontrei com Kilbourne e a esposa uma ou duas vezes e sempre os achei agradáveis. Eles se casaram na península Ibérica e caíram em uma emboscada francesa no dia seguinte. Ele sofreu ferimentos terríveis e foi trazido de volta e ela foi dada como morta. Muito tempo depois, ele estava prestes a se casar quando a esposa desaparecida chegou a tempo de impedir o casamento. E estou falando da *cerimônia*. Estavam na igreja, com metade da aristocracia entre os convidados.

– É mesmo? – perguntou Chloe. – Ela chegou no último instante? Isso me parece maravilhosamente romântico.

– Desde que ele não tivesse se esquecido dela e se apaixonado pela outra dama.

– Ah. E ele *tinha* esquecido? Estava *apaixonado*?

Ela virou a cabeça para encará-lo, embora não conseguisse enxergá-lo direito na escuridão.

– Aparentemente, não. Para as duas perguntas – respondeu ele.

– Então *foi* romântico – falou ela. – Mas a outra dama estava apaixonada por *ele*? Ficou com o coração partido?

Ralph estalou a língua.

– É impossível satisfazer os românticos incuráveis, não?

– Mas ela *ficou* com o coração partido?

– Nunca perguntei a ela, Chloe. Pareceria um atrevimento, já que a própria é praticamente uma desconhecida. Talvez você possa perguntar a Kilbourne ou à esposa. Mas a dama em questão é agora a viscondessa de Ravensberg e não parece ser nem sequer a sombra da pessoa que foi. Não que eu a tenha conhecido antes, é verdade.

Chloe fitou o perfil do marido na escuridão e percebeu que ele falava mais do que o habitual e com mais leveza, tentando distraí-la. E conseguira.

– Ralph – chamou ela. – Nunca se arrisque a escrever uma história de amor. Você deixaria suas leitoras uivando de frustração e fúria. Uma bela história de amor precisa de um bom desfecho, não apenas algo do tipo eles-bem-que-parecem-razoavelmente-felizes.

– Lá se vão minhas aspirações de competir com seu cunhado no mundo literário.

Ela avaliou em silêncio o perfil do homem ao seu lado. Era mesmo *Ralph*? Ela não conseguia ver seus traços, mas podia jurar que havia um sorriso naquela voz.

– Caso tentasse, estaria condenado à decepção – garantiu ela. – *Ninguém* supera o Freddie de Lucy.

A carruagem diminuiu o ritmo e Chloe percebeu que tinham chegado ao teatro. A luz de uma série de tochas revelou uma área lotada de carruagens e de pessoas caminhando. Chloe sempre apreciara o teatro. Estava determinada a aproveitar aquela noite também. Com certeza, ninguém nunca fora expulso da cidade *três* vezes.



O duque de Stanbrook era um anfitrião atencioso e de modos impecáveis. Aguardava do lado de fora do teatro a chegada dos dois. Abriu a porta da carruagem e, em vez de esperar que o cocheiro descesse de seu posto, colocou ele mesmo os degraus. Ajudou Chloe a sair e apresentou o casal à viscondessa viúva de Lyngate, uma senhora de bela aparência. O duque ofereceu o braço a Chloe e a acompanhou escada acima até o camarote, conversando o tempo todo, enquanto Ralph os seguia com lady Lyngate. Tanto o foyer quanto as escadas estavam repletos de gente, e o duque meneou a cabeça com elegância para várias pessoas, porém sem se deter para conversar.

Tudo foi feito de modo muito harmonioso e muito deliberado para deixá-la confortável, observou Chloe. Apesar de não se sentir *tão* desconfortável assim. A aristocracia não lhe poria medo naquele ano. E seus integrantes não afrontariam abertamente a duquesa de Worthingham, ela não parava de lembrar a si mesma.

Os outros quatro convidados já se encontravam no camarote do duque de Stanbrook, e lorde Trentham deu um passo à frente, com as mãos estendidas, assim que eles passaram pela entrada. Sua silhueta corpulenta quase cobriu os diversos níveis de galerias e as pessoas que enchiam o teatro. Chloe não se sentiu tão exposta quanto imaginara. Mais uma vez, teve a sensação de que a acolhida havia sido um gesto deliberado da parte de lorde Trentham para diminuir seu sofrimento. Os amigos de Ralph eram muito gentis,

ainda que fosse desnecessária toda aquela proteção. A fuga do ano anterior dera a todos a impressão de que ela era frágil e delicada.

Gwen a cumprimentou com um abraço caloroso depois que o marido havia apertado sua mão e fora cumprimentar Ralph com um tapinha no ombro.

– Quando fui visitá-la esta tarde, não me dei conta de que voltaria a vê-la à noite – disse Gwen – e que teria a oportunidade de apresentá-la a minha outra cunhada.

Chloe olhou para o segundo casal com interesse e curiosidade enquanto Gwen fazia as apresentações. O conde de Kilbourne era um homem louro e bem-apessoado, embora, por coincidência, seu rosto também tivesse cicatrizes – provavelmente de algum antigo ferimento de batalha. A condessa era pequena e bela, com um rosto que parecia estar acostumado a sorrir. Chloe decidiu quase no mesmo instante que os dois formavam um casal feliz, embora não os conhecesse o bastante para fundamentar essa opinião. Talvez fosse apenas seu lado romântico desejando que isso fosse verdade. Mas ela *se perguntava* o que teria acontecido com a pobre viscondessa de Ravensberg, a dama que lorde Kilbourne fora obrigado a abandonar no altar. Torceu para que tivesse havido finais felizes para todos.

Seu olhar encontrou o de Ralph e Chloe teve a clara impressão de que ele lia seus pensamentos. Com certeza havia um sorriso à espreita naqueles olhos e nos cantos dos lábios, mesmo que fosse apenas um sorriso zombeteiro.

O duque de Stanbrook indicou a Chloe uma cadeira estofada ao lado da grade do balcão e ela se sentou – e se sentiu de súbito como um peixinho no aquário com uma multidão de espectadores a encará-la fixamente. Naquele momento, achou impossível virar-se para observar tudo aquilo, mas notou pela visão periférica as fileiras de camarotes e galerias decoradas com cortinados luxuosos, as milhares de cores dos vestidos de seda e cetim, os leques em movimento, as joias reluzindo à luz das velas dos candelabros.

Mesmo sem olhar, soube que a plateia estava lotada, principalmente de homens – a maioria deles, cavalheiros jovens e elegantes – trocando mexericos, contemplando as ocupantes dos camarotes com seus monóculos. Cobiçando as damas com seus olhares. Ela se lembrava bem deles, seis anos antes. Ela se lembrava do misto de prazer e indignação que sentira ao ser observada com luxúria.

Ralph sentou ao seu lado, perto o bastante para que ela se sentisse reconfortada pelo calor de seu corpo. Virou a cabeça para sorrir para ele. Em breve teria coragem de olhar para além do camarote do duque de Stanbrook. De que outro modo seria capaz de assistir à peça?

– Frequentar o teatro era minha atividade preferida quando estive em Londres pela primeira vez – disse ela.

– Não preferia os bailes? – perguntou ele. – Ou os saraus e os cafés da manhã venezianos? Ou os piqueniques e as noites em Vauxhall Gardens? Ou as festas à fantasia e…

Ela riu e abriu o leque.

– Ah, tudo isso – disse ela. – Adorei tudo isso. Tinha esperado 21 anos, e os últimos deles com grande expectativa, impaciente para que a hora chegasse. E foi tudo muito além da minha imaginação, muito mais maravilhoso do que conseguiria expressar.

– Mas o teatro foi especialmente maravilhoso.

Ela voltou a rir.

– *Tudo* foi especialmente maravilhoso. Foram os dias da minha inocência, e ninguém tem o direito de zombar da inocência.

Ela fechou o leque sem usá-lo e o pousou no colo.

– Percebe – disse a condessa de Kilbourne, virando a cabeça para se dirigir a Chloe e Ralph e a Gwen e lorde Trentham, atrás deles – que aproveitamos em dobro o ingresso do teatro porque temos a oportunidade de ver a peça e também o resto da plateia? Algumas vezes, acho que as plateias fornecem bem mais entretenimento do que a peça.

– Com certeza fornecem muito material para as conversas de

salão no dia seguinte – concordou Gwen. – Não se ouve muita gente discutindo a peça em si, mas sim falando das pessoas que compareceram.

– Mas sem a peça, Gwen – falou lorde Kilbourne –, a aristocracia teria que encontrar outra desculpa para se reunir apenas pelo prazer de observar e ser observada e de arranjar mais assuntos para mexericos e especulações.

– Ah, mas há também os passeios diários no Hyde Park – lembrou lady Lyngate. – Dificilmente se poderia dizer que a sociedade desfila por ali apenas pelos benefícios de cavalgar ou caminhar ao ar livre.

– Percebo que convidei um grupo de cínicos para dividir meu camarote – observou o duque de Stanbrook.

– Pois *eu* estou aqui para assistir à peça, mesmo que ninguém mais esteja interessado, George – garantiu lorde Trentham. – Nunca pensei que Shakespeare merecesse toda a empolgação que as pessoas demonstram por ele, sobretudo os professores. Até que vi uma de suas peças no palco há alguns anos. É verdade que nunca fui muito chegado a tragédias. Já existe muita tristeza no mundo sem termos que ver atores fazendo lamentos emocionados antes de se esfaquearem no coração com adagas de madeira.

– Cínicos *e* um filisteu – emendou o duque com um suspiro.

– Quando assisti à minha primeira peça, durante a temporada de apresentação à sociedade, seis anos atrás – disse Chloe –, achei que tinha morrido e que estava no céu, embora fosse sofisticada demais na época para dizer isso em voz alta. Provavelmente mantive uma expressão de tédio. E era uma comédia, lorde Trentham. Concordo com o senhor neste ponto.

– É maravilhoso como a idade nos faz perder a sofisticação, não é? – comentou o conde de Kilbourne. – Assim como a convicção de saber tudo.

Chloe riu e abanou o leque na altura do rosto – e por fim tomou coragem para virar a cabeça e olhar para o teatro. O que ela viu

quase a fez perder o fôlego, como sempre acontecia. Com certeza não havia um único lugar vazio em toda a casa – mas no momento em que pensou aquilo ela notou o camarote vago bem em frente ao do duque de Stanbrook, embora um pouco mais afastado do palco. A princípio, lhe pareceu que todos na plateia olhavam na direção deles, especificamente para ela. Não era verdade, claro. Ao observar com mais atenção, notou que todos miravam todo mundo. Ela se lembrou de que a aristocracia era bem-versada nessa arte. Algumas pessoas de fato fitavam o camarote onde ela se encontrava; muitas outras, não.

Foi uma observação reconfortante que permitiu que Chloe começasse a relaxar. Olhou para baixo e, por azar, avistou uma figura familiar e indesejável. O barão de Cornell, belo e elegante como sempre, de monóculo e lábios tensos, observava uma jovem num dos camarotes inferiores cujos seios praticamente se derramavam do decotado corpete. E *a moça* o observava.

Chloe esperou pela pontada de mágoa e humilhação que costumava sentir ao pensar em lorde Cornell, embora soubesse havia muito tempo que ele nunca fora digno de sua afeição. Mas não sentiu… nada.

Ergueu os olhos e contemplou as galerias em frente, uma fileira por vez, para ver quantas pessoas reconhecia. Algumas. Duas ou três retribuíram seu olhar inclinando a cabeça ou erguendo a mão. Ninguém a encarou com fúria ou afronta. Em seguida, bem no momento em que se preparava para virar a cabeça e perguntar se estava na hora de a peça começar, ela notou movimentos no camarote do outro lado – aquele que estivera vazio. Dois casais apareceram, um mais velho e outro mais jovem, seguidos por um terceiro par.

O burburinho da plateia aumentou de volume, mas Chloe nem percebeu. Sua atenção estava grudada na terceira dama. Vestida em branco estonteante, até para os olhos de Chloe parecia uma

versão mais jovem de si mesma: dos pés à cabeça, coroada por cabelos ruivos.

Chloe se virou abruptamente para Ralph. Deu um sorriso largo e perguntou se faltava muito para a peça começar.

– Já passou da hora, eu diria – respondeu ele, seco.

Parecia pálido, tenso, sombrio, com os olhos postos no palco vazio.

Em seguida, o zumbido de pedidos de silêncio de alguns espectadores acalmou o burburinho das conversas. A peça – uma das comédias de Shakespeare, *Como gostais* – estava prestes a começar.

Seria o cavalheiro mais velho o marquês de Hitching? Porém Chloe não ousou olhar de novo naquela direção. Ela não o reconheceria, de qualquer modo. Mas não tinha a mínima dúvida de que a dama ruiva era lady Angela Allandale.

Não era difícil prever qual seria o principal assunto das conversas nos salões da boa sociedade no dia seguinte.

A peça estava começando e Chloe se dedicou à difícil tarefa de se concentrar na ação e se divertir. Não era a única que estava com dificuldade, porém, como percebeu depois de alguns minutos. Manteve os olhos no palco por algum tempo, mas quase podia *sentir* o silêncio de Ralph a seu lado. Sim, claro que estava em silêncio. A plateia inteira estava. Só que ele estava… silencioso.

Por fim, virou-se para olhá-lo. Ele fitava o palco, aparentemente atento ao que acontecia ali. Contudo notou a atenção da esposa e transferiu seu olhar para o rosto dela. Mesmo naquela penumbra, Chloe percebia os olhos inexpressivos. Ralph não sorriu. Chloe pousou a ponta dos dedos de leve na manga da casaca dele e chegou mais perto.

– Esqueça a presença de lady Angela – murmurou ela. – Não estou incomodada.

Ralph franziu a testa.

– Ela está *aqui*?

Chloe fitou seu rosto. Ele não tinha reparado? Devia ser a única pessoa do teatro que permanecera alheia.

– Qual é o problema, então? – perguntou ela.

– Nada – disse ele. – Assista à peça. É por isso que estamos aqui.

Lorde Trentham olhou os dois com alguma preocupação. Chloe sorriu para ele, pedindo desculpas, e voltou sua atenção para o palco. Ou melhor, voltou os olhos. A mente não seguiu. Tinha mantido a mão sobre a manga de Ralph. Os músculos de seu braço estavam tensos.

Entretanto ele não percebera a chegada da lady Angela Allandale.

Foi gentil, até encantador, durante o intervalo, quando diversas pessoas apareceram no camarote para lamentar sua perda e lhe dar os parabéns pelo título e pelo casamento. Ele apresentou Chloe àqueles que ela desconhecia, pousando a mão nas suas costas de uma forma que parecia ao mesmo tempo afetuosa e protetora. Ela conheceu, entre outros, o primo de Gwen, marquês de Attingsborough, e sua esposa e o sobrinho da lady Lyngate, conde de Ainsley, e sua condessa.

Ninguém mencionou lady Angela e Chloe não olhou de novo na direção daquele camarote em particular. Era impossível saber se a dama a *vira*, mas como poderia não vê-la? Que azar terrível que ela estivesse de volta a Londres naquele ano. Iam passar o resto da temporada tentando não se encontrar, mas seriam inevitavelmente convidadas muitas vezes aos mesmos eventos.

Assim como o marquês de Hitching.

Mais ou menos uma hora depois, terminada a peça e após todos os agradecimentos e despedidas, quando Chloe e Ralph já estavam na carruagem a caminho de casa, ela se sentia exausta.

– Foi uma noite agradável – comentou ela.

– Foi – concordou Ralph.

Ao que parecia, a conversa leve e quase provocadora em que

ele a envolvera mais cedo para que pudesse relaxar antes da chegada ao teatro acabara. A resposta seca apenas fez diminuir a temperatura na carruagem. Chloe ouvia o rangido das rodas, o bater ritmado dos cascos dos cavalos. Via o interior se iluminar ocasionalmente pelo brilho das tochas nas ruas.

– Qual é o problema? – perguntou ela depois de alguns minutos. – O que aconteceu?

*Não* tinha relação com a presença de lady Angela Allandale no teatro.

– Por que repetir a pergunta? – retrucou Ralph num tom frio e irritável. – Já disse que não houve nada. Só porque não fico sorrindo frivolamente o tempo todo, nem gargalhando de forma irracional, nem tagarelando sem motivo, isso significa que há um problema? Não é assim que eu sou, Chloe. Não deve esperar isso de mim.

Ele estava sendo absurdamente injusto. Quando Chloe por acaso sugerira que esperava sorrisos, gargalhadas e tagarelice da parte dele? O que fizera para provocar tamanha irritação?

– Ah, não espero nenhuma dessas coisas – respondeu ela, no tom mais despreocupado que conseguiu empregar. – Você deixou bem claro desde o começo que não haveria nenhum vínculo emocional entre nós, nenhuma amizade, nenhum carinho, nenhuma confidência, nenhuma comunicação genuína. Foi tolo de minha parte imaginar que algo o transtornara apenas porque se comportou de modo estranhamente silencioso no teatro.

– Espera-se que a pessoa não fique tagarelando nem incomode os outros espectadores quando uma peça está sendo encenada – observou ele, como se ela não pudesse ter chegado sozinha a essa conclusão. – Seria considerado falta de educação.

– Suponho que esteja se referindo à conversa sussurrada que comecei e ao fato de que incomodou lorde Trentham.

– Se está vestindo a carapuça, então é toda sua.

– É falta de educação e *tagarelice fútil* quando uma mulher

demonstra preocupação pelo marido e pergunta o que aconteceu porque sente que ele está perturbado?

– Quando eu estiver *perturbado*, cairei em prantos e você poderá exercitar toda a sua grande sensibilidade procurando um meio de me consolar. Quando estou apenas tentando apreciar uma peça, prefiro não ter minha concentração interrompida por uma mulher com excesso de imaginação que fica implorando para saber qual é o meu problema.

Chloe olhou fixamente para o contorno escuro do perfil dele, boquiaberta. *Só podia* estar brincando. Ralph ia se virar para ela com algum brilho nos olhos, mesmo que a pouca luz tornasse difícil percebê-lo.

Ele não estava brincando.

*… uma mulher com excesso de imaginação…*

Não se referia sequer a uma *esposa* com excesso de imaginação.

Ela chegou a bater os dentes ao fechar a boca. Dirigiu o olhar para a escuridão lá fora, do seu lado da carruagem.

– Lamento ter expressado preocupação – disse ela. – Foi uma tolice. Não tornará a acontecer.

Ela chegou a esperar que ele rompesse o silêncio, pedisse desculpas pela agressividade ou demonstrasse algum tipo de preocupação pelo horror e o constrangimento que ela devia ter sentido ao perceber que lady Angela também se encontrava no teatro. Mas os dois percorreram o resto do caminho em um silêncio de mágoas ruidosas. Ralph não o rompeu, nem Chloe. Ela nunca mais romperia o silêncio – pelo menos até que *ele* voltasse a falar com ela.

Ralph a ajudou a descer da carruagem quando chegaram em casa e ofereceu o braço para acompanhá-la até o interior. Ela aceitou porque seria infantil recusar. Além do mais, o mordomo teria percebido e seria muito provável que toda a criadagem soubesse, antes do amanhecer, que o duque e a duquesa haviam brigado.

Chloe se permitiu falar no saguão, pois foi o mordomo que se dirigiu a ela. Não, respondeu, não precisava de comida ou bebida. Estava cansada e pretendia se retirar sem delongas.

Quinze ou vinte minutos depois, ignorando o fato de estar com sede e com alguma fome, ela dispensou Mavis, foi para a cama e se cobriu até a cabeça. Ele era frio, sem sentimentos, nada razoável e mal-humorado, decidiu ela, além de ter um monte de outros defeitos do mesmo nível. Ele era… nada diferente do que dissera que seria. Não prometera nenhum tipo de carinho, de intimidade ou de companheirismo genuíno no casamento. Na verdade, prometera a ausência dessas coisas. E ela concordara prontamente. Na verdade, fora a primeira a sugerir aquele trato desprovido de emoções e de sentimentos. Não fazia sentido ficar transtornada por ele não querer contar o que o perturbara naquela noite – ou por não demonstrar a menor preocupação com os sentimentos *dela* ao ser exposta à mulher com quem tanto temera ficar cara a cara.

Não fazia sentido puni-lo – e a si mesma – nunca mais lhe dirigindo a palavra.

E se Ralph não a procurasse naquela noite? Ficou um pouco nauseada ao imaginar aquilo – e então se sentiu pior ao perceber como se tornara dependente do amor noturno e da presença dele em sua cama a noite inteira. Era um relacionamento apenas físico, claro. Era apenas *sexo*, para usar as palavras dele, cruas e sem emoção. Não era culpa *dele* que tudo tivesse se tornado um pouco emocional para ela.

Contudo, o que ocorrera no teatro para deixá-lo tão frio, tão distante e tão… vazio? Para fazer com que seus músculos ficassem tensos? *Algo* acontecera, mas ela havia prometido não perguntar de novo.

Pois bem, não perguntaria. Viveria a própria vida e deixaria que ele vivesse a dele. Do jeito que haviam combinado.

Ele poderia ir para o inferno, se dependesse dela, pensou Chloe, com uma irreverência chocante.

Algo acontecera a *ela* com a chegada de lady Angela Allandale. Toda a plateia do teatro reagira, mas ele nem percebera, nem demonstrara o mínimo interesse quando ela contou. Pelo que ele sabia, Chloe podia estar sofrendo terrivelmente.

Ela engoliu em seco várias vezes e lutou para não se dissolver em lágrimas de autopiedade.

# CAPÍTULO 17



Ralph estava deitado na cama da esposa, um braço sobre os olhos, a perna dobrada, o pé sobre o colchão. Respirava fundo, imóvel, na esperança de voltar a adormecer, porém ciente de que não conseguiria.

Tinha ido até lá para pedir desculpas – pelas duas desfeitas que fizera a ela. Para começar, não percebera que lady Angela Allandale se encontrava no teatro. Nem sequer ficara atento à possível aparição dela ou de Hitching. Fizera algumas sondagens antes, mas ninguém vira nenhum dos dois na cidade. Deviam ter chegado nos últimos dois dias – como ele e Chloe. Não notara a entrada da jovem no camarote nem percebera que a esposa tinha ficado perturbada. E com certeza a plateia reagira ao ver Chloe e lady Angela no mesmo lugar. Ralph, no entanto, além de ignorar tudo isso, fizera pior: não demonstrara nenhuma preocupação com a esposa quando ela lhe contou. Andara ocupado demais com os próprios problemas.

Já ela, sim, percebera a angústia do marido. Perguntara a ele, demonstrara preocupação tanto no teatro quanto na carruagem. E ele retribuiu com agressividade. Ele a ofendeu e a magoou. Disse

que se calasse. Mas, maldição, ele queria, *precisava* ficar sozinho. O casamento era uma instituição desgraçada.

Devia a ela um duplo pedido de desculpas e fora até lá para isso.

Chloe se encontrava na cama quando ele chegou, porém virada para o outro lado e completamente coberta, a não ser pelo topo da cabeça. Impossível dizer se estava acordada ou adormecida. Ele não queria acordá-la se estivesse mesmo dormindo. Então, com uma assombrosa falta de lógica, ele apagou as velas, contornou a cama, deitou-se ao lado da mulher e teve relações com ela. Até caiu no sono depois.

Naquele momento, contudo, estava bem desperto, lidando com a terrível sensação de ter chegado ao fundo do poço. Achara que tinha conseguido superar tamanha intensidade de sentimento. Lutara durante anos para moderar suas emoções, para evitar os extremos. Até aquele momento, quase esquecera o arrependimento doloroso que sentira a princípio por não estar morto – assassinado na batalha, feito em pedaços junto com os amigos, como teria acontecido caso estivesse na linha de frente da cavalaria ao lado deles. Em vez disso, naquele dia específico ele ficara logo atrás e tivera a visão privilegiada do momento em que eles se desintegraram diante de seus olhos numa chuva vermelha, como a mais espetacular das exibições de fogos de artifício.

Engoliu em seco e manteve os olhos fechados, fazendo mais força ainda para tentar apagar a memória visual. Se tivesse morrido na ocasião… Se tivesse conseguido pegar aquela medicação ali, naquela casa, logo depois de ser transferido de volta… Se…

Quase esquecera aquela sensação. Quase esquecera como controlar a respiração quando *sentia* aquilo, como desviar os pensamentos da sedução da morte e voltá-los para o cansativo negócio de tocar a vida. Quase esquecera como abrir o caminho de volta e se reerguer.

Tinha que pensar na vida como um dom, mesmo que indesejado. Sim, era isso mesmo. Por alguma razão, sua vida tinha sido

poupada naquele dia e restaurada para ele nos meses e nos anos que se seguiram. Devia haver um motivo. Isto é, se – e era um enorme *se* – a pessoa acreditasse em algum tipo de plano divino.

Voltou a pensar, contrariado, nos acontecimentos daquela noite.

A visita ao teatro fora ideia de George, embora tivesse parecido brilhante. Chloe não queria ir para a cidade. Depois da experiência do ano anterior e de seis anos antes, ficava nervosa com a ideia de voltar a interagir com a alta sociedade. Seria obrigada a fazê-lo, claro. Tinha demonstrado uma coragem notável nos últimos dias. Mas havia uma chance de introduzi-la com delicadeza, de permitir que ela e a aristocracia se vissem a distância, por assim dizer. E os convidados sugeridos por George para o camarote pareciam perfeitos para a ocasião: Chloe já conhecia Hugo e lady Trentham e gostava deles; Kilbourne era o irmão de Gwen; sua esposa sempre parecera uma dama muito simpática e George descrevera lady Lyngate como uma senhora discreta e encantadora.

A noite prometia ser agradável. Ralph fizera um esforço especial na carruagem, no trajeto até o teatro, para ajudar Chloe a relaxar e percebera que também estava relaxando. Começava a se sentir mais confortável no casamento do que imaginara.

Observara as pessoas no teatro antes do início da peça e saudara alguns conhecidos com um meneio de cabeça. Praticamente não havia lugar livre, a não ser pelo camarote do outro lado, um pouco abaixo deles. As comédias de Shakespeare eram sempre populares. Chloe também contemplara o cenário, ele percebera, depois de uma tendência inicial a restringir sua atenção aos ocupantes do camarote, como se tivesse medo de atrair olhares – o que sem dúvida acontecera por algum tempo.

Quando Ralph estava pronto para se concentrar no palco porque a peça logo se iniciaria, seus olhos encontraram um camarote específico, um andar acima daquele onde ele estava, e um casal específico entre os dois que o ocupavam.

Sentiu o coração dar um salto. Ou parar.

Desviou os olhos às pressas, mas ficou com a sensação de que a dama pousara os olhos nele naquele exato momento. Não se voltou naquela direção durante o resto da noite nem sugeriu que deixassem o camarote durante o intervalo, uma decisão facilitada pelo número de pessoas que apareceram, a maioria delas com o objetivo de cumprimentá-lo e conhecer a duquesa.

Não estava certo se tinha sido visto. Talvez não. Afinal de contas, o teatro estava lotado e ele estivera semioculto atrás de Chloe. E, mesmo se o vissem, talvez não o reconhecessem. Ele mudara muito em oito anos.

De qualquer modo…

Por quanto tempo pretendiam ficar em Londres? Estariam fazendo uma visita rápida ou passariam toda a temporada ali? Poderia evitá-los por tanto tempo?

Não havia a menor chance de Ralph voltar a dormir. Afastou as cobertas do seu lado da cama e se levantou o mais silenciosamente que pôde para não acordar Chloe, cuja respiração suave indicava que estava adormecida. Baixou os olhos em busca do roupão. Deveria ir para seu quarto, vestir-se, descer até a biblioteca. Beber alguma coisa. Ver se conseguia se distrair com um livro. Ou com uma garrafa, embora a embriaguez fosse uma forma de esquecimento à qual nunca recorria. Porém, de modo alarmante, não conseguia suportar a ideia de ficar sozinho. O som da respiração de Chloe era como a dose de uma medicação leve que o mantinha a um passo da zona de profunda escuridão que ameaçava engoli-lo.

Deixou o roupão onde estava e se postou, nu, diante da janela, com as cortinas ligeiramente afastadas. A praça lá fora estava em completa escuridão. O guarda noturno devia estar fazendo sua ronda em outro ponto. Era cedo demais para qualquer trabalhador. O aposento atrás dele estava às escuras. Ninguém o veria ali, mesmo se erguessem os olhos naquela direção. Apoiou-se no parapeito, abaixou a cabeça e fechou os olhos.

Poderiam ter se passado dez minutos ou meia hora quando ele sentiu um leve calor no seu lado direito. Ela não disse uma palavra. Nem tocou nele. Apenas colocou um cobertor ou um xale em seus ombros, fazendo com que percebesse imediatamente como estava frio. A testa dela pousou no canto de seu ombro.

Meu Deus! Ah, meu Deus! Ele fechou os olhos com mais força e abaixou mais ainda a cabeça.

– Peço que me perdoe, Chloe – disse. – *Sinto muito*. Perdoe-me se puder.

– Foi apenas uma briguinha boba – falou ela, sem erguer a testa. – Não há nada a perdoar.

– Há, sim – insistiu ele. – Você deve ter precisado de mim e eu, egoísta, permaneci alheio à sua angústia. E depois a tratei de modo abominável.

– Está perdoado.

O abismo se escancarava.

– Está além do seu poder – afirmou. – Você não pode me perdoar, Chloe. Ninguém pode.

Nem mesmo Deus. Ele tentara, presumindo que fora Deus que lhe dera o indesejado dom da vida no campo de batalha e que, por isso, cabia a Deus perdoá-lo se ele encontrasse disposição para seguir em frente. Mas talvez não acreditasse em Deus – embora não estivesse convencido de *não* acreditar. De um jeito ou de outro, como um mero conceito, um espírito, força vital ou o que quer que Deus fosse, teria condições de perdoá-lo por causar danos irreparáveis a *pessoas*? Não fazia sentido. Seria fácil demais. E injusto com aquelas pessoas. O perdão divino não poderia lhe trazer nenhum conforto.

– Ralph – chamou ela, e era possível perceber a dor brutal em sua voz –, *o que* aconteceu?

Ele não dizia nada e o tempo passava. Chloe percebia a tensão de seus músculos sob a coberta. Também sentia frio por ter saído da cama. A camisola era fina demais para aquecê-la. Ela tremia.

Ralph não ia responder e ela se arriscara a reacender sua irritação ao repetir aquela pergunta. Deveria ter se virado na cama e voltado a dormir. Por que não fizera isso?

Ele devia ter sentido seu tremor. Abriu a coberta e puxou-a para dentro, para ficar junto dele. Enrolou-a e ela aqueceu o corpo no dele, a cabeça pousada em seu ombro, as mãos nos braços. De pé, ficou mais ciente da nudez dele do que na cama. Amava aquele corpo de proporções tão belas, de músculos tão firmes, tão masculino. Amava até as cicatrizes, porque eram parte dele, porque tinham lhe custado muito. A mão esquerda deslizou até encontrar a borda rígida de uma cicatriz que envolvia seu ombro direito.

Por muito tempo ele permaneceu calado, embora os músculos tivessem perdido um tanto da rigidez. Foi nesse instante que ela percebeu algo – algo a que teria preferido continuar alheia, embora explicasse seus motivos para deixar o calor da cama, levar um cobertor para ele e fazer de novo a pergunta que permanecia sem resposta. Ela o amava. Mal o conhecia, claro. Havia facetas inteiras da sua personalidade que ele tinha o cuidado de impedir que ela alcançasse. Porém *algumas* coisas ela descobrira. Sabia sobre o garoto intenso, enérgico, idealista e carismático que ele fora na escola, com Graham. Sabia do jovem com o corpo destroçado e os sonhos despedaçados que voltara da península Ibérica para a Inglaterra mais morto do que vivo, desejando a morte em vez da vida. E havia o homem muito discreto, fechado, disciplinado e às vezes ranzinza que ele era naquele momento, com olhos vazios. Só que aqueles olhos não eram vazios para ela. O vazio era como uma cortina que ele colocara diante de sua alma para esconder a dor de qualquer um que tentasse contemplá-la.

Não era um amor romântico que ela sentia, pois não havia ilusões. Não esperava luar, música e rosas. Não esperava sequer

que seus sentimentos fossem correspondidos. Não existia euforia e nunca existiria. Ela não estava apaixonada. Seus olhos não cintilavam.

Era apenas a aceitação de quem ele era, inclusive das vastas profundezas que ela não conhecia e que talvez nunca alcançasse. Amava a complexidade, a dor, o senso de dever, a decência inata e até seus rompantes. Amava seu corpo, a aparência, a sensação de estar com ele, o calor, o cheiro. Amava seu peso sobre ela na cama, a intensidade com que fazia amor, o calor repentino e líquido da sua semente.

Ela o amava, embora preferisse não amar. Não queria carregar o fardo do fracasso da sua parte no acordo que ela sugerira e ele aceitara. Seria mais difícil cumprir os termos estabelecidos, agora que permitira a existência de um vínculo emocional.

Por outro lado, preferia que o pai de seus filhos fosse um homem que ela amasse. Suas regras eram esperadas dentro de um par de dias. Às vezes vinham antes da hora. Porém, não dessa vez. E talvez – ah, por favor, por favor – também não viessem na hora, mas sofressem um atraso, um atraso de nove meses. Queria desesperadamente estar esperando um filho. Desesperadamente. Era a única coisa que o faria feliz, que agradaria *a ela* e que os uniria com um laço mais forte.

Não que ela quisesse tentar *amarrá-lo.*

Ele falou, enfim:

– Era raro que passássemos as férias sozinhos. Ficávamos juntos, na casa de um ou outro. Os pais deles se tornaram meus pais, ou pelo menos se tornaram tios e tias favoritos, e os meus se tornaram o mesmo para eles.

Falava sobre os três amigos. Chloe não precisava perguntar.

– Não percebi direito na época – falou ele – como minha infância era idílica. Embora eu soubesse que era privilegiado e achasse que o privilégio acarretava obrigações… pensar, formar opiniões responsáveis, agir de acordo com meus princípios, mesmo se

decepcionasse ou até magoasse aqueles que me amavam. Como acontece com tantos jovens, meus ideais não eram muito realistas nem abertos a negociações. A juventude pode ser uma época perigosa da vida.

Chloe não disse nada. Ele não estava em busca de aprovação nem consolo.

– Eu era um líder – prosseguiu ele. – Não consigo compreender bem o motivo, mas era. Os outros garotos me ouviam e me seguiam e, porque eu era jovem e nem me passava pela cabeça a possibilidade de estar errado de vez em quando, permitia que isso acontecesse, até os encorajava. E às vezes, para minha vergonha, não tinha paciência, tinha até desdém pelos pouquíssimos que me contrariavam.

*Como acontecera com Graham?*

– Então eles me acompanharam na guerra, aqueles três garotos – disse ele. – E morreram. Ah, você pode dizer que eles tinham livre-arbítrio, que morreram por uma causa digna em que acreditavam. Pode argumentar que milhares pereceram nessas guerras, inclusive civis indefesos, até mulheres e crianças que por acaso se encontravam no caminho da batalha. Não posso sobrecarregar minha consciência com as mortes dessas pobres almas, porém.

Chloe o observava, atenta.

– E talvez eu até conseguisse superar o que aconteceu com meus amigos se fossem os únicos a sofrer, pois cada um tinha a própria visão, é verdade, e decidiu ir comigo. Mas eles tinham família, pessoas que os amavam e que os perderam e que continuaram a viver, pessoas para quem fui a causa de sofrimentos infindáveis. Pessoas que me acolheram em seus lares e me amaram. Pessoas que eu supostamente amava.

– Com certeza eles o perdoaram… se é que chegaram a culpá-lo em algum momento – assegurou Chloe.

Ela podia compreender por que Ralph se sentia responsável. A

experiência inteira tinha sido de um sofrimento insuportável para ele. Mas certamente as famílias dos amigos não o responsabilizavam. Aqueles três jovens também tinham espírito de liderança, de acordo com Graham. Não foram vítimas indefesas de um jogo imprudente ou até cruel feito por Ralph.

– Você voltou a ver ou a falar com alguma dessas pessoas desde então? – perguntou Chloe.

– Vi a irmã caçula de Max Courtney algumas vezes, depois que deixei Penderris.

Ralph passou a mão por trás do ombro de Chloe para fechar as cortinas quando a tocha flamejante do guarda noturno apareceu na praça.

– E ela me escreveu – prosseguiu ele. – Via-me como um elo final com um irmão que ela adorava e perdera. Acredito que imaginou estar apaixonada por mim. Fiz tudo que pude para evitá-la sem ser cruel. Cheguei a me oferecer para lhe buscar um copo de limonada em um baile e, em vez disso, saí da casa e fui embora de Londres na manhã seguinte. Mas foi a única pessoa que vi. A mãe morreu alguns anos depois de Max e foi a tia quem cuidou de sua apresentação à sociedade. Ela… a Srta. Courtney… me escreveu no início da primavera, quando eu me encontrava na casa de Vince, para me informar que estava prestes a se casar com um sacerdote. Eu a decepcionei. Tive a oportunidade de consolar *alguém* pela dor que causei, mas não o fiz.

Ao que parecia, a Srta. Courtney não o recriminara pela morte do irmão. Ele não percebia? Mas outra coisa ocorreu a Chloe.

– Ela estava no teatro esta noite? – perguntou.

– A Srta. Courtney? Não, mas o visconde de Harding e a esposa estavam. São os pais de Tom. Era filho único, o herdeiro. Eles o amavam muito.

Os músculos dele voltaram a ficar tensos. Chloe pousou as mãos nos ombros do marido e levantou a cabeça para encará-lo. Seus olhos estavam acostumados à escuridão e ela conseguiu

distinguir o vazio sombrio e duro de sua expressão quando ele a fitou.

– Eles pediram, imploraram a ele que não fosse – contou Ralph. – A viscondessa, mãe dele, chegou a me escrever suplicando que eu usasse minha influência. E eu usei.

Chloe inclinou a cabeça para o lado.

– E depois? – perguntou.

Ele a fitou.

– Não houve depois.

– Não teve notícias deles? – perguntou ela. – Nem lhes escreveu?

– Não.

– Eles o viram no teatro?

– Nossos olhares não chegaram a se encontrar. Mas, sim, acredito que possam ter me visto.

Sem parar para pensar no que estava fazendo, Chloe envolveu o rosto dele em suas mãos.

– O que vai fazer? – indagou.

– Fazer? – repetiu ele, franzindo a testa. – Nada. O que posso fazer? Se me reconheceram, estraguei a noite deles. *Sei* que arruinei suas vidas. É meu dever ao menos permanecer fora do caminho. Se não deixarem Londres, talvez eu tenha que ir embora… talvez *nós* tenhamos que ir. Isso deve agradá-la.

Ralph retirou as mãos dela de seu rosto. Segurou-as entre seus corpos. O cobertor deslizou de seus ombros até o chão.

– Vamos fugir? – questionou ela. – Porque você viu os pais de um de seus amigos e eu vi lady Angela Allandale?

– Fugir?

Ele riu baixinho, mas não havia a menor alegria naquele som.

– Não sabe, Chloe, que isso é impossível? Deveria saber. Já tentei algumas vezes. O problema em fugir é que você precisa sempre se levar junto.

– Precisa enfrentá-los, então – determinou ela. – Deve visitá-los.

Talvez, como ocorreu com a Srta. Courtney, eles o encarem como um elo com o filho e fiquem encantados em revê-lo.

Ele soltou as mãos dela para afastar o cabelo de sua testa. Envolveu seu rosto como ela fizera, para aproximá-lo do seu.

– Não – disse baixinho.

– Então está satisfeito em viver no inferno pelo resto da sua existência?

Ela não havia planejado dizer aquelas palavras. Ouviu seu eco como se tivessem sido pronunciadas por outra pessoa. Os olhos dele se tornaram grandes poços de escuridão.

– Satisfeito? – repetiu Ralph, voltando a rir. – É uma palavra tão boa quanto qualquer outra, suponho. Ter uma esposa é algo problemático, Chloe.

– Como uma bagagem pesada para carregar, é o que quer dizer?

– Como me lembro de ter dito uma vez, bem recentemente, se a carapuça lhe serviu…

Contudo dessa vez ele não falava com irritação.

– Não consigo deixar de me importar com você um pouquinho, sabe? – disse ela. – E me importa que se sinta infeliz.

– E você? – perguntou ele, aproximando a cabeça um pouco mais. – Como pude ignorar que lady Angela Allandale se encontrava no teatro? Tem certeza de que era ela?

– Tenho. E, mesmo se não tivesse, a reação da plateia teria me tirado qualquer dúvida.

– E não vi nada disso – comentou ele. – Sou mesmo um bruto egoísta. Sinto muito, Chloe.

– Não importa. É coincidência que nós duas tenhamos tanta semelhança. As pessoas vão acabar se cansando de comentar.

– É verdade.

Ele se inclinou e a beijou.

Não foi um beijo erótico. Ou melhor, *foi*, mas foi mais do que isso. Tinha carinho, só que mais alguma coisa. Carência, talvez.

Desejo, quem sabe. Ou talvez algo mais profundo do que os sentimentos, do que as próprias palavras.

Ela o prendeu em seus braços e ele fez o mesmo e o beijo foi ficando mais intenso à medida que a boca dele explorava a dela. Chloe sentiu a rigidez da ereção roçar seu abdômen.

Mesmo quando ele a levou de volta para a cama, tirou sua camisola, deitou-a e se pôs sobre ela e dentro dela, mesmo naquele momento, enquanto ele se movimentava e ela torcia as pernas em torno dele e acompanhava seu ritmo, mesmo então não foi sexual. Ou melhor, não foi apenas isso, não foi principalmente isso. Nem se tratou de gerar um filho.

Foi…

Ah, não. Não havia palavras.

Mas ele precisava dela. Simplesmente não a *queria* apenas. Precisava dela. E ela precisava dele. Tinha ficado mais perturbada pelos acontecimentos daquela noite do que percebera.

E ela se abriu para ele como nunca o fizera, nem mesmo naquela noite de paixão desenfreada. Abriu tudo o que era seu e se entregou. Deu seu coração e seu amor, sem dizer nada. E também recebeu. Pois, quando ele se imobilizou e derramou sua semente, o calor e o êxtase preencheram todo o seu corpo.

Ou pelo menos foi o que pareceu. Nenhum dos dois falou.

Ralph saiu de dentro dela, mas ficou em seus braços, a cabeça no seu peito, as pernas entrelaçadas. E Chloe o ouviu suspirar e sentiu que ele relaxava até cair no sono.

Acomodou o rosto no alto da cabeça dele e fechou os olhos sentindo uma estranha e sedutora felicidade.

# CAPÍTULO 18



– Tia Julia vem com a carruagem para me pegar às dez – contou Chloe no desjejum quando Ralph perguntou quais eram seus planos para aquele dia. – Vamos fazer compras. Preciso de roupas novas. Espero que não se importe.

– Claro que não – disse ele. – Você tem carta branca.

– Ah. Talvez você se arrependa de dizer isso – falou ela, sorrindo.

– Acho que não.

Ele não chegou a dar um sorriso, mas foi possível perceber o calor em seus olhos. Tinham acordado ao mesmo tempo naquela manhã. Ele ainda se encontrava em seus braços, a cabeça descansando em seu ombro. Tinha suspirado de um modo que parecera satisfeito, beijara seu seio e fizera amor com ela sem pressa, de um jeito quase carinhoso.

*Parecera* carinhoso. Parecera amor.

– Talvez eu tenha hábitos de compras caros e extravagantes – ressaltou ela. – E talvez tenha uma atração incontrolável por mesas de jogo. Talvez eu adore objetos reluzentes, em especial aqueles feitos de diamantes.

Ralph se recostou na cadeira, com a xícara de café numa das

mãos, e chegou mesmo a *sorrir*.

– E isso me lembra todas as joias de família trancadas em Manville – disse ele. – São antigas, não têm preço, e nenhuma mulher viva as usou. Não comprei nada para você, apenas a aliança de casamento, que aliás precisa de ajustes. Comprarei joias para nosso baile.

– Não há necessidade.

– Pelo contrário – sentenciou ele, erguendo as sobrancelhas. – Há muita necessidade. Além do mais, vai me agradar. Espero que lhe *agrade* usá-las.

Chloe tinha certeza de que suas faces estavam rubras.

– Vai me agradar – garantiu. – Mas não há *necessidade*.

– Dei uma olhada no meu escritório quando desci – disse ele. – Lloyd ainda não tinha chegado, mas já havia uma formidável pilha de correspondência sobre sua mesa. A maioria convites, como pode imaginar. Acredito que Lloyd esteja lá agora. Que tal os avaliarmos? E pedi ontem que ele começasse a preparar uma de suas famosas listas de tudo o que deve ser feito como preparativo para nosso baile. Será estranho se a lista já não estiver tão comprida quanto meu braço. Vamos vê-la?

Parecia ótimo, pensou ela ao tomar o seu braço, fazer as coisas juntos, planejar juntos, ser parte da vida do outro. Era mais do que esperara.

De fato, havia convites. O Sr. Lloyd já chegara e os dividira em três pilhas: uma para os muito prováveis, outra para os possíveis e uma terceira para os improváveis. Chloe leu cada um, assim como Ralph, e descobriu que o bom senso do secretário era quase impecável. Decidiram aceitar todos os convites da primeira pilha, menos um; apenas um da segunda; e nenhum da terceira.

– E o baile, Lloyd? – perguntou Ralph.

O Sr. Lloyd apresentou duas listas. Uma delas continha todos os preparativos que ele podia conceber. Chloe leu e acrescentou mais alguns. A segunda, muito longa, era a dos possíveis convidados.

Era dividida nas mesmas três categorias que os convites: muito prováveis, possíveis e improváveis.

Um conjunto de nomes na lista dos improváveis chamou a atenção de Chloe.

– O marquês e a marquesa de Hitching e família?

Ela olhou para o Sr. Lloyd procurando uma explicação.

Ele baixou os olhos parecendo confuso.

– Achei possível que Vossa Graça… – disse ele. – Quero dizer…

Ralph veio em sua ajuda.

– Eu também teria posto esses nomes nesta seção da lista – garantiu ele. – Isso se chegassem a entrar nela.

– Com certeza enviará um convite para o marquês e sua família, Sr. Lloyd – disse Chloe.

– Tem certeza? – questionou Ralph com um franzir de testa.

– Tenho – assegurou ela, embora sentisse as pernas um pouco bambas. – Não permitirei que alguns comentários maliciosos do ano passado me façam… ou façam você… cometer uma desfeita com pessoas inocentes, excluindo-as de nossa lista de convidados.

– Muito bem, então, Lloyd – determinou Ralph.

Ele bateu o dedo em outro nome da lista principal.

– Mas aqui está uma pessoa que você deveria excluir.

Chloe se abaixou para ler o nome.

– Lorde Cornell? – disse ela.

Então Ralph *sabia*?

– Ele não é bem-vindo à minha casa – falou Ralph. – Não é bem-vindo nem a meio quilômetro de distância da minha esposa.

Ah, ele *sabia*.

Passaram mais alguns minutos debatendo as duas listas. Porém Chloe não podia se demorar mais. A tia chegaria em breve.

Ela passou o resto do dia num estado de espírito animado. O casamento progredia bem melhor do que esperara, mesmo que nunca chegasse a se tornar um sonho realizado. Naquela manhã, ia fazer compras com a tia, algo que ela sempre apreciara. E à tarde

visitaria a sogra e Nora, que talvez ainda não gostassem dela, mas fariam o impossível para tornar mais harmoniosa sua apresentação à sociedade como duquesa de Worthingham. E ela manteria a cabeça erguida. Afinal de contas, não tinha nenhum motivo para se envergonhar.



Ralph não podia assumir seu lugar na Câmara dos Lordes antes de receber a convocação do gabinete do lorde chanceler. Ela ainda não chegara. Estava previsto que ele compareceria a uma das assembleias formais na semana seguinte. George, o duque de Stanbrook, providenciara isso e se prontificara a acompanhá-lo. Nesse meio-tempo, Ralph levava a vida de um modo muito parecido com o de antes da morte do avô, grato por ninguém esperar que acompanhasse a esposa nas compras na Bond Street ou na rodada de visitas que a mãe planejara para a tarde.

Estava na biblioteca do White's Club lendo os jornais matinais quando o sogro entrou. Sir Kevin Muirhead olhou em volta até que seus olhos encontraram Ralph, então se aproximou com passadas determinadas. Ralph se levantou e os dois trocaram um aperto de mãos.

– Seu mordomo achou que o senhor estaria aqui – disse sir Kevin, a voz sussurrada para não incomodar os outros leitores. – Estou feliz por ele ter acertado. Precisamos trocar algumas palavras.

– Que tal almoçarmos, senhor? – sugeriu Ralph, indicando o restaurante com um gesto.

Sir Kevin aceitou o convite.

– Graham está ocupado com o trabalho na paróquia – explicou sir Kevin quando os dois se sentaram. – E Lucy está caminhando no parque com uma amiga, os filhos e as babás. Nelson está mergulhado na escrita de uma de suas peças, ou melhor, está

sacudindo os braços no ar enquanto declama cada fala antes de escrever. Nunca perde a esperança de produzir a obra-prima que o tornará imortal. Julia foi às compras com Chloe, e Easterly foi à Câmara assistir ao que considera um debate importante. Você é o único que sobrou para me fazer companhia, Worthingham.

– É um prazer, senhor – garantiu Ralph, bem na hora em que o garçom se aproximava para pegar os pedidos.

– Hitching está na cidade – falou sir Kevin, abruptamente, assim que voltaram a ficar a sós. – Com toda a família. Chegaram um ou dois dias atrás.

– Sim – disse Ralph. – Lady Angela Allandale foi ao teatro ontem à noite.

– E vocês…?

O sogro parecia horrorizado.

– Também estávamos lá – contou Ralph. – Não houve mal-estar. Chloe se comportou com grande valentia. Como a outra dama, imagino. Elas não ficaram face a face.

Sir Kevin fechou os olhos por um segundo e soltou o ar de forma audível.

– Certa vez, eu disse a Hitching que ele deveria se retirar para as propriedades do norte da Inglaterra e passar o resto da vida por lá, com a minha bênção – contou. – E, se ele ousasse mostrar a cara em Londres mais uma vez, podia ter certeza de que eu modificaria seus traços para sempre. Ou algo parecido. Eu era jovem e tolo o bastante para acreditar que ele daria ouvidos ao aviso e passaria o resto da vida tremendo de medo da minha ira.

Ele teve que fazer uma pausa enquanto o garçom colocava a comida diante deles.

– Isso foi há 28 anos – prosseguiu Muirhead, franzindo a testa para o prato como se não acreditasse que pedira um banquete tão farto. – Se algum dia ele teve medo de mim, com certeza não tem mais. Embora eu creia que nunca tenha tido. E agora está aqui com a esposa, a filha e um dos filhos.

– Tudo aconteceu há *muito* tempo – ressaltou Ralph. – Talvez não haja necessidade de mal-estar, senhor. Vamos dar um baile na Casa Stockwood. Esta manhã meu secretário nos forneceu uma lista com os possíveis convidados e Chloe insistiu que chamássemos Hitching e a família. Parece determinada a provar a todos que os mexericos do último ano não passavam de bobagens.

O sogro dera apenas uma mordida no rosbife. Pousou o garfo e a faca atravessados no prato com algum estardalhaço. Fechou os olhos e esfregou dois dedos na testa, num ponto localizado entre as sobrancelhas. Ralph se manteve quieto e o silêncio entre os dois se estendeu por um tempo que pareceu muito longo. Ouvia-se o zumbido das conversas das mesas próximas.

– Suponho que eu deva contar a verdade a ela – disse Muirhead enfim, abaixando a mão e olhando para Ralph. – O que acha?

– Respondi a essa pergunta em Manville, senhor – lembrou-o Ralph.

– Será que *ela* sabe, eu me pergunto? – cogitou Muirhead. – A filha de Hitching, digo. Será que ele contou a ela? Ou à esposa? Não me ocorreu até este momento que as duas também devem ter ficado abaladas pelos mexericos do ano passado. No entanto, estão de volta este ano.

Sir Kevin continuava sem comer. Massageava as têmporas com o polegar e o dedo médio, como se estivesse com dor de cabeça.

– Talvez o senhor pudesse aparecer para o jantar hoje à noite – sugeriu Ralph. – Leve Graham. Tenho certeza de que Chloe ficará encantada.

Muirhead abaixou a mão e o encarou.

– Obrigado – disse ele. – Acho que seria o melhor.

– Acho que seria – concordou Ralph.

Esperava que fosse verdade. Às vezes era melhor não mexer no que estava quieto. Outras vezes, não. Como era possível saber qual seria a melhor escolha em cada situação?

Uma lembrança da noite anterior chegou sem ser convidada.

*Precisa enfrentá-los. Deve visitá-los*, dissera Chloe, referindo-se ao visconde de Harding e sua esposa. E, quando ele dissera que não o faria: *Está satisfeito em viver no inferno pelo resto da sua existência?*



Chloe chegou em casa cansada no final da tarde. A excursão de compras se desenrolara muito bem. A tia tinha um ótimo olho para cores e cortes e um excelente conhecimento sobre o que era considerado elegante e o que cairia bem na sobrinha. Chloe também tinha suas opiniões, e a grande maioria delas coincidia com as da tia. A maior parte das roupas que encomendou para todas as ocasiões era em versões suaves de seus tons favoritos: verde, castanho e creme. O vestido que seria feito para o baile na Casa Stockwood, porém, era verde-esmeralda. Vovó ficaria feliz.

A tarde tinha sido mais intimidante do que a manhã, mas sem incidentes desagradáveis. A condessa viúva de Berwick chegara pontualmente com Nora para levar Chloe para algumas visitas. Foram às casas de três senhoras e ficaram por um período muito educado de meia hora em cada uma. Havia também outros visitantes, apenas damas. Algumas Chloe conhecera antes, por ocasião das outras visitas a Londres. Algumas ela encontrara em Manville Court no dia do velório. Outras, nunca tinha visto. Umas eram mais simpáticas do que outras, mas foram todas educadas. Chloe perguntou a si mesma se a Sra. Barrington-Hayes, que as acolheu em sua casa com um respeito quase servil e as apresentou às demais convidadas com evidente orgulho, se lembraria da ocasião, seis anos antes, em que seu mordomo informara lady Muirhead e a Srta. Muirhead de que a patroa não se encontrava em casa.

Ralph já havia voltado quando Chloe chegou. Ele saiu de seu gabinete no instante em que ela retirava as luvas.

– Sua mãe e Nora me levaram para fazer três visitas vespertinas – contou ela. – E eu cheguei inteira em casa.

– Estou vendo – falou ele, os olhos percorrendo o melhor vestido verde da esposa, o mesmo que ela usara no casamento. – Espero que não tenha se exaurido. Temos convidados para o jantar.

– É? – falou ela, desanimada.

– Seu pai e seu irmão – contou Ralph. – Esbarrei em seu pai no White's Club.

Chloe deu um sorriso de alívio.

– Será ótimo!

– Espero que sim.

Ele se despediu com um meneio de cabeça e voltou para o gabinete.

Não surgira sequer a sugestão de sorriso em seu rosto nem em seus olhos, pensou Chloe enquanto subia a escada, dirigindo-se ao quarto. Mas ela supunha que jantar com o pai e Graham não fosse um grande prazer para ele. Tinha convidado sua família *por ela*. A ideia a alegrou.

Ralph não precisou fazer nenhum grande esforço para animar a conversa durante o jantar. Graham, quando lhe pediam, tinha muita disposição para relatar algumas de suas experiências nos bairros mais pobres de Londres, onde realizava a maior parte de seu trabalho. Nenhuma dessas histórias ressaltava a glória dele nem fazia os pobres e destituídos parecerem criaturas inferiores, Ralph reparou com interesse. Havia afeto genuíno na voz de Graham ao falar de gente por quem Ralph passaria na rua sem lhe dirigir sequer um olhar. Perceber isso era um tanto vergonhoso e ele se sentiu cheio daquela antiga mistura de apreço e irritação.

Já sir Kevin, quando tinha a chance, falava dos tempos em que os três filhos eram pequenos, e Chloe e Graham contribuíam com

suas lembranças, às vezes conflitantes. Todos tomaram o cuidado, porém, de não excluir Ralph da conversa. Explicavam o que podia lhe parecer intrigante e identificavam as pessoas que ele não conhecia. Deviam formar uma família feliz, concluiu ele.

Chloe descreveu as visitas vespertinas quando o pai perguntou sobre elas e divertiu a todos com observações perspicazes sobre diversas damas que encontrara. Era óbvio que estava gostando de tudo, pensou Ralph, reparando no brilho nos olhos e na cor das faces dela. Ao que tudo indicava, o conflito que tirara Chloe de casa alguns meses antes se resolvera e todos pareciam estar se divertindo.

Talvez sir Kevin se contentasse em deixar as coisas daquele modo.

– Mas todas as conversas foram sobre *nós* – disse Chloe enfim, com um olhar de desculpas a Ralph, do outro lado da mesa. – Que modos terríveis nós mostramos. Falaremos apenas de *você*, Ralph, quando se juntar a mim no salão com papai e Graham. É uma promessa. Deixo-os com o vinho do Porto agora.

Muirhead chamou a filha assim que ela se levantou.

– Chloe.

Ele olhou para Ralph por um momento e pousou o guardanapo.

– Irei com você, se me permitir – falou Muirhead para Chloe.

– Claro – respondeu ela, erguendo as sobrancelhas, surpresa, mas sorrindo com evidente prazer. – Não quer o Porto, papai?

– Hoje não – garantiu ele, tomando seu braço. – Prefiro trocar algumas palavras com minha filha.

A voz e o comportamento dele eram sérios, e o sorriso de Chloe vacilou antes que ela deixasse o aposento em sua companhia.

Ralph reparou com interesse que Graham não fez nenhuma menção de segui-los. Encarava-o com firmeza. Com um breve aceno, Ralph dispensou o criado que se encontrava na sala.

– Você sabe? – perguntou o duque assim que os dois ficaram a sós.

– Ele me contou há algumas horas – disse Graham. – Mas eu suspeitava, é claro. Muito bem, acho que sabia. Só que às vezes é melhor se agarrar à ilusão do que aceitar uma verdade desagradável. Eu amava minha mãe. Ainda amo. Parece que, pela vida inteira, temos que aprender e reaprender a lição de amar as pessoas de modo incondicional, aconteça o que acontecer. Nem sempre é fácil fazer isso com nossos pais. Crescemos com a crença de que eles são perfeitos.

Ralph serviu um cálice de Porto para cada um.

– E saber isso muda seus sentimentos por Chloe? – perguntou ele.

– Se eu não fosse um homem de paz, talvez me sentisse obrigado a lhe dar um soco na cara por conta dessa pergunta, Stockwood. Chloe é minha *irmã*. E a verdade a respeito do seu nascimento faz com que *você* tenha menos consideração por ela?

– De maneira nenhuma. Mas tinha poucas dúvidas a respeito da verdade antes de me casar com ela – afirmou Ralph.

– E *ela* sabe?

– Da mesma forma que você, sabe e não sabe – explicou Ralph. – Esclarecer o assunto será um golpe para Chloe. Mas, no fim, será melhor para ela.

Esperava ter razão.

Graham brincou com o cálice girando-o pela haste.

– Por que se casou com ela? – perguntou.

– Precisava de uma esposa – respondeu Ralph, depois de uma pequena hesitação. – Mais especificamente, eu precisava… preciso… de um filho, de um herdeiro. Chloe queria um marido e filhos e achava que suas oportunidades tinham ficado para trás. Ela sabia… entreouviu uma conversa minha com minha avó… que eu estava relutante em me casar, que não tinha nada além de bens materiais para oferecer a qualquer candidata. Então *ela* me propôs um acordo. Nós dois poderíamos obter o que queríamos, mas não haveria ilusões, nenhuma pretensão de vínculo emocional.

– E você concordou? – disse Graham. – Sem sentimentos, Ralph? Sem vínculo emocional? Nada a oferecer? *Você?*

– Cuidarei dela – garantiu Ralph. – Não precisa temer.

Graham afastou o cálice, a bebida intocada.

– Por que nunca superou a morte daqueles três? – indagou ele. – Tinha muito mais para dar ao mundo do que qualquer um deles. Tinha ideias, ideais, *paixão*. Às vezes… com frequência eu discordava de você, mas sempre o respeitei, a não ser talvez quando me chamou de covarde. Mesmo então, você falava baseado em suas convicções. Os outros queriam apenas aventura, ação, glória. Eu gostava deles… e lamentei quando se foram. Mas você ainda não foi capaz de se recuperar de suas mortes, não é?

Ralph tomou um gole da bebida.

– Eles não estariam na península Ibérica se não fosse por mim e por meus *ideais* perigosos.

– Não pode afirmar isso – ressaltou Graham com um franzir de testa. – Até que ponto somos responsáveis por nosso irmão? Eu não fui com você, embora tenha ouvido seus argumentos com a mesma frequência e a mesma clareza que eles. Discordei e fiz outros planos para o meu futuro. Eles *não* discordaram. Era o direito deles e agiram de acordo.

– Mas sempre concordavam comigo.

– Isso não o torna *responsável* por eles – replicou Graham. – Não se pode manter as opiniões, as *paixões* para si mesmo, Ralph, por medo de influenciar os outros e provocar sofrimento caso morram como resultado. Desde que não se tente coagir ninguém, quero dizer. Você nunca fez isso.

– Chamei você de covarde – lembrou-o Ralph.

– E por acaso dei as costas para as minhas convicções e o segui para a guerra apenas para ganhar sua aprovação? – questionou Graham. – Não seja absurdo, Ralph. Os jovens insultam uns aos outros o tempo todo. Não deveriam fazer isso… causa dor. Mas

ninguém é perfeito, muito menos um garoto em fase de crescimento. Você não costuma mais insultar as pessoas, não é?

O sorriso de Ralph pareceu um tanto perverso.

– Por que concordou com um duelo e depois se recusou a sacar a pistola, seu idiota? – perguntou ele.

– Bem, não seria possível recusar – explicou Graham. – Era uma questão de honra e eu sou um *cavalheiro*. Mas a violência me causa ojeriza. Não posso impedir que os outros a pratiquem, mas posso *me conter*. E você *ainda* insulta os outros.

Os dois se olharam. Devagar, abriram um sorriso. Depois, soltaram gargalhadas.

– E, assim, você acabou se tornando sacerdote, trabalhando nas áreas de Londres em que a maioria das pessoas não ousa botar o pé – disse Ralph. – E imagino que ande pelas ruas sem levar sequer um porrete para se proteger. Covarde? Nunca. Idiota? Talvez.

– E você acabou se casando com minha irmã. Quem poderia imaginar?

– Cuidarei dela, Graham – afirmou Ralph.

– Sim. Sei que cuidará. E que *ela* cuidará de *você.*

# CAPÍTULO 19



– Estou tão feliz que tenha voltado a Londres, papai! – disse Chloe, ainda de braços dados com ele, ao entrar na sala de estar. – Não passa uma temporada aqui desde… bem, faz um tempo, não? A cidade não é tão ruim assim. Embora eu preferisse ter ficado no interior, não lamento que Ralph tenha me persuadido a vir para cá e enfrentar a aristocracia. Aceitamos uma série de convites para as próximas semanas e começamos a organizar nosso baile, que todos parecem acreditar que será um dos mais concorridos da temporada. Fique aqui até que ele aconteça.

Era difícil lembrar todas as emoções conflituosas que a impeliram a deixar seu lar depois do Natal, a se afastar do pai pelo menos por algum tempo. Mas um de seus momentos mais felizes das últimas semanas tinha sido quando, inesperadamente, o vira descer da carruagem de Graham em Manville e percebera que ele *era* seu pai, não importavam as circunstâncias.

Ele bateu de leve na mão dela, soltou-a e se aproximou do fogo. Apontou as duas palmas para o calor enquanto a filha se sentava.

– O marquês de Hitching voltou à cidade com a família este ano – disse ele.

– Ah. Foi por isso que deixou a sala de jantar na minha

companhia, papai? Para me avisar? Eu já sabia. Lady Angela Allandale foi ao teatro na noite passada. Sei que era ela, embora ninguém tenha me dito. Ela se parece um pouquinho comigo, é verdade. Até eu admito. E houve um burburinho quando ela chegou ao camarote diante do nosso. Não me importei muito, sabe? Na verdade, será um alívio encontrá-la pessoalmente um dia desses e tratá-la com educação, para deixar que a aristocracia saiba que todos esses boatos são bobagens. Vamos enviar um convite a eles para nosso baile. Não existe motivo para *não* convidá-los. De fato, todos notariam se não os convidássemos, e os mexericos seriam revividos. Não precisa se preocupar comigo, papai. De verdade, não precisa. Eu não…

– Chloe…

Ele não se afastou do fogo nem chamou alto seu nome, mas havia uma intensidade no tom que fez com que a filha se calasse.

E ela sabia o que aconteceria a seguir, como se as palavras já tivessem sido ditas. Ergueu a mão para impedi-lo, mas ele não a olhava.

– Nenhum pai do mundo amou um filho mais do que eu a amo – começou ele. – Fui me juntar à sua mãe cinco minutos depois de seu nascimento, embora a parteira protestasse que nenhuma das duas estava pronta para ser vista. Nunca tinha contemplado nada mais belo na vida do que vocês duas. Eu escolhi seu nome, sabia? Era uma minúscula bola de preciosa humanidade e pensei imediatamente num nome pequeno e precioso para você. Fiz tudo o que caberia a um pai, Chloe, exceto fornecer a centelha que lhe deu a vida. Foi… Hitching quem fez isso.

Havia um mundo de diferença, pensou Chloe, entre saber no fundo do coração que algo era verdade e ter ciência sem sombra de dúvida. Um universo de diferença.

O ar pareceu frio e cortante nas narinas dela. As mãos e os pés formigavam. Um vago rumor surgiu em seus ouvidos. E ela sentiu

um súbito impulso de se levantar e sair correndo – e continuar correndo, correndo, sem parar.

*O problema em fugir é que você precisa sempre se levar junto*. Ralph dissera aquilo na noite anterior. Ela fugira uma vez – duas vezes – e de nada adiantara.

O pai não era seu *pai*, então. Não podia mais se agarrar à ilusão de que era.

O marquês de Hitching era seu pai. Lady Angela Allandale era… sua meia-irmã. E alguém mencionara outros filhos também, não? Meios-irmãos.

Assim como Graham. Assim como Lucy.

O pai continuava a olhar para o fogo.

– Descobriu a verdade depois de casar com mamãe? – perguntou ela.

– Não, antes.

Foi então que sir Kevin se virou para Chloe, o rosto pálido.

– Ela foi sincera comigo. Eu tinha me apaixonado por ela no início daquela temporada, na primeira vez que a vi. E ela gostara de mim também. Mas havia um deslumbramento em relação a… *ele*. Tinha boa aparência, charme, posição e riqueza desmesurada… ou pelo menos era o que parecia. Pensei que a perdera até que ela me procurou num concerto, certa noite, e contou que ele estava bem próximo da ruína financeira e, por isso, precisava casar por dinheiro. Contou-me também que temia estar esperando um filho. Quando me ofereci para casar com ela sem demora, também prometi nunca mais voltar a mencionar o segredo que ela me confiara. E ela prometeu me amar com lealdade para o resto da vida. Nós dois mantivemos nossas promessas.

Sir Kevin fez uma pausa antes de prosseguir:

– Fui mais abençoado no casamento do que merecia. Fui correspondido no amor por minha esposa e tivemos três filhos que nós dois adorávamos. Sempre nutri grande esperança de que você jamais descobrisse a verdade. Avisei a ele que nunca mais viesse a

Londres. Mas ele veio no ano passado e voltou este ano, trazendo a família. E você se casou com um nobre e vai, inevitavelmente, frequentar os mesmos círculos sociais que ele. Não tenho escolha além de contar a verdade. Eu menti para você quando me perguntou no Natal. Tive medo de perdê-la, mas quase acabei perdendo.

… *três filhos que nós dois adorávamos.*

Chloe contemplou as mãos, que tinha pousado no colo, com as palmas para baixo. A mãe a *adorava*? Ou a existência de Chloe teria sido uma lembrança irritante e persistente de sua vergonha, do homem que a rejeitara para se casar com uma mulher rica, do casamento a que fora forçada para evitar a ruína?

Será que a mãe a amara? Amara seu pai Kevin?

Contudo a questão agora não tinha relação com a mãe. A mãe estava morta. Seu pai – papai – não. Chloe se levantou e se aproximou dele. Ficou na sua frente, envolveu seu tronco com os braços e enterrou o rosto na gravata dele, inalando aquele cheiro familiar que lembrava rapé.

– Lamento ter fugido e magoado o senhor – disse ela.

Ele a abraçou e ela voltou a se sentir uma menininha a salvo de todos os males. Uma lembrança veio do nada, talvez libertada pelas reminiscências na hora do jantar: ela subindo uma encosta íngreme com pedrinhas soltas até que ficara paralisada de medo. Papai, que ia à frente dela com Lucy, descera e pegara sua mão. Então ela continuara a subir, sem medo, praticamente sem depender da ajuda dele, mas sabendo que nem em um milhão de anos correria perigo se papai estivesse segurando sua mão.

Um minuto ou dois se passaram, então a porta se abriu e o pai a soltou. Ralph e Graham chegavam. Os dois pareciam um tanto inseguros.

– Sim – disse Chloe. – Papai me contou.

Graham atravessou o aposento para encontrá-los.

– Você sempre soube? – perguntou ela ao irmão.

Ele balançou a cabeça.

– Não tinha certeza até hoje – respondeu. – E nem me passava pela cabeça até o ano passado. Mas não faz diferença, Chloe. Continuamos a ser sua família. O amor não diminui apenas porque houve uma pequena mudança nos fatos. E nem houve uma mudança real, não é? Sempre foi assim. Nós apenas não sabíamos disso até hoje.

*… uma pequena mudança.*

– Eu não deveria ter me casado com você – disse ela, olhando para Ralph, que estava atrás do irmão.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Não sei se serve de consolo, Chloe, mas eu não tinha a menor dúvida da verdade quando me casei com você – falou ele, passando por Graham para segurar a mão dela e levá-la de volta para a poltrona. – E me casei mesmo assim. Porque quis. E porque fui levado a crer que *você* queria. Espero que não tenha me equivocado.

Ela negou com a cabeça.

– Porque, se eu estiver equivocado, sinto muito, mas não há nada que eu possa fazer agora para livrá-la. Acredito que esteja presa a mim.

Ralph tinha virado a mesa ao dizer que *ela* estava presa a ele, não o contrário. Ele a encarava com firmeza. O rosto não sorria, mas, minha nossa, os *olhos* sorriam. Ele decidira fazer com que ela se sentisse melhor e conseguira. Como ele era gentil.

Ralph? Gentil?

Ela descobria algo novo sobre o marido a cada dia. Que coisa deliciosa era o casamento!

– Eu quis me casar com você – disse ela – e não me arrependo.

Então, por um breve instante, algo aconteceu nos olhos dele. Algo… intenso. E desapareceu antes mesmo que ela pudesse ter certeza de que estava ali. E, como tantas coisas naqueles dias, era algo que estava além de sua capacidade de expressar em palavras.

– Talvez seja uma boa ideia, Worthingham, evitar eventos sociais a que Hitching e a família devam comparecer – sugeriu sir Kevin. – Chloe deve ser protegida de constrangimentos desnecessários.

Ralph permanecia diante da poltrona, olhando para ela.

– Acredito que minha esposa tenha algo a dizer a respeito disso, Muirhead – falou ele. – Os desejos dela são uma ordem. Chloe, o que me diz?

– Não evitaremos nada nem ninguém – declarou ela, erguendo o queixo. – E não preciso ser *protegida*. Sou a filha reconhecida de sir Kevin Muirhead e a esposa do duque de Worthingham.

– Muito bem! – disse Graham.

Ralph apenas assentiu devagar.

– Graham, pode puxar a corda da campainha, por favor? – solicitou Chloe. – Está na hora da bandeja de chá. Sente-se, papai. Sou uma anfitriã tão ruim que nem lhe ofereci uma cadeira. Mamãe me ensinou melhor do que isso.

Graham fez o que ela pediu e se sentou.

– É sua vez, acredito eu, Ralph – disse ele. – Entretenha-nos com suas lembranças de infância, pois nós o entretivemos muito com as nossas, durante o jantar.

– Porém, diferentemente de você, Graham, eu tinha *três* irmãs para infernizar minha vida – disse Ralph, por fim desviando os olhos de Chloe e tomando uma poltrona próxima ao irmão dela. – Construí um forte no meio do bosque em Elmwood, no alto de uma árvore, para completar. Estava disposto a defendê-lo de todas as invasoras, mas não veio ninguém a não ser piratas, salteadores e dragões imaginários… dragões que subiam em árvores, é claro. Eu era um menino sozinho, mas minha imaginação me salvou de me sentir solitário. Fiquei muito feliz de encontrar companhia da minha idade e gênero quando me mandaram para a escola.

Chloe olhava do marido para o irmão e do irmão de volta para o marido enquanto os dois se lembravam de incidentes engraçados e assustadores dos tempos de escola. Não excluíam nem a ela nem o

pai, mas estavam concentrados um no outro e no começo de uma amizade que nunca tinha se concretizado durante o tempo em que estudaram juntos. Talvez isso acontecesse a partir daquele momento, embora eles parecessem ocupar polos opostos em relação ao tipo de vida que levavam.

Chloe olhou para o pai e sorriu para ele quando os olhares se encontraram. Seu *pai*!

O marquês de Hitching era seu pai.

Sentiu o estômago revirar, mas conseguiu conter a náusea.



Os visitantes não ficaram até tarde. O trabalho de Graham obrigava que ele saísse da cama bem cedo todas as manhãs, Ralph presumira. E Muirhead parecera tenso mesmo quando sorrira e acompanhara com desânimo a conversa depois do jantar. O pobre homem acabara de revelar um segredo que esperara levar para a sepultura, arriscando-se a perder a filha.

A sala de estar pareceu muito silenciosa quando Ralph e Chloe ficaram sozinhos. Encontravam-se dos lados opostos da lareira, mais uma vez. Chloe buscou a bolsa de trabalho e seu bordado, depois aparentemente mudou de ideia e ergueu as costas, com as mãos fechadas no colo.

– Quando eu disse que seu desejo era uma ordem, estava falando sério, Chloe – disse Ralph. – Quer ir para casa?

Ela ergueu os olhos.

– Para Manville? – perguntou ela. – Sozinha?

– Eu iria junto. E ficaria lá com você.

Para o inferno o que esperavam dele como novo duque de Worthingham na cidade.

– É muito gentil da sua parte – disse ela. – *Muito* gentil. Mas não. Nada mudou de fato, não é? Você conhecia a verdade. Eu também,

embora tenha escolhido não acreditar. Agora não tenho escolha. Mas não vou fugir.

Ele pousou um dos cotovelos no braço da poltrona e apoiou o queixo no punho cerrado.

– Os convites do baile ainda não foram enviados – disse ele. – Se quiser, posso mandar Lloyd…

– Não – interrompeu ela. – Eles ficarão na lista.

Quando ele percebera, perguntou-se Ralph, que se importava com ela? Mas claro que se importava. Era sua esposa. Ele a protegeria e cuidaria de suas necessidades pelo resto da vida. Ele se deitava com ela todas as noites. Teriam filhos juntos. Claro que ele se importava.

Mas por que esconder a verdade de si mesmo, como ela fizera desde o ano anterior com um assunto de maior relevância? Ele se *importava*, embora não tivesse o desejo de analisar o que isso significava exatamente.

Ele se importava com a felicidade dela.

Como deveria ser descobrir, do nada, que seu pai não era de fato seu pai? Ele sentiu o estômago revirar com aquele pensamento. Descobrir que a mãe concebera um filho com outro homem. Saber que aquele que parecia ser o pai vivera na mentira durante todos aqueles anos.

– Suponho que essa situação seja tão delicada para eles quanto para mim – comentou Chloe.

Ralph observou-a abrir os dedos, fitar as palmas das mãos e depois juntá-las de volta no colo. Supôs que ela se referisse a Hitching e sua família.

– Quando fugi no ano passado, devem ter presumido que eu não voltaria. Mas aqui estou eu, duquesa de Worthingham, e é provável que me encontrem nos lugares aonde planejam ir. Acha que ela sabe?

– A marquesa? – perguntou ele. – Imagino que suspeite.

– Eu me refiro a lady Angela – disse ela. – Mas, é verdade,

também há a marquesa. Odeio lady Angela desde o ano passado. Porém ela é inocente. Imagino que me odeie também. Mas somos meias-irmãs.

Ela estremeceu apesar de o fogo ter sido aceso enquanto desciam para se despedir do pai e de Graham.

– Ela é minha irmã igual a Lucy. E tem irmãos, não tem? São meus meios-irmãos.

Os dedos se dobraram. A cabeça pendeu. Os olhos se fecharam. Ralph temeu que ela desmaiasse – ou vomitasse.

– O que você *poderia* fazer – disse ele – é visitar Hitching na casa dele. Amanhã é sábado. Ele não estará na Câmara.

– *O quê?*

Ela o encarou com olhos surpresos, incrédulos. O rosto tinha ficado ainda mais pálido, se é que era possível.

– Pelo menos todos os olhares da aristocracia não estariam pousados em você na casa dele – argumentou Ralph. – O encontro inevitável aconteceria numa ocasião e num local de sua escolha. Teria algum controle sobre a situação.

– Mas seria completa loucura – rebateu Chloe, os olhos arregalados e fixos no marido. – Ir até a porta da casa *dele*, Ralph? Perguntar por ele? Encontrá-lo cara a cara? Conversar com ele? Falar a verdade abertamente? Seria loucura!

– Eu iria com você.

Chloe balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Não – declarou ela. – Eu os enfrentarei em público. Serei educada, como aposto que eles também serão. Estarão tão ansiosos quanto eu para não mantermos um contato mais próximo. Mas ir deliberadamente à sua casa para uma visita? Não, Ralph. Não me peça isso.

– Não peço. Foi só uma sugestão. Você não me contou sobre um sermão de Graham que falava sobre enfrentar seu maior medo, seguir em frente e passar por cima dele, superando-o? Ou algo parecido?

– Mas *você* não faz isso.

Ele ficou paralisado.

– Nunca visitou o visconde e lady Harding – disse ela.

– É diferente – afirmou ele.

– É mesmo?

Ela estava agarrando as beiradas dos braços da poltrona.

– Como? – indagou ela.

– Esqueça que eu fiz uma sugestão – falou ele, desejando não ter dito nada. – *Foi* loucura, provavelmente. E Graham tinha razão, você também: nada mudou na verdade. E não há motivo para que você, de um lado, e o marquês de Hitching e sua família, de outro, não possam coexistir com civilidade nos períodos em que se encontrarem no mesmo lugar, na mesma hora. A aristocracia vai se cansar de fazer especulações. Esqueça o que eu disse.

Os dedos de Chloe tamborilavam nos braços da poltrona como se ela estivesse tocando piano. O rosto permanecia pálido. Ela fitava o tapete entre eles. Depois de um ou dois minutos de silêncio, tempo em que ele tentou pensar em algo para dizer que distraísse a esposa e que aliviasse a tensão, ela olhou para ele.

– Você vai comigo? – perguntou.

Não disse *iria*, mas *vai.*

– Sim – assentiu ele.

*Ah, Chloe.*

A esposa não disse mais nada por algum tempo e voltou a olhar para o chão. Depois, de forma abrupta, ela se levantou e foi correndo na direção de Ralph. Ele se levantou depressa da poltrona e abriu os braços segundos antes que ela colidisse com ele, envolvesse seu tronco e enterrasse a cabeça em seu ombro. Ele a abraçou e a segurou com força.

– São quantos filhos? – perguntou ela depois de um instante, a voz abafada junto ao pescoço dele.

Ralph levou um segundo para entender do que ela estava falando. Os filhos de Hitching. Os meios-irmãos.

– Dois ou três, não tenho certeza – respondeu. – O mais velho é Gilly, visconde de Gilly. É da minha idade, acredito, talvez um pouco mais novo.

– E apenas uma filha? – perguntou Chloe.

– Acho que sim.

Ralph não conhecia a família direito. Até o ano anterior, eles nunca visitaram a cidade quando ele se encontrava por lá e, naquela ocasião, ele os evitara. Ou pelo menos evitara lady Angela Allandale, com medo de que alguém tentasse bancar o casamenteiro.

Chloe o apertou com mais força.

– Estou com você – disse ele.

– Está, não é?

Ele a ouviu inalar devagar e soltar a respiração num suspiro.

– Você não imagina quanto desejei ter alguém que me abraçasse com força no ano passado e no último Natal. Por favor, perdoe-me por me apoiar tanto em você. Achei que conseguiria ser corajosa.

– Perdão, mas acredito que você *esteja* sendo corajosa – disse ele, pousando uma das mãos atrás da cabeça dela e aproximando-se para murmurar no seu ouvido. – Afinal, pretende ou não visitar o marquês de Hitching na casa dele?

– Pretendo.

Chloe riu baixinho, embora ele não acreditasse que fosse por achar graça.

*Você não imagina quanto desejei ter alguém que me abraçasse com força…*

Uma onda de anseio familiar o atravessou enquanto ele a prendia num demorado silêncio.

Ela jogou a cabeça para trás para encará-lo.

– Não precisa ter medo de que eu transforme essa dependência em hábito – declarou ela. – Perdoe-me pelo que está acontecendo. É realmente uma tolice. Eu *sabia*, afinal de contas. E o marquês de

Hitching é apenas um homem. Depois do dia de amanhã, poderei encontrá-lo em qualquer parte e acenar de forma cortês quando não for possível evitá-lo. Não vou me transformar num fardo, Ralph. Prometi que não o faria e manterei minha promessa.

Ela sorriu para ele.

Ralph deveria ter se sentido aliviado. Não queria envolvimento emocional, afinal de contas. Exceto que… bem, era tarde demais.

– Você interpretou de forma errada meu silêncio – disse ele. – Sou seu marido. Quando se sentir solitária, com medo ou infeliz, é a mim que deve procurar, Chloe. Meus braços são seus, minha força também, aconteça o que acontecer. Você nunca será um fardo para mim.

Ela mordia o lábio. Depois, seus olhos se alegraram e abriram um sorriso que parecia demonstrar um bom humor genuíno.

– Vou lembrar isso a você – disse ela – na próxima vez que brigarmos.

– Brigaremos? E você vai me lembrar disso?

– Sim e sim – respondeu ela.

Ele tomou o rosto dela em suas mãos e perguntou a si mesmo quando as muralhas de seu coração tinham sido rompidas. Pois *tinham* sido rompidas.

Então a beijou.

# CAPÍTULO 20



*Era* uma ideia insana, pensara Chloe na noite anterior quando Ralph a sugerira, e ela pensava a mesma coisa naquele momento, enquanto Mavis dava um toque final no seu cabelo e colocava um de seus chapéus novos com muito cuidado para não desfazer os cachos que acabara de criar.

Na verdade, parecia uma ideia mais louca ainda naquela manhã. Seu estômago dava tantas cambalhotas que ela ficou grata por não ter conseguido comer muito no desjejum.

Teve que mandar um bilhete para Lucy adiando para o dia seguinte o passeio no parque que ela sugerira. Odiou ter que fazer isso. Não via a sobrinha e o sobrinho, filhos de Lucy, desde o Natal.

Teria o marquês de Hitching sabido da sua existência antes do ano anterior? A pergunta perseguira Chloe durante metade da noite, bem como todas as outras associadas a ela. Ele devia ter ouvido os boatos, naturalmente. Acreditava neles? *Acreditaria* neles se ela fizesse uma visita, caso não tivesse acreditado antes? Mas ele devia ter conhecimento da possibilidade 28 anos antes, quando seu pai o mandara sair de Londres e nunca mais voltar. A marquesa sabia? E lady Angela? E os irmãos? Como poderiam não saber?

– O duque vai levá-la a algum lugar esta manhã, Vossa Graça? –

perguntou Mavis. – Algum lugar bonito?

– Vamos visitar amigos.

Chloe sorriu para ela no espelho e desejou poder trocar de lugar com Mavis. Como devia ser tranquila e descomplicada a vida de uma criada. Mas esse pensamento era tolo e absurdo, claro. A vida de ninguém era um mar de rosas.

Como seria capaz de bater à porta do marquês de Hitching e anunciar que queria vê-lo? Deveria dizer a Ralph que ela não conseguiria, antes que fosse tarde demais.

Entretanto, meia hora depois, era precisamente o que *estava* fazendo – ou melhor, o que Ralph estava fazendo por ela. Chloe precisou usar toda a sua força de vontade para não dar um passo atrás e pular para o lado para ficar semioculta atrás dele quando a grande porta de carvalho se abriu. Ela pensou com saudade na carruagem que estava a poucos metros de distância.

– Informe ao marquês de Hitching que desejo dar uma palavra com ele, se estiver em casa – disse Ralph ao criado que abriu a porta.

O homem olhou para cada um deles, vislumbrou a carruagem com o brasão ducal atrás dos dois, consultou rapidamente o cartão entregue por Ralph e deu um passo para o lado para permitir que entrassem, curvando-se de forma respeitosa. Conduziu-os a uma sala próxima ao saguão e lhes informou que iria verificar se o marquês estava em casa.

– E se ele não estiver? – disse Chloe, esperançosa, quando a porta se fechou em silêncio e ela ficou sozinha com Ralph. – E se…

– É óbvio que ele *está* em casa – explicou Ralph. – Senão o criado não teria saído para procurá-lo.

Ah, a lógica da alta sociedade.

Encontravam-se numa sala de estar, Chloe percebeu, um aposento magnífico, com teto arqueado pintado com uma cena da mitologia, frisos dourados e paredes com brocados vermelhos que sustentavam paisagens escuras em molduras ornamentadas e

pesadas. Cadeiras douradas esculpidas com esmero se encontravam no perímetro do cômodo. Havia também um carpete cor de vinho e, na única janela, cortinas grossas de um tom um pouco mais claro parcialmente cerradas.

Era um ambiente que tinha a intenção de reduzir o visitante à sua insignificância, intimidá-lo. Ou intimidá-la. Com certeza estava funcionando com Chloe, que ficou parada não muito longe da porta, segurando com força sua bolsa. Ralph caminhara até a janela e olhava para fora.

Nenhum dos dois voltou a falar.

Chloe sentia um zumbido cruel em seus ouvidos. As mãos pareciam úmidas, mesmo enluvadas.

Talvez devessem presumir que o marquês não estava em casa e partir sem delongas. Ela abriu a boca para dar a sugestão, mas era tarde demais. A porta se abriu, um homem entrou e alguém tornou a fechá-la em silêncio.

Era um senhor de altura mediana, robusto. Vestia-se com bom gosto e discrição. Tinha um rosto agradável, não particularmente belo. O cabelo rareava e se tornava grisalho, embora devesse ter sido ruivo na juventude. Se Chloe esperava encontrar um monstro gigante e cheio de desdém ou um aristocrata belo, austero e de lábios finos, a realidade se mostrava bastante diferente. Não que ela tivesse tentado imaginar sua aparência. Como seria possível imaginar um pai que nunca se viu, alguém cuja existência ela sequer conhecia até o dia anterior?

Ele ignorou Ralph, que se virou em seu posto próximo à janela mas permaneceu no lugar. Ele – supostamente o marquês – estava olhando *para ela* com os lábios tensos, uma leve ruga na testa, as mãos às costas. Se ele planejara fingir desconhecer o assunto em questão, não estava começando bem.

Não ocorreu a Chloe romper o silêncio.

– Apesar de tudo o que ouvi sobre você – disse ele, enfim –,

esperava que tivesse alguma semelhança com sua mãe. Não tem. Não à primeira vista.

– Gostaria de ter mais semelhanças – falou ela. – Assim poderia ter passado a vida inteira desconhecendo a verdade.

– Você não sabia? – perguntou ele, surpreso. – Não lhe contaram?

– Só ontem à noite.

– Ontem?

As sobrancelhas dele se ergueram ainda mais.

– Meu *pai* me contou – disse ela, dando uma leve ênfase à palavra.

– No entanto, os mexericos do ano passado fizeram com que você voltasse correndo para casa – lembrou ele.

– Os mexericos foram a primeira pista. Embora eu me recusasse a acreditar neles e papai negasse.

Ele meneou a cabeça devagar.

– Lamentei muito – falou ele – ter ouvido a notícia da morte de sua mãe no ano passado… *Chloe*, não é esse seu nome?

– Ela se foi há mais de três anos – explicou a jovem.

– Passei anos sem deixar o norte da Inglaterra – disse ele, dando de ombros como se pedisse desculpas. – Não soube. Sinto muito. Espero que ela não tenha sofrido muito.

De repente, Chloe se sentiu tonta. Seria possível que aquele homem, aquele desconhecido bem-educado, fosse seu *pai*? Não conseguia sentir nenhuma ligação com ele.

Como ela permaneceu calada, o marquês continuou a conversa.

– Seu pai deixou bem claro para mim, ao se casar com sua mãe, que consideraria um insulto pessoal se eu tentasse oferecer qualquer… assistência ou apoio para sua educação ou se tentasse ver você ou ela. Respeitei seus desejos.

Ele *soubera*, então. Mas nunca tinha tentado vê-la – porque respeitara os desejos de papai. Ou talvez porque não se importasse. Ele nem tomara conhecimento da morte de mamãe até o último ano.

Nem saberia se ela ainda estivesse viva. Teria descoberto que se tratava de uma menina, não de um menino?

– Você fez um casamento admirável – comentou ele, olhando para Ralph, de relance, pela primeira vez. – Fico feliz por você.

Chloe ergueu o queixo. Com que direito ele ficava *feliz* por ela?

– Não estou aqui para receber suas congratulações – disse ela. – Nem para receber sua aprovação.

– Não – concordou ele, com um sorriso fraco. – Não supus isso.

A tontura voltou a ameaçá-la. Sem aquele homem, pensou, ela nem estaria viva. Era seu *pai*.

– Estou aqui – disse ela – porque frequentamos os mesmos círculos sociais e é quase certo que nos encontremos em diversos eventos. Sua… filha foi ao teatro duas noites atrás, quando estávamos lá também, embora não tenhamos nos encontrado cara a cara. Imagino que ela estivesse ciente da minha presença, assim como eu estava ciente da presença dela. Seria absurdo se passássemos o resto da temporada tentando evitar um encontro ou fingindo que não há nada entre nós se por acaso nos virmos. *Há* alguma coisa. Sou sua filha.

Sentiu as bochechas esquentarem quando deu um nome ao relacionamento. O modo como ele estremeceu ligeiramente não foi mera imaginação dela.

– Sim – disse ele. – É verdade. Veio me confrontar em particular, então, para que em público possamos enfrentar com aparente tranquilidade e despreocupação o que todos sabem ser a verdade? Talvez tenha optado pelo caminho mais sábio. É bem mais corajosa do que eu, Chloe. Sentiria orgulho de você, se tivesse esse direito.

Ela voltou a levantar o queixo.

Ele abriu a boca para prosseguir, mas hesitou.

– Deixe-me dizer uma coisa, se me permite – pediu ele. – Sua mãe *não* era uma mulher sem moral, Chloe. Eu havia garantido a ela meus sentimentos duradouros e a firme intenção de me casar. Cheguei a crer, na ocasião, que seria capaz de *desafiar* todos os

fatores que me obrigavam a agir de outro modo. Talvez eu tivesse ido em frente se soubesse na época que ela… bem, se eu soubesse que você estava a caminho. Mas talvez não. Nenhum de nós é livre para seguir as próprias inclinações como gostamos de acreditar que somos. Fique tranquila, porém, que toda a responsabilidade sobre o que aconteceu entre mim e sua mãe foi minha. Não permitiria que o que acabou de descobrir maculasse sua memória.

Chloe cerrou os dentes com força ao fitá-lo. Como ousava dizer a ela a forma como deveria se lembrar da mãe? Virou-se para olhar Ralph.

– Já terminei o que vim fazer aqui – disse ela. – Podemos partir. Acredito que nos veremos de novo… senhor. E deve esperar um convite para o baile que vamos dar nas próximas semanas.

Ralph a encarou com um ar sério e olhos que não pareciam mais estar vazios, ela chegou a perceber. Não fizera nenhuma tentativa de dizer nada até então e assim se manteve, mas sua mera presença já era reconfortante.

*Quando se sentir solitária, com medo ou infeliz, é a mim que deve procurar, Chloe. Meus braços são seus, minha força também, aconteça o que acontecer. Você nunca será um fardo para mim.*

– Minha esposa e minha filha estão no andar de cima, na sala matinal – disse o marquês de Hitching. – Estava com elas quando o criado me trouxe o cartão de Worthingham e informou que a duquesa o acompanhava. Não tenho sido o mais popular dos maridos ou dos pais desde o ano passado, devo confessar. Duvido que minha esposa e minha filha tivessem retornado este ano caso não se sentissem confiantes de que sua retirada apressada no ano passado indicava que você não voltaria.

O marquês parecia escolher as palavras.

– Só tivemos notícia de seu casamento depois de chegarmos aqui e minha filha a viu no camarote de Stanbrook. Ficou seriamente abalada. Mas tem toda a razão, Chloe. Se quisermos continuar na cidade, sem fugir e provocar uma nova onda de mexericos, será

melhor chegarmos a um ponto em que seja possível nos vermos com alguma… civilidade, no mínimo. Você e Worthingham me acompanhariam à sala matinal?

Chloe o fitou em desespero. Como poderia? No entanto, encontrar e falar com o marquês – seu pai – era só metade da tarefa que ela havia proposto a si mesma. Tinha esperanças de que *ele* cuidaria da outra metade e explicaria tudo à família.

Olhou para Ralph mais uma vez. Apesar da ruga na testa, ele não interferiu. Estava ali para lhe dar apoio, era o que o silêncio parecia dizer, não para agir em seu nome. Então, de forma inesperada, ele sorriu.

*Você consegue*.

Mas como ela poderia saber o que aquele sorriso significava?

– Muito bem – respondeu ela, voltando a olhar para o marquês.

Ele lhe ofereceu o braço, mas ela não o aceitou – nem chegou perto dele. Em vez disso, voltou-se para Ralph e ele se aproximou com passos firmes e tomou seu braço. A mão livre cobriu a dela e a apertou algumas vezes.

O marquês foi na frente, subindo a larga escadaria.

Ralph passara a noite inteira se repreendendo. Sua sugestão fora impulsiva. Talvez também fosse desastrosa. Não imaginava como Hitching reagiria ao ver a filha ilegítima à porta de casa enquanto o resto da família se encontrava na residência. E não tinha a mínima ideia de como Chloe suportaria aquela provação. Tinha chegado a ter alguma esperança de que ela mudasse de ideia pela manhã. Mas isso não acontecera.

Ela se comportara de modo magnífico. Ele se preparara para interferir no momento em que Hitching pusesse os pés na sala, mas não precisara fazer isso. Observara a esposa com admiração e orgulho – e uma sensação perturbadora de que ela era bem mais

corajosa do que ele poderia ser. Tinha fugido no passado, era verdade, principalmente no ano anterior, diante das primeiras possibilidades de Muirhead não ser seu verdadeiro pai. E se pudesse teria evitado a viagem para Londres naquele ano. Mas ela viera. E estava ali.

Mas Ralph não havia imaginado nada além do encontro com Hitching. Presumira que o marquês assumiria a tarefa de conversar com a esposa e os filhos. No entanto, ali estavam eles, prestes a se encontrarem com as mulheres da família.

Hitching abriu uma porta no alto da escada.

Três pessoas – não duas – olharam para eles e todas pareceram subitamente sobressaltadas ao perceber que o marquês não estava sozinho. Uma delas era uma senhora corpulenta e corada, de rosto quadrado e cabelo grisalho. Atrás de sua cadeira se encontrava um rapaz de cabelo escuro, mas com os traços e a estatura de Hitching. A jovem sentada num sofá duplo estava elegantemente vestida em castanho-avermelhado, um tom que acentuava seu vibrante cabelo vermelho e seus olhos verdes.

Não se parecia com Chloe, afinal de contas, pensou Ralph. O rosto era mais estreito, a boca era menor, as sobrancelhas, mais retas. Não era tão bela, apesar de no ano anterior, segundo George, ela ter ficado conhecida como “a Incomparável”. Claro, ele não era imparcial. E ela era bem mais jovem do que sua esposa. Havia semelhança suficiente, porém, para provocar o falatório do ano anterior.

– Minha querida – disse Hitching, dando um passo para o lado e dirigindo-se primeiro à dama mais velha –, Angela e Gilly, permitam-me apresentar o duque e a duquesa de Worthingham. Minha esposa, minha filha e meu filho mais velho – acrescentou ele, virando-se para os visitantes.

Os dedos do visconde de Gilly se fecharam em torno do suporte de seu monóculo, porém ele não chegou a levá-lo à vista. A mãe

continuou sentada, muito quieta. Lady Angela Allandale jogou a cabeça para trás e encarou Chloe com um olhar glacial.

– Como vai, senhora? – cumprimentou Ralph, avançando no aposento, a mão firme no cotovelo de Chloe, e curvando-se para a marquesa. – Lady Angela? Gilly? Espero que não tenhamos interrompido suas atividades num momento inconveniente. Contudo minha esposa e eu consideramos que seria necessário visitá-los em privacidade e quanto antes, pois é praticamente inevitável que nos encontremos em público muito em breve.

– Como vai, senhora? – disse Chloe. – Garanto que não pretendo lhe causar danos nem constrangimentos. Muito pelo contrário, na verdade. Estimo profundamente a minha família e não tenho nenhuma intenção de alegar pertencer a outra. Meu único desejo é que possamos nos encontrar em público sem alimentar o moinho dos mexericos. Imagino que esse seja o desejo de todos nós.

Ralph não soltou seu cotovelo. Ninguém os convidou a sentar, o que o deixou aliviado.

– *Nunca* serei capaz de me encontrar com essa mulher em público, mamãe – disparou lady Angela, sem tirar os olhos de Chloe. – Como ousou pôr os pés nesta casa? Por que os criados permitiram? E como papai pôde trazê-la até aqui em cima?

Lady Hitching ignorou a filha.

– Como vão, duquesa, duque? – disse com incrível civilidade. – Tenho certeza absoluta de que sempre tratarei qualquer integrante da boa sociedade que eu encontre fora do meu lar com as boas maneiras esperadas de uma dama bem-educada. E dentro da minha casa também, quando tais pessoas são trazidas por meu marido. Criei minha filha para agir da mesma forma. Perdoem-na por essa manifestação pouco característica, ocasionada, acredito eu, pela sua aparição inesperada em nossos aposentos particulares. Quanto a meus filhos, os dois mais jovens e Gilly foram criados pelo

pai para se comportarem como cavalheiros em todas as circunstâncias.

Era uma dama formidável, pensou Ralph com muita admiração. Aquele momento devia ser terrível para ela, mas, de algum modo, assumira o controle com muita dignidade.

O visconde de Gilly não teve opção além de corresponder à descrição que a mãe fizera dele. Inclinou a cabeça com rigidez e deixou o monóculo pender na fita.

– Talvez, minha querida – sugeriu o marquês à esposa –, esteja na hora de pedir uma bandeja de chá. Talvez nossos convidados…

– Ah, não. Muito obrigada – Chloe apressou-se em dizer.

– Desejamos então uma boa manhã – disse a marquesa.

O marquês os guiou escada abaixo. Fez um sinal para o criado que permitira a entrada dos dois e o homem abriu as portas da frente. O marquês os acompanhou, descendo os degraus que levavam até a carruagem. Tocou em Chloe pela primeira vez. Tomou sua mão direita e a levou aos lábios.

– Ele tem sido bom para você? – perguntou. – Muirhead, seu pai.

Ela o fitou até que soltasse sua mão e deu um sorriso amargo.

– Claro que sim – deduziu ele. – Eu me lembro dele, há tantos anos, como um sujeito decente. Lamento que tenha herdado a cor do meu cabelo, Chloe. Seria melhor se nunca tivesse descoberto a verdade. Melhor para mim também, talvez. Agora que nos encontramos, gostaria de poder conhecê-la melhor. Mas não vou, não é? Desejo a você tudo de bom. Vou *sempre* lhe desejar tudo de bom.

Ela assentiu brevemente e se virou para Ralph. Ele a ajudou a entrar na carruagem, voltou, num impulso, para apertar a mão de Hitching, e então seguiu a esposa. Pegou a mão dela quando o cocheiro fechou a porta e assumiu seu posto.

– Esperava desgostar dele de forma muito intensa – disse Chloe quando o veículo começou a andar.

Contudo, não olhou pela janela, embora Hitching tivesse

levantado a mão para se despedir.

– Mas isso não aconteceu? – perguntou Ralph.

Chloe balançou a cabeça.

– Talvez eu devesse ficar feliz – disse ela. – Não fui, acho, o resultado de um… encontro sórdido.

– Não – concordou ele.

Ela não disse mais nada, o que o deixou feliz. Ele continuou a segurar sua mão, mas se afastou um pouco e acomodou os ombros no canto do assento. Ela fora corajosa e digna. Subir a escada para enfrentar uma família que com certeza a odiava e a desprezava devia ter sido dificílimo, mas ela conseguira ir adiante e lidar com tudo de forma admirável. E tinha tornado possível que todos se encontrassem socialmente sem mal-estar nem constrangimentos.

Parte dele desejava colocá-la em seus braços. Outra parte desejava que já estivessem em casa, para que ele pudesse ficar sozinho. Ela tocara as mais profundas raízes do seu ser. Ele não queria que o tocassem assim. Ainda não. Queria que sua vida voltasse a ser como tinha sido nos últimos sete anos.

Segura.

*Quase* segura.

Intocada.

Queria desesperadamente ficar sozinho.

A esposa dissera algumas palavras na noite anterior que ele não conseguia tirar da cabeça. *Mas você não faz isso. Nunca visitou o visconde e lady Harding.* E, quando Ralph argumentara que a situação dele era completamente diferente da dela, Chloe perguntara. *É mesmo? Como?*

A diferença era que ela não fizera nada para destroçar a vida de Hitching. A diferença era que ela não fora responsável pela morte de nenhum de seus filhos, muito menos de seu filho único. A diferença era que ela não estava tão sobrecarregada de culpa que às vezes até o mítico Atlas se tornava digno de inveja, pois só precisava carregar o globo terrestre em seus ombros. A diferença era…

A diferença era que Chloe tinha coragem de fazer o que julgara quase impossível – e sozinha. Embora ele a tivesse acompanhado para lhe dar apoio moral e físico também, se fosse necessário, ela não *precisara* dele para nenhuma dessas coisas. Ele não fazia ideia de como a esposa conseguira.

Ela fazia com que ele sentisse vergonha. Chegava perto de antipatizar com ela por causa disso. Com certeza, nutria ressentimentos. Pois *havia* uma diferença. E, se não houvesse, o que Chloe tinha com isso?

*Então está satisfeito em viver no inferno pelo resto da sua existência?*

Ela também dissera aquelas palavras. O que importava a ela o modo como ele escolhera viver? O céu estava fora de alcance, de qualquer modo.

Uma onda de anseio tamanha tomou conta de Ralph que, involuntariamente, ele apertou a mão da esposa. Então pousou a cabeça no encosto acolchoado e fechou os olhos.

– Ralph, muito obrigada por ter me acompanhado. Eu não teria conseguido sem você… ou sem seu encorajamento. Mas foi a coisa *certa* a fazer, não foi? Estou feliz por ter conhecido o marquês e acredito que ele tenha ficado feliz por me conhecer. A família não gostou que eu aparecesse… não posso condená-los. Mas ainda acho que era necessário e que eles concordarão assim que tiverem se recuperado do choque de me ver. Muito obrigada.

Ele abriu os olhos. O rosto dela estava voltado para ele. Chloe o encarava com um brilho de felicidade. Ou talvez fosse apenas de alívio. Como podia ser aquela a mesma mulher que, semanas antes, ele considerara alguém insignificante, uma espécie de criada não remunerada da avó? Ela era incrivelmente, vividamente bela.

– Você se diminui – disse ele. – Fez tudo sozinha, sem qualquer ajuda.

– Mas você estava a meu lado – ressaltou ela. – E eu fiquei me lembrando do que me disse na noite passada.

Ele olhou para ela sem entender.

– “Meus braços são seus” – lembrou ela.

Ele havia soltado mais bobagens como aquela, recordou. Preferia não ter feito aquilo.

– Estava falando sério? – perguntou ela.

– Claro. Sou seu marido.

Os olhos de Chloe procuraram os dele, então ela se virou para o outro lado. Seu rosto ficou escondido atrás da aba do chapéu. Ele a observou em silêncio até chegarem em casa.

Ele almoçaria no White’s Club. Mal podia esperar a hora de se afastar.

# CAPÍTULO 21



As duas semanas que se seguiram foram felizes sob muitos aspectos para Chloe. Com certeza foram muito ocupadas. Mal passava uma noite sem que ela e Ralph fossem a algum evento – concerto ou jantar, ou sarau, ou teatro, ou ópera. Evitavam os bailes porque eram um pouco frívolos demais para serem frequentados logo após a morte do avô de Ralph, embora fossem receber convidados em breve para um baile na Casa Stockwood.

Ninguém a ignorava. Claro que não – ela era a duquesa de Worthingham. Mas foi um grande alívio descobrir que não a evitavam em público nem a excluíam dos eventos mais disputados da temporada. De fato Chloe e Ralph precisaram recusar bem mais convites do que a quantidade que tiveram condições de aceitar.

Viram a família do marquês de Hitching pela primeira vez num sarau lotado na casa da Sra. Chandler. Os convidados tomavam conta da sala de estar, da sala de música contígua e do salão onde se serviam comidas e bebidas. A marquesa acabara de deixar a sala de estar e entrava na sala de música no momento em que Chloe surgiu no mesmo cômodo, vinda do salão dos aperitivos com Gwen e a condessa de Kilbourne. Foi a marquesa que escolheu

abordar Chloe enquanto o volume geral das conversas diminuía de forma perceptível.

– Ah, lady Kilbourne, lady Trentham, duquesa – disse ela.

Deliberadamente, manteve a voz alta. Ou pelo menos foi o que pareceu a Chloe.

– Que bom encontrá-las – prosseguiu a marquesa de Hitching. – Uma noite muito agradável, não é? Elsie Chandler sempre consegue atrair os melhores convidados para seus saraus.

– Lady Hitching, como vai? – cumprimentou-a a condessa enquanto Gwen sorria. – É verdade, e esperamos ansiosamente pelo recital de piano, mais tarde.

– Boa noite, senhora – disse Chloe. – Que prazer. Esperava vê-la de novo depois de nosso encontro há alguns dias.

– Ah, duquesa.

A voz surgira de trás da marquesa. Era do marquês. Ele se aproximou, tomou a mão de Chloe e ergueu-a para beijá-la.

– Está muito encantadora de azul. Senhoras?

Ele fez uma mesura para as outras damas quando soltou a mão de Chloe. Em seguida, ofereceu o braço para a esposa.

– Vamos procurar a limonada, minha querida? – sugeriu ele.

E foi tudo, além de um distante aceno do visconde de Gilly e um olhar gélido com uma ligeira inclinação de cabeça vindos de lady Angela Allandale, do outro lado do salão, durante o recital de música, mais tarde.

Foi tudo, mas Chloe ficou mais grata à marquesa de Hitching do que poderia dizer. Não tinha dúvida de que a mulher a detestava, mas tinha obviamente tomado a decisão de acabar com as fofocas comportando-se com a maior cortesia possível junto à filha que o marido concebera pouquíssimo tempo antes de se casar com ela. E estava claro que havia feito prevalecer sua vontade junto ao filho mais velho e à filha, que, embora não conseguissem ser tão simpáticos, pelo menos se comportavam com polidez.

Os observadores sem dúvida ficaram fascinados com o diálogo,

porém também deviam ter se sentido frustrados. Aquilo respondia ou não à questão sobre a paternidade da nova duquesa de Worthingham? Ela era ou não filha ilegítima do marquês de Hitching?

Naqueles entretenimentos noturnos, Chloe não passava muito tempo com Ralph. A boa etiqueta não permitia que maridos e esposas ficassem juntos, grudados, quando havia tanta gente com quem interagir, mas Chloe às vezes achava a ausência constante de Ralph um pouco deprimente. Tentava não pensar nisso. O casamento deles não se baseava em promessas de intimidade, afinal de contas. Talvez tivesse sido melhor se não houvesse nenhuma. Mas tais momentos existiram – ou pelo menos pareceram assim na ocasião. Talvez Chloe tivesse apenas interpretado mal. Até as palavras mais delicadas dele podiam ter sentidos diferentes dos que ela compreendera.

*Sou seu marido. Quando se sentir solitária, com medo ou infeliz, é a mim que deve procurar, Chloe. Meus braços são seus, minha força também, aconteça o que acontecer. Você nunca será um fardo para mim.*

Ainda sentia uma espécie de nó na garganta ao se lembrar daquelas palavras. Tinham soado tão carinhosas. Quase como uma declaração de amor ou, no mínimo, de profundo afeto. Mas talvez só exprimissem o dever. Ele era seu marido. Cuidaria de suas necessidades como qualquer cônjuge. Não consideraria sua presença um fardo pois havia feito votos.

Ela não deveria se importar por ele *não* se importar. Ralph a *apoiava* do ponto de vista emocional e material. Ele a acompanhara até a casa do marquês de Hitching e parecera uma rocha de segurança. Contudo na carruagem, a caminho de casa, quando não havia mais necessidade de alimentar sua confiança, ele se distanciara. Ela percebera. Tinha sido mais do que o fato de ter mudado de posição, sentando-se no canto do veículo, o mais afastado dela que podia ficar.

Ela não deveria se sentir deprimida.

Passavam os dias praticamente separados, a não ser pelo tempo que ficavam no gabinete na companhia do Sr. Lloyd, examinando a pilha de convites que o correio trazia todas as manhãs e trabalhando nos preparativos do baile. Ficaram em casa certa manhã escrevendo os convites. E passaram duas horas juntos numa tarde visitando a avó dele e tia Mary. Mas esses exemplos eram exceções à regra.

Chloe não estava ociosa – nem solitária. Fora fazer compras com Sarah, participara de um café da manhã ao ar livre em Richmond com Nora e a sogra. Acompanhara o pai à biblioteca e ao bazar de uma igreja em que Graham estava envolvido. Passeara de charrete no Hyde Park com o duque de Stanbrook e caminhara por lá com Gwen e sua jovem cunhada. Tomara sorvete no Gunter's com Lucy e as crianças numa tarde. Também caminhara com elas pelo parque.

Na verdade, era exatamente o que estava fazendo numa manhã muito iluminada, quando o sol parecia ter feito metade do mundo elegante passear ou desfilar de charrete nas proximidades do lago Serpentine. Muitas crianças brincavam perto da água, inclusive os dois filhos de Lucy. Jasper Nelson fazia navegar o barco de madeira montado pelo pai, puxando-o pela margem com uma cordinha. Fingia ser lorde Nelson e resistia ferozmente às tentativas da irmã, Sukie, de colocar sua boneca na embarcação. Não havia mulheres no *Victory*, dizia, zangado. Ela não sabia de *nada*? E não, nem mesmo a Sra. Lorde Nelson embarcaria.

– *Lady* Nelson! – exclamou Sukie, cheia de desdém. – Não existe *Sra. Lorde* Fulana-de-Tal, não é, mamãe?

Ao ser convocada, Lucy deu um passo à frente para acabar com a discussão e impedir que Sukie virasse o barco e que Jasper afogasse a boneca. Chloe ficou para trás na trilha, com um sorriso no rosto. Às vezes havia vantagens bem claras em não ter filhos, em especial quando a ama das crianças estava resfriada e de cama.

Ela pousou o cabo do guarda-sol num dos ombros e o girou sobre a cabeça.

Ainda não seria dessa vez que ela se tornaria mãe. Não nos nove meses seguintes, pelo menos. A descoberta tinha sido uma terrível decepção, mas… bem, talvez no mês seguinte…

– Ah – fez uma voz masculina de forma entediada.

O bater de cascos de cavalo atrás dela foi interrompido.

– A deleitável duquesa. E sua irmã escandalosa.

– Não me diga, Corny – comentou outra pessoa enquanto Chloe dava meia-volta, de olhos arregalados. – Está em algum lugar no fundo da minha memória, das aulas em Eton, que, por sinal, eram de um tédio profundo. "Deleitável duquesa"… *aliteração.* Sim, é isso. Aliteração. Não pensava nessa palavra havia anos. Ótimo jogo de palavras, meu caro. Aspira a tornar-se poeta, é?

Belo e vestido de modo elegante para cavalgar, lorde Cornell olhou para Chloe do alto de seu cavalo. Outro cavalheiro, extremamente parecido com a própria montaria, encontrava-se ao lado dele.

– Pode anotar o que digo, Cedric – falou lorde Cornell. – Quando duas damas são suficientemente belas e determinadas, elas conseguem roubar maridos e ignorar o escândalo e até a decência para chegarem ao topo. Embora um príncipe fosse um partido melhor do que um duque, ouso dizer. *Perto* do topo, então. Mas o que esperar delas, quando se leva em conta a mãe? Só se pode conjeturar se a deleitável duquesa conquistou seu duque do mesmo modo que a mãe tentou fisgar um marquês e a irmã escandalosa arrebatou seu… dramaturgo.

Chloe o fitou incrédula. Não tinha percebido que Lucy se afastara da água e dos filhos até que ela se pronunciou.

– *Uma* delas – rebateu Lucy – teve sorte suficiente para escapar das garras de um cafajeste, de um vilão. Mas o que esperar desse homem, quando se leva em conta que ele não é um cavalheiro?

O senhor parecido com um cavalo soltou uma gargalhada.

– Eis que rebenta nas mãos do artífice a bomba que para outrem preparava, hein, Corny – comentou ele. – Também me lembro disso da época de escola. É de uma cena do próprio Shakespeare, se não me engano. Não tinha ideia de ter prestado tanta atenção.

Lorde Cornell abriu um sorriso de apreciação para Lucy, tocou a aba do chapéu com o chicote e olhou para Chloe da cabeça aos pés antes de continuar sua cavalgada.

– Tem toda a razão, Lucy – disse Chloe, com a voz tão trêmula que até ela mesma percebia e as pernas bambas. – Ele *é* um cafajeste e um vilão. E não é um cavalheiro.

– Freddie dizia isso até mesmo antes da nossa fuga – contou Lucy. – Mas eu não podia contar para você naquela época, Chloe. Você iria querer saber quem havia contado *para mim*. Além do mais, não teria acreditado. Estava terrivelmente enamorada dele.

Ela se virou para o lago para dar uma olhada nos filhos.

– Chloe – disse Lucy, um momento depois. – O que ele quis dizer sobre mamãe? As pessoas ainda acreditam naqueles rumores?

Chloe fechou os olhos por um segundo e procurou organizar os pensamentos. Uma coisa era saber de modo racional que aquele despeito completamente gratuito de seu antigo admirador era algo que não merecia perturbá-la. Outra coisa era convencer suas emoções. E lá estava outra crise. Nutrira esperanças de que Lucy talvez não precisasse saber a verdade. E, ao que parecia, o pai e Graham tinham pensado da mesma forma. Todavia Lucy tinha o direito de saber.

– Eram verdadeiros, Lucy – falou ela.

Então contou a confissão do pai e falou sobre a visita à casa do marquês de Hitching.

Lucy estava boquiaberta e de olhos arregalados quando ela terminou.

– Você é minha *meia-irmã*, Lucy – disse Chloe. – Assim como lady Angela Allandale. Graham é meu meio-irmão, assim como o

visconde de Gilly e seus dois irmãos. Ainda não me encontrei com esses dois. Não acredito que estejam em Londres.

Lucy se lançou nos braços de Chloe, atraindo alguns olhares curiosos das pessoas à sua volta.

– Ah, não! – exclamou ela. – Faz toda a diferença do mundo, Chloe. Ele pode ser o homem que lhe deu a vida e os filhos dele podem ser seus meios-irmãos, mas papai é seu *pai* e Graham e eu somos seus *irmãos*. E não me peça para odiar mamãe, Chloe. Isso não vai acontecer. Fiz o mesmo que ela, até pior, pois Freddie ainda era casado na época. Jasper teria sido um bas… não teria um pai se a esposa de Freddie não tivesse feito o favor de morrer. Pareço insensível, não é? Lamento, mas não consigo sentir muito pesar. Ela o *desprezava*, sabe? Não o compreendia nem apreciava seu talento. E não o amava.

As crianças tinham voltado a brigar. A boneca jazia esquecida na grama enquanto Sukie tentava arrancar a corda do barco das mãos do irmão, reclamando ruidosamente por ele se recusar a *compartilhar*. Lucy correu para resolver o problema.

Foi só mais tarde, quando caminhavam para casa com as crianças correndo na frente, que Lucy voltou a mencionar o incidente na beira do lago.

– Aquele *homem* não tem o direito de insultá-la, Chloe – disse ela. – Vai contar ao duque?

– Ah, não. Uma tolice dessas deve ser esquecida, Lucy. Não, não direi nada.

Ralph e ela não conversavam muito um com o outro. Bem, não exatamente. Eles dialogavam à mesa de jantar todas as noites e na hora do desjejum quando dividiam a refeição. Falavam na ida ou na volta dos variados eventos noturnos aos quais compareciam. Era incomum que houvesse silêncio entre eles.

Entretanto, raramente – talvez nunca – *conversavam*. Pelo menos desde a visita ao marquês de Hitching. E os olhos dele, não tão vazios como antes, tinham se tornado impenetráveis. Chloe se

lembrava da primeira impressão que tivera, de um homem desconhecido e impossível de conhecer. Ralph voltara a ser aquele homem. Mas Chloe não podia se queixar. Era o homem com quem se casara, afinal de contas.

E Ralph nunca era frio, nem rude, nem negligente.

Chloe tentava ser feliz com o que possuía. *Ele* não tinha culpa se ela o amava.



Ralph mal podia abrir a porta de casa e andar 10 metros sem sentir a compulsão de olhar para trás. Mas logo qualquer esperança que ele nutrira depois da noite no teatro de que o visconde de Harding e a esposa estariam apenas de passagem pela cidade ficou para trás. Ele os vira pela janela da carruagem na tarde em que saiu com Chloe para visitar a avó. Estavam de braços dados caminhando pela Oxford Street. Não o avistaram.

Ele gostara muito deles, assim como gostara dos pais de Max e de Rowland. Mas esses dois eram especiais, porque também gostaram dele. Lady Harding rira de todas as suas piadas bobas de menino como se fossem realmente divertidas e demonstrara simpatia sempre que ele se queixava de ter três irmãs que o infernizavam mas nenhum irmão para lhe fazer companhia. O visconde de Harding ouvira de modo paciente todas as suas ideias inflamadas sobre todo e qualquer assunto que capturasse sua imaginação de garoto e dissera a ele que, um dia, seria um grande líder. Também gostavam de Max e Rowland, claro. Gostar de Ralph não significava que ele fosse seu favorito. E Tom, seu único filho, era obviamente querido, a luz de sua existência.

Ralph não mencionara a Chloe que os vira.

Na verdade, não dissera nada de importante a Chloe nas semanas que se seguiram à visita a Hitching. Eles dialogavam: nunca havia silêncios constrangedores ou tensos entre eles. Mas

suas conversas seriam comparáveis às de desconhecidos bem-educados.

Ah, era verdade que ele abraçara a esposa rapidamente para reconfortá-la na noite em que ela lhe contara que não estava esperando um filho. Tinha lhe garantido que, claro, não estava irritado com ela.

– Irritado? – dissera, afastando-a um pouco e franzindo a testa para ela. – Mas por que eu ficaria? É preciso que haja dois para fazer isso, sabe? Presumo que saiba.

Ela dera um sorriso fraco diante daquela sua pobre tentativa de fazer uma brincadeira.

– Tinha tantas esperanças de ter conseguido… – dissera Chloe.

– Bem, não vamos ficar desapontados demais – respondera ele. – Agora tenho uma desculpa para continuar visitando você todas as noites.

Ele tivera a intenção de fazer mais uma piada. Contudo, ao pronunciar aquelas palavras, percebera que eram verdadeiras. Talvez se sentisse obrigado a manter distância se ela engravidasse. Não queria manter distância. E não era apenas o sexo, embora assumidamente fosse uma parte importante. Ele gostava de fazer sexo com Chloe. Mas também tinha relação com dividir a cama com ela a noite inteira; tinha relação com estar próximo a ela mesmo quando não se tocavam; com seu calor; ouvir sua respiração; sentir o perfume de sabão e o perfume dela. De modo geral, vinha dormindo melhor desde que se casara.

Sentira-se obrigado a deixar a cama e o quarto da esposa durante as cinco noites de suas regras. Tinha odiado aquilo. A própria cama parecera vasta o suficiente para ser um pequeno país. Achara difícil se aquecer, apesar da primavera estar se transformando em verão. Acordava e estendia o braço – ou estendia o braço e acordava. Não sabia exatamente o que provocava o quê. *Sabia* que não dormira bem naquelas noites e que voltara para a

cama da esposa com uma ansiedade quase embaraçosa ao fim daqueles cinco dias.

Contudo, durante aqueles cinco dias ele se trancara um pouco mais dentro de si. Na noite em que abraçara a esposa, tinha sentido vontade de lhe dizer quanto sentiria sua falta pelos dias seguintes, que ela era mais importante para ele do que imaginava, que era crucial para seu conforto e bem-estar. Depois, ficou feliz por ter se mantido de boca fechada em vez de fazer papel de tolo.

Ele realmente não era digno de Chloe. Ela era superior. E, *com certeza*, ele não esperara por isso. Achara que ela era uma mulher insignificante, sem graça. Por Deus, nem sequer notara a presença dela na noite em que conversava com a avó na sala de estar sobre sua necessidade de encontrar uma esposa o mais depressa possível.

Não era digno dela – nem de ninguém.

Às vezes quase a odiava. E tinha voltado a se odiar, algo que ele trabalhara muito em Penderris para *parar* de fazer. Talvez nunca tivesse deixado de se odiar, apenas se limitado a não sentir. Desde seu casamento, porém, nutria a vontade de voltar a ter sentimentos. Uma ou duas vezes, chegara a ceder a essa tentação. Mas permitir-se ter sentimentos significava permitir que uma dor insuportável retornasse à sua vida, o que seria autodestrutivo.

Às vezes desejava ter escolhido uma daquelas moças dos salões de Londres como esposa. E às vezes pensar em não ter Chloe na sua vida o levava à beira das lágrimas e o forçava a afastar essa ideia e voltar a mente para outra coisa.

Mantinha-se ocupado. Acompanhava Chloe aos melhores eventos sociais todas as noites. Apresentá-la à sociedade como sua duquesa era um dos principais motivos para a estadia em Londres, afinal de contas. Cuidava de suas atividades normais durante o dia e ajudava a esposa e Lloyd a planejarem o baile, que já vinha sendo comentado e que devia ser o mais concorrido da temporada. Mandara uma longa carta para Imogen, lady Barclay, a única mulher

do Clube dos Sobreviventes, depois que ela escreveu da Cornualha para lhe dar os parabéns pelo casamento e o título recém-adquirido e manifestar pesar pela morte de seu avô. Redigira outra para Ben – sir Benedict Harper –, que lhe enviara uma carta bem mais breve, de Gales, com os mesmos temas. Escrevera sua carta quinzenal, como sempre, para a avó materna. Fizera algumas visitas à mãe.

Foi com George assistir a uma das assembleias formais do rei e aceitou as condolências e as congratulações de Sua Majestade.

– Ao que parece, Worthingham – disse o rei –, haverá um baile comemorativo na Casa Stockwood dentro de uma ou duas semanas.

– É verdade, Vossa Majestade – confirmou Ralph.

Minha nossa, o mundo inteiro sabia daquilo, apesar de os convites nem terem sido enviados?

– Penso em honrá-lo com minha presença – informou o rei. – Desde que nem você nem a duquesa sejam adeptos da modernidade e de comportamentos como deixar as janelas abertas por acreditarem que o ar noturno faz bem à saúde.

As sobrancelhas do monarca estavam erguidas. Ele aguardava uma resposta.

Os eventos promovidos pelo rei eram famosos pelos desmaios das damas e pelos salões abafados, de um calor escaldante.

– Todas as janelas ficarão bem fechadas, Vossa Majestade – garantiu Ralph para a montanha em forma humana diante dele.

Mais tarde, na carruagem, Ralph retomou o assunto com o duque de Stanbrook.

– E, assim – disse ele a George –, vamos todos assar no calor da noite por conta da pequena chance de que Prinny resolva mostrar sua cara por cinco minutos.

– Não podemos mais chamá-lo de Prinny – lembrou George. – Agora é rei Jorge IV. E é verdade: vamos todos assar, Ralph. Contudo, se ele aparecer, mesmo que por apenas cinco minutos,

seu baile vai ser considerado o grande evento da temporada. Será gratificante para sua esposa.

Ralph riu.

– Ela vai morrer de medo quando eu contar – respondeu. – Não, não, não vai morrer. Ela vai levar tudo adiante com toda a dignidade, mesmo que suas pernas fiquem bambas.

George sorriu para ele.

– Fez uma boa escolha, Ralph – falou. – Não sei se está ciente deste fato. Mas *foi* uma boa escolha.

Estavam a caminho da casa de Hugo para um almoço tardio para os homens. Lady Trentham fora a algum lugar com parentes e levara consigo a irmã de Hugo.

– Ora, ora, vocês dois estão majestosos o bastante para fazer alguns corações femininos pararem de bater – comentou Hugo, examinando seus trajes formais na chegada. – Venham e contem a este pobre plebeu tudo o que aconteceu.

Hugo *era* um plebeu, ou pelo menos tinha sido. O pai pertencera a uma bem-estabelecida família de classe média e se tornara um comerciante muito rico. O título de Hugo viera depois que ele comandara um ataque sangrento e bem-sucedido na Espanha.

George teve que partir pouco depois da refeição. Mais cedo, ao aparecer com a carruagem para levar Ralph à corte, perguntara a Chloe se poderia ter a honra de levá-la para um passeio no parque no final daquela tarde.

– Se conheço seu marido, duquesa, e acredito que o conheço um pouco – dissera George –, ele responderá a todas as suas perguntas sobre a assembleia com monossílabos. Eu, por outro lado, contarei tudo.

– Ficaria encantada em ser vista no parque na sua companhia mesmo sem esse incentivo – dissera Chloe, rindo. – Tudo mesmo?

– Todos os detalhes sórdidos.

George chegara a piscar para ela. Ralph acreditava que nunca tinha visto George piscar antes.

Depois que George saiu, Hugo e Ralph se acomodaram com o bule de café entre eles, pois Ralph recusara algo mais forte.

– Pois bem, meu rapaz – disse Hugo.

Ralph serviu os dois e pôs um pouco de creme na própria xícara. As palavras do amigo não eram sem sentido. Hugo sempre tinha um jeito de indicar que estava pronto para uma conversa séria. Grande e aparentemente rabugento como era, sempre fora um ouvinte sensível, embora às vezes fosse ele quem precisava falar. Aquilo era o que tinha feito o grupo se tornar tão unido. Todos tiravam muito proveito. E todos contribuíam em igual medida.

Outra característica de Hugo era não se intimidar pelo silêncio. Nunca se apressava a preenchê-lo com palavras quando sabia que o companheiro precisava de tempo.

– Acredita que lady Trentham seja superior a você, Hugo? – perguntou Ralph, enfim.

Hugo franziu os lábios e pensou.

– Meu avô falava como as pessoas simples – contou ele –, usava a faca para comer e apoiava os cotovelos na mesa. Tinha um sotaque de Yorkshire tão forte que era inconfundível. O do meu pai era só um pouco mais leve. Ganharam dinheiro da forma mais difícil, da forma mais suada, se preferir. O sangue de Gwen é todo azul. Praticamente não há um integrante da família dela sem um título de nobreza. E a maioria deles tem títulos há gerações. Mas Gwen é superior a mim? Não, não é. Nem eu sou superior a ela. Ela não está lá no alto de um pedestal com uma tiara de estrelas na cabeça enquanto eu rastejo aqui embaixo, venerando-a. E também não estou lá em cima, como o grande herói militar, enquanto ela olha para o alto piscando, cheia de adoração. Simplesmente não iria funcionar, de um jeito ou de outro, Ralph. Somos iguais. Estamos juntos. Somos um. Não sei se minhas palavras parecem meio sem sentido, sabe? Mas você perguntou.

Ralph fitava a xícara em suas mãos.

– Acha que a duquesa é superior a você? – perguntou Hugo.

Ralph olhou para ele e pousou a xícara.

– Naquela noite em que fomos ao teatro com George, o visconde de Harding e a esposa estavam lá – falou Ralph.

– Harding?

Hugo não sabia de quem ele estava falando.

– O filho deles estava comigo na península Ibérica – explicou Ralph. – Tom.

– Ah.

Hugo compreendeu. Ele sabia sobre Tom, Max e Rowland.

– E *eles* o viram?

– Virei para outro lado antes que nossos olhares se encontrassem – contou Ralph. – Mas sim, acho que viram, sim.

– Ah, meu rapaz – suspirou Hugo. – *Não* vou lhe dizer que deveria ter procurado os dois há muito, ou escrito para eles, no mínimo. *Não* vou dizer que você não é responsável pela morte do filho deles, como crê. *Não* vou sugerir que talvez não o odeiem tanto quanto acredita. Não vou dizer nada. Já passei pelo que está passando, apesar de meu caso ser um pouco diferente do seu. Ainda volto a esse ponto de vez em quando, e é escuro e sombrio. Sei que superar isso não é apenas uma questão de força de vontade. A maioria das pessoas não compreende. Eu compreendo. Qual é a ligação entre os Hardings e a superioridade da sua duquesa?

Ralph afastou a xícara e o pires sem ter tocado no café.

– Chloe foi visitar Hitching – disse ele. – Pouco depois de Muirhead ter lhe contado a verdade sobre sua origem. Era a última coisa que ela desejava fazer. Mas o que mais *podia* fazer diante da possibilidade de cruzar com ele e a família inúmeras vezes nesta primavera e nos próximos anos? Fui com ela, Hugo. Estava apavorada. Chegou a acompanhar Hitching para ser apresentada à esposa, à filha e ao filho dele. Não foi recebida de forma calorosa. Mal posso imaginar como deve ter sido para Chloe. Meu Deus, Hugo… Hitching é o *pai* dela. Mas ela conseguiu. Achei que podia

precisar se apoiar em mim um pouco, mas não. Fez tudo sozinha. Não sou digno de beijar a bainha do seu vestido. Sei que soa teatral. Mas não sou digno.

– Por não ter tomado coragem para fazer uma visita a Harding e a esposa? – questionou Hugo.

– Provavelmente farei mais mal do que bem – disse Ralph.

– Para quem, meu rapaz? – perguntou Hugo em voz baixa.

Ralph fechou os olhos e cerrou um punho sobre a mesa.

# CAPÍTULO 22



– Tem planos para esta tarde? – perguntou Ralph.

Almoçavam juntos em casa, um acontecimento raro. Normalmente, ele saía no meio da manhã e só voltava no final da tarde.

– Sarah me convidou para o chá – respondeu Chloe. – Sua avó e tia Mary também estarão lá. E Lucy. E Gwen irá na companhia da prima, a viscondessa de Ravensberg, que acabou de chegar à cidade com o marido. Ela é a noiva abandonada, Ralph, aquela com quem o conde de Kilbourne ia se casar quando a condessa chegou à igreja a tempo de interromper a cerimônia. Mal posso esperar para conhecê-la. Ah, e a própria condessa também estará presente.

– Ah – disse ele.

Chloe o observou com atenção, deixando a faca e o garfo suspensos sobre o prato. Esperara que reagisse um pouco mais à notícia.

– Qual é o problema? – perguntou ela.

– Nada.

Ralph a encarou de novo com as sobrancelhas erguidas… e o olhar vazio.

– Absolutamente nada – enfatizou ele. – Espero que se divirta.

– O que *gostaria* que eu fizesse hoje à tarde? – perguntou Chloe.

– Nada – repetiu ele, franzindo a testa.

– O que *você* vai fazer?

Ele largou a faca e o garfo sobre o prato com estrépito.

– Às vezes você consegue ser a mais pestilenta das mulheres.

Chloe se encolheu, mas não parou de fitá-lo.

– Peço desculpas – disse ele, as faces ficando coradas. – Peço desculpas *de verdade*, Chloe. O que eu disse foi injustificável. Tenho uma visita para fazer esta tarde.

Ela não fez perguntas. Em vez disso, esperou que ele prosseguisse.

– O visconde de Harding e a esposa alugaram uma casa na Curzon Street – explicou Ralph, porque a esposa se manteve em silêncio. – Pensei em visitá-los. Aparentemente, costumam ficar em casa durante a maioria das tardes. Talvez hoje seja uma exceção, claro.

Estava se saindo muito mal em tentar parecer descontraído. Chloe não se esquecera de quem eram o visconde e a esposa.

– Queria que eu o acompanhasse? – perguntou.

– Não é preciso – disse ele. – Você tem outros planos. Pode me contar de noite se conseguiu satisfazer sua curiosidade sobre a viscondessa de Ravensberg.

Ele ergueu a faca e o garfo como se tivesse a intenção de voltar a comer. Mas apenas franziu a testa para a comida.

– Irei com você – declarou ela. – Vou mandar um bilhete para Sarah, pedindo desculpas.

– Não há necessidade – repetiu ele.

– Há, sim – insistiu Chloe. – Eu irei. Você me acompanhou.

– Já lhe disse – perguntou ele, os olhos impenetráveis erguidos para encontrar os dela – que às vezes você consegue ser a mais pestilenta das mulheres?

– Sim, algumas vezes – respondeu ela. – Mas vou com você assim mesmo.

Em seguida, Chloe mordeu o lábio inferior. Antes que ele virasse o pescoço de forma brusca e se levantasse de repente, seus olhos reluziram como se tivessem lágrimas, ela podia jurar.



Ralph chegou a imaginar se fora daquele jeito que Chloe se sentira enquanto os dois se encontravam diante da porta de Hitching, esperando que a abrissem. E conjeturou se aquilo não seria o gesto mais egoísta de toda a sua vida. Estaria ele tentando se sentir um pouquinho melhor às custas de pessoas que talvez desejassem que estivesse enterrado no mais profundo dos oceanos e designado ao recanto mais remoto do inferno?

*Será* que ele se sentiria melhor?

Ou dez vezes pior?

Seria possível se sentir pior? Ou apenas *sentir* já seria pior? Quatro anos antes, ele reprimira os próprios sentimentos como forma de sobreviver. Se não sentisse nada, então não haveria motivo para pensar em suicídio. Permitira a si mesmo estimar seus amigos e amar sua família, era verdade, desde que mantivesse alguma distância emocional de todos. E, ao longo do último mês, se permitira estimar a esposa. Parecera justo e correto. Tentara, porém, mantê-la suficientemente afastada de seu coração para conseguir sobreviver.

Tentara…

A porta se abriu e eles foram recebidos por um jovem magro em um uniforme de criado que não lhe caía bem.

– O duque e a duquesa de Worthingham em visita ao visconde e à viscondessa de Harding, se estiverem em casa – disse Ralph, entregando o cartão ao rapaz.

– Ah, estão em casa com certeza. Vossa Senhoria, Vossa Alteza – falou o jovem, ainda bloqueando a entrada. – Mas tenho que ir

perguntar. Quero dizer, não sei se estão ou não em casa, mas descobrirei.

– Novo no trabalho? – perguntou Ralph.

– Promovido ontem, de auxiliar de cozinha – respondeu o rapaz, corando até ficar escarlate. – Jerry foi mandado embora por ter a mão leve. Foi pego com uma colher de prata na meia. O Sr. Broom disse que eu poderia ter uma chance antes que procurassem outra pessoa, Vossa Senhoria, Vossa…

– *Vossa Graça* é o termo que está procurando – explicou Ralph. – Sou um duque. E acredito que deva permitir nossa entrada e oferecer um assento à minha esposa enquanto verifica se o senhor e a senhora estão em casa, dispostos a nos receber.

– Está certo, mestre – disse o rapaz, dando um passo para o lado. – Eu diria que está um pouco úmido para ficar aí fora. Entrem, então.

– Muito obrigada – agradeceu Chloe, sorrindo para o jovem enquanto ele arrastava uma cadeira para perto da porta, para que ela se sentasse. – E parabéns pela promoção. Está aprendendo suas novas tarefas bem depressa.

– Sim, Vossa Alteza. Obrigado, senhora – falou ele e saiu correndo escada acima, sacudindo o cartão de Ralph como se fosse um leque.

Ralph trocou olhares com Chloe e uniu as mãos às costas.

– Bem, isso serviu para descontrair – comentou ele.

Estranhamente, servira mesmo. Embora ele voltasse a sentir o estômago revirar.

Não ficaram muito tempo à espera. Não foi o criado magrela que desceu a escada, mas o próprio Harding, com a esposa logo atrás dele.

– Worthingham – disse Harding, estendendo a mão direita. – *Ralph*, meu bom Deus, *você* veio nos visitar quando *nós* deveríamos ter procurado você. Então nos viu no teatro. Deveríamos ter feito uma visita ao seu camarote no intervalo. Ou aparecido na Casa

Stockwood na manhã seguinte. Em vez disso, fizemos *você* vir até *nós.*

Estava apertando a mão direita de Ralph como se tivesse a intenção de quebrar todos os seus ossos. Então se colocou de lado enquanto a mulher tomava as duas mãos de Ralph e as levava ao peito.

– Ralph – disse ela, os olhos enchendo-se de lágrimas. – Ralph Stockwood. Ah, meu menino querido! Nós o negligenciamos de forma vergonhosa quando foi trazido de volta para a Inglaterra e desde então estamos constrangidos demais para procurá-lo ou mesmo para escrever. Como as coisas puderam seguir este rumo? E agora nos procurou. E trouxe sua esposa?

– Sim – falou ele, desnorteado, e deu um passo para trás. – Esta é Chloe, duquesa de Worthingham. Estes são o visconde e a viscondessa de Harding, Chloe.

– *Chloe* – repetiu a viscondessa, abrindo um sorriso. – Que nome lindo. E que dama bonita. E você se tornou um homem bem bonito também, Ralph. Mas, ah, seu pobre, pobre rosto… Foi ferido quando…?

– Isso mesmo – confirmou ele.

– Estou muito feliz que tenha vindo – disse a viscondessa. – Embora nos deixe envergonhados. Nós nos sentíamos mais e mais culpados a cada dia e dizíamos que precisávamos *realmente* fazer uma visita. Mas não é fácil, depois de tanto tempo. Achamos que estivesse decepcionado conosco, até zangado. Achamos que talvez tivesse pensado que não nos importávamos. Mas agora veio. Ah, por favor, subam conosco até a sala de estar. Onde estávamos com a cabeça, deixando-os de pé neste lugar? Duquesa, venha comigo. Ou posso chamá-la de Chloe? Ralph era quase como um filho, sabe?

A viscondessa deu o braço para Chloe e foi levando-a na direção da escada.

Harding fez um gesto com o braço para que Ralph as seguisse.

– Como vai, Ralph, meu garoto? – perguntou ele. – Ouvimos que ficou à beira da morte por muito tempo e que depois partiu para algum lugar na Cornualha e passou anos lá. Tememos que ficasse permanentemente inválido. Mas depois a filha de Courtney o viu em Londres e relatou que você parecia bem, a não ser por uma cicatriz feia. Como vai?

Ralph não teve oportunidade de responder. Chegaram à sala de estar e lady Harding os conduziu a um par de poltronas. Ralph não se sentou, o que fez com que todos o fitassem. Por um momento, houve silêncio.

– Não… me odeiam? – perguntou Ralph por fim, olhando de um rosto sorridente para o outro.

– *Odiá-lo*, Ralph? – questionou lady Harding, soando intrigada.

– Pelo fato de você ter sobrevivido e Tom ter morrido? – emendou o visconde, cujo sorriso desaparecera. – E Max e Rowland também? Mas você não os matou, Ralph. Foram os franceses.

– Achou que nos ressentíamos por você ter sobrevivido enquanto nosso filho morreu? – deduziu lady Harding, com lágrimas nos olhos. – Ah, Ralph, meu querido, foi o que pensou durante todos esses anos, porque não fomos vê-lo? Não aparecemos a princípio porque ficamos prostrados pela dor e você não estava liberado para receber visitas. Depois, seguiu para a Cornualha e não sabíamos exatamente onde você se encontrava.

A viscondessa parecia muito emocionada.

– Poderíamos ter descoberto, suponho – prosseguiu a senhora. – *Deveríamos* ter descoberto. No mínimo, ter escrito para você. Mas o que havia para dizer? E levamos tanto tempo para ter essa ideia que nos sentimos constrangidos e culpados. Deveríamos ter feito isso antes. Você era um dos amigos mais queridos de Thomas. Era um hóspede assíduo em nossa casa e nós o amávamos. Ficamos envergonhados por negligenciá-lo. Sempre tivemos a intenção de escrever, mas nunca o fizemos. E então nós o vimos há algumas

semanas e *ainda assim* não tivemos coragem de procurá-lo. Que coisas horríveis você deve ter pensado de nós!

– Mas Tom não teria ido para a península Ibérica se não fosse por mim – lembrou Ralph. – Convenci os três a irem comigo. A senhora não queria que Tom partisse. Os pais de Max e Rowland também não. Eles foram porque eu os persuadi.

– Sente-se, Ralph – disse Harding, e esperou até que ele tivesse se sentado na poltrona que a viscondessa indicara, mas o próprio visconde permaneceu de pé. – Criamos nosso filho para ter ideias próprias. Ficamos muito felizes com os amigos que ele fez na escola. Eram todos bons garotos, você e Max e Rowland, e havia alguns outros também. Você era o líder, claro. Isso era nítido. Mas não nos importávamos. Você tinha um bom coração e uma boa cabeça, e nenhum deles o seguia de forma servil. Quando discordavam de você, diziam. Quando *você* discordava deles, dizia também.

O visconde parecia absorto.

– Ficamos assustados quando Thomas me implorou que lhe conseguisse um posto no Exército depois que se formasse – prosseguiu. – Discutimos com ele por algum tempo e eu estava determinado a continuar recusando. Mas ele já não era um garoto, e sim um homem. *Conversei* com ele por fim, de homem para homem… levei-o para pescar durante um dia inteiro e simplesmente conversamos. Ele me convenceu de que não poderia ser feliz a menos que partisse para a guerra, porque considerava seu dever. Eu tinha consciência de que fora você quem plantara essa ideia na cabeça dele. Mas sabia também, quando cedi e deixei que fosse, que ele estava seguindo as próprias convicções, não apenas as suas, e eram muito firmes. Ele teria partido mesmo que você mudasse de ideia.

– Eu lhe escrevi implorando que o convencesse a não ir – disse lady Harding. – Não deveria ter feito isso. Você não era responsável pelo que nosso filho fazia ou deixava de fazer. Permitimos que

Thomas partisse… nós dois. Mandamos Thomas para a guerra com nossa bênção e sofremos as terríveis consequências. Mas tivemos orgulho dele. *Temos* orgulho dele. E sofremos demais pelo que aconteceu com você. Não por ter sobrevivido: ficamos muito, muito felizes por um de vocês voltar. Porém lamentamos que tivesse perdido seus três amigos mais próximos bem diante de seus olhos, ainda tão jovem. Acho que é *por isso* que nunca lhe escrevemos. Achávamos que você não precisava desse lembrete. Embora tenha sido tolice. Você não tinha como esquecer, não é? Mas achou que culpávamos *você*? Ah, meu querido, meu pobre menino!

Ralph olhou para ela fixamente e depois para Harding.

– Acredito, meu rapaz, que é melhor atribuir responsabilidade onde ela existe – disse Harding, com tristeza. – Eu me culpei por permitir que Thomas conseguisse um posto militar e você se culpou por colocar a ideia na cabeça dele. No entanto, foi a guerra que o matou. Não devemos culpar nem os franceses. Estavam tentando matar vocês, assim como os nossos tentavam matá-los. Eram apenas garotos comuns como você, Thomas, Max e Rowland. A culpa foi da guerra, ou talvez da condição humana que nos leva a acreditar que devemos lutar até a morte para acertar nossas diferenças.

– O senhor e a senhora são extraordinariamente gentis – disse Ralph. – Sir Marvin Courtney e lorde e lady Janes talvez vejam as coisas de modo diferente, porém. Talvez…

– Ah, não – disse lady Harding. – A morte de nossos filhos nos aproximou na dor. E todos nós sentimos o mesmo em relação a você. Lorde Janes foi visitá-lo depois que você foi para casa, mas não passou da porta. Você não estava recebendo visitas. Nem sua mãe nem seu pai recebiam; estavam perturbados demais com seu estado, suponho. Ele não voltou. Lady Courtney escreveu uma carta expressando sua tristeza para sua mãe, mas também não obteve resposta. Sua mãe, imagino eu, estava ocupada demais cuidando de você para ler cartas, ou pelo menos para respondê-las.

A dama buscou um lenço e Harding entregou o seu para ela.

– Lady Courtney morreu há alguns anos – prosseguiu ela, depois de secar os olhos. – Acho que ficou com o coração partido, embora ainda tivesse uma filha, uma jovem encantadora, aliás. Contudo nunca ouvi lady Courtney dizer uma palavra que sugerisse que culpava você, Ralph. Assim como os outros. Muito pelo contrário. Ficamos terrivelmente tristes por você. Perdeu seus três melhores amigos de uma vez e parecia provável que tivesse presenciado… suas mortes. Foi assim?

– Foi – confirmou ele. – Senhora, eles eram animados e corajosos. Eram…

– Sim – disse Harding. – Nós conhecíamos nosso filho.

– Chloe – falou lady Harding, levantando-se e puxando a campainha –, não disse nenhuma palavra. Não teve chance. Deve estar ficando deprimida com essa nossa triste história. Ouvimos dizer que seu sobrenome de solteira era Muirhead, antes de se casar com Ralph. Thomas tinha um jovem amigo muito sério com esse sobrenome na escola. Ele é parente seu?

– Graham – disse Chloe. – É meu irmão, senhora.

– Ah – disse lady Harding. – Era um garoto adorável. Nosso filho foi muito afortunado com seus amigos. Ele apreciou os anos na escola. É reconfortante lembrar isso. O que houve com seu irmão?

E, incrivelmente, na meia hora seguinte eles beberam chá, mordiscaram bolos e conversaram sobre uma série de assuntos. O visconde de Harding contou a eles sobre o irmão gêmeo, com quem sempre desfrutara de um relacionamento muito próximo. O irmão se casara tarde e tinha uma família que não parava de crescer: três meninos e duas meninas. Ficou claro para Ralph que tanto Harding quanto a esposa adoravam os sobrinhos e sobrinhas e os viam com frequência. O mais velho, claro, era herdeiro de Harding depois do pai do garoto. Os sobrinhos e sobrinhas nunca substituiriam o filho dos Hardings, mas com certeza eram uma fonte de consolo.

Lady Harding contou a Chloe que a Srta. Courtney, irmã caçula

de Max, amigo de Ralph, tinha acabado de se casar com um sacerdote do norte da Inglaterra.

– Estivemos na cerimônia – disse ela. – Foi mesmo muito linda. A noiva estava iluminada. Era compreensível, devo dizer. O marido é um cavalheiro muito bem-estabelecido, jovem e mais bem-apessoado do que qualquer religioso tem o direito de ser. Foi com certeza um casamento por amor… o melhor tipo de casamento, não concorda, Chloe?

– Concordo, senhora – disse Chloe e sorriu.

– Não devem desaparecer – falou Harding quando Ralph se levantou, pouco depois. – Agora que voltamos a nos ver e superamos o constrangimento de um longo silêncio, devemos manter contato.

– Vamos enviar convites para nosso baile na Casa Stockwood – disse Chloe. – Venham, por favor. Graham estará lá. Ficará encantado em vê-los.

Cinco minutos depois, os dois caminhavam de volta para casa, com o braço de Chloe em volta do braço de Ralph. Ele dispensara a carruagem porque Chloe garantira que apreciaria um pouco de ar fresco. Caminharam em silêncio por alguns minutos.

– Gostei deles – disse Chloe, afinal.

– O quê?

Ele parou para jogar uma moeda para um jovem varredor que limpara os dejetos de cavalo que estavam no seu caminho.

– Ah, sim. São muito agradáveis. Sempre foram.

– Espero que venham ao baile – falou ela.

– Humm.

Não falaram mais nada até chegarem em casa. Ralph tinha a sensação de que seu cérebro havia congelado.

– Chloe – disse ele, assim que a esposa pôs o pé no primeiro degrau.

Ela parou para encará-lo.

– Obrigado – disse ele. – Por ter mudado seus planos e me

acompanhado.

Ela sorriu.

– Foi um prazer.

– Eu não conseguiria ter feito tudo isso sem você.

Ela voltou a sorrir e continuou seu caminho.

Ralph entrou na biblioteca e fechou a porta. Tinha que pensar, embora naquele momento não conseguisse imaginar direito em quê. Mas não importava: era algo que precisava fazer em privacidade.



Ralph não saíra de casa. O mordomo informou que ele havia se trancado na biblioteca depois de chegar com a esposa e lá permanecia desde então. Nem sequer pedira nada à criadagem. Não fora ao quarto para mudar de roupa para o jantar. Burroughs relatou que aguardara Sua Graça com a água de barbear e roupas para a noite, mas que tinha sido em vão.

Ralph não se dirigiu à sala de jantar para a refeição e Chloe decidiu não mandar chamá-lo. Comeu sozinha e depois enviou um bilhete para Nora desculpando-se pela ausência do casal num concerto privado onde se encontrariam com Nora e lorde Keilly. Chloe passou o resto da noite sozinha, na sala de estar. Tentou ler, mas desistiu ao perceber que, em meia hora, avançara apenas três páginas sem ter a mínima ideia do que acabara de ler. Pegou o bordado e se pôs a trabalhar de forma obstinada, sem nenhum prazer.

E, pelo menos pela décima segunda vez, se perguntou se a visita daquela tarde fizera alguma diferença para Ralph. A culpa dele estaria tão enraizada que ele nunca seria capaz de superá-la? Estaria disposto a aceitar o perdão, ainda que ele não fosse necessário? Estaria pronto para voltar a viver? E, se isso fosse verdade, o que aconteceria com ela? Onde se encaixaria em sua vida? Ele se arrependeria para sempre de ter se casado com ela? E

se *não* estivesse disposto a ser perdoado, ou melhor, a perdoar a si mesmo, o que aconteceria? Poderia ela continuar a viver daquele jeito? Mas ela não tinha muita escolha, tinha?

Acabou guardando o bordado e se levantou, mesmo que ainda fosse cedo para ir para a cama. O que mais lhe restava? Sentia-se deprimida, embora não devesse. A visita daquela tarde tinha corrido muito bem, de fato. E deveria ajudar muito na libertação de Ralph.

A caminho do quarto, parou na escada e olhou para os degraus abaixo. Ele *ainda* estava na biblioteca? Ou teria saído em algum momento durante a noite, sem que ela o ouvisse? Hesitou por um longo momento e depois desceu. O criado no saguão correu na sua frente até a biblioteca e abriu a porta. Fechou-a assim que ela entrou.

As velas estavam acesas. Não havia fogo na lareira, mas não era uma noite fria. Ele se encontrava afundado numa poltrona junto à lareira. Tirara a gravata e abrira o colarinho, mas ainda vestia casaca, colete, calças e botas de cano alto, os mesmos trajes da tarde. O cabelo estava desgrenhado, como se ele tivesse passado os dedos nele algumas vezes. Um cálice quase vazio se encontrava na mesa ao lado, embora Ralph não parecesse embriagado. Bastou olhar de relance para o aparador para que Chloe se assegurasse de que todas as garrafas, menos uma, estavam cheias, e mesmo na que havia sido tocada não devia faltar mais do que uma ou duas doses.

Ele olhou para a esposa do outro lado do aposento.

– Onde moram as lembranças? – perguntou ele. – Já pensou nisso, Chloe? De repente nos lembramos de coisas que aconteceram há anos, coisas em que não pensamos desde que ocorreram, no entanto parecem tão vibrantes quanto naquele momento. Por onde andaram nesse meio-tempo? Seria de imaginar que precisaríamos de cabeças do tamanho de continentes para armazenar tudo.

Ele não *soava* como se estivesse embriagado.

– O que andou lembrando? – perguntou ela.

– Principalmente os tempos de escola – disse ele. – Costuma-se dizer aos meninos, e talvez às meninas também, que esses são os melhores anos de suas vidas, mas, quando somos jovens, desdenhamos dessas palavras e nos jogamos de cabeça na vida adulta. Odeio perpetuar um clichê, mas *foram* os melhores dias.

Chloe caminhou na direção do marido. Não havia assento perto dele. A poltrona do outro lado da lareira parecia distante demais. Ajoelhou-se junto a Ralph, afagou seu joelho e deitou a cabeça ali, o rosto virado para a lareira. A mão dele pousou na sua cabeça e os dedos brincaram com seus cachos.

– Que horas são? – perguntou Ralph.

– Dez.

– Dez? – repetiu ele, surpreso. – Perdi o jantar, não foi? Não tínhamos um compromisso com Nora e Keilly esta noite?

– Mandei um bilhete me desculpando.

– Sinto muito. Era algo em que você estava muito interessada? – perguntou Ralph. – Também abriu mão de sua visita desta tarde por minha causa.

– Não foi nenhum sacrifício – respondeu ela.

– Andei me lembrando de todas as encrencas e travessuras em que me meti com aqueles três e de todas as discussões e brigas. Todas as risadas. Das férias que passamos juntos. E daqueles primeiros dias na península Ibérica. Não foram tantos assim. Eles foram abatidos muito cedo. A realidade da guerra foi chocante, sabe, para quatro jovens recém-saídos da escola, com apenas o idealismo, a animação e a energia para mantê-los de pé. Mas houve bons momentos. Houve risos. Rimos por algum motivo no desjejum daquela manhã, mesmo sabendo o que estava por vir, e suponho que o riso estava misturado ao medo. Queria poder lembrar o motivo do riso, embora suponha que tenha sido algo bastante trivial. E então, pouco mais de uma hora depois, eu assisti às suas mortes.

A mão dele alisou o cabelo de Chloe de leve, então ficou imóvel.

Ela contemplou o carvão não utilizado na lareira. Então ouviu um som. Um riso abafado? Outra lembrança? O som se repetiu, mas então soou menos como um riso. Chloe percebeu que o marido engolia em seco.

Ergueu a cabeça e se levantou. As duas mãos foram direto para o rosto dele.

– Que diabo! – exclamou ele. – Vá embora, Chloe. Saia daqui.

Em vez de sair, ela se sentou no colo dele. Encostou a cabeça nele e o envolveu com os braços da melhor forma que pôde. E continuou a abraçá-lo enquanto o corpo dele era balançado por soluços, até que Ralph não pôde mais contê-los e permitiu que o choro viesse – eram as lágrimas pelos três amigos mortos e pelo fim da juventude.

Depois que o pranto terminou e Ralph pegou um lenço, assoou o nariz e enxugou os olhos, Chloe permaneceu abraçada a ele por longos minutos.

– Nunca chorei por eles – disse Ralph. – Nunca me senti no direito.

– Até agora – disse ela.

– É possível que eles realmente não me culpem? – perguntou Ralph. – Que nunca tenham me culpado?

– Acho que eles querem acreditar, muito acertadamente, que o filho agiu seguindo as próprias convicções, que ele insistiu em ir porque era o que *ele* queria. E os outros pais devem pensar o mesmo em relação aos filhos.

– Seria então uma estranha vaidade a minha crença de que tinha tanta influência assim sobre eles? – indagou.

Chloe hesitou.

– Sim. Acho que, se você examinar suas lembranças, Ralph, é bem possível que se recorde de que a ideia surgiu com você, mas a decisão foi tomada individualmente por seus três amigos.

Os dois ficaram em silêncio. Uma das mãos de Ralph voltou para o cabelo dela. Chloe sentiu que ele abaixava a cabeça para beijá-la.

– Suponho que você nunca será uma esposa obediente, não é?

– Um homem chorar não é sinal de fraqueza – falou ela.

– O diabo que não!

Ralph afastou a esposa do peito e fitou seu rosto. As faces dele estavam um pouco avermelhadas. A cicatriz se pronunciava.

– Espero que não tenha se incomodado tanto por eu ter ficado – disse ela. – Às vezes precisamos de companhia enquanto choramos, ainda mais quando pranteamos uma perda.

– Eles estão mortos há mais de sete anos.

– Não – disse ela. – Para você, eles acabaram de morrer.

– O que fiz para merecê-la? – perguntou ele a Chloe.

– Ah. Nada.

Ela ergueu as costas de modo abrupto e se levantou.

– Fui *eu* quem fez a proposta, se lembrar bem – ressaltou Chloe. – Foi muito audacioso da minha parte.

Ela alisou rugas inexistentes na saia.

– Fico muito feliz por ter feito isso – falou ele.

Chloe olhou para o marido, insegura. Parecia mais desgrenhado que nunca; bastante amassado, na verdade. E quase irresistivelmente deslumbrante.

– E *você* fica feliz também? – perguntou a ela.

– Claro que sim – respondeu Chloe. – Não queria passar o resto da vida sendo uma solteirona.

– É só isso? – questionou ele com um meio sorriso – Um casamento conveniente?

Ela não sabia o que responder.

– Diga-me *você* – pediu ela.

Ele se levantou, tomou a mão direita dela e passou-a por seu braço.

– Acho que é melhor irmos para a cama – disse ele. – E fazermos amor. Ainda precisamos de um herdeiro, lembra? Ou talvez venha primeiro uma menina. Adoraria ter uma filha. Acha que

ela teria o seu cabelo? Vamos providenciar uma criança. E ter algum prazer também. É agradável, não é?

Como a esposa não respondeu, ele virou a cabeça para ela e ergueu as sobrancelhas.

– É – concordou ela. – É, sim.

A mão dele estava na maçaneta. Antes de girá-la, ele abaixou a cabeça e a beijou rápida e ardentemente.

# CAPÍTULO 23



Ralph só conseguia se lembrar de uma única ocasião em que o salão de baile da Casa Stockwood fora usado com essa finalidade. Ele devia ter uns 8 ou 10 anos. Fora um baile dos avós, embora os pais houvessem recebido os convidados na maior parte da noite. Ralph e as irmãs assistiram à festança de uma galeria no andar de cima durante meia hora mais ou menos, sob a supervisão da ama. As meninas tinham ficado fascinadas com tudo e todos e mal podiam esperar até chegarem à idade de ir a um baile daqueles, porém Ralph observara os homens saudando e dobrando os joelhos para as damas, desfilando graciosamente pelo centro do salão como idiotas, e se perguntara, apavorado, se esperariam que *ele* se comportasse de forma tão ridícula.

Ele sorria com aquela lembrança enquanto olhava o salão. O piso reluzia, recém-encerado. Três grandes candelabros ainda se encontravam no chão, mas em breve as velas seriam acesas e eles seriam içados até perto do teto arqueado e muito ornamentado: dourado, com pinturas de anjos e querubins, harpas e trombetas flutuando num céu azul em meio a nuvens rosadas – uma cena que não saíra de nenhum mito clássico nem das histórias bíblicas conhecidas por Ralph. Os espelhos das paredes tinham sido polidos

até que não restasse nenhuma marca ou partícula de poeira. Folhagens ornavam as colunas em todo o aposento. Braçadas de flores e plantas o cercavam, enchendo o ar com perfumes diversos. Vários instrumentos se encontravam no tablado da orquestra.

Pelas amplas portas duplas da outra extremidade do aposento, Ralph via mesas compridas cobertas com toalhas de linho brancas que em breve estariam repletas de pratos de fruta, aperitivos e bebidas para deleitarem os convidados antes do jantar.

A mãe aparecera cheia de preocupações. Nora também. Tia Mary viera empunhando o lornhão e despejando conselhos. Vovó fizera milhares de perguntas, ansiosa. Ralph deixara claro a todas que ele e Chloe não precisavam de assistência, que tinham organizado o baile sozinhos e não previam nenhuma grande catástrofe – nem nenhuma pequena catástrofe, para falar a verdade.

Era um pouco injusto querer todo o crédito para eles, claro, pois Arthur Lloyd fizera boa parte do planejamento e a arrumação e os preparativos ficaram a cargo da governanta, da cozinheira e da criadagem.

No momento em que a mãe de Ralph apareceu para oferecer ajuda, Chloe estava fora, e ele, prestes a sair. O duque agradecera e recusara a oferta de ajuda. Então a condessa viúva se acomodara na sala de estar e encarara o filho por um bom tempo.

– Ralph, você voltou? Está *mesmo* de volta?

Ninguém poderia condená-lo caso não entendesse que raios ela estava dizendo. Mas ele *entendera*.

– Sim – dissera. – Estou de volta, mãe.

Ela fechara os olhos e respirara fundo.

– Foi Chloe quem fez isso? É um bom casamento afinal de contas, não é?

– É muito bom – garantira ele. – Fiz uma visita ao visconde de Harding e à esposa. Chloe me acompanhou. E escrevi para sir Marvin Courtney e para lorde e lady Janes.

– Você não foi responsável pelo que aconteceu com os filhos

deles, Ralph – dissera a mãe. – Seu pai e eu lhe repetimos isso sem parar.

– Parece que os pais deles concordam com a senhora – contara ele. – Sinto muito, mamãe. Devo ter lhe causado anos de sofrimento… e a papai também. Queria muito poder dizer isso a ele. Queria…

Mas a mãe se colocara de pé.

– Ralph – dissera, com a severidade de que ele se lembrava da infância, quando fazia alguma travessura. – Não deve fazer *isso*. Sim, seu pai ficou infeliz porque *você* estava infeliz e não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer para reconfortá-lo. Mas você não teve nenhuma relação com sua breve doença e seu falecimento. Ele sempre o amou e *sempre* o compreendeu, mesmo nos momentos em que se sentiu mais impotente. Não permitirei que sinta culpa por causa de seu pai ou por minha causa. Terá os próprios filhos um dia… em breve, espero… e então compreenderá como os pais anseiam por ver os filhos felizes e nunca, jamais, desejariam que fossem infelizes por *sua* conta.

As palavras dela, a intensidade com que as proferira, surpreenderam Ralph. Como conhecera pouco os pais, percebeu com alguma tristeza. *Era* triste no caso do pai, pois já não havia nada que ele pudesse fazer para cultivar um relacionamento mais próximo. Mas não era tarde demais para a mãe. E era hora de observá-la não com o olhar egoísta de um menino, mas com a visão mais madura de um homem que podia enxergá-la e a si mesmo como uma pessoa, com todas as suas imperfeições.

Ele a abraçara de forma calorosa na despedida. Não podia se lembrar da última vez que fizera isso.

Contemplou o salão naquele momento e sorriu ao avistar as portas envidraçadas parcialmente abertas para a sacada. Teriam que ser fechadas em breve, por mais agradável que fosse o ar fresco, pois o rei poderia aparecer. Chloe tinha reagido quase a

ponto da histeria ao receber a notícia, mas logo se recobrara, acertara a postura e erguera o queixo.

– Que assim seja – dissera a esposa, com um brilho marcial nos olhos.

Fora tudo. Ela não precisara dizer mais nada. Chloe, ele acreditava, sempre enfrentaria seus medos. Ralph não saberia dizer se ele havia contribuído de algum modo para isso, mas com certeza não era o comportamento que apresentara no ano anterior, ao fugir de Londres diante dos primeiros mexericos. Talvez ele exercesse *mesmo* uma influência positiva sobre ela, da mesma forma que ela exercia uma influência positiva sobre ele. Duvidava que houvesse tido coragem de procurar Harding se não fosse pela esposa.

Sua esposa!

Era hora de subir e ver se ela estava pronta para o baile. Os primeiros convidados chegariam dentro de aproximadamente meia hora. E haveria muitos para receber. De todos os convites que enviaram, só haviam recebido quatro respostas negativas, e cada uma viera com um bilhete pessoal lamentando a ausência. A expectativa era que quase todos apareceriam, e ainda seria inevitável que outros tantos se esgueirassem sem ter sido convidados. Este baile ia ser um dos mais concorridos da temporada, perspectiva que o deixaria horrorizado dois meses antes.

A mãe tinha toda a razão, pensou ele enquanto subia a escada. Ele estava de volta. Sentia-se como se tivesse acabado de tirar um grande fardo dos ombros. Parecia mais leve. Sentia-se mais jovem. Sentia-se da sua idade, na verdade – tinha apenas 26 anos.

O estranho era que, nas últimas semanas, o luto – pelos amigos, por todos os homens de seu regimento que morreram enquanto ele estava na península Ibérica, pelo pai, pelo avô – havia se intensificado até se tornar doloroso, ao mesmo tempo que sua sensação de culpa se esvaía. Porém, tudo o que ele sentia se tornara mais intenso.

Estava apaixonado por Chloe.

Sim, estava – louca e intensamente apaixonado, mesmo que se esforçasse muito para não parecer um idiota demonstrando isso. Seus sentimentos eram mais que meramente românticos ou sexuais – embora nenhuma dessas duas coisas parecessem ser *meras*.

Ele a *amava.*

Não havia palavras para expressar aquele estado. Apenas era *isso*. Ele a amava. Supunha que houvesse demonstrado o que sentia, ou pelo menos uma leve sombra, nas últimas semanas. Com certeza não se esforçara para ocultar nada. Mas um dia, em breve, ele teria que dizer alguma coisa, mesmo se fosse apenas aquele enorme clichê: *eu te amo*. As palavras, ele compreendia, em especial as que expressavam emoções, eram importantes para as mulheres. Queria que não fosse assim, mas era.

Um dia, em breve, ele diria a ela.



Apesar da tensão de organizar um baile para a aristocracia durante a temporada londrina de eventos sociais – tendo até a expectativa de que o rei fizesse uma de suas raras aparições –, do fato de alguns convidados (e do encontro entre eles) a deixarem um pouco tonta e de a noite ainda não ter chegado à metade, podendo ainda acontecer algum desastre, apesar disso tudo, Chloe estava feliz.

Conscientemente feliz.

Tinha enfrentado seu pior medo semanas antes e não fora tão terrível, afinal de contas. Seu pai parecera apreensivo e até derramara uma lágrima quando ela contara sobre a visita ao marquês de Hitching. Porém, depois que ela o abraçara com força e dissera que ele sempre seria seu pai amado, ele chorara mais e a abraçara, dizendo que ela era uma boa pessoa e tinha agido da forma certa. E lá estava ele, no baile, com Graham, Lucy e o Sr.

Nelson, apesar de ter sido avisado de que o marquês também aceitara o convite.

O marquês chegara bastante cedo com a família. Apertara a mão de Chloe na fila de entrada e sorrira. A marquesa inclinara a cabeça, balançando as plumas, e murmurara algo distante e educado. Lady Angela parecera ligeiramente desdenhosa, mas dera boa-noite a Chloe com educação. O visconde de Gilly tomara sua mão, levara até os lábios e a chamara de irmã com um brilho zombeteiro no olhar, mas sem malícia perceptível.

Minutos depois, Chloe vira seu pai querido apertar a mão do marquês e apresentar Graham.

A avó de Ralph, de luto fechado, chegara com tia Mary, que resplandecia em púrpura, com um enorme turbante na cabeça e um lornhão incrustado de joias. As duas se acomodaram numa saleta perto do salão de baile, onde estavam outros convidados idosos.

O duque de Stanbrook comparecera, assim como lorde e lady Trentham. Lá estavam também diversos membros da família de Gwen e amigas dela – acompanhadas dos maridos – a quem Chloe fora apresentada num chá da tarde: o conde e a condessa de Kilbourne, o marquês e a marquesa de Attingsborough, o visconde e a viscondessa de Ravensberg, lorde e lady Aidan Bedwyn, o duque e a duquesa de Bewcastle. Qualquer um diria que as damas eram grandes amigas suas, pensou Chloe, embora tivesse encontrado algumas delas apenas naquele chá.

Ela pertencia àquele mundo.

Usava um vestido de noite verde-esmeralda que mandara fazer especialmente para agradar à duquesa viúva. Mavis fizera maravilhas com seus cachos, que foram um pouco mais aparados. E Chloe exibia brincos e um colar com um pingente de esmeralda que ganhara de Ralph no início do dia. Sentia-se segura de estar elegante e bonita e já não via a necessidade de esconder a vibração da cor de seus cabelos e desaparecer no cenário. Não sabia se a

sociedade acreditava ou não que ela fosse filha do marquês de Hitching – nem se importava.

Estava feliz. Havia pensado que ficaria apenas satisfeita com o casamento e, na verdade, teria ficado, se o acordo com Ralph se mantivesse dentro dos termos originais. Mas existia tanto mais. Ah, nunca deveria esperar mais do que já possuía; já havia o suficiente para fazê-la feliz.

Ralph se tornara outro homem. Os olhos não pareciam inexpressivos nem distantes. Fora perdoado – ou, no mínimo, tinham lhe garantido que o perdão não era necessário, porque nenhuma falta fora cometida. Porém o mais importante de tudo – de importância infinitamente maior, na verdade – era que ele se perdoara. Talvez também houvesse reconhecido que nunca fora o responsável pela presença dos amigos na península Ibérica e na linha de fogo, como sempre insistira em acreditar.

Estava em paz consigo mesmo. Não significava que tivesse deixado de prantear aqueles três, nem que algum dia deixaria de fazê-lo. Nem significava que não continuaria a sofrer os danos de sua ida à guerra, de ter matado, de ter sido gravemente ferido, de ter testemunhado atrocidades indizíveis, tudo aos 18 anos. Mas pelo menos ele se encontrava de novo no mundo dos vivos.

Ele a estimava, acreditava Chloe. Ainda levavam vidas quase separadas durante o dia, como era comum entre a aristocracia nos meses de primavera, e compareciam aos eventos sociais noturnos. Ainda faziam amor todas as noites. Ah, mas a natureza do amor mudara. Alguns de seus encontros eram breves, outros mais prolongados. Alguns eram tranquilos, outros mais intensos. Às vezes conversavam, outras não. Às vezes – quase todas, na verdade – ele tirava a camisola dela antes ou pouco depois de começar. Ele quase sempre dormia com um braço sob seu pescoço ou em torno da cintura dela ou mesmo com uma perna enganchada na de Chloe. Era como se tivesse necessidade de tocá-la. O ato não parecia ter *apenas* o objetivo de gerar um filho.

Não era amor. Ela não poderia, nem cometeria o erro de pensar que era. Se fizesse isso, apenas abriria caminho para o sofrimento. Mas era… algo. Havia algum afeto ali. Tinha certeza. Havia algum vínculo emocional entre eles. E bastava. Ela faria com que bastasse.

Estava feliz.

Chloe e Ralph tinham aberto o baile dançando juntos, numa quadrilha. Depois viera uma contradança lenta com o pai. Ela ficara com Graham e o duque de Stanbrook antes do terceiro grupo de danças, logo depois de cumprimentar um par de convidados atrasados, e esperara que um deles a chamasse para dançar. Mas, antes que qualquer um deles pudesse falar, o marquês de Hitching se curvou e lhe pediu a vez.

– Suponho – disse ela, quando a formação da dança juntou os dois e permitiu um momento de conversa em particular – que sejamos objeto de curiosidade.

– Isso a incomoda? – perguntou ele.

– Não – assegurou ela, balançando a cabeça. – De modo algum. Estou feliz que tenha vindo.

A música os separou de novo.

– Fico feliz que tenha voltado a Londres depois do ano passado – disse ele, quando tiveram outra oportunidade de falar. – E que tenha feito um bom casamento. Um casamento *feliz*, se eu não estiver enganado. Sua mãe devia ter muito orgulho de você, Chloe. Ficaria especialmente orgulhosa esta noite.

Ela sorriu, mas não contou que costumava deixar a mãe mais constrangida do que orgulhosa.

Na sequência, Chloe dançou com lorde Aidan Bedwyn e estava dançando com lorde Keilly, seu cunhado, quando uma pequena comoção perto da entrada anunciou a aparição lá embaixo, no saguão, da grande comitiva que precedia a chegada do rei. Chloe correu para a entrada enquanto a música parava abruptamente e todos se dirigiam aos cantos, ansiosos e vibrando de expectativa.

O pobre rei, conhecido de forma zombeteira como Prinny antes da morte do pai, costumava ser impopular quando era apenas o príncipe regente. Não tinha se tornado mais popular com os anos. Entretanto, ele *era* o rei da Inglaterra e tê-lo em um evento era considerado um feito e tanto.

Apesar de se esforçar, Chloe sentiu que os joelhos vacilavam enquanto ela descia a escada de braço dado com Ralph.

O rei era um homem imenso, aumentado pelo excesso de comida, bebida, vaidade e presunção. Era também capaz de exibir um charme juvenil que o tornava adorável, pensou Chloe depois que fez uma profunda reverência e o monarca pegou sua mão entre as dele, deu um tapinha afetuoso e elogiou a anfitriã pela aparência, pela casa e pelo marido.

Ele a acompanhou devagar escada acima, arfando a cada passo. No salão de baile, permaneceu segurando a mão de Chloe enquanto meneava a cabeça em todas as direções em reconhecimento aos súditos que o saudavam: os cavalheiros abaixando a cabeça e as damas fazendo mesuras. Comentou que o salão parecia um jardim particularmente belo, recusou a taça de vinho oferecida por Ralph, gesticulou para que a orquestra voltasse a tocar e se despediu, acompanhado por todo o seu séquito.

A visita acabou em dez minutos. Quando Chloe e Ralph retornaram ao salão depois de saudarem e reverenciarem a procissão real que partia, os casais já tinham voltado a dançar e alguém abrira todas as portas envidraçadas.

– Bem, este é um acontecimento que poderemos usar para causar assombro e admiração nos nossos netos – disse Ralph, rindo para Chloe. – Quando o descrevermos em todos os mínimos detalhes, cada vez que nos visitarem.

Ela riu para ele e algo cálido e maravilhoso, que não podia ser descrito em palavras, se passou entre os dois. E era sem dúvida a noite mais feliz de sua vida, pensou Chloe um momento antes de olhar atrás do ombro de Ralph.

O que ela viu atrás dele foi um grupo muito atrasado, formado apenas por cavalheiros, todos convidados. Todos, menos um.

A exceção era lorde Cornell.



Ralph reparou na presença de Cornell alguns minutos mais tarde, quando Chloe fora apresentar um rapaz magro e cheio de espinhas a uma jovem corpulenta e tímida cuja mãe se encontrava ocupada demais trocando mexericos com um grupo de senhoras mais velhas. Os proclamas para a união daqueles dois estariam correndo em um mês, pensou Ralph, achando graça ao ver o rapaz corar e a jovem se tornar encantadora ao sorrir com evidente alívio. E o mérito seria todo de Chloe.

Foi então que avistou Cornell e ergueu seu monóculo. O sujeito parecia embriagado, embora não fizesse nada muito extravagante. Apenas ria alto demais com seu grupo de amigos. Deveriam solicitar que fosse embora, pois Ralph vetara seu nome da lista preparada por Lloyd. No entanto, seria horrível criar uma situação daquelas em público. Poderia causar mais mal do que bem. Contudo, ficaria de olho em Cornell e garantiria que ele não se aproximasse de Chloe a ponto de perturbá-la. Quanta impertinência!

Ralph, porém, não pensou em ficar de olho em Lucy Nelson.

Durante o jantar, todos desfrutaram de um suntuoso banquete e se demoraram para alguns discursos e brindes, pois o baile era, por natureza, uma recepção de casamento também. A maioria das pessoas já voltava para o salão e os músicos da orquestra afinavam os instrumentos quando Ralph ouviu um grito abafado vindo da direção das portas envidraçadas.

Quando chegou à sacada, algumas pessoas estavam reunidas ali e Hugo e o duque de Bewcastle desciam a escada até o jardim. Alguém lá embaixo (alguém do sexo feminino) estava bem zangado. Era Lucy, Ralph logo percebeu, enquanto seguia os outros dois.

– A dama – dizia uma voz masculina – parece ter medo do escuro.

O jardim não estava totalmente às escuras; algumas lamparinas tinham sido acesas para a conveniência de quem desejasse escapar do calor do salão por alguns minutos.

– Desci quando os discursos começaram – falou Lucy, dirigindo-se, um tanto chorosa, aos recém-chegados. – É a noite mais maravilhosa, mais empolgante da minha vida, e eu precisava de alguns minutos para recuperar o fôlego. Mas então *ele* veio atrás de mim e tentou me obrigar a fazer coisas muito inapropriadas.

– A dama se equivocou – explicou Cornell, parecendo achar graça. – Eu também estava passeando. Ela não deve ter me visto no escuro e levou um susto quando lhe dei boa-noite.

– *E* ele disse coisas horríveis no parque outro dia, quando Chloe estava comigo – contou Lucy, olhando para Ralph. – Chamou-a de deleitável duquesa, e a mim, de irmã escandalosa. E acusou Chloe de conseguir se casar com você fazendo o mesmo que m-mamãe fez com o m-marquês de Hitching. Ele… Ele não é *uma boa pessoa*.

– A dama leva a sério demais o que não passa de pequenas provocações bem-humoradas – retrucou Cornell.

Hugo trovejou. Era a única palavra que poderia descrever o som que produziu com a garganta.

– Hugo – disse Ralph, de olho em Cornell, a quem conseguia ver nitidamente apesar da luz fraca –, por gentileza, acompanhe minha cunhada de volta ao salão.

Porém, Bewcastle já conversava com ela, num tom de voz que parecia quase entediado, embora fosse um pouco mais alto do que o normal, para ser ouvido com clareza pelos convidados que haviam se juntado na sacada.

– Foi uma aranha particularmente grande, suponho, hã… Sra. Nelson? – disse ele. – Não, não precisa se sentir tola. Eu mesmo não teria apreciado a experiência. Talvez permita que eu a acompanhe até o salão e me dê a honra da próxima dança.

– Ah! – exclamou Lucy, que parecia ter perdido o fôlego. – O senhor é o duque de Bewcastle. Ah, sim. Obrigada. Tenho *mesmo* um pouco de medo de aranhas, especialmente das grandes e de pernas bem compridas.

Bewcastle a levou dali.

– Já está na hora de se despedir, Cornell – sentenciou Ralph. – Da minha casa e da minha vida. E, com toda a certeza, da vida da minha esposa e da minha cunhada.

– Isso não passou de um equívoco, Worthingham – argumentou Cornell.

– Sim, já sugeriu isso mais de uma vez – disse Ralph. – Eu não era o responsável pela honra de minha esposa há seis anos, Cornell, nem mesmo no ano passado. Estava preparado para deixar que seu mau comportamento em relação a ela passasse em branco, desde que mantivesse distância dela este ano e em todos os que vierem. Contudo, parece que você *não* conseguiu manter distância nem da minha esposa nem da Sra. Nelson.

Cornell riu.

– Quer lavar a honra, Worthingham? – perguntou ele. – Quer escolher o padrinho para resolvermos essa questão?

– Pode contar comigo, Ralph – falou Hugo, atrás dele.

– Mas só luto com cavalheiros, Hugo – disse Ralph. – Por outro lado, eu *castigo* vermes.

– Não, você não – disse outra pessoa, e Ralph cerrou os olhos por um segundo.

Graham Muirhead! Sem dúvida tinha aparecido para se lançar entre os combatentes e insistir que se abraçassem e fizessem as pazes.

– Fique fora dessa, Graham – ordenou Ralph.

– Não há a menor chance – rebateu Graham, já passando pelo cunhado. – As damas em questão são *minhas irmãs* e eu protejo o que é meu.

Com tais palavras, dignas de uma peça ruim de Freddie Nelson,

o religioso nocauteou Cornell com um soco no queixo que derrubaria até um carvalho.

– Muito bem, rapaz! – exclamou Hugo, admirado.

Ralph olhou um tanto estarrecido para o cunhado. Na escuridão, não conseguia ver direito seu rosto, mas a voz soou um pouco acanhada quando ele voltou a falar.

– Bem, imagino que isso resolva *uma* questão – disse Graham. – Eu o matei?

Ralph olhou para Cornell, estatelado no chão.

– Não acredito que os mortos consigam gemer – ponderou ele. – Mas não foi por falta de empenho, Graham. Vou ficar ressentido. Queria a satisfação de ter feito isso eu mesmo.

– Melhor voltar para seus convidados, Ralph, e abafar qualquer especulação maliciosa sobre o que aconteceu – lembrou Hugo. – Embora eu imagine que ninguém vá se dar o trabalho de contradizer a explicação de Bewcastle sobre aranhas. Reparou nos olhos dele? Brilho de prata gélido e selvagem. Duvido que alguém, algum dia, já tenha tido coragem de contradizê-lo. Volte ao salão também, Muirhead. Não quer carregar o peso de um assassinato em sua consciência. Não enquanto for sacerdote.

Hugo então se virou para o homem caído.

– Venha comigo, rapaz. Não pode ficar gemendo aí no chão a noite inteira. Mostre alguma força. Pegue minha mão para eu ajudá-lo. Mostrarei onde fica a saída. Deve haver uma porta em algum lugar, imagino eu, que leve direto para a rua. Assim você será poupado de constrangimentos.

– Só um conselho, Cornell – disse Ralph, antes de seguir a sugestão de Hugo. – Fique longe da duquesa de Worthingham e da Sra. Nelson pelo resto da vida. Caso contrário, talvez eu não possa conter o reverendo Muirhead.

Pouco depois, Ralph avistou Freddie Nelson ainda na sala de jantar. Gesticulava de forma extravagante enquanto falava com

grande animação para um pequeno grupo que parecia preferir estar no salão de baile.

Lucy bailava com Bewcastle e conseguia parecer ao mesmo tempo triunfante e aterrorizada. Chloe dançava com George do outro lado do salão e sorria para *ele* com um olhar inquieto.

Ralph piscou para a esposa e lhe deu um sorriso – e de repente a expressão feliz da mulher foi tão atordoante que ele quase perdeu o equilíbrio.



– Graham fez isso? – indagou Chloe, fitando Ralph sem acreditar. – *Graham?*

Chloe não tivera oportunidade, na última hora, de perguntar ao marido o que acontecera, embora estivesse bem claro que *algo* acontecera. Houvera rumores no salão de que lorde Cornell insultara Lucy no jardim. Mas os cochichos não haviam se espalhado em forma de fofoca e talvez isso não chegasse a acontecer. O duque de Bewcastle primeiro acompanhara Lucy de volta ao salão e dançara com ela, depois se dirigira à sacada e, erguendo seu monóculo incrustado de joias, confrontara o grupo que se juntara ali. Ao que tudo indicava, ao ser empunhado pelo nobre em questão, o monóculo se transformava numa das armas mais letais da alta sociedade. Ou pelo menos fora isso que Gwen sussurrara no ouvido de Chloe – e a anfitriã da festa bem que podia acreditar. Nem imaginava como a tão bem-humorada duquesa conseguia viver com ele. Um olhar daqueles olhos prateados seria capaz de congelar uvas na videira. Embora ele *tivesse* tomado a iniciativa de ajudar Lucy e inventar a história sobre a aranha. Agora segurava uma das mãos de sua duquesa entre as dele, com a cabeça inclinada na sua direção enquanto ela sorria e conversava.

– Foi um soco certeiro, perfeito, como jamais vi – narrou Ralph, em resposta à pergunta de Chloe. – Foi um privilégio testemunhá-lo,

embora eu preferisse resolver tudo com minhas mãos, devo confessar. Hugo acompanhou Cornell até a rua. Não acredito que ele volte a perturbá-la, ou a Lucy.

– Obrigada – disse ela. – Mas *Graham*?

Ele abriu um sorriso.

– Já disse como está linda?

– Estou? – perguntou ela. – Não estou… colorida demais? Algumas pessoas talvez achem que eu deveria estar de preto.

– Minha mãe não acha – garantiu ele. – Nem minhas irmãs. E você está usando esse tom particularmente vibrante para atender a um pedido específico de minha avó. Devo cumprimentá-la pelo bom gosto, aliás. É perfeito. Quanto ao cabelo… bem, parece que você vai ter que manter essa cor e eu vou ter que ficar olhando para ela até que nós dois estejamos velhos e grisalhos.

– Ui – disse ela.

– Estou ansioso para envelhecer com você, Chloe. No tempo correto, quero dizer. Estou ansioso para primeiro ser jovem com você, depois ser de meia-idade. Estou ansioso para passar minha vida inteira com você. Promete não morrer antes de mim?

Ela não sabia se ria ou se chorava.

– Só se *você* prometer não morrer antes de mim – disse ela.

Ele riu baixinho.

– Faremos tudo juntos, então, não é? – perguntou ele, levantando a cabeça para olhar o salão.

Estava muito tarde – ou muito cedo, dependendo do ponto de vista. Vovó e tia Mary tinham ido para casa depois do jantar, e um grupo dos convidados mais velhos partira na mesma hora. Mas a maioria permanecera. Faltava só uma música – uma valsa. Houvera duas outras valsas durante a noite. Chloe dançara a primeira com lorde Easterly, seu tio, e a segunda com o visconde de Gilly, que tinha sido perfeitamente agradável, sem fazer mais nenhuma referência ao relacionamento dos dois. E observara Ralph dançar a

primeira valsa com a marquesa de Attingsborough e a segunda com Lucy.

Faltava uma dança.

Uma valsa.

Então se despediriam de todos os convidados, mandariam os criados para a cama em vez de pedir que limpassem tudo primeiro, decretariam que o baile fora um sucesso retumbante apesar do incidente desagradável com lorde Cornell e iriam para a cama. No dia seguinte, suas vidas normais, cotidianas, recomeçariam. Ralph recebera a carta de convocação do gabinete do lorde chanceler e assumiria seu assento na Câmara dos Lordes dentro de uma semana. E, no final da temporada, os dois voltariam para Manville Court, para casa e…

Chloe estava cansada demais para pensar além disso. E sentia-se deprimida, de uma forma inesperada, inexplicável. Estava apenas exausta, supôs.

Um cavalheiro cujo nome lhe escapara da memória parou diante deles, trocou algumas palavras com Ralph e então pediu a Chloe a honra de conduzi-la na valsa. Os casais já se reuniam no centro do salão.

– Tarde demais, Fotheringham – disse Ralph. – Já pedi a mão da duquesa para esta dança e nada me convenceria a voltar atrás.

Chloe virou a cabeça para sorrir para ele, o cansaço e o desânimo – e lorde Fotheringham – esquecidos.

– A última valsa – disse ela.

– Enfim.

Ralph encarou a esposa com os olhos semicerrados.

– É o diabo ser o anfitrião de um baile, Chloe, quando só há uma dama no recinto com quem se tem o desejo de dançar e ela é, por acaso, a sua esposa. Estou fadado a me transformar num chato, desinteressado de toda companhia feminina, exceto da minha duquesa? É o bastante para causar tremores.

– Isso é *verdade*?

Ela umedeceu os lábios. Ainda não havia se acostumado com aquele novo estado de espírito do marido.

– Temo que sim.

Ele abriu, lentamente, um sorriso para ela.

– E temo que não chegaremos a tempo para a última valsa se eu não parar de tagarelar. Venha.

Então Ralph tomou a mão de Chloe, pousou-a no punho de seda de sua camisa e a conduziu até o centro do salão, para se juntarem aos dançarinos já a postos. Lucy tagarelava e, com um brilho nos olhos, contemplava Freddie Nelson, que, com seu jeito lânguido e meio sorridente, lhe dedicava toda a atenção. Gwen, com uma das mãos no ombro de lorde Trentham e a outra unida à mão dele, ria de algo que ele dissera. Conseguira *dançar*, reparou Chloe, apesar do tornozelo ruim. A viscondessa de Ravensberg, com a mão do marido em sua cintura, dizia algo ao conde de Kilbourne, que tinha sua condessa nos braços – a primeira esposa, a noiva rejeitada e o noivo juntos no salão e nitidamente à vontade uns com os outros. Lady Angela Allandale fora para o salão com o jovem mais bem-apessoado de seu séquito de admiradores, que a cercaram a noite inteira.

Então a orquestra tocou um acorde e a música começou.

Chloe se sentira conscientemente feliz no início da noite. E recuperou aquele estado de espírito enquanto Ralph a fazia girar e ela seguia as deixas dele pelo salão como se o destino dos dois sempre tivesse sido valsar juntos. Mas não era só felicidade o que ela sentia naquele momento. Era… ah, era o momento mais feliz da sua vida. Nada poderia ser mais perfeito do que aquilo.

Nada poderia ser mais perfeito do que perfeito.

Ela sorriu diante daquele pensamento enquanto ouvia a música, os passos dos bailarinos e o farfalhar das sedas, enquanto observava as cores das roupas rodopiantes, o brilho das joias e o cintilar das velas. O perfume das flores e das folhagens pairava forte

no ar. Um bem-vindo toque de frescor chegava das portas envidraçadas quando passavam perto delas.

Não exatamente perto.

Ralph passou pelas portas com ela, dançando, até chegarem ao frescor abençoado da sacada vazia. Então parou e olhou para o rosto da esposa, sem soltá-la.

– Fui um debatedor na escola – disse ele. – Um dos bons. Persuasivo. Sempre podia encontrar as palavras corretas.

Ela sorriu, um pouco insegura. O que ele…?

– Sempre falei de improviso, seguindo meu coração em vez de usar um roteiro, como outros garotos – prosseguiu ele. – Funcionava para mim. Eu falava com paixão.

Chloe ergueu as sobrancelhas. Era para entender…?

– Não consigo pensar em uma palavra sequer para dizer… – prosseguiu ele.

Então ela compreendeu. Ah, sim, com uma imensa onda de alegria, ela compreendeu.

– … além de *eu te amo*. Podem ser palavras ridículas, desprovidas de significado. Clichês. Inadequadas. Constrangedoras. O problema, Chloe…

Ela levantou a mão e pousou a ponta dos dedos nos lábios dele.

– Mas são as palavras mais belas de nossa língua quando estão unidas – disse ela. – Ouça bem. Eu te amo. Eu te amo, Ralph.

Ele franziu a testa.

– Se acha que eu estava tentando fazer com que…

Ela voltou a colocar os dedos em seus lábios.

– Não estou – declarou ela. – Talvez pense que eu ainda esteja me prendendo aos termos de nosso trato… sem vínculos emocionais ou coisa parecida. Fui uma idiota. Você também. Eu te amo. E agora precisa dizer isso para mim ou vou desaparecer na escuridão do constrangimento e jamais deixarei meu esconderijo. Ah, não fique aí me encarando como se eu tivesse duas cabeças. Estou me sentindo… mummm.

Sua fala foi interrompida pela boca de Ralph.

Em seguida, ele voltou a contemplá-la naquela penumbra.

– Você é a coisa mais preciosa que aconteceu na minha vida – disse ele.

Chloe passou os dedos de leve sobre a cicatriz no rosto dele e sorriu.

– Acho que é melhor voltarmos para os nossos convidados – falou ela. – Além do mais, esperei a noite inteira pela chance de dançar uma valsa com você. Detestaria desperdiçar esta oportunidade.

Ele parecia um garoto, atraente e deslumbrante com aquele sorriso desinibido no rosto. Chloe nunca se cansaria daquela expressão, pensou ela quando ele a beijou mais uma vez, rapidamente, e a fez girar pela sacada e pelas portas para se juntarem aos familiares, amigos e pares.

Ela nunca se cansaria *dele*. *Daquilo.* Do casamento e daquela vida. Do amor que, por uma espécie de milagre, os dois nutriam.

Ralph ainda sorria para ela, como se não houvesse mais ninguém no salão.

– Valsarei com você pela vida afora, Chloe. Eu prometo.

– Que afirmação tola! – falou Chloe, rindo. – Farei questão de cobrar.

SOBRE A AUTORA



**MARY BALOGH** nasceu e foi criada no País de Gales. Ainda jovem, mudou-se para o Canadá, onde planejava passar dois anos trabalhando como professora, porém se apaixonou, casou e criou raízes definitivas do outro lado do Atlântico.

Sempre sonhou ser escritora e tinha certeza de que, no dia em que escrevesse um livro, seria ambientado na Inglaterra do Período da Regência. Quando sua filha mais nova tinha 6 anos, Mary finalmente encontrou tempo para se dedicar ao antigo sonho. Em apenas três meses, a primeira versão de seu romance de estreia estava pronta.

Publicada em 1985, a obra deu a Mary o prêmio da *Romantic Times* de autora revelação na categoria Período da Regência. Em 1988, ela passou a se dedicar apenas aos livros.

Hoje, Mary é presença constante na lista de mais vendidos do *The New York Times* e vencedora de diversos prêmios literários.

Sua série Os Bedwyns foi publicada no Brasil pela Arqueiro e já vendeu mais de 100 mil exemplares.

W W W . M A R Y B A L O G H . C O M

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES

# O PRETENDENTE

*conto*

ARQUEIRO

# O PRETENDENTE

*conto*

MARY BALOGH



CLUBE DOS SOBREVIVENTES

# O PRETENDENTE

*conto*

ARQUEIRO

Título original: *The Suitor*

Copyright © 2013 por Mary Balogh
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*O pretendente* foi publicado originalmente apenas na versão e-book, nos Estados Unidos, pela Dell Books, uma marca da Random House, divisão da Random House LLC, em 2013.

*tradução:* Lúcia Brito

*preparo de originais:* Rodrigo Sánchez

*revisão:* Rebeca Bolite e Sheila Louzada

*diagramação:* Carolina Araújo | Ilustrarte Design

*capa:* Renata Vidal

*imagens de capa:* Lee Avison/ Trevillion Images (foto);
pikisuperstar/ Freepik (fundo floral);
Annie Sauvage (ornamento camafeu)

*adaptação para e-book:* Marcelo Morais

Balogh, Mary
O pretendente [recurso eletrônico] / Mary Balogh; tradução de Lúcia Brito. - 1. ed. - S
Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital (Clube dos Sobreviventes; 1.5)

Tradução de: The Suitor
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-980-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brito, Lúcia. II. Título. III. Série.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

# CAPÍTULO 1



Philippa Dean estava sentada de lado no assento de janela estofado do quarto, seu local favorito na casa que o pai havia alugado em Londres para a primavera, a fim de que ela pudesse ser apresentada à sociedade. Os pés estavam unidos à frente e a mão direita, que segurava uma carta aberta, repousava sobre o joelho. A outra carta jazia esquecida no colo. Ela fitava o jardim lá embaixo, embora não estivesse realmente vendo nem as flores, nem a grama, nem as árvores.

O que se via era um futuro repleto de felicidade.

E aquele exato momento era o começo desse futuro. Aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Ergueu a mão e olhou a carta de novo, embora já soubesse o texto de cor depois de tê-la lido no mínimo umas dez vezes.

Julian estava vindo para Londres.

Chegaria em uma semana, talvez um pouco mais. Certamente não mais do que duas.

E, quando papai o visse de novo, descobriria as mudanças que dois anos haviam forjado e não teria mais nenhuma objeção a ele como pretendente da filha. Julian teria permissão para cortejá-la

publicamente e, depois de um intervalo decente, faria o pedido. Então se casariam e viveriam felizes para sempre.

Por um momento Philippa sentiu uma pontada de ansiedade, pois seu desejo ainda não fora alcançado, é claro, e, como vovó gostava de dizer, não era bom contar com os ovos antes que a galinha os pusesse. Mas ela se recusava a permitir que um velho ditado bobo abalasse seu estado de espírito. Havia esperado dois longos anos por esse momento, ou melhor, pelo momento que se aproximava.

Nada – com certeza! – poderia dar errado.

Julian *tinha* mudado. Também era inegavelmente um bom partido. E agora ela estava com 18 anos, em vez de 16. Estava em idade de se casar. De fato, tinha vindo a Londres exatamente por isso. Era a temporada social, e ela fora trazida à cidade para encontrar um marido apropriado.

Papai a amava, assim como mamãe. Queriam que ela arranjasse um *bom* casamento, é claro. Ela era a mais velha de cinco filhos; todos precisariam ser adequadamente encaminhados nos próximos anos, e papai, apesar de bem de vida, não era riquíssimo. Mas igualmente importante para os pais era que ela tivesse um casamento em que suas afeições fossem contempladas, um casamento em que ela fosse feliz. Haviam dito isso repetidas vezes.

Philippa inclinou a cabeça para o lado, repousando-a no vidro da janela. Suspirou fundo, feliz.

Julian estava chegando – lá da Cornualha. Ela o veria de novo. Fechou os olhos e lembrou do corpo alto e ágil, do rosto bonito e vivaz com o sorriso levemente torto, dos olhos escuros, muitas vezes intensos, dos cabelos castanhos sempre desgrenhados de um jeito atraente, como se ele tivesse acabado de correr ao vento. Será que essas lembranças correspondiam à realidade?, ela às

vezes se perguntava. Dois anos era um tempo horrivelmente longo. Será que ele tinha mudado? Como estaria agora?

Será que ele acharia que *ela* havia mudado? Philippa esperava que sim, pois havia crescido desde que se viram pela última vez. Na ocasião era uma menina. Agora era uma mulher.

Olhou a carta, leu-a mais uma vez e a dobrou bem, da forma como havia chegado, dentro da correspondência de Barbara. Barbara Redford, a amiga mais próxima de Philippa em Bath, era prima de Julian por parte de mãe. Fora por intermédio dela que os dois haviam se conhecido e depois trocado cartas por dois anos, uma correspondência clandestina e condenável entre um cavalheiro solteiro e uma jovem que nem havia saído da sala de aula.

Philippa esperava que, quando *ela* tivesse filhas da idade que tinha agora, lembrasse que era possível se apaixonar com uma devoção tão resoluta que continuaria inabalável por toda a vida. Seu amor por Julian não diminuíra nem um pouco em dois anos. Nem o dele por ela. Ele escrevera religiosamente todos os meses, embora qualquer um soubesse que escrever cartas não era um hábito comum entre os homens.

Ela puxou os pés para um pouco mais perto do corpo e passou os braços em volta dos joelhos. Olhou com mais atenção para as flores da primavera que desabrochavam no jardim.

Philippa ficara deslumbrada com o esplendor da corte ao fazer seu début duas semanas antes, e seu baile de apresentação à sociedade fora mais maravilhoso do que poderia imaginar. Havia dançado todas as músicas e recebera nada menos que oito buquês de flores na manhã seguinte. Só teria sido mais perfeito se Julian estivesse lá, mas ele achara mais sensato esperar um pouco antes de ir a Londres. Os pais dela poderiam ficar desconfiados se ele aparecesse cedo demais, escrevera Julian. Na verdade, poderiam nem tê-lo convidado para o baile, já que o pai dela ficara *muito*

contrariado com ele dois anos antes. Isso teria sido horrível. Desastroso.

Agora ele estava chegando – antes que os admiradores de Philippa pudessem se transformar em pretendentes sérios e complicar tudo.

Ela se perguntou a que baile ele escolheria ir primeiro. Considerou que vestido usaria para a ocasião e como penteaaria o cabelo.

Mas os pensamentos felizes foram interrompidos por uma batida à porta do quarto. A mãe entrou sem esperar por um convite. Philippa sorriu enquanto dobrava a carta de Barbara em torno da de Julian e as enfiava debaixo da almofada em que estava sentada.

A mãe parou antes de se aproximar.

– Ah, Philippa, você está com uma aparência *tão* boa. Parece radiante, embora tenhamos chegado em casa depois das duas da manhã. Está se divertindo, não está?

– Estou, mamãe. Mais do que nunca.

– Se você está feliz *agora* – disse a mãe sorrindo maliciosamente –, espere até eu contar o que o correio da manhã trouxe para seu pai. Philippa, o que você acharia de ser *viscondessa*? Viscondessa Darleigh.

Philippa olhou petrificada para a mãe, o sorriso congelado enquanto vasculhava a memória.

– Não conheço nenhum visconde Darleigh.

A mãe atravessou o quarto e se sentou na ponta da cama da filha.

– Ele mora em Middlebury Park, em Gloucestershire. É uma propriedade bastante famosa, tanto pela magnífica mansão como pelo vasto parque com belas paisagens. E dizem que a fortuna do visconde é enorme. Ele é neto da Sra. Pearl.

A Sra. Pearl era amiga de vovó Dean em Bath. Embora tivesse se mudado havia algum tempo, lembrou-se Philippa, para morar

com a filha na casa do neto.

*Que era cego*.

– Ele é cego, pobre cavalheiro – disse a mãe, afastando qualquer possibilidade de que Philippa estivesse enganada. – Perdeu a visão em batalha na Espanha ou em Portugal, onde era oficial de artilharia. Ainda é bem jovem. A mãe dele acha que está na hora de ele se casar.

Philippa umedeceu os lábios repentinamente secos.

– Mamãe...

– Seu pai recebeu um convite para todos nós passarmos uma semana ou duas em Middlebury Park. O pobre cavalheiro não tem condições de vir à cidade e não pode ser assoberbado por grupos muito grandes em casa. Somos os únicos convidados. A Sra. Pearl enviou uma carta com o convite. Ela assegurou a papai que, apesar de sua condição, o visconde é bonito e apresentável.

– Mamãe...

– Philippa. – A mãe se inclinou ansiosa na direção dela. – Essa é uma oportunidade *maravilhosa* para você. Um sonho tornado realidade. Você poderia estar noiva um mês depois do début, casada antes do final da temporada. Pense que sorte incrível seria. Poderíamos deixar a casa de Londres mais cedo e voltar para Bath. Você poderia ser a viscondessa Darleigh, senhora de Middlebury Park, mais rica e influente do que imaginaria em seus sonhos mais loucos. Você *teria* influência. Sem dúvida seu marido dependeria de você em todas as coisas. É lamentável, verdadeiramente trágico, que ele seja cego. Mas, se ele é bonito e apresentável, não duvido que você venha a se afeiçoar. Você sempre foi sensível e terna. É bondosa e gentil. Seria um partido fantástico para você. Mal acredito que possa ser verdade.

– Mas acabo de debutar. – Philippa estava quase sussurrando. – Mal comecei a fazer amigos aqui. Aceitamos convites para quase todos os dias no próximo mês. Mamãe, estou *feliz* aqui.

– Claro que está – concordou a mãe. – Você se saiu muito bem, e não duvido que, se ficássemos aqui, papai recebesse mais de uma oferta adequada por sua mão antes do final da temporada. No entanto, provavelmente *não* seria acompanhada de um título, de uma grande propriedade e de uma fortuna fabulosa. Você é de excelente berço e linhagem, tanto por parte de seu pai quanto pela minha, é claro, e papai pode oferecer um dote respeitável. E você é muito bonita. Mas, não sendo filha de um nobre nem possuir recursos suficientes, você sabe que não pode aspirar a um marido com um título ou uma grande fortuna. Ou ao menos não poderia na ordem habitual das coisas. Mas agora a oportunidade caiu em seu colo, e tudo isso e muito mais pode ser seu. Um triunfo como este não vale o sacrifício de algumas semanas da temporada? Talvez até a temporada inteira, se você for bem-sucedida? E não consigo ver por que *não seria*. Fomos convidados com o propósito específico de apresentar uma possível noiva para lorde Darleigh.

– Eu realmente preferiria permanecer aqui, mamãe...

– Philippa. – A mãe ficou de pé e deu alguns passos para mais perto dela. Parte do brilho desaparecera do rosto da jovem. – Você sempre foi uma boa menina, uma filha obediente e irmã amorosa. Pense no seu pai agora. Ele não é de conversar, nem mesmo comigo, mas sei que se preocupa com o futuro, com o fato de não ter condições de prover o que deveria para as meninas e para Everett e Oswald. Everett fala sobre seguir carreira militar depois de terminar a escola, e é claro que está interessado em um regimento de prestígio. E sempre presumimos que Oswald entre para a igreja; nesse caso, terá alguns anos em Oxford ou Cambridge primeiro. Pense no que você poderia fazer por suas irmãs como lady Darleigh. Pense como seria triste para elas se não pudessem ter uma temporada como a sua, se não tivessem a oportunidade de conhecer maridos adequados. Philippa, por favor. Pelo bem de

papai. Ele está tão satisfeito com essa oportunidade lisonjeira para você. E tão aliviado também.

Philippa sentiu-se fisicamente doente.

Julian deveria ter vindo no começo da temporada, afinal. *Ele* era um bom partido. Era neto do falecido duque de Stanbrook e sobrinho e herdeiro presumível do atual duque, seu tio, que perdera o único filho nas guerras e a esposa pouco depois, e assegurara a Julian que não teria outros filhos. E Julian tinha uma fortuna mais do que razoável independentemente de suas perspectivas futuras. Possuía uma propriedade considerável e fazendas na Cornualha que enfim prosperavam.

Ele era mais do que adequado, bastava conseguir convencer papai de que não era mais o jovem devasso, selvagem e endiabrado que tinha sido enviado para Bath dois anos antes, quando Londres ficou quente demais para ele. O mesmo endiabrado que fora descoberto sentado em Sydney Gardens em uma noite de gala segurando a mão de Philippa, então com 16 anos.

Mas isso tinha sido há dois anos. Há uma eternidade. Agora Julian era perfeitamente adequado e estava a caminho de Londres para cortejá-la e pedir a mão dela.

Entretanto, como ela poderia dizer isso à mãe? Até onde seus pais sabiam, Philippa não o tinha visto nem ouvido falar dele por dois anos. E, mesmo que dissesse que Barbara havia mencionado na carta daquela manhã que Julian viria a Londres, sua mãe ficaria muitíssimo descontente, pois se lembraria dele como ele era, ou como *parecia* ser, quando papai o mandara embora – e Philippa tinha sido enviada para o quarto para dois dias de reflexão em silêncio. E, mesmo que a mãe *não* ficasse descontente depois de todo esse tempo, não entenderia que Julian estava vindo porque havia amado Philippa resolutamente por dois anos e que o sentimento ainda perdurava, e porque ia convencer papai de que

era um pretendente digno da mão dela, que dois anos tinham feito toda a diferença em seu caráter, posição e meios.

A mãe também não entenderia que *ela* havia amado *Julian* o tempo todo sem vacilar – mesmo durante as duas últimas semanas em que estivera rodeada de jovens cavalheiros bonitos, charmosos e adequados que poderiam facilmente ter virado sua cabeça.

Ela não podia dizer nada disso à mãe.

O que podia fazer? O que podia dizer?

Nada, é claro. Absolutamente nada.

– Quando devemos partir? – perguntou.

Talvez fosse um convite para o verão.

A mãe sorriu para ela de novo.

– Esta semana. Ah, meu amor, estou *tão* feliz por você. E Middlebury Park não é tão longe de Bath. Poderemos visitá-la depois do casamento. Não creio que a Sra. Pearl teria descrito o visconde como bonito e apresentável a menos que realmente fosse, já que saberemos por nós assim que chegarmos lá, não é? Creio que ele vai amar você, pois você é muito doce, e ele fica muito confinado na própria casa. E você vai se afeiçoar também. Sei que vai. É fácil amar as pessoas que dependem de nós, sabe? Nós amamos nossos filhos por essa razão, como você sem dúvida descobrirá por si em um ano ou dois.

Ela se inclinou e abraçou a filha, que a abraçou de volta – e foi preenchida do topo da cabeça à ponta dos pés com tristeza e total desespero. De repente aquele era o *pior* dia de sua vida.

O honorável Julian Crabbe fez uma pausa em Bath na jornada desde a Cornualha, onde planejava passar alguns dias com seu tio e tia. Lá interceptou uma carta cuja remetente temia que ele não a

recebesse em absoluto. Ela a enviara dentro de um bilhete para Barbara, prima dele, com a tênue esperança de que chegasse à Cornualha antes de ele partir em viagem. Não era longa, mas o breve conteúdo foi devastador para as esperanças que o haviam sustentado por tanto tempo.

Philippa fora levada ainda na semana em que havia escrito para Middlebury Park, em Gloucestershire, onde seria apresentada como possível noiva para o visconde Darleigh, cego. Ela estava lá naquele momento.

A cautela de Julian havia sido sua desgraça – desgraça *deles*. Ele estava muito atrasado. Havia passado dois anos refazendo a vida, revertendo a merecida notoriedade que as transgressões juvenis haviam lhe garantido antes de deixar Londres para se recolher em Bath. Havia passado dois anos se transformando em alguém que os Deans considerariam digno de sua filha quando ela tivesse idade suficiente para se casar. Não tinha sido fácil, pois não o veriam como um estranho quando se apresentasse a eles, mas como o selvagem descarado que o Sr. Dean havia flagrado em Sydney Gardens um segundo antes de Julian perverter sua jovem filha. Pelo menos era o que o homem tinha pensado, e quem poderia culpá-lo? Philippa tinha 16 anos, ele era seis anos mais velho do que ela e dono de uma reputação maculada.

Julian estava *segurando a mão dela*. Não tinha intenção sequer de beijá-la. Estava bem ciente de que ela ainda era apenas uma colegial. Mas... Bem, havia a má reputação, e ele tinha sido totalmente responsável por adquiri-la.

Ele tinha sido um rapazote selvagem e imprudente que havia experimentado todos os vícios imagináveis – mas nunca tinha sido mulherengo. Esperava uma temporada tediosa em Bath, especialmente porque a prima Barbara mostrava uma tendência a ficar sempre por perto como se a chegada dele fosse a coisa mais

excitante que já tivesse lhe acontecido. Mas Julian havia gostado dela mesmo assim e gostado ainda mais da amiga dela.

Philippa Dean era meiga, modesta, radiante, alegre e notavelmente bonita. Julian desfrutou de sua companhia por várias semanas, até que de repente lhe ocorreu que estava se apaixonando. Foi uma percepção alarmante e espantosa. Ela era jovem demais para a corte, e ele também. Mas ainda que não fossem, ele não estava em posição de cortejá-la. Mal tinha um centavo em seu nome.

Mas o amor, descobriu Julian, não seguia as leis da lógica.

Assim, quando o bom senso substituiu o espanto, ele decidiu deixar Bath e voltar para a Cornualha. Ele a levara a um local mais reservado após o concerto naquela grande gala lotada em Sydney Gardens a fim de se despedir – e então descobriu que os sentimentos de Philippa eram tão profundos quanto os dele. Mas nada aconteceria, ele havia decidido. Pegou a mão enluvada de Philippa para dizer adeus e, ironia das ironias, naquele exato instante o pai dela encontrou-os e tirou conclusões muito compreensíveis.

Poderia ter sido o fim. De todo modo Julian sentiu-se terrivelmente culpado por metê-la em apuros, pois não duvidava de que o fizera, e escreveu uma carta de desculpas que contrabandeou por intermédio de Barbara.

Ela escreveu de volta.

E assim começaram a correspondência secreta.

Ele nunca deixou de amá-la. Teria deixado sem as cartas? Supunha que fosse possível, até provável. Mas corresponderam-se, e assim havia o amor deles, agora com dois anos e de modo algum esmaecido. Pelo contrário.

Julian, todavia, tentou dar um desconto à juventude de Philippa, permitir que ela conhecesse outros cavalheiros aceitáveis antes que o visse novamente. Daí a decisão de não chegar cedo demais a

Londres, quando ela enfim tinha 18 anos e estava prestes a debutar. Philippa deveria ter um tempinho, decidiu Julian, para descobrir se seu coração de fato era dele, como ela acreditava que fosse.

Não havia mais nenhuma questão sobre as qualificações dele, graças a Deus. As circunstâncias de sua vida haviam mudado, e isso o ajudou a se transformar. O pai havia morrido seis meses após o incidente em Bath, e Julian teve condições de começar a trabalhar na difícil tarefa de trazer de volta à propriedade e às terras na Cornualha algo parecido com o esplendor e a prosperidade de que desfrutavam antes do duque de Stanbrook, avô de Julian, deixá-las para o filho mais novo em testamento. Lorde Charles Crabbe, o pai de Julian, vivera uma vida de gastos e esbanjamento e negligenciara sua herança, exceto para sacar cada centavo dos aluguéis que extorquia de arrendatários cujas reclamações legítimas haviam sido ignoradas durante anos.

Julian havia trabalhado arduamente para reverter o resultado de um longo abandono e naquele ano esperava obter um lucro decente de suas fazendas e terras arrendadas, ainda que não fosse uma fortuna. O próximo ano traria retornos mais altos, e o ano seguinte ainda mais. Ele cuidaria pessoalmente disso.

Entretanto, mesmo agora Julian não estava sem fortuna. A avó materna, que morrera apenas um mês depois do pai, havia deixado metade de seu considerável patrimônio para a mãe dele e metade para ele. Assim, Julian tinha algo sólido com que convencer o Sr. Dean de que era um pretendente digno – bens provenientes do trabalho árduo e da riqueza herdada. E, é claro, havia as expectativas, pois seu tio, o atual duque de Stanbrook, não mostrara nenhuma inclinação para se casar de novo desde a morte de tia Miriam e, portanto, nenhuma inclinação para assegurar a sucessão em linha direta. Julian tinha a probabilidade de um futuro ducado para acenar ao Sr. Dean.

Mas agora tudo havia mudado. Ele havia esperado demais, e Philippa seria prometida ao visconde Darleigh.

– Você ficou branco – disse Barbara de seu lugar ao lado dele na mesa do café da manhã. Ela colocou a mão sobre a dele. – Más notícias. Eu sei. Ela me contou no bilhete.

Estavam sozinhos ali, os tios de Julian haviam se retirado da sala para tratar de seus afazeres.

– Ela dirá não – garantiu Barbara. – Vai se recusar a casar com ele e então voltará para Londres, onde você estará à espera.

– Não. – Ele redobrou o bilhete cor-de-rosa em suas oito dobras. – Já ouvi falar de Middlebury Park, Barbara. É uma das maravilhas da Inglaterra. O dono é um visconde, e não tenho dúvidas de que seja tremendamente rico. E está em busca de uma noiva. Philippa foi convidada para ir lá com a família especificamente para a inspeção dele. Ele não vai rejeitá-la nessas circunstâncias, vai? Ele se comprometeu, e os Deans também quando aceitaram ir até lá.

– Mas ele é *cego* – disse Barbara.

Julian pegou e desdobrou o bilhete outra vez.

“Não posso dizer não se ele fizer uma proposta”, Philippa havia escrito. “*Não* posso, Julian. Mamãe enfatizou que é meu dever fazer isso pelo bem de papai. E é um dever por *amor*. Eu poderia resistir se ele fosse um tirano, ou se mamãe fosse. Mas não é o caso. E minhas irmãs estão empolgadas com a possibilidade de eu casar com um visconde e ter condições de patrocinar débuts deslumbrantes quando for a vez delas. Ah, Julian! Minha única esperança é que ele *não* proponha, e farei tudo em meu poder para garantir exatamente isso. No entanto, não sei como fazer, nem mesmo se *poderei* fazê-lo. Posso apenas tentar.”

Julian redobrou a carta com cuidado meticuloso e levantou-se.

– O que você vai fazer? – perguntou Barbara. – Vai voltar para casa?

Alguma coisa naquilo inquietava a mente de Julian. Ele levantou a mão para pedir um minuto e franziu a testa enquanto pensava. Darleigh. Cego. *Seria possível?*

– Durante as guerras, meu tio, o duque de Stanbrook, abriu a casa para oficiais que se recuperavam de ferimentos sofridos em batalha – disse Julian. – Ele perdeu meu primo nas guerras, você sabe, e depois tia Miriam. Suponho que esse era o jeito dele de se manter ocupado e... curar a si mesmo.

– Sim – disse Barbara. – Lembro de você nos contar.

– Alguns deles ficaram por vários anos. Um era cego e muito jovem. Gostaria de me lembrar do nome. Seria Darleigh? Por Deus, era. Lembro de meu pai certa vez fazer uma piada sobre "dileto Darleigh". Era *ele*, Barbara. Não tinha o título quando foi para Penderris Hall. Recebeu-o depois. Foi quando meu pai fez a piada.

– E agora ele vai se casar com Philippa. Ah, Julian, sinto *muito*.

Ele olhou para ela, a testa ainda franzida.

– Middlebury Park. Não fica muito longe daqui. E eu estive com ele uma vez, quando fui a Penderris com meu pai.

– Em que você está pensando, Julian? – perguntou Barbara depois de um longo silêncio.

– Estou pensando que tenho um conhecido nas redondezas de Middlebury Park que venho querendo visitar faz tempo. Estou pensando que seria cortês passar por lá enquanto estou na vizinhança para prestar meus respeitos a lorde Darleigh, amigo de meu tio.

– Você tem um conhecido por perto? – perguntou ela, arregalando os olhos... e depois estreitando-os de novo. – Ah, é claro que não tem. Mas o que você espera conseguir indo lá, Julian?

Dar um murro na cara de Darleigh? Um cego? Grande crédito isso lhe renderia. Dar um murro na cara de Dean? Melhor ainda. Limparia sua reputação por toda a eternidade. Jogar Philippa sobre

o seu cavalo e galopar para cruzar a fronteira rumo a Gretna Green? Um plano maravilhosamente maduro.

Mas ele tinha que ir. Não podia permanecer ali de braços cruzados ou voltar para a Cornualha enquanto todas as suas esperanças e sonhos – seu próprio ser – eram despedaçados sem que ele tivesse controle algum sobre isso.

– Não faço ideia – disse Julian à prima, sendo bem sincero.

# CAPÍTULO 2



Middlebury Park de fato era uma mansão imponente, seu bloco central de pedra cinzenta era ladeado por alas compridas com torres redondas e altas em cada extremidade. Havia jardins formais na frente e, em uma das laterais, um lago e uma ilha após trechos gramados em declive, pontilhados por árvores antigas.

Era o suficiente para infundir terror mesmo no mais intrépido coração.

– Ah, Philippa – disse a mãe, a voz sussurrada pelo assombro enquanto a carruagem avançava pela estrada reta em direção à casa. – Você vai ser *dona* deste lugar.

– A proposta ainda não foi formalizada – disse o pai com mais cautela. Virou a cabeça e sorriu com carinho para a filha mais velha, estendendo a mão para apertar a dela, fria. – Mas sem dúvida será.

As duas irmãs de Philippa e a governanta vinham atrás em uma segunda carruagem. Philippa sentiu um desejo avassalador de estar com elas de novo, de volta à sala de aula, onde a vida era enfadonha, mas segura. Por um instante tentou imaginar como estaria se sentindo naquele momento se não tivesse conhecido Julian. Estaria cheia de expectativa e empolgada, mesmo com o visconde Darleigh sendo *cego*? Mas era uma pergunta impossível

de responder, pois ela *conhecera* Julian, de modo que seu coração estava aflito e pesado de pavor.

As portas da frente se abriram e derramaram senhoras no momento em que as carruagens pararam no terraço. Philippa reconheceu no meio delas a Sra. Pearl, amiga da vovó e avó do visconde. Logo foram envoltos em cumprimentos e apresentações, enquanto as meninas e a governanta foram conduzidas para o interior.

A Sra. Pearl apresentou-as à Sra. Hunt, sua filha e mãe do visconde, e às três irmãs dele, cujos nomes Philippa esqueceu no instante em que ouviu. Philippa tinha um sorriso radiante no rosto, e todas olhavam para ela com sorrisos idênticos e franca curiosidade. A Sra. Pearl conclamou a filha a concordar que não exagerara a beleza da senhorita Dean, e a Sra. Hunt declarou que de fato ela não o fizera.

Então foram levados para a sala de visitas, um cômodo magnífico com vista para o jardim, onde foram apresentados aos maridos das irmãs, e houve mais sorrisos, apertos de mão e reverências.

Então todos abriram espaço, pois havia outro cavalheiro mais afastado na sala, perto das janelas. Visconde Darleigh. Philippa ficou dolorosamente consciente da atenção de todos direcionada ao primeiro encontro deles.

Ela fez uma mesura e murmurou o nome dele.

Ele se curvou e murmurou o dela.

Ele tinha altura ligeiramente acima da média, era esguio e elegante. Tinha cabelos loiros ondulados e um rosto bonito e amável. Os olhos grandes e muito azuis eram – triste ironia – seu melhor atributo.

Philippa sentiu o coração pesar ainda mais – se é que isso era possível. Esperava um homem feio, grosseiro, mal-educado, desleixado e mal-humorado, embora a Sra. Pearl o tivesse descrito

de modo bem diferente. Ela ainda assim teria sentido pena de tal homem, supôs, pois não conseguia imaginar aflição muito pior do que a cegueira. Mas pelo menos a mãe e o pai teriam reconhecido sua inadequação como marido para ela e encontrado uma maneira de resgatá-la. Afinal de contas, eles a amavam. Queriam um casamento feliz para ela, bem como vantajoso.

O visconde não era grosseiro. Começou a conversar com os pais dela, perguntando sobre a jornada, esperando que não tivesse sido tediosa. Desculpou-se por tirá-los de Londres no momento em que eles – e a Srta. Dean – deveriam estar aproveitando os entretenimentos sociais da temporada. Esperava que sua estada em Middlebury Park e a companhia de amigos compensassem o que perderiam na cidade.

O visconde Darleigh era charmoso, bonito e tinha a incrível capacidade de olhar na direção da pessoa com quem conversava quase como se pudesse enxergá-la. Andava com a ajuda de uma bengala, mas com uma confiança surpreendente. Era claro que aprendera a lidar com a cegueira pelo menos dentro dos limites da própria casa.

Se as circunstâncias fossem diferentes, Philippa admitiu ao longo do dia, ela poderia muito bem ter ficado feliz em se apaixonar por Vincent Hunt, visconde Darleigh.

Mas seu coração já estava comprometido.

Philippa notou algumas coisas interessantes no visconde, talvez porque estivesse observando-o bem de perto, esperando desesperadamente encontrar uma maneira de se safar de um casamento com ele. Ele não gostava de ser tratado como cego. A solicitude com que sua mãe e irmãs o tratavam o incomodava. Philippa não tinha bem certeza de como sabia disso, pois o visconde tinha o cuidado de sorrir e agradecer cada vez que faziam algo por ele. Mas ela *sabia*, assim como sabia que ele ficava irritado com a mudança no tom de voz delas sempre que falavam com ele.

Falavam gentilmente, como quem se dirige a uma criança ou um inválido. Elas tendiam a usar as mesmas frases com bastante frequência – *entendo* e *não me importo* – para assegurar que cuidar dele não era problema algum. Philippa pôde ver os lábios dele contraindo-se ligeiramente a cada vez. Era incômodo para *ele*, se não para elas.

E, com o passar do primeiro e segundo dias, aumentou nela a suspeita de que a ideia de encontrar uma noiva, de fazer com que *ela* fosse lá para sua aprovação, não tinha sido do próprio. Ele tinha cinco parentes mulheres próximas – a mãe, a avó e as irmãs – que claramente o adoravam e dariam a vida por ele se tal sacrifício fosse necessário. O visconde era sufocado por elas. E agora queriam uma esposa para que *ela* também o sufocasse com amor e carinho.

Pobre cavalheiro!

Como Philippa poderia escapar de se tornar essa esposa? Como poderia estar de volta a Londres antes que Julian chegasse lá e fosse embora de novo? Será que sua carta tinha chegado a tempo, antes que ele partisse de casa? E se não tivesse? O que ele pensaria se chegasse a Londres e ela não estivesse lá? Eles haviam esperado dois anos. E a felicidade enfim estava quase ao alcance. Mas *quase* não era perto o suficiente. *Não conte com os ovos antes da galinha*. Ela desejou que a avó nem sempre fosse tão certeira com os velhos ditados.

O problema é que a estada em Middlebury Park estava sendo realmente bom. Era bom ser enfim tratada como adulta, ser incluída nas conversas, ter os comentários e opiniões solicitados e ouvidos.

Mas com excessiva frequência ela era empurrada para a companhia exclusiva do visconde Darleigh, mesmo que estivessem em um recinto com outras pessoas, como quase sempre estavam. Mamãe era sempre meticulosa quanto ao fato de ela estar devidamente acompanhada. Mas todos, inclusive a mãe,

inventavam maneiras de fazer com que os dois conversassem quase em particular.

Ela ficava sem fala e sem fôlego com ele, como não ficava com todos os demais, e incapaz de pensar em qualquer coisa, exceto as mais banais para dizer. Quando deu por si, estava simplesmente concordando com o que ele falava. O problema era ele ser cego? Ou o fato de que ela não queria encorajar as investidas dele? Ou de que ela com certeza teria gostado do visconde se não tivesse que se casar com ele? Mas o grande desconforto que sentia na presença daquele homem acabou por lhe dar uma ideia. Uma ideia bastante desonrosa que ainda assim evoluiu para um plano concreto.

Claro, ela *poderia* ter dispensado um plano e simplesmente contado a verdade. Ela estava quase certa de que ele ficaria aliviado, de que ele não queria se casar com ela tanto quanto ela não queria se casar com ele. Mas estar *quase* certa era o suficiente?

E se ela estivesse errada?

Então colocou o plano em prática.

Começou a concordar com ele de propósito sobre tudo. Passou a falar lentamente e a usar um tom de atenção silenciosa, como a mãe e as irmãs faziam. Sempre que possível, oferecia ajuda quando sabia que ele não precisava.

Ela se sentiu péssima. E logo percebeu que não estava errada na impressão sobre ele. A cortesia gentil e sorridente era em grande parte um escudo por trás do qual Vincent escondia as frustrações, talvez até mesmo a raiva, de um homem que não podia enfrentar o mundo em igualdade com os demais. O que a espantava era como todos os demais não haviam notado.

Ela poderia ter tentado ser amiga dele. Uma amiga era do que ele precisava naquela casa. Mas não ousou. Não ousou ser mal

interpretada e forçada a se casar. Não que tivesse certeza de que não seria forçada assim mesmo.

Ah, se chegasse a esse ponto, ela *teria* que contar para ele. Ele precisava mais do que uma amiga na figura da esposa, e como ela poderia atender a essa expectativa quando seu coração pertencia a outro homem?

As coisas chegaram ao auge na tarde do terceiro dia, quando os dois foram mandados para o jardim parterre, enquanto a camareira de Philippa ficava discretamente no terraço mais ao longe em nome das aparências. Philippa podia apostar que havia mais de um par de olhos observando-os sorrateiramente da sala de visitas acima. Ela não ergueu os olhos para ver.

Ficaram sentados, embora houvesse uma brisa fresca. Estavam cercados por tulipas e íris em solo recém-revolvido. Era trágico que ele não pudesse ver tanta beleza. Conversaram educadamente sobre vários tópicos, ou pelo menos ele falou algumas coisas e ela concordou. Philippa sentia-se mortalmente deprimida, pois a família dele tinha sido extremamente gentil com ela, seus pais e até mesmo com suas irmãs, que haviam sido convidadas para tomar chá na sala de visitas na véspera. A mãe estava nas nuvens de tão feliz por ela, como havia dito na noite passada quando estivera em seu quarto. Estava encantada com a aparência, as boas maneiras e o comportamento do visconde Darleigh, como tinha todos os motivos para estar. E falou do noivado como fato consumado. Tudo o que ela questionava era quantos dias se passariam antes que ele se declarasse. Com certeza não mais do que dois ou três.

Houve uma breve pausa na conversa.

Philippa apertava as mãos com força no colo. Sentia o coração martelando no peito. Será que devia simplesmente *agir*? Contar a verdade? Dizer que gostava dele, mas que nunca poderia se casar com ele? Mas como fazer isso? Ele nem havia feito o pedido ainda.

E se ele não tivesse intenção de fazê-lo? Seria melhor que um buraco se abrisse no jardim e ela fosse parar na China.

– Acredito piamente – disse lorde Darleigh em sua voz agradável e cortês – que o mundo científico está envolvido em uma conspiração perversa contra as massas nos últimos séculos, Srta. Dean, a fim de nos convencer de que a terra é redonda. É claro que é inegavelmente plana. Até um tolo pode ver isso. Se alguém caminhasse até a borda, cairia e nunca mais seria visto. Qual a *sua* opinião?

Ela virou a cabeça bruscamente para fitar o perfil dele. Ah, ele sabia do jogo dela e estava tentando forçá-la a ficar vulnerável. Com toda certeza. Ele *não* poderia estar falando sério. Certamente Philippa agora podia relaxar, rir e perguntar se ele estava tão desesperado para sair daquela situação planejada por seus pais quanto ela.

Mas ser espontânea diante de um estranho era muito mais difícil do que parecia. Pois havia uma mínima possibilidade de ele *estar* falando sério. E se ela risse dele...

Bem, ela simplesmente não podia arriscar.

– Tenho certeza de que você está certo, milorde – disse ela.

E desejou que *ele* risse e perguntasse se *ela* estava tão desesperada quanto ele para se livrar daquela farsa.

Em vez disso, ele sorriu educadamente e perguntou se o vento estava frio demais para ela.

Ela ficou um pouco zangada, um pouco desnorteada. Ele estava jogando tanto quanto ela. Estaria esperando que *ela* falasse a verdade primeiro? Era muito injusto da parte dele. Mostrava falta de cavalheirismo.

Mas talvez ele acreditasse que ela realmente era uma burra.

Philippa colocou as pontas dos dedos na manga dele e falou com sua voz mais doce e pausada. Ela realmente estava muito brava.

– Não me importei de vir aqui, sabe, lorde Darleigh. Mesmo que eu estivesse aguardando ansiosamente há tempos por minha primeira temporada em Londres e não me lembre de ter sido mais feliz do que estava na noite do meu baile de début. Mas sei o suficiente sobre a vida para entender que fui trazida para cá não *só* por diversão. Mamãe e papai explicaram que oportunidade maravilhosa esse convite é para mim, assim como para minhas irmãs e irmãos. Não me importei de vir, sinceramente. De fato, vim de bom grado. Eu *entendo* e *não me importo* nem um pouco.

Se *isso* não o fizesse se expor, ela não sabia o que faria.

– Você vai pensar que sou atrevida – acrescentou por precaução – embora eu não costume ser tão franca. Apenas pensei que você precisava saber que não me importo. Pois talvez você tenha medo de que eu me importe.

Talvez, pensou Philippa, ela estivesse apenas cavando um buraco cada vez mais fundo para si mesma. Pois era possível que tivesse lido todos os sinais da maneira errada. Se assim fosse, então ela com certeza havia se comprometido com o futuro que mais desejava evitar.

Desejou que ele virasse a cabeça e risse dela. Aquele homem não poderia pensar que ela estava falando sério. Era um clichê ambulante.

Então ele ficou de pé, e ela segurou-o pelo braço e o guiou deliberadamente pelo caminho em direção à casa, embora ele estivesse de bengala e mais cedo a tivesse usado sem percalços para encontrar o caminho.

Philippa realmente havia selado a própria desgraça.

*Ah, Julian!*

Ela estremeceu no frio do vento.

À primeira vista, Middlebury Park foi intimidante para Julian – o muro externo coberto de hera que se estendia até onde o olhar alcançava de ambos os lados dos portões, depois a longa e tortuosa entrada através do bosque denso, e então a visão repentina da mansão imponente e dos jardins formais diante dela, com gramados bem cortados estendendo-se para as duas laterais. Era o final da manhã, e a neblina do amanhecer havia evaporado, já substituída pela luz do sol.

Ele ainda não sabia exatamente o que esperava ao ir lá. Mas pelo menos tinha sua história bem estruturada em mente. Esperava que não parecesse irremediavelmente esfarrapada.

O mordomo pareceu hesitante quando Julian apresentou seu cartão e pediu para ver o visconde Darleigh. Ele ia verificar se sua senhoria estava em casa, disse o empregado, e foi embora, deixando Julian no corredor de azulejos com teto alto, lareiras de mármore de ambos os lados e estátuas de mármore – e um lacaio silencioso.

Era uma sala destinada a diminuir os visitantes, pensou Julian – e funcionava admiravelmente bem. Não que ele fosse se intimidar caso realmente estivesse de passagem para visitar um conhecido e amigo do tio a fim de prestar seus respeitos, como seria completamente possível.

Julian sentia o coração martelar contra as costelas, como se fosse algum tipo de impostor. Philippa estava hospedada ali. Conseguiria vê-la? Mas com qual finalidade? Será que já era tarde demais? Mas tarde demais para *o qu*ê? Ele tinha chegado até ali sem nenhum plano claro.

Darleigh simplesmente o receberia em uma sala particular, apertaria sua mão, ofereceria algo para beber, conversaria educadamente por algum tempo e depois o mandaria embora? Julian permitiria que isso acontecesse? Mas o que poderia fazer para impedir?

– Venha comigo, senhor. – O mordomo havia retornado sem fazer ruído.

Julian foi conduzido para a ala oeste da casa e ao longo de um corredor largo até pararem do lado de fora de portas duplas altas, que o mordomo abriu.

– O honorável Sr. Julian Crabbe, senhora – anunciou ele.

A sala – um recinto grande e confortável que Julian presumiu ser a sala de estar da família – estava cheia de pessoas. Uma delas, uma dama de meia-idade, estava de pé e vindo na direção dele, a mão direita estendida, o semblante ansioso e aflito.

– Sr. Crabbe, como vai? O que pode me dizer sobre Vincent?

Vincent? Ele se sentiu estúpido por um momento, e também atordoado. Isso porque dois dos presentes na sala eram o Sr. e a Sra. Dean, sentados em frente à porta, perto da lareira. E do outro lado da sala, perto da janela, afastada de todos os demais, estava Philippa, o rosto atônito voltando-se para ele.

Deus do céu. Tudo o mais fugiu de sua mente, embora ele não ousasse virar a cabeça para olhar diretamente para ela. No entanto, sabia que o rosto dela estava branco como papel, tão pálido quanto seu vestido de musselina.

Vincent, ele percebeu, voltando a si em sobressalto, era o visconde Darleigh. Vincent Hunt.

– Como está, senhora? – Ele pegou a mão da dama e curvou-se sobre ela. – Lorde Darleigh é amigo do meu tio, o duque de Stanbrook. Eu o conheci em Penderris Hall quando ele estava lá se recuperando dos ferimentos de guerra. Estou indo visitar amigos nessa parte do país e passei para prestar meus respeitos. Espero que não seja um momento inconveniente.

Os ombros dela caíram.

– Peço desculpas, Sr. Crabbe. Pensei que você talvez trouxesse notícias do meu filho.

– Ele não... está aqui? – perguntou Julian. – Peço desculpas por me intrometer entre vocês, senhora.

Com sua visão periférica, ele pôde ver Philippa imóvel como uma estátua.

– Não há de que se desculpar – replicou a senhora mais velha rapidamente. – Sinto muito que você tenha saído de seu caminho para nada. Ele não está aqui.

– Talvez ele tenha simplesmente ido passar o dia em algum lugar, mamãe, e tenha esquecido de nos avisar – disse uma jovem de seu assento à esquerda de Julian.

– Com o baú, metade das roupas e o criado? – questionou um cavalheiro de pé diante da lareira. – Para não falar da carruagem de viagem, do cocheiro e de quatro cavalos? Dificilmente, Ursula.

– Anthony! – interveio bruscamente outra jovem senhora.

– Ele fugiu – disse o homem chamado Anthony. – Foi isso que ele fez. Eu disse no café da manhã e repito.

– Anthony! – A mesma jovem senhora parecia mortificada.

– Ele realmente foi embora – disse a Sra. Hunt em tom resignado e cansado.

Julian sentiu-se muitíssimo constrangido... e algo mais também, que ele ainda não tinha liberdade para expressar.

Darleigh tinha ido embora? Deixado sua casa? Fugido? Justamente quando foi presenteado com uma possível noiva e era esperado que fizesse uma proposta de casamento? E ela estava ali naquela sala com seus pais; sem dúvida um constrangimento horrível para a família do visconde.

– Peço perdão, Sr. Crabbe – disse a Sra. Hunt. – Assim irá pensar que temos as piores maneiras. Permita fazer as apresentações, e então todos tomaremos café com bolos. Vincent foi embora de repente, e o convidei a vir aqui na esperança de que trouxesse notícias dele. Mas não importa. Você deve ficar um pouco assim mesmo.

A seguir ela o apresentou à mãe, às filhas e seus maridos e aos convidados.

Julian concluiu que deveria ir embora imediatamente. Sua permanência pareceria uma intrusão imperdoável. Mas ele ainda não conseguia se forçar a sair.

– Crabbe. – O Sr. Dean levantou-se quando foi apresentado e fez uma reverência formal. – Creio que já nos encontramos antes.

– Um infeliz encontro, como lembro com profundo pesar, senhor. – Julian retribuiu a mesura. – Eu era um rapazote selvagem naquele tempo.

Ele saudou a Sra. Dean e perguntou como estava.

– Você também conhece a Srta. Dean, Sr. Crabbe? – perguntou a Sra. Hunt, indicando Philippa perto da janela.

Finalmente ela se moveu. E finalmente ele olhou para ela.

Pela primeira vez em dois anos.

Ela fez uma reverência. Ele se curvou. Ela ergueu os olhos para ele.

Julian guardara na memória a imagem de uma menina doce, quase etereamente loira e de olhos verdes, com um semblante vivaz e sorridente. Dois anos haviam deixado Philippa apenas mais bonita, pois agora era claramente uma mulher.

Se era possível um coração parar e depois retomar os batimentos, com certeza o dele tinha feito exatamente isso por um ou dois segundos após a apresentação.

– Srta. Dean – disse ele.

– Sr. Crabbe.

Ah, aquela voz doce e suave tão bem lembrada. A memória não lhe fazia plena justiça.

*Por que diabos Darleigh tinha ido embora?*

Mas tinha ido, e ela estava livre.

*Ela estava livre.*

– Você deve estar desejando que eu suma, senhora – disse Julian para a Sra. Hunt, forçando-se a desviar do olhar de Philippa. – Cheguei em uma hora imprópria e constrangi a todos. – Ele esperava que os Deans não o levassem a mal.

– Ninguém precisa se sentir constrangido por nossa causa – disse a Sra. Dean rapidamente. – Você nos convidou para vir para cá por uma semana ou duas, Sra. Hunt, devido à amizade de minha sogra com a Sra. Pearl, e me faltam palavras para dizer o quanto desfrutamos de sua gentil hospitalidade. Voltaremos a Londres com vigor renovado para aproveitar o resto da temporada.

– É muito gentil de sua parte ser tão delicada – disse a Sra. Hunt. – Tenho certeza de que muitos cavalheiros ficarão encantados em ver a Srta. Dean de volta entre eles.

Todos os olhos voltaram-se para Philippa, que quase tropeçou quando se virou para a janela, estendendo a mão para o peitoril em busca de equilíbrio, enquanto Julian precipitava-se na direção dela e a mãe saltava em pé.

– Venha e sente-se, meu amor – disse ela, correndo em direção à filha.

– Não, obrigada. Eu... eu prefiro dar uma volta lá fora e respirar um pouco de ar fresco, se me derem licença. O dia ficou tão lindo.

– Irei com você – disse a mãe.

– Suplico que você não vá. – Philippa pareceu angustiada de novo. – Eu preferiria...

– Se me permitirem – atalhou Julian. – Minha presença nesta sala é decididamente supérflua. Mas seria um prazer acompanhar a Srta. Dean ao jardim defronte à casa, se sua criada for junto.

– Isso é ao mesmo tempo diplomático e gentil de sua parte, Sr. Crabbe – disse a idosa Sra. Pearl, quando o Sr. Dean abria a boca para falar. – Você é parente dos Redfords de Bath, não é? E sobrinho do duque de Stanbrook, você disse? Herdeiro dele, creio eu?

– Tenho essa honra, senhora. – Julian inclinou a cabeça para ela. – O Sr. Redford é irmão de minha mãe. – Ele olhou para além dela, para o Sr. Dean, que o fitava carrancudo. – Com a sua permissão, senhor, escoltarei a Srta. Dean ao jardim antes de retomar minha jornada.

– Isso tudo foi demais para você, Srta. Dean – disse uma das irmãs de Darleigh. – Ah, espere até eu colocar minhas mãos naquele meu irmão.

– Se você fizer a gentileza – o Sr. Dean disse a Julian, ainda franzindo a testa. – A camareira de minha filha será enviada.

Julian cruzou a distância até a janela e ofereceu seu braço. Philippa deslizou a mão por ele e por um instante o mundo parou.

Os olhos dela encontraram os dele, e pareceu a ele que o mundo também havia parado para ela.

– Obrigado, senhor – murmurou Philippa, e ele a levou da sala, enquanto todos assistiam com profunda preocupação.

Caminharam pelo amplo corredor até o grande salão sem falar. Ele a conduziu através das portas duplas, do lance de degraus de mármore até o terraço e dali até os parterres do jardim de flores. Uma jovem, presumivelmente sua criada, veio apressada atrás deles, mas permaneceu no terraço.

Ele encheu os pulmões de ar e se permitiu sentir euforia. Ela estava *livre*.

– Julian – disse ela mansamente.

– Philippa. – Ele viu que a cor tinha tomado o lugar da palidez em suas bochechas. E os olhos dela brilhavam. – Meu amor.

– Acham que estou nervosa porque o visconde Darleigh fugiu em vez de se casar comigo, quando na verdade foi porque o mordomo entrou na sala e a Sra. Hunt pegou seu cartão da bandeja e disse seu nome. E aí você chegou.

– Você achou que eu não viria?

Ela virou o rosto para ele.

– Ainda ontem eu estava aqui com *ele*. O visconde é encantador, amável e muito simpático, mas fiz jogos horríveis com ele. Tenho vergonha de mim.

– Jogos?

– Repeti os comportamentos da família dele que mais o aborrecem, embora ele seja sempre alegre, bem-educado e paciente com todos. Falei com ele como se fosse um inválido, concordei com tudo o que ele disse e ofereci ajuda mesmo quando ele não precisava e se ressentia. Eu o fiz ir embora.

– Você tem certeza? Parecem coisas muito pequenas, muito sutis, especialmente se ele está acostumado com tal tratamento por parte da família.

– Ele falou que estava convencido de que a Terra era plana, que os especialistas estão errados há séculos, desde que aparentemente descobriram que é uma esfera. Disse que era óbvio para um idiota que, se alguém caminhasse até o horizonte, cairia da borda. *E eu concordei com ele*.

Julian riu.

– Ele é um idiota, então?

– Longe disso. Ele estava me provocando. Estava jogando comigo, exatamente como eu com ele. Suspeitei fortemente na ocasião e fiquei ainda mais certa disso na noite passada, ao repassar tudo quando já estava na cama. Decidi fazer hoje o que me senti tentada a fazer ontem – contar a verdade e pedir que não pedisse minha mão, pois estava convencida de que ele não desejava casar-se comigo tanto quanto eu não queria casar com ele. Mas ele não estava no café da manhã e não apareceu depois, e todos ficaram horrivelmente envergonhados e horrivelmente *animados*, e pouco antes de você chegar a Sra. Hunt admitiu que ele tinha partido e provavelmente não voltaria por um tempo, embora ela não tivesse ideia de quanto tempo levaria.

– Philippa.

O riso largo de Julian abrandou-se em um sorriso, e a mão dele repousou sobre a dela em seu braço. A euforia borbulhava dentro dele. Mas Julian estava ciente da criada vigilante e de possíveis olhos observadores por trás das janelas enquanto inclinava a cabeça um pouco mais perto dela.

– Você está livre.

Mas ela parecia perturbada.

– É um constrangimento e uma humilhação *tão* grande para papai e mamãe. Papai parece confuso, o que não é típico. Mamãe está tentando ser delicada, como se realmente acreditasse que fomos convidados apenas para desfrutar de alguns dias no campo com amigos. E eu me sinto mal, pois é tudo culpa minha.

– Todavia, foi Darleigh quem fugiu. Se ele *não é* um idiota, e devo confessar que não tive a impressão de que fosse quando o conheci em Penderris Hall, então é evidente que estava desesperado por uma maneira de evitar casar-se com você, Philippa, especialmente depois que você o levou ao limite ontem. Acredito que você foi empurrada para ele por todas aquelas parentes do sexo feminino, e ele se sentiu tão encurralado pelas circunstâncias quanto você. Se ele realmente quisesse se casar com você, não teria usado daquela artimanha ontem. A culpa, se *culpa* é a palavra correta, é toda dele. Tudo o que você fez foi concordar com o que dizia. Seus pais vão se recuperar do constrangimento. Afinal de contas, não gostariam de ver você casada com um homem que fugiu de casa sem dirigir uma palavra a ninguém, em vez de fazer uma proposta.

– Ah, Julian. – Pararam de caminhar e viraram o rosto para se olhar. – Fiquei tão *aliviada* ao ouvir que ele tinha ido embora. E foi tão difícil não demonstrar isso enquanto todos os outros estavam tão envergonhados, humilhados e lamentando por mim.

Ele devorou o rosto dela com os olhos e lutou contra a vontade de puxá-la para seus braços.

– Faz uma eternidade – disse ele.

– No mínimo – concordou ela e pela primeira vez sorriu, luminosa e radiante. – Você *veio*. Nunca imaginei. Nem por um único momento. Apenas torcia para que você permanecesse em Londres e que eu tivesse a chance de voltar para lá e vê-lo. Você recebeu minha carta, então?

– Em Bath. Sequer fui a Londres. Como poderia, se você estava aqui e eu corria o risco de perdê-la?

Ele estava prestes a pegar a mão dela para levar aos lábios. Mas algo surgiu em sua visão periférica, e ele foi salvo de repetir o erro cometido dois anos atrás. O Sr. Dean avançava a passos largos na direção deles.

– Aprecio sua consideração, Crabbe, por ter saído naquele momento – disse ele secamente – e retirado minha filha do constrangimento de ficar no recinto depois de ser rejeitada da maneira mais vergonhosa. Fico feliz em ver que você tem alguma cor nas bochechas, Philippa.

– Estou me sentindo melhor, papai. E não estou *terrivelmente* desapontada, sabe? Espero que você e mamãe não estejam.

– Voltaremos para Londres amanhã. Sua mãe já está lembrando todos os convites que aceitou para você a partir de depois de amanhã.

– Ah, Londres – disse Julian. – Estou a caminho de lá também, depois de passar alguns dias com meu amigo aqui perto, é claro. Minha casa foi aberta, e minha mãe me espera. Espero visitá-los lá, senhor, para me assegurar de que a Srta. Dean se recuperou por completo do constrangimento passado aqui. E eu diria que a perda de lorde Darleigh é definitivamente o ganho de algum outro cavalheiro afortunado.

– Gentileza a sua dizer isso – comentou o Sr. Dean em tom ríspido. – Você perdeu o pai alguns anos atrás, certo? Ouvi dizer que recuperou sua propriedade na Cornualha da beira da ruína.

– Está produzindo um lucro decente este ano, senhor, e dará ainda mais lucro no próximo ano. Tem sido um trabalho árduo, mas cada minuto tem valido a pena.

O Sr. Dean assentiu de modo afável.

– Bem, Philippa, sua mãe está esperando por você lá dentro.

– Devo tomar meu rumo – disse Julian, fazendo uma reverência que englobava tanto o Sr. Dean quanto Philippa. Olhou avidamente para ela, mas só por um momento, e ela retribuiu o olhar antes de fazer uma leve mesura e voltar para a casa com o pai.

Julian observou-os por alguns instantes e então se dirigiu a passos resolutos para os estábulos.

Seu coração cantava, embora lhe pedisse cautela.

# CAPÍTULO 3



Durante a viagem de volta de Gloucestershire para Londres, os pais de Philippa tentaram consolá-la por sua decepção, embora ela assegurasse que não estava tão decepcionada. É claro que não podia enfatizar com muita firmeza para que não suspeitassem de que havia o dedo dela na fuga do visconde.

Ela se sentia culpada por isso. Mas também sentia que ele não tinha ido embora só porque ela concordava com tudo o que ele dizia.

Nos momentos em que os pais não estavam falando, ela sonhava.

Julian tinha ido a Middlebury Park. Jamais lhe ocorrera que ele pudesse fazer isso, mas então o mordomo de lorde Darleigh veio anunciar um visitante, e ao pegar o cartão de visitas da bandeja de prata a Sra. Hunt dissera o nome dele.

– O honorável Sr. Julian Crabbe, dissera ela. E trazendo notícias do meu filho? Conduza-o até aqui.

E Philippa soube que estava prestes a vê-lo de novo – de repente, sem qualquer aviso.

Ah, a memória era medíocre em seu intuito de preservar a realidade. Philippa tinha lembranças vívidas de Julian daquelas

semanas em Bath, lembranças de um jovem alto, de corpo atlético agradável, com um rosto bonito e bem-humorado. E um sorriso que a deixava sem fôlego, e olhos escuros que deixavam seus joelhos moles. E cabeleira farta, escura e brilhante que fazia seus dedos coçarem de vontade de deslizar por ela.

Mas a presente realidade era muito mais... *real*. E tanta coisa mais.

Um homem, um estranho, adentrara na sala de estar em Middlebury Park após o anúncio do mordomo. Um cavalheiro confiante com presença dominadora e um rosto sério e inteligente sob um cabelo escuro e bem penteado. Um homem que não passava despercebido. Um homem que parecia viril e elegante, mesmo em calções de montaria, botas de cano alto, casaco de corte sofisticado e um lenço de pescoço amarrado com simplicidade.

E ao mesmo tempo não era um estranho. Pois era Julian, aquele que ele se tornara passados dois anos, e o coração dela o reconheceria em qualquer lugar. Seu corpo inteiro ansiara por ele com um ardor que ela não sentira por nenhum outro homem.

Julian causara boa impressão. Era sobrinho e herdeiro do duque de Stanbrook, que havia acolhido lorde Darleigh quando ele foi trazido da Península surdo e cego. E tinha vindo, conforme era cortês e apropriado, prestar seus respeitos – e então se comportara com tato consumado, retirando-se assim que a decência permitira e escoltando Philippa ao jardim por alguns minutos para que ela pudesse se recuperar do quase desmaio.

Até mesmo os pais de Philippa ficaram inclinados a vê-lo com bons olhos e comentaram como o rapaz havia mudado para melhor desde o último encontro.

Julian não foi mencionado durante a viagem de volta a Londres. Mas com certeza quando o encontrassem lá…

*Ah, com certeza.*

Ele não apareceu por cinco dias inteiros. É claro. Tinha sido obrigado a ficar longe por um tempo, a fim de tornar crível a história da visita a um amigo em Gloucestershire.

Enquanto isso, a movimentada agenda de atividades sociais foi retomada. Philippa saiu todas as noites, incluindo sua primeira ida ao Almack's, pois a mãe enfim conseguiu os cobiçados vouchers. Ela dançou todos os números ali, exceto a valsa, para a qual precisava da permissão de uma das patronesses. Philippa tinha três parceiros regulares onde quer que fosse, todos apresentáveis e bons partidos, e cinco ou seis outros cavalheiros pediram para dançar com ela mais de uma vez ou pararam para trocar gentilezas ao vê-la na Bond Street ou na Oxford Street, ou passeando no Hyde Park.

Eles podiam tirar da cabeça o infeliz incidente da visita a Middlebury Park, comentou a mãe na quinta manhã após o retorno, enquanto tomavam café. A Srta. Ginty convidara Philippa para um piquenique em Richmond à tarde, e haveria um grupo de jovens com elas, assim como a Sra. Ginty, é claro, fazendo as vezes de acompanhante. O Sr. Mendelhall também estaria presente. Ele dedicava especial atenção a Philippa desde seu début, e todos sabiam que era dono de uma fortuna substancial.

– Acredito que podemos confiar em uma proposta dele em pouco tempo – disse a mãe sorrindo para a filha e olhando para o marido.

O Sr. Mendelhall tinha uma beleza juvenil, modos agradáveis e conversa fácil. Philippa gostava da companhia dele e de seus outros novos amigos. De fato, disse a si mesma no final de uma tarde muito aprazível, que ela era uma das mais afortunadas dos mortais. Se tentasse listar todas as suas bênçãos, se cansaria muito antes de chegar ao fim.

Só que Julian não tinha vindo.

E cinco dias pareciam uma *eternidade*.

Por quanto tempo ele ficaria longe?

O cocheiro da Sra. Ginty desceu a escadinha da caleche quando Philippa chegou em casa, e ela se virou na calçada para agradecer e se despedir. Houve uma efusão de despedidas alegres enquanto o mordomo abria e segurava a porta da casa para ela, e a caleche seguia seu caminho.

Philippa subiu correndo os degraus e entrou na casa – e quase colidiu com alguém vindo lá de dentro.

Ele pegou-a pelos braços para firmá-la e deu um passo para trás.

E de repente o sorriso alegre que ela resolutamente trouxe para dentro de casa para que a mãe e o pai também sorrissem e vissem que ela estava feliz – de repente o sorriso brilhou com toda a luz do sol no mundo.

– Julian!

– Srta. Dean.

Ele soltou os braços dela e fez uma reverência, e ela se lembrou da presença do mordomo e talvez de outras pessoas não muito longe dali.

– Sr. Crabbe.

Ela não conseguia desgrudar os olhos do rosto dele. A pele tinha um tom escuro, como se estivesse bronzeada. Ela havia esquecido disso. Era algo que o deixava mais do que apenas bonito.

– Vim prestar meus respeitos à Sra. Dean e me assegurar de que você tinha retornado em segurança de Gloucestershire. Tive a sorte de encontrar o Sr. Dean em casa também.

– Ah – disse ela, a decepção de repente tomando o lugar da euforia inicial por ver que ele enfim tinha chegado. Ela havia perdido a visita dele. – Fui a Richmond para um piquenique.

– Imagino que tenha gostado. Você por certo teve um dia adorável depois de toda a chuva da semana passada. A Sra. Dean me informou que você estará no baile de lady Ingersoll amanhã à

noite e gentilmente me concedeu permissão para lhe solicitar uma dança.

– Ah. – Os olhos dela o devoraram.

– Você vai valsar comigo?

– Ah – disse ela de novo, menos feliz. – Não, receio que a valsa não. Ainda não recebi permissão.

– Permissão? – Ele franziu a testa. – Essa regra social arcaica ainda está em vigor, é? Você *dançaria* comigo se tivesse permissão?

– Mas não tenho, infelizmente. Debutei há apenas...

Ele colocou um dedo rapidamente sobre os lábios e piscou lentamente para ela. Por um momento, pareceu o antigo Julian malandro, que tanto a atraíra quando ela estava com 16 anos.

– Eu disse *se* – enfatizou ele. – Se tivesse permissão para valsar, você valsaria comigo?

– Pelo resto da minha vida.

Por um momento ele lançou aquele olhar intenso antes de sorrir e se curvar novamente com graciosa formalidade.

– Então farei bom uso da permissão de sua mãe, Srta. Dean, e também da permissão tácita de seu pai, e pedirei uma dança amanhã à noite. Peço que reserve um número para mim.

– Com certeza farei isso, senhor – prometeu ela.

– Bom dia para você, então, Srta. Dean.

E ele se foi.

O pai descia as escadas enquanto o mordomo fechava a porta atrás dele.

– Você viu Crabbe, então? – perguntou ele enquanto Philippa corria para beijá-lo na bochecha. – Eu teria considerado sua visita o auge da impertinência se não o tivéssemos visto em Middlebury Park. Ele parece ter se tornado um rapaz decente no fim das contas. Sua mãe deu a ele permissão para dançar com você no baile de Ingersoll, mas só se *você* quiser.

– Já disse que dançarei, papai. Não me importo de jeito nenhum, ainda que ele tenha sido responsável por me causar dois dias de tédio indizível no meu quarto dois anos atrás.

O pai deu uma risadinha, e ela riu junto.

– Divertiu-se no piquenique? Mas nem preciso perguntar, não é? Você tem um brilho no rosto e olhos reluzentes. Mendelhall, é isso? Bem, se ele decidir me procurar, escutarei o que ele tem a dizer e permitirei que a corteje, se ficar satisfeito com o que ouvir.

Ele seguiu para a biblioteca, e Philippa correu para o andar de cima para se desfazer do chapéu e do guarda-sol.

Ela dançaria *com Julian* na noite seguinte.

Se ao menos pudesse valsar com ele. Mas era melhor não criar tantas expectativas.



– Você está na cidade há menos de dois dias, Julian – disse lady Charles Crabbe ao filho no jantar daquela mesma noite – mas já criou afeição por uma jovem que debutou neste ano?

Ela olhava para ele com certa surpresa, as sobrancelhas levantadas, a faca e o garfo suspensos sobre o prato.

– A afeição foi concebida há dois anos, mamãe – confessou Julian. – Em Bath. Quando fiquei por um tempo com minha tia e meu tio, como você deve lembrar. A Srta. Dean é amiga da prima Barbara.

– Mas quantos anos a moça tinha? – perguntou a mãe em um murmúrio.

– Dezesseis. Ela tem 18 anos agora.

– Dezesseis? – Ela pousou os talheres com muito cuidado no prato.

– Esperei ela ficar mais velha – explicou ele.

Ela contemplou o prato por um tempo, um leve vinco entre as sobrancelhas.

– Lembro daquela ocasião. Da sua temporada em Bath. Você foi uma severa decepção para mim. Eu esperava que meu filho fosse diferente do pai. E de repente você *ficou* diferente e permaneceu diferente. Existe alguma conexão aqui, Julian? Não foi a morte de seu pai que causou a mudança? Foi essa... *garota*?

– Sim. Philippa Dean. Uma jovem dama agora. Eu me apaixonei por ela quando era apenas uma menina e permaneci apaixonado.

– E só agora estou ouvindo falar dela pela primeira vez – disse a mãe, transferindo o olhar para o rosto dele –, embora tenha tido uma influência tão surpreendente e positiva em sua vida.

– Ela era jovem demais para ser cortejada. Mas não é mais. E ela é tudo no mundo para mim.

A Sra. Crabbe continuou fitando o filho com certo espanto.

– Estou encantada, claro. Ou *creio* que esteja, pelo menos. Temia que você ficasse focado demais no trabalho e findasse solitário, Julian, que negligenciasse sua necessidade de amor e companhia. Bem, eu diria que estou sem palavras se não estivesse sentada aqui conversando. E amanhã à noite conhecerei essa joia rara que é dona de seu coração há dois anos. E isso nos traz de volta à sua pergunta original. Sim, conheço mais de uma das patronesses do Almack's, embora nenhuma seja minha amiga íntima. Lady Jersey é provavelmente a mais amável e mais acessível. Verei o que posso fazer, Julian. Vou visitá-la amanhã à tarde, embora vá ser um milagre caso eu a encontre.

– Obrigado – disse ele, enquanto a mãe pegava a faca e o garfo para prosseguir a refeição. – Você vai gostar dela, mãe, prometo.

– Lady Jersey? Não gosto dela nem um pouco, sabe, mas por sua causa...

Ele riu, e os olhos dela brilharam divertidos.

– Estou predisposta a gostar da sua Srta. Dean, se ela está preparada para resgatá-lo da solidão da qual eu pensava que você fosse presa, Julian. Deus, não tinha a menor suspeita de tal coisa... Ouso dizer então que todas aquelas cartas que você trocou com Barbara nos últimos anos não foram inteiramente por conta de um forte afeto de primos, não é? Preciso examinar minha cabeça.

Ele riu de novo.

– Eu *gosto* de Barbara.

Ele não estava rindo na noite seguinte. Estava se sentindo absurdamente nervoso, considerando o fato de que aquela não era *sua* primeira temporada. Já havia frequentado dúzias de bailes da alta sociedade no passado, mas geralmente só para conferir as mais novas beldades do mercado de casamentos e jogar algumas rodadas na sala de jogo, se as apostas fossem altas o suficiente para valer o esforço. Ele havia dançado com todas as garotas mais bonitas, flertado escandalosamente com elas e seguido em frente antes que pudesse se enredar em expectativas que não tinha intenção de honrar – ou então muito antes que o mais cuidadoso dos pais pudesse descobrir o estado precário das finanças da família.

Naquela noite ele estava ali por um motivo inteiramente diferente. E naquela noite ele era uma pessoa quase completamente distinta daquele camarada desleixado, esbanjador e libertino que tinha sido.

O Sr. e a Sra. Dean estavam presentes com a filha, ele viu imediatamente e com alguma surpresa. A maioria dos homens deixava a função maçante de acompanhar as filhas para as esposas.

Havia duas jovens damas com Philippa, e elas conversavam com um grupo de cavalheiros. Todos riam alegremente quando Julian se aproximou e fez uma reverência. Ele sentiu como se tivesse um milhão de anos. Philippa apresentou-o, e ele se juntou à

conversa por alguns minutos antes de dirigir a atenção exclusivamente para ela.

– Srta. Dean, haveria por acaso um espaço livre em seu cartão de danças para mim?

– Rá! – gritou o ruivo sir Dudley Foote – Não a primeira, Crabbe. Essa já está prometida para mim.

– Eu esperava a primeira valsa – disse Julian sorrindo, com os olhos ainda em Philippa.

Ela fitou-o com grandes olhos melancólicos.

– Infelizmente, senhor, ainda não tenho permissão para valsar.

– Então talvez me permita sentar com você, Srta. Dean.

– Ora, por que não pensei nisso? – lamentou Michael Forster, batendo na testa com a palma da mão.

– Isso seria gentil de sua parte – disse Philippa, e ele rabiscou o nome no cartão antes de levantar os olhos para ela.

Os membros da orquestra terminaram de afinar seus instrumentos, a dança foi anunciada, e Foote levou Philippa para a pista, enquanto os outros cavalheiros conduziram todas as demais jovens, menos uma.

– Srta. Hancock – disse Julian, fazendo uma mesura – posso ter a honra?

Os olhos dela brilharam de alívio.

– Obrigada, senhor. – Ela colocou a mão sobre o pulso dele.

A valsa – uma de duas – veio pouco antes do jantar. Julian dançou todos os números antes, pois não queria que ninguém, muito menos os pais dela, pensassem que ele estava com a atenção voltada apenas para Philippa. Ele achou que aquelas danças nunca terminariam. Sua mãe havia encontrado lady Jersey em casa naquela tarde, e a grande dama estava presente no baile, inclinando a cabeça graciosamente para tudo ao redor, as plumas de seu penteado balançando no alto da cabeça.

– Ah, Srta. Dean – disse lady Jersey quando Julian tomou seu lugar ao lado de Philippa antes da valsa e se preparou para sentar em um banco com ela, se necessário. – Você parece muito atraente esta noite, minha cara. Seu mestre de dança ensinou-lhe os passos da valsa em... Bath, é isso? – Ela fez Bath soar como uma província distante e rústica.

– Aprendi os passos, minha senhora – disse Philippa, fazendo uma grande reverência, enquanto o Sr. e a Sra. Dean se aproximavam um de cada lado dela.

Os olhos de lady Jersey deslocaram-se para Julian.

– Vi o Sr. Crabbe valsar, embora faça algum tempo. Ele executa os passos bastante bem, pelo que me lembro. Acredito que seja um parceiro adequado para conduzi-la em sua primeira valsa em público. Com a permissão de seus pais, é claro. – As plumas esvoaçaram graciosamente na direção deles.

– Posso *valsar*, minha senhora? – Os adoráveis olhos verdes de Philippa estavam arregalados de espanto.

– Pode, minha cara – disse lady Jersey antes de seguir adiante para favorecer alguma outra pessoa com sua atenção.

– Ah, meu amor – disse a Sra. Dean, sorrindo com evidente prazer.

O Sr. Dean lançou um olhar sério para Julian.

E então estavam juntos na pista de dança reluzente, esperando a música começar; Julian colocou a mão atrás da cintura dela, enquanto Philippa levou uma das mãos ao ombro dele e a outra sobre a que ele tinha livre.

Sua cintura era quente, minúscula e flexível. Ela usava um perfume doce e sutil.

– Posso *valsar*. – Suas bochechas estavam coradas, e os olhos brilhavam. – Julian? Você teve alguma coisa a ver com isso?

– Bem, minha mãe conhece lady Jersey e foi visitá-la hoje à tarde.

– Sua mãe?

– A senhora de verde esmeralda sentada junto à primeira janela. Espero que me permita apresentá-la no jantar. Essa é a dança do jantar, sabe?

Ela virou a cabeça para olhar para a mãe dele, que observava seus passos. Philippa sorriu hesitante, e a mãe de Julian inclinou a cabeça e sorriu de volta.

E então a música começou.

Se havia magia em ação neste mundo, pensou Julian depois dos primeiros minutos, com certeza ela estava presente na valsa dançada com alguém que amamos mais que a própria vida. O salão de baile de repente pareceu encantado.

O rosto de Philippa estava erguido para o dele, o assombro e o amor evidentes em seus olhos. Ela dançou com leveza e corretamente naqueles primeiros minutos, até que Julian a sentiu relaxar por completo, e os passos de ambos se tornaram mais instintivos enquanto ele a fazia rodopiar e a conduzia para passarem pelos pares mais lentos sem colidir.

Julian só tinha consciência da mulher em seus braços; ainda assim, percebia relances do ambiente – o torvelinho da luz das velas, a ondulação dos vestidos coloridos, a música cadenciada, as flores perfumadas e adoráveis, o som de conversas e risos encerrando-os em seu mundo particular de magia e romance.

Ao pensar sobre isso, supôs que seu semblante deveria combinar com o dela. Julian certamente não estava fazendo esforço algum para esconder seus sentimentos. Não se importava. Ele a cortejaria por algumas semanas antes de falar com o pai, e mostraria aos Deans que sabia como agir corretamente, com o devido cuidado com a reputação de Philippa. Mas a partir desse momento ele não manteria segredo sobre o fato de *estar* cortejando-a. A longa espera havia terminado, ainda que restasse uma pontada de incerteza.

– Feliz? – perguntou ele.

– Esta é a noite mais feliz da minha vida – assegurou ela.

Ah, Philippa. Onde estava o tédio fingido com o qual a maioria das jovens debutantes se armavam para não parecerem ansiosas demais para os possíveis pretendentes?

– E da minha – disse ele.

O sorriso dela era tão francamente feliz que ele quase parou para pegá-la em seus braços. Quase.

Eles valsaram em silêncio pela meia hora que restava antes do jantar.

Pois realmente não havia necessidade de palavras. Palavras – palavras escritas – tinham sido o único meio de comunicação entre eles por dois anos. Agora estavam juntos.

E por enquanto, naquela noite, isso bastava.

# CAPÍTULO 4



Julian cortejou Philippa por seis semanas. Ela continuou a frequentar bailes, saraus, concertos, teatro, piqueniques e festas vespertinas como se nada tivesse acontecido. Passou uma noite de música, dança e fogos de artifício em Vauxhall Gardens como membro de um grupo organizado pela mãe do Sr. Mendelhall. Passeou por Hyde Park com suas irmãs e a governanta delas, e com a Srta. Ginty e algumas de suas outras amigas, as criadas sempre presentes. Foi levada até lá no horário da moda por quatro cavalheiros diferentes. Foi fazer compras com a mãe e com as amigas.

Três semanas após o retorno de Gloucestershire, seu pai recebeu uma proposta do Sr. Mendelhall. Doeu a Philippa dizer não, pois gostava muito dele, e ele havia sido gentil com ela, assim como a mãe dele.

– Suponho – disse o Sr. Mendelhall quando ela o recusou na sala de leitura onde o pai a convocou antes de deixar os dois – que seja Crabbe, não é, Srta. Dean? Mas a pergunta é descortês. Por favor, me perdoe. Desejo-lhe boa sorte e espero que possamos continuar amigos.

– Também espero – disse ela, infeliz.

Ela de fato dançou em várias ocasiões com Julian. Sentou-se ao lado dele em um concerto privado, foram duas vezes ao parque, conversaram em várias festas e saraus e encontraram-se uma vez por acaso em Bond Street quando ela estava com a mãe. Na ocasião ele as convidou para um chá e bolos em uma confeitaria próxima. Ela e a mãe visitaram lady Charles Crabbe certa tarde quando ela estava recebendo amigas, e Julian apareceu e conversou com elas por alguns minutos antes de ir falar com outras senhoras.

Lady Charles deu atenção especial a Philippa durante a visita, até mesmo tomando a mão dela em certo momento e segurando-a por mais tempo do que o necessário enquanto conversavam com outra pessoa.

Pareceram seis semanas intermináveis para Philippa. Mas ela honrou a determinação de Julian em finalmente fazer as coisas do modo certo, pois é claro que a correspondência de dois anos tinha sido tudo menos isso. Ele queria ganhar a confiança e a aprovação dos pais dela. E parecia estar conseguindo.

– Ele é um rapaz agradável – comentou a mãe de Philippa depois da visita a lady Charles. – Um filho obediente e atento a todas as convidadas dela, e sei que os homens acham difícil quando todos os convidados são senhoras. Acredito que ele tenha predileção por você, Philippa.

– Eu não sabia se ficava satisfeito ou perturbado quando ele apareceu aqui ao chegar a Londres – disse o pai no jantar certa noite em que o nome de Julian foi mencionado. – Ele era um selvagem insolente quando esteve em Bath, e eu estive muito perto de dar um safanão em sua orelha quando teve o descaramento de pegar a mão de Philippa na frente de todos em Sydney Gardens, quando ela era apenas uma colegial. Mas devo dizer que, desde então, só ouvi falar bem dele, e seu comportamento parece confirmar isso. E ele parece gostar de você de novo, Philippa.

– Também gosto dele. Mas gosto de vários cavalheiros que tiveram a delicadeza de querer me conhecer.

– Ah, acho que você gosta dele um pouco mais do que dos outros – disse a mãe com um sorriso divertido.

Philippa pôde sentir as bochechas esquentarem.

– Gosto – admitiu. – Mas espero não estar deixando minha preferência óbvia para outras pessoas. Eu sempre tento...

– E você se saiu muito bem – A Sra. Dean estendeu a mão sobre a mesa para cobrir a mão da filha. – Seu pai e eu estamos muito satisfeitos com você, Philippa. Você é uma garota boa e obediente.

Ela se sentiu culpada, pois nem sempre tinha sido assim. Tinha assustado o visconde Darleigh de propósito. E correspondera-se em segredo com Julian por dois anos.

– Sua mãe está certa – concordou o pai, sorrindo amavelmente. – E, se o jovem Crabbe vier pedir a sua mão e conseguir me convencer de que é tão adequado quanto parece, então permitirei que converse com você.

– Sinto muito pelo Sr. Mendelhall – disse Philippa. – Sei que você e mamãe o aprovaram e esperavam que eu o aceitasse.

Dois dias depois, o pai chegou em casa no fim da manhã com o anúncio de que Julian o encontrara no White’s Club e havia perguntado se poderia visitá-lo à tarde.



Philippa sentou-se na sala de visitas, dando pontos em seu bordado. Bordar era uma de suas atividades favoritas, mas ela mal havia tocado naquele trabalho desde que chegara a Londres. Estivera ocupada demais. E agora era difícil retomar o desenho que

estava criando por si em vez de usar um livro de padrões. Além do mais, seus pensamentos estavam ocupados.

A mãe sentou-se em frente a ela, igualmente entretida.

Ele havia chegado. Julian. A mãe havia olhado pela janela – Philippa evitara de propósito fazê-lo – e o vira chegar. Ele e o sr. Dean estavam lá embaixo pelo que parecia uma eternidade sem fim.

E se ele não conseguisse convencer o pai de que seria um bom marido para ela? E se já tivesse sido mandado embora, e o pai não tivesse vindo contar?

A porta se abriu no instante em que ela teve esse pensamento horrível.

– Bem, Philippa – disse o pai depois de entrar e fechar a porta atrás dele. – Crabbe está na sala de leitura esperando para falar com você. Dei minha permissão para que ele lhe faça a corte, embora tenha afirmado que a decisão final é sua e apenas sua. Você sabe que trazê-la aqui para a temporada foi algo dispendioso, algo que eu não poderia repetir no ano que vem; não com outras duas meninas para debutar nos próximos anos. No entanto, sua felicidade é da maior importância para mim e para a sua mãe. Se este rapaz não lhe agrada, você deve dizer a ele sem medo...

– Ah, por Deus, Geoffrey – disse a mãe de Philippa, impaciente. – Você não consegue ver que Philippa está totalmente apaixonada por ele?

Ele arqueou as sobrancelhas, colocou as mãos para trás e balançou nos calcanhares.

– Bem, *posso ver*. Mas eu...

– Obrigada, papai.

Philippa prendeu a agulha no tecido, soltou o trabalho e se levantou. Atravessou a sala até ele, abraçou-o e beijou sua bochecha.

– Eu amo Julian, papai, sempre amei. Mas também amo vocês, e lamento ter decepcionado você e mamãe há dois anos. Espero

nunca mais fazer isso novamente.

E ela saiu da sala e desceu as escadas depressa, esquecendo-se da dignidade que deveria fazê-la descer muito mais devagar, como se não se importasse com o fato de toda a felicidade estar à espera do outro lado da porta da biblioteca.

O mordomo abriu, e ela entrou.

Julian estava de pé junto à janela, em elegante traje formal, com calças justas e botas lustrosas de cano alto, um casaco ajustado verde sobre a camisa de linho branco e lenço de pescoço. Estava mais bonito do que nunca e... nervoso?

Ela sorriu e conseguiu se conter para não correr pela sala até ele. Cravou os dentes no lábio inferior.

– Philippa – disse ele.

Ela piscou para limpar as lágrimas.

– Meu amor, você aceita casar comigo? – perguntou ele.

Se ela havia imaginado um joelho dobrado, um discurso poético e algumas dúzias de rosas vermelhas, a imagem desapareceu sem deixar vestígios.

– Sim – disse ela.

E se havia imaginado o belo discurso que faria depois de ele pedir sua mão, a ideia sumiu de sua mente para nunca mais ser lembrada.

Ele deu um passo na direção dela, depois outro. Ela relaxou e se moveu na direção dele.

Encontraram-se apressados no meio da sala, ambos rindo, e ele passou os braços em volta dela, levantou-a e girou-a em dois círculos completos antes de colocá-la no chão.

Mas não soltou sua cintura. Ela colocou as mãos nos ombros dele e olhou em seus olhos.

Ela nunca estivera tão perto dele antes, nem mesmo quando tinham valsado. Os braços dele nunca haviam tocado nela daquele modo, como se Julian nunca mais fosse soltá-la. Ela nunca havia

sentido a rigidez, a masculinidade de seu corpo contra o dela. Nunca havia sentido o hálito cálido daquele homem em seu rosto.

Ele nunca a beijara, mas naquele momento sua boca pairava a uma polegada tentadora da sua.

– Eu te amo – murmurou Julian.

Os lábios dela se separaram, e ela olhou-o nos olhos – estava tão, tão perto dela.

– Eu também te amo.

Como as palavras podem ser falhas. Especialmente essas. Mas não importava. Não eram palavras que estavam dizendo um para o outro. Era tudo o que as palavras *significavam*.

Ele a *amava*, e ela o amava.

Ele acabou com o espaço entre eles e seus lábios tocaram os dela.

Ah, não, as palavras eram completamente desnecessárias. Só que ecoaram na mente, as palavras que todos sonham ouvir daquele alguém especial e sonham dizer.

*Eu te amo.*

Os braços dela se enroscaram em volta do pescoço dele, os dele a envolveram com mais força pela cintura, e se beijaram com toda a paixão de um amor juvenil.

As palavras não existiam mais.

CONHEÇA OS LIVROS DE MARY BALOGH

Os Bedwyns
Ligeiramente perigosos
Ligeiramente pecaminosos
Ligeiramente seduzidos
Ligeiramente escandalosos
Ligeiramente maliciosos
Ligeiramente casados

Clube dos Sobreviventes
Uma proposta e nada mais
Um acordo e nada mais
Uma loucura e nada mais
Uma paixão e nada mais
Uma promessa e nada mais

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

**editoraarqueiro.com.br**


Ligeiramente
PERIGOSOS
MARY BALOGH
Mais de 4 milhões de livros vendidos
ARQUEIRO
No início era apenas antipatia, mas logo eles foram dominados por uma impetuosa paixão

# Ligeiramente perigosos

Balogh, Mary

9788580416466

304 páginas

Compre agora e leia

Aos 35 anos, Wulfric Bedwyn, o recluso e frio duque de Bewcastle, está ávido por encontrar uma nova amante. Quando chega a Londres, os boatos que correm são os de que ele é tão reservado que nem a maior beldade seria capaz de capturar sua atenção.

Durante o evento social mais badalado da temporada, uma dama desperta seu interesse: a única que não tinha essa intenção. Christine é impulsiva, independente e altiva – uma mulher totalmente inadequada para se tornar a companheira de um duque. Ao mesmo tempo, é linda e muito, muito atraente.

Mas ela rejeita os galanteios de todos os pretendentes, pois ainda sofre para superar as circunstâncias pavorosas da perda do marido. No entanto, quando o lobo solitário do clã Bedwyn jura seduzi-la, alguma coisa estranha e maravilhosa acontece. Enquanto a atração dela pelo sisudo duque começa a se revelar irresistível, Wulfric descobre que, ao contrário do que sempre pensou, pode ser capaz de deixar o coração ditar o rumo de sua vida.

Em *Ligeiramente perigosos*, o sexto e último livro da série Os Bedwyns, Mary Balogh conclui a saga desta encantadora família em uma trama repleta de cenas sensuais, tiradas espirituosas e personagens à frente de seu tempo. Ao unir um homem e uma mulher tão diferentes, ela mostra que o resultado só poderia ser um par perfeito.

**"Esse livro tem o humor e os ecos deliciosos de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen. Uma conclusão extraordinária para uma série encantadora." – *Publishers Weekly***

Compre agora e leia


Julia Quinn
História de
um grande amor
TRILOGIA BEVELSTOKE 1
ARQUEIRO

# História de um grande amor

Quinn, Julia

9788530601096

288 páginas

Compre agora e leia

**PRIMEIRO VOLUME DA TRILOGIA BEVELSTOKE.**

**Julia Quinn já vendeu mais 1 milhão de livros pela Editora Arqueiro.**

"O timing perfeito de Julia Quinn para o humor permanece intacto. Este romance bem-escrito, divertido e delicado é diversão garantida." **– *Publishers Weekly***

Aos 10 anos, Miranda Cheever já dava sinais claros de que não seria nenhuma bela dama. E já nessa idade, aprendeu a aceitar o destino de solteirona que a sociedade lhe reservava.

Até que, numa tarde qualquer, Nigel Bevelstoke, o belo e atraente visconde de Turner, beijou solenemente sua mãozinha e lhe prometeu que, quando ela crescesse, seria tão bonita quanto já era inteligente.

Nesse momento, Miranda não só se apaixonou, como teve certeza de que amaria aquele homem para sempre.

Os anos que se seguiram foram implacáveis com Nigel e generosos com Miranda. Ela se tornou a mulher linda e interessante que o visconde previu naquela tarde memorável, enquanto ele virou um

homem solitário e amargo, como consequência de um acontecimento devastador.

Mas Miranda nunca esqueceu a verdade que anotou em seu diário tantos anos antes. E agora ela fará de tudo para salvar Nigel da pessoa que ele se tornou e impedir que seu grande amor lhe escape por entre os dedos.

Compre agora e leia


CAMILLA
LÄCKBERG
Mais de 26 milhões de livros vendidos
REVENGE
A GAIOLA DE OURO
A VINGANÇA DE UMA MULHER É BELA E BRUTAL

# A gaiola de ouro

Läckberg, Camilla

9788530601485

272 páginas

Compre agora e leia

**NOVO SUSPENSE DE CAMILLA LÄCKBERG.**

**Com 26 milhões de livros vendidos, ela é considerada a rainha europeia do crime.**

"Prepare-se para saborear uma história com as reviravoltas e deliciosas perversidades que são a marca registrada dos livros de Camilla Läckberg. Uma maravilhosa mistura de *Garota exemplar* e *Os homens que não amavam as mulheres*." **– Chris Bohjalian,** autor de *O laço duplo*

*A vingança de uma mulher é bela e brutal*

Jack e Faye começaram a namorar na faculdade: um garoto criado em berço de ouro e uma jovem que se esforçou para enterrar um passado sombrio. Quando ele decide criar uma empresa, ela deixa os estudos e passa a trabalhar de dia, dedicando as noites a traçar a estratégia do novo negócio.

A companhia se torna um sucesso bilionário, mas Faye se sente como um lindo pássaro preso numa gaiola, apenas cuidando da filha em casa e sendo exibida pelo marido, que toma todas as decisões da empresa. Jack agora despreza sua inteligência, esquecendo tudo o que ela sacrificou por ele.

Quando Faye descobre que ele tem um caso, a bela fachada de sua vida desmorona. De uma hora para outra, ela está sozinha, emocionalmente abalada e sem nenhum centavo – porém nada pode se comparar à fúria de uma mulher com um passado violento determinada a se vingar.

Jack está prestes a receber o que merece, e muito mais.

Nesta eletrizante história de sexo, traição e segredos, Camilla Läckberg prova ser uma das vozes mais importantes do suspense mundial.

Compre agora e leia


AUGUSTO CURY
20 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO BRASIL
Armadilhas da mente
romance
Não há mentes impenetráveis, apenas chaves erradas

# Armadilhas da mente

Cury, Augusto

9788580411621

256 páginas

Compre agora e leia

Camille é uma mulher bela, rica e brilhante, capaz de deixar as pessoas impressionadas com sua habilidade de debater e argumentar. Mas seus diplomas e seu intelecto não foram suficientes para evitar que se tornasse vítima de suas próprias emoções.

Casada com o banqueiro Marco Túlio, Camille sempre foi fechada em seu próprio mundo. Crítica, obsessiva, pessimista, não gostava de ser confrontada e não se curvava diante de ninguém, nem de psiquiatras ou psicólogos. Não concluía nenhum tratamento.

Vendo a depressão, as manias e as fobias de sua esposa se agravarem, Marco Túlio resolve comprar uma linda fazenda para que ela possa se afastar do estresse da cidade, respirar ar puro, se reconectar com a natureza e, quem sabe, com ela mesma.

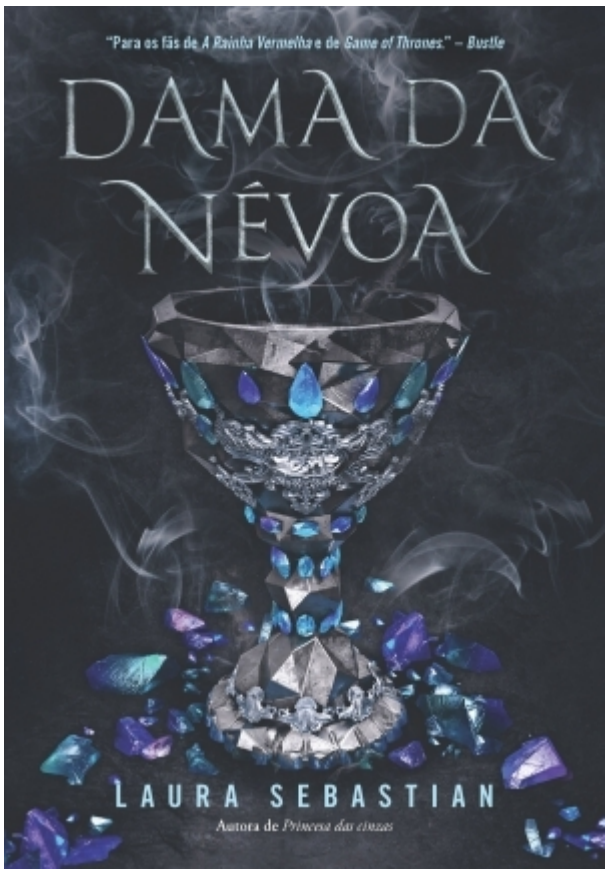
Mesmo assim, transtornos mentais a impedem de sair de casa e pesadelos constantes não a deixam dormir. Enclausurada em sua própria mente, Camille piora a olhos vistos.

A reviravolta, porém, muitas vezes começa onde menos se espera. Quando conhece o excêntrico jardineiro da fazenda, Camille se surpreende com sua inteligência e, ao interagir com ele, a alegria volta pouco a pouco ao seu coração.

Em seguida entra na sua vida o sábio e instigante psiquiatra Marco Polo, que a estimula a superar os conflitos e procurar um personagem que deixara pelo caminho: ela mesma. Camille terá que aprender a se perdoar e a compreender pessoas "imperdoáveis".

Profundo e emocionante, *Armadilhas da mente* é uma aula de filosofia e psicologia, que mostra que os labirintos da psique humana são bem mais complexos do que qualquer um de nós é capaz de imaginar.

Compre agora e leia


"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de *Game of Thrones*." – *Bustle*
DAMA DA NÉVOA
LAURA SEBASTIAN
Autora de *Princesa das cinzas*

# Dama da névoa

Sebastian, Laura

9788530601447

400 páginas

Compre agora e leia

**BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES.***

**Segundo volume de uma trilogia épica.**

"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de *Game of Thrones*." – **Bustle**

Quando Theodosia tinha apenas seis anos, sua mãe, a Rainha do Fogo, foi morta pelo kaiser. Ele tomou seu país e a manteve prisioneira, coroando-a como a Princesa das Cinzas e manipulando-a por dez anos.

Porém, essa época terminou. O kaiser subestimou Theo, considerando-a fraca e indefesa. Ele não percebeu que uma mente arguta é a arma mais mortal.

Agora, Theo não usa mais uma coroa de cinzas. Ela recuperou o título que lhe pertencia e fez um refém: o prinz Søren, filho do kaiser. Mas seu povo continua escravizado e ela está a milhares de quilômetros de distância.

Para recuperar o trono, ela precisa de um exército. Segundo sua tia, a temível pirata Dragonsbane, a única maneira de obter um é se casando.

Theo sabe que a liberdade tem um preço, mas ela está determinada a encontrar um jeito de salvar seu país sem precisar se perder no caminho.

Compre agora e leia